U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

No “forro do tecto”- as invisibilidades do “salto” no território misto da Raia Transmontana

Mário Rafael Moreira Esteves

M

2021

Mário Rafael Moreira Esteves No “forro do tecto”- as invisibilidades do “salto” no território misto da Raia Transmontana

M.FAUP 2021

Título No “forro do tecto”- as invisibilidades do “salto” no território misto da Raia Transmontana
Mário Rafael Moreira Esteves

FACULDADE DE ARQUITETURA

U.PORTO

NO “FORRO” DO TECTO

As Invisibilidades do “salto” no Território Misto da Raia Transmontana

Mário Rafael Moreira Esteves
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
sob a orientação do Arquitecto e Professor Doutor Mário Mesquita
Ano lectivo 2020/2021


R-CENTR
TRAVESSA
DA
FRONTEIRA
EN LEMBRANZA
DO VOSO
SUFRIMENTO
1946 - 1996



i1- Cambedo da Raia
foto do autor

Por opção do autor , a presente dissertação não obedece ao novo Acordo Ortográfico

À família, por tudo,
Ao Mário Mesquita, pela dedicação e amizade,
Aos colegas e amigos, pelas momentos bem passados,
Ao grupo de investigação PTRI, pelo espaço de partilha e debate,
À Catarina, pela felicidade,
Ao P., que me tornou *indestrutível*,

A todos os que contribuiram para que esta dissertação fosse possível,

Os meus sinceros agradecimentos

Resumo

A partir do entendimento das fronteiras,não enquanto linha de divisão, mas enquanto epicentro de um territórios misto, que desenvolve um cultura própria , em oposição à autoridade repressiva dos Estados, a presente dissertação reflecte sobre a relação entre Corpo, Espaço e Território numa condição de invisibilidade forçada, que partindo de um caso de estudo que se centra numa zona fronteiriça de consistência muito porosa e de espacialidades de geometria variável- a Raia Transmontana, abordam-se os fluxos intermitentes entre Portugal e Espanha, a partir da eclosão da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), comprovando a existência de laços de solidariedade profundos entre as populações dos dois lados da fronteira, que partilham a mesma identidade cultural.
Tendo como retaguarda o conhecimento de modos de vida e ocupação do território próprios da Região Transmontana e da Galiza, partimos para a identificação de Lugares e percursos de Memória que nos permitem resgatar a Memória Histórica deste povo raiano.

Abstract

From the understanding of borders, not as a dividing line, but as the epicenter of a mixed territory which develops its own culture, in opposition to the repressive authority of States, this dissertation reflects on the relationship between Body, Space and Territory in a condition of forced invisibility, that, starting from a case study that focuses on a border area of very porous consistency and spatialities of variable geometry - the Raia Transmontana, addresses the intermittent flows between Portugal and Spain, after the outbreak of the Civil War Spanish (1936-1939), proving the existence of deep bonds of solidarity between the populations on both sides of the border, who share the same cultural identity.
With the knowledge of ways of life and occupation of the territory specific to Trás-os-Montes and Galicia as a backup, we set out to identify Places and paths of Memory that allow us to rescue the Historical Memory of this borderline region and its people

AGRADECIMENTOS
RESUMO/ABSTRACT

NOTAS INTRODUTÓRIAS **13**

DA TERRA
35

O MESMO POVO 37
SOBRE FRONTEIRAS 61
O COUTO MISTO 69
AS ALDEIAS PROMÍSCUAS 75

DO SALTO **79**

A GRANDE TRANSFORMAÇÃO 81
A GUERRA CIVIL DE ESPANHA 89
A SOLIDARIEDADE 105
A GUERRILHA 117

O CONTRABANDO 139

A EMIGRAÇÃO 157
A RESISTÊNCIA 163

DO VÔO **173**

LISTA DE IMAGENS 194
FONTES DE INFORMAÇÃO 198

ANEXOS 205
Entrevistas/
depoimentos



NOTAS INTRODUTÓRIAS



Marco Polo descreve uma ponte, pedra a pedra.
-Mas qual é a pedra que sustém a ponte? -pergunta Kublai Kan.
-A ponte não é sustida por esta ou por aquela pedra -responde Marco, -mas sim pela linha do arco que elas formam.
Kublai Kan permanece silencioso, reflectindo. Depois, acrescenta: -Porque me falas das pedras? E só o arco que me importa.
Polo responde: -Sem pedras não há arco.[1]

i2- Tourem
foto do autor



i3- passeio de carro pela Raia
foto do autor

1-Calvino, Italo. *As Cidade Invisíveis*. 12o edição. teorema, 2010.

Foi num passeio de carro pelos confins do concelho de Chaves que conheci a história do Cambedo da Raia, aldeia "promíscua" que albergou um grupo de Guerrilheiros Antifranquistas e, por essa razão, foi bombardeada em 1946, numa acção conjunta da Guadia Civil espanhola e das forças policiais portuguesas. Desde logo fiquei perplexo pelo facto de, sendo flaviense, não conhecer antes este episódio que deixou várias casas destruídas até aos dias de hoje e que levou a que dezenas de filhos da terra tivessem sido presos pela PIDE. Com isto, surgiu a ideia de estudar as ruínas do Cambedo, perceber que histórias contam as suas casas, e assim demonstrar um caso de solidariedade e de luta pela liberdade do lado de "cá" da fronteira, resgatando a memória um povo que havia sido apagada dos livros da História. Entretanto percebeu-se que a ramificação de questões que começavam a ser levantadas exigia uma abordagem diferente, pois não se tratava apenas de uma aldeia esquecida, um único exemplo de solidariedade, mas sim de todo um território misto que se ia desvendando, toda uma região que transportava consigo marcas de um passado, ao mesmo tempo, tormentoso, mas igualmente belo, de esperança e resiliência.



i4-desenho da linha da Raia

Em construção, o forro do tecto é a membrana que oculta o espaço entre o piso e a cobertura, um dos espaços improvisados utilizado por vários republicanos espanhóis que se esconderam nas próprias casas de modo a evitar a sanguinária repressão franquista. Este elemento transporta-nos para uma espacialidade intersticial, entre o chão e o céu, entre o visível e o invisível, entre a vida e a morte, que simboliza a condição clandestina daqueles, que ao longo do século passado, ousaram fazer frente aos regimes autoritários que assolaram a Península Ibérica.

Encaixada entre Portugal e a Galiza, a fronteira luso-galaica , também conhecida como a Raia, assumiu, neste período, o mesmo carácter. Independentemente do sentido tomado, o "salto" [2] representou a possibilidade de subsististir para populações condenadas à miséria, e de sobreviver para perseguidos condenados à repressão e à morte.

2- passagem cde fronteira a pé, clandestinamente

Como refere Orlando Ribeiro, *"durante a primeira metade do século XII constituiu-se um novo Estado na Península e, um século depois de consolidada a independência, tomava forma definitiva a sua fronteira, a mais antiga e mais estável do Mundo."* [3]

3-RIBEIRO, Orlando, *A Formação de Portugal* (Lisboa: Ministério da Educação- Instituto de Cultura e Língua Portuguesa., 1987

Na Foz do Minho, junto a Caminha e com o Monte de Santa Tecla como fundo, começa o seu percurso acidentado para Este e depois para Sul, atravessando montanhas, vales, planícies, rios e riachos, até chegar a Vila Real de Santo António, no Algarve, onde o Guadiana se encontra com o Atlântico.

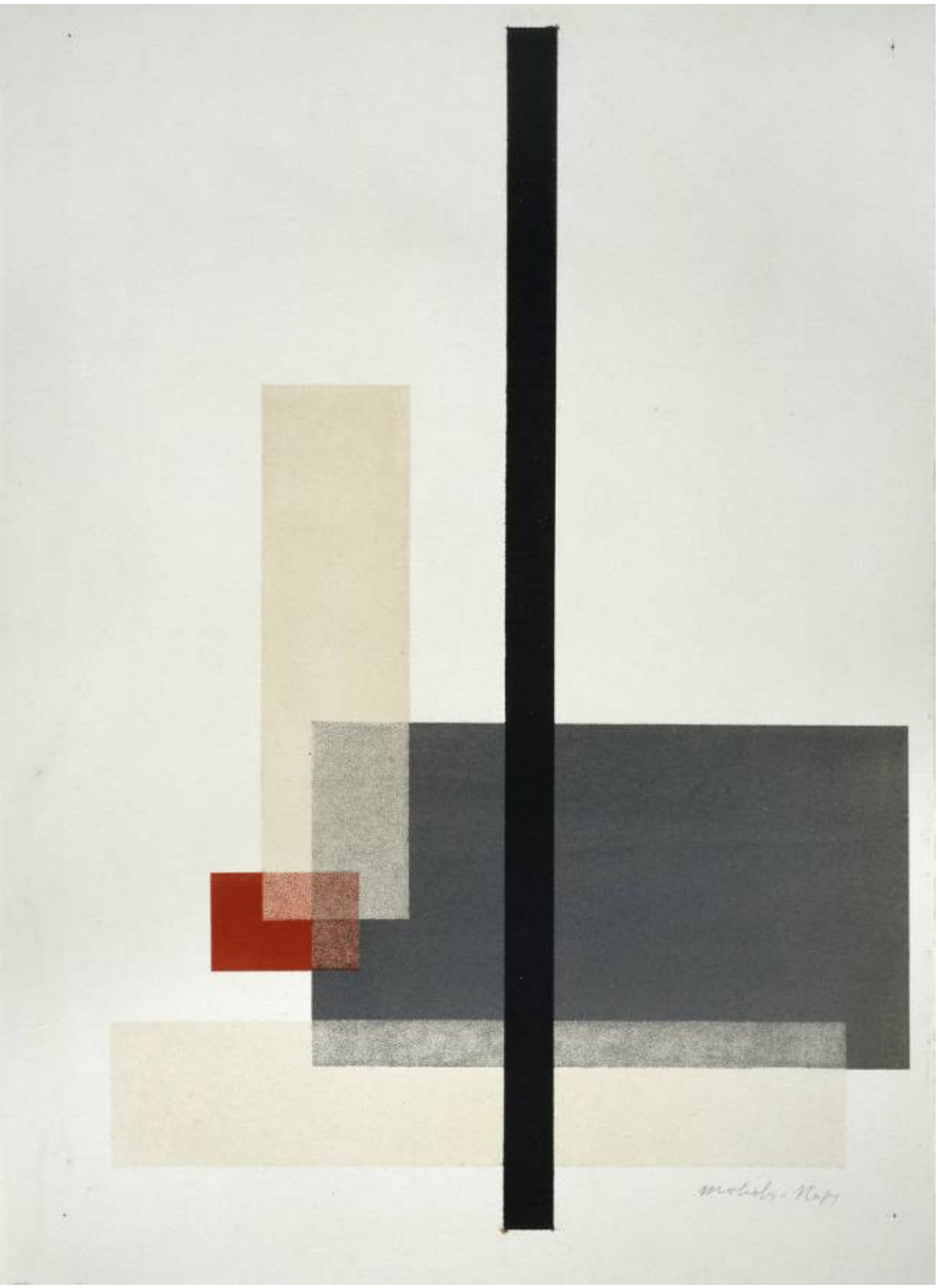
Foi em 1297, durante a Reconquista, que os reis de Portugal e Castela firmaram o tratado de Alcañices, delineando um traçado de fronteira que, sofrendo pequenos ajustes aos longos dos anos, permanece até aos nossos dias. [4] No entanto, na Idade Média e no Antigo Regime, o conceito de fronteira não tinha o mesmo significado que lhe é conferido actualmente[5]. Dulce Simões baseia-se em Peter Sahlins para referir que

> *"Durante los siglos XI y XII, las fronteras políticas entre los reinos de Portugal y Castilla se parecían a los límites feudales del interior de los propios reinos, solamente a partir del siglo XIII, pasaran a ser diferentes de sus límites internos. Otra particularidad de los tratados territoriales del siglo XIII es la ausencia de una línea de delimitación precisa. El Tratado de Alcañices de 1297 confirma la ausencia de una línea de delimitación cuando se refiere a plazas como: Riba-Côa, Olivença, Campo Maior, Ouguela, Noudar, Moura y Serpa, delimitando el territorio portugués, y Aroche, Aracena, Valência, Ferreira, Esparregal y Ayamonte, delimitando el territorio de Castilla. Así, la distinción entre "frontera" y "limite" se funda sobre connotaciones militares, recuperando los dos conceptos durante el siglo XVII, cuando se impone la idea de división entre jurisdicciones o territorios."* [6]

4-SARMENTO, João, *A Fronteira Luso-Espanhola No Séc.XIX: Estabelecimento Do Seu Controlo,*" in 2o Encontro de História Regional e Local Do Distrito de Portalegre- Actas, 1996.

5-BRAGA, Isabel *A Fronteira Difusa Entre Trás Os Montes e a Galiza Ou as Povoações Místicas de Santiago, Rubiães e Meãos,*"Separata Da Revista Brigantia No 3-4, 1997.

6 SIMÕES, Dulce *Fronteras Estatales y Relaciones Sociales En La Frontera Hispano. Portuguesa. El Caso de Barrancos y Oliva de La Frontera*,"Gazeta de Antropología 24, nº.2, 2008.



i5 - Composition, 1923, Laszlo Moholy-Nagy © Centre Pompidou in https://en.muzeo.com/art-print/composition-1923/laszlo-moholy-nagy

Segundo Peter Sahlins[7], a criação dos Estados Modernos fez-se dos centros políticos em direcção à periferia, impondo-lhe, uma assimilação cultural e uma integração institucional. Tal implicou a preponderância da identidade nacional face à identidade local. As fronteiras passam assim a desempenhar um papel simbólico do poder dos Estados, delimitando as suas áreas de influência. Esta imposição de limites, ainda que várias vezes simbólica, leva a que se desenvolva um sentimento de identidade relativamente a determinado Estado, uma sensação de pertença a um determinado grupo e paralelamente, rejeição a qualquer outro. [8]

Podemos dizer, de forma quase paradoxal, que a fronteira vai perdendo o seu significado à medida que nos afastamos dela, uma vez que a importância que os Estados lhe conferem, não condiz com o significado que quem vive na periferia lhe dá. As populações Raianas podem ser caracterizadas enquanto "Culturas de Margem"[9],de subversão a uma ideia de homogeneidade de identidade nacional, uma vez que a sua proximidade e contacto com as populações transfronteiriças, é mais antiga e mais próxima e mais forte do que com os Centros de Poder [10]. Como refere a antropóloga Paula Godinho, as

> *fronteiras politicas estan estabelecidas para controlar e limitar os individuos, debido a unha disidencia entre as loxicas dos Estados e as das poboacions locais, vivir na fronteira implicou infrinxir de maneira sistematica esas fronteiras para defender os seus territorios locais.*[11]

Zygmunt Bauman, em "Confiança e Medo na Cidade" cita Fredrik Barth dizendo que

> *o grande antropólogo norueguês contemporâneo, destacou que – ao contrário da equivocada opinião comum – as fronteiras não são traçadas com o objetivo de separar diferenças. Ao contrário, justamente porque se demarcam fronteiras é que, de repente, as diferenças emergem, que as percebemos e nos tornamos conscientes delas. Melhor dizendo, vamos em busca de diferenças justamente para legitimar as fronteiras.* [12]

Surge então a vontade de, em vez de procurar diferenças, fazer o oposto, partir em busca de pontos de permanência, traços comuns que nos permitam perceber como é que que as fronteiras rasgam e a influência que têm na ocupação, delimitação e no ordenamento territorial.

7 SHALINS, Peter, *Boundaries and Territory in Boundaries: The Making of France and Spain in the Pyrenees* ,University of California Press, 1991

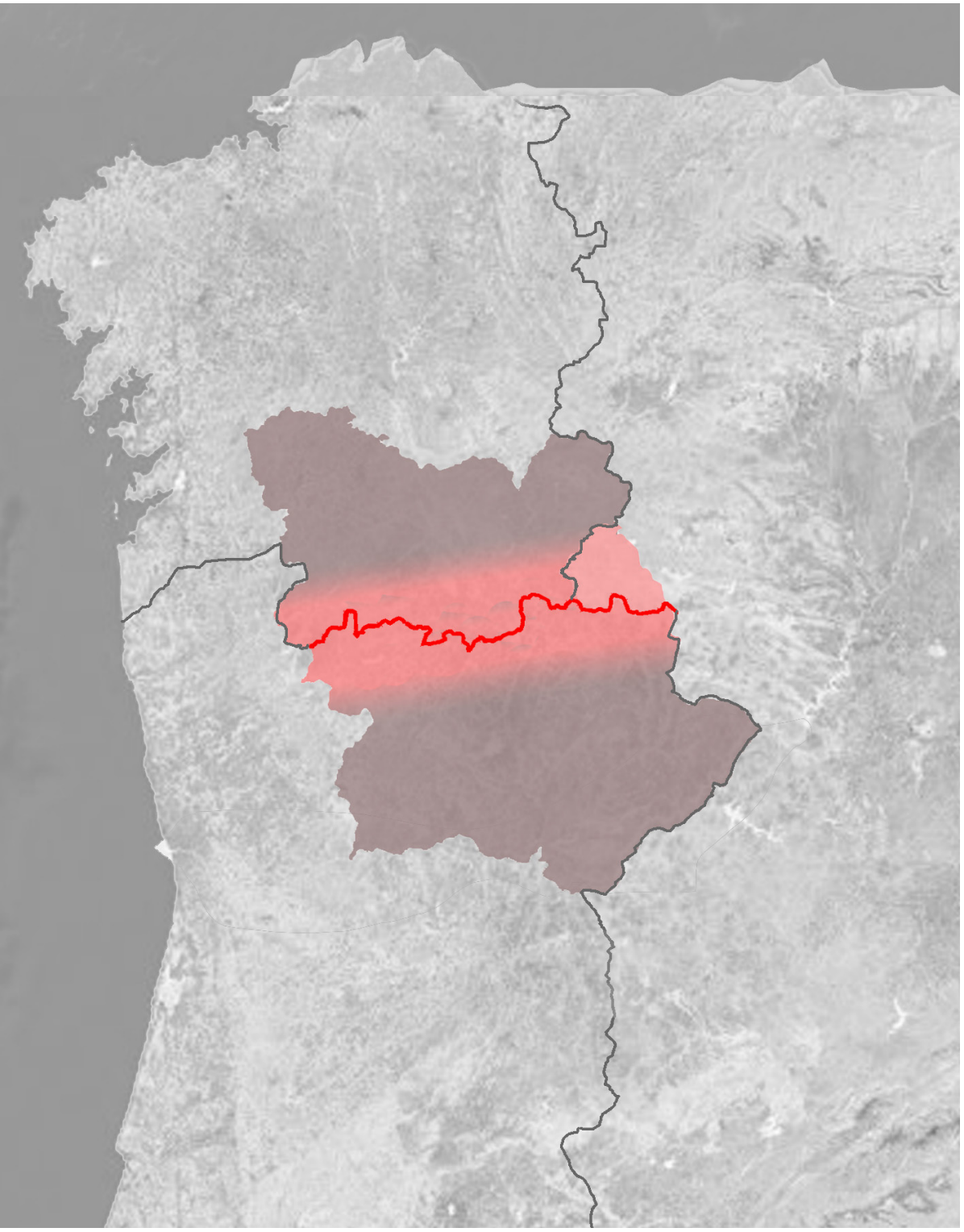
8 *The creation of the territorial state constituted one component of the modern nation-state; the emergence of national identity formed another. According to received wisdom, modern nations were built from political centers outward and imposed upon marginal groups or pe ripheral regions in a process of cultural and institutional "assimilation" and "integration." National identity, in this view, is the expression of cultural unity and national consciousness consolidated within the political framework of a centralized state. National identity means replacing a sense of local territory by love of national territory Focusing on how the nation was imposed and built from the center outward, and claiming that its acceptance meant giving up local identities and territories, this received wisdom denies the role of local com munities and social groups in shaping their own national identities* (SAHLINS;1991)

9 GODINHO, Paula, *Oír o Galo Cantar Dúas Veces Identificacións Locais, Culturas Das Marxes e Construción de Nacións Na Fronteira Entre Portugal e Galicia,* no prelo, 2008

10 ibidem,

11 ibidem p.15

12 Zygmunt Bauman, *Confiança e Medo Na Cidade,* Jorge Zahar Editor, trad Eliana Aguiar, 2005, p.36



i6- espaço transfronteiriço em análise

Se é correcta a definição de Raia enquanto uma linha divisória, não deixa de ser igualmente justo que a possamos considerar, como vimos, uma conjugação de territórios que têm a fronteira como epicentro, e que a partir dela vão ganhando características particulares, ligadas à convivência permanente entre vizinhos de países diferentes. Os territórios raianos estão intimamente ligados à riquíssima variedade cultural resultante de séculos de vivência humana na península ibérica, assumindo expressões completamente diferentes ao longo da história, e de zona para zona. Por esta razão, no âmbito desta dissertação, focamo-nos na região que denominamos de Raia Transmontana.

Citando Vergílio Taborda,

> *A região trasmontana confina a norte e leste com Espanha; a fronteira é, portanto, um outro elemento geográfico a considerar.*
> *À antiga concepção linear de fronteira substituiu-se modernamente um conceito mais objectivo; longe de ser uma simples linha de demarcação, a fronteira é uma zona onde se fazem sentir as influências e reacções mútuas das populações que aí entram em contacto. As interpenetrações dos grupos humanos dum e doutro lado, os meios acumulados pelo estado para a sua defesa e protecção tornam-na uma realidade viva e tangível. A noção geográfico-política de fronteira difere assim do conceito cartográfico de limite. Como dizia Ratzel: «a orla-fronteira (Grenzraum) é a realidade; a linha-fronteira (Grenzlinie) não passa duma abstracção.* [13]

13 TABORDA, Vergílio, *Alto Trás-os-Montes Estudo Geográfico* , versão fac-similada, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

Considerando a fronteira Luso-Galaica, entre a parte oriental do Gerês e Serra do Montesinho enquanto eixo, é alvo desta investigação um território comum e permeável que atravessa a orla fronteiriça do Barroso até à Terra Fria Transmontana, mas também da província de Orense, na Galiza, pelas suas características geográficas, históricas e etnográficas, se podem verificar os vestígios de uma unidade cultural.

> *O analfabetismo de um lado e de outro, o isolamento, o caciquismo, a prepotência de Castela e Lisboa que só vinham e vêm buscar impostos e homens para o trabalho e para a frente das batalhas fez-nos humildes, sofredores, lutadores, solidários, unidos, saudosos da pátria, do lar, dos antergos* [14] *, presos aos montes e vales e aos nossos santinhos e divindades que nos governam melhor que os políticos que não nos deram nem liberdade, nem desenvolvimento. Conservamos por outra banda valores que outros nos cobiçam: uma personalidade de antes quebrar que torcer, valores humanos e familiares que outros já perderam há muito, costumes sãos, típicos de uma região de que nos prezamos e orgulhamos. A nossa psicologia é comum. Parecemo-nos uns aos outros. Somos irmãos.*[15]

14 -antigos, antepassados

15 FONTES, António Lourenço. *Etnografia Transmontana 2ovol.-O Comunitarismo de Barroso.* Lisboa: Editorial Domingos Barreira, 1992.



i7-"Série "Lugares da Memória". Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 © Artur Pastor

Num texto intitulado "O estrangeiro", de 1908, Georg Simmel refere que

> *na relação com um "estrangeiro" ou "estranho", em um sentido positivo, porém, o que existe é um não-relacionamento. Nos contatos possíveis ele, o estranho, é sempre considerado como alguém de fora, como um não membro do grupo, portanto, as relações se dão a partir de um certo parâmetro de distanciamento objetivo, mas partindo das características essenciais de que também ele é um membro de um outro determinado grupo. Como tal, os contatos com ele são, ao mesmo tempo, estreitos e remotos, na fragmentação das relações por onde uma abstrata igualdade humana em geral se encontra.* [16]

16 SIMMEL, Georg, *O Estrangeiro,* trad,. Mauro Pinheiro Koury, RBSE 4, nº12 ,2005

Sendo a Raia um território com qualidades particulares, miscigenado, esta questão não se coloca da forma habitual. O estrangeiro, aqui, não é definido pela fronteira administrativa. Na Raia, a cultura é a mesma, e o contacto é diário, pelo que o "grupo" é comum a cidadãos de ambos os países. Em Cambedo da Raia entrevistei o Sr. Licínio Inocentes, que afirma que

> *há 40, 50 anos, esta povoação tinha relações mais privilegiadas com os espanhóis do que com os portugueses, porque a sede de freguesia é Vilarelho, mas daqui para Vilarelho, nem estrada havia. Havia um caminho ruim. Era preciso praticamente ir a pé, e vir. Então havia uma certa ligação ali com San Cibrão, com Oimbra, com as Casas dos Montes… as pessoas sentiam-se mais ligadas ali, até iam lá fazer compras, iam lá à missa, quando aqui não havia padre, essas coisas todas. Agora, até esta pandemia, tanto dava ir para lá, como para cá, convivia-se com o pessoal de lá, eles connosco. É como se não existisse Portugal e Espanha. Portanto, é uma ligação total. (…)* [17]

17 Entrevista a Licínio dos Inocentes, realizada pelo autor

A partir da (re)descoberta de uma memória histórica comum entre o povo "promíscuo" nos dois lados da Raia, com foco num período recente de repressão violenta que originou processos de resistência com expressões diferentes nos dois países, somos transportados para a constatação de que, em vários momentos, a oposição aos regimes autoritários que vigoraram na Península Ibérica durante o século XX, se traduziu numa luta comum.



i8 bandeira independentista galega na manifestação do 25 Abril do Porto, 2018
Foto do autor

Segundo Hannah Arendt, a vita activa, actividade humana, apenas é possível enquadrada num mundo físico, que, por sua vez, é fruto da intervenção contínua da mesma[18]. O termo "público", para Arendt, significa esse mundo fabricado, comum a todos, o lugar que, simultaneamente separa e relaciona os seres humanos[19]. Deste modo, tudo o que aparece em público está ao alcance dos outros. Uma vez que a concepção de realidade é resultado da percepção individual, as experiências e sensações pessoais de cada indivíduo, não tendo lugar público, tornam-se invisíveis.

18 Hannah Arendt, *Human Condition,* 2o edição, University of Chicago Press, Chicago/ London, 1958

19 ibidem
To live together in the world means essentially that a world of things is between those who have it in common,as a table is located between those who sit around it; the world, like every in-between, relates and separates men at the same time.

> *It means, first, that everything that appears in public can be seen and heard by everybo-dy and has the widest possible publicity. For us, appearance—something that is being seen and heard by others as well as by ourselves—constitutes reality. Compared with the reality which comes from being seen and heard, even the greatest forces of intimate life—the passions of the heart, the thoughts of the mind, the delights of the senses—lead an uncertain, shadowy kind of existence unless and until they are transformed, deprivatized and deindividualized, as it were, into a shape to fit them for public appea-rance. (…) Since our feeling for reality depends utterly upon appearance and therefore upon the existence of a public realm into which things can appear out of the darkness of sheltered existence, even the twilight which illuminates our private and intimate lives is ultimately derived from the much harsher light of the public realm. Yet there are a great many things which cannot withstan the implacable, bright light of the constant presence of others on the public scene. For instance, love, in distinction from friendship, is killed, or rather extinguished, the moment it is displayed in public. ("Never seek to tell thy love / Love that never told can be.")* [20]

20 ibidem

De forma semelhante, o aparelho repressivo, desenvolvido pelos fascismos português e espanhol, foi combatido por uma presença clandestina da resistência no território. Esta invisibilidade, subversiva, quer em relação à autoridade, quer à própria condição pública do Espaço, configura uma percepção alternativa da realidade deste território, uma vivência específica de sofrimento e privação, que importa resgatar enquanto exemplo de sacrifício, sobretudo no momento histórico complexo que atravessamos.

Assim, esta dissertação tem como objectivo a reflexão sobre a relação entre Corpo, Espaço e Território, numa condição de invisibilidade, partindo de um caso de estudo que se foca no(s) espaço(s) de passagem – de salto –, luta e resistência antifascista, dependente de laços de solidariedade transfronteiriços, na zona da Raia Transmontana, a partir da eclosão da Guerra Civil Espanhola (1936/1939) até ao 25 de Abril de 1974, tendo como ponto de partida, uma reflexão generalizada sobre este território, permitindo-nos descobrir as características socioculturais e espaciais que possibilitaram o desenvolvimento destes laços, assim como desvendar os lugares e percursos que revelam esta Memória Colectiva de solidariedade.



i9-Manuel Guerra, Cambedo
foto do autor

Para tal, além de perceber o processo e o contexto histórico, social, político e cultural da região, será necessário entender as idiossincrasias dos povos dos dois lados da Raia, as formas de construir, viver e habitar.

Considerando a definição actual dos limites, das fronteiras, o mapeamento das rotas de contrabando e fuga, tendo como retaguarda de informação os acontecimentos que marcaram as primeiras décadas do Séc.XX, assim como as suas consequências, abordamos os fluxos intermitentes entre Portugal e Espanha, numa zona fronteiriça de consistência muito porosa e de espacialidades de geometria variável. Aproveitando o carácter desta região, tratamos sobre questões relativas ao Ordenamento do Território, confrontando a ocupação e sentido de identidade de um povo relativo a uma Região com os limites formais da mesma, numa relação de comparação entre a divisão administrativa do Território e a sua realidade imaterial, assim como a questão da necessidade da preservação e interpretação dialética da Memória Histórica, que, como nos diz Halbwachs, precisa de uma estrutura espacial para se poder desenrolar e manter. [21]

21 HALBWACHS, Maurice. *Space and the collective memory.* The collective memory,1950

> *Were the relationship between streets, homes, and groups inhabiting them wholly ac-cidental and of short duration, then men might tear down their homes, district, and city, only to rebuild another on the same site according to a different set of plans. But even if stones are movable, relationships established between stones and men are not so easily altered. When a group has lived a long time in a place adapted to its habits, its thoughts as well as its movements are in turn ordered by the succession of images from these external objects" (…)Now space is a reality that endures: since our im-pressions rush by, one after another, and leave nothing behind in the mind, we can understand how we recapture the past only by understanding how it is, in effect, pre-served by our physical surroundings. It is to space - the space we occupy, traverse, have continual access to, or can at any time reconstruct in thought and imagination - that we must turn our attention. Our thought must focus on it if this or that category of remembrances is to reappear.* [22]

22 ibidem



i10



i11 foto do autor

A questão da Memória, aparece aqui como eixo central. Aldo Rossi, em L'architettura della città , de 1978, aponta que, se virmos a história enquanto memória colectiva, à luz do pensamento de Halbwachs, enquanto relação da comunidade com o "*lugar e sua ideia, tal nos permite entender o significado da estrutura urbana, da sua individualidade, da arquitectura da cidade" .* [23]

23 ROSSI, Aldo , *La Arquitectura de La Ciudad*, trad. Josep Maria Ferrer-Ferrer and Salvador Tarragó Cid ,Barcelona,Gustavo Gili, 2015.

Considerando que o aprofundamento de questões inseridas em vários campos do conhecimento (História, Antropologia, Geografia, Etnografia, Filosofia) servem ,como ferramentas importantes que permitem desenvolver um posicionamento crítico sobre o território e os seus modos de ocupação, também, e de forma inversa, o desenvolvimento de questões relativas a formas de habitar, assim como a análise do edificado em determinado contexto e da evolução dos tecidos urbanos, informam, a partir de um ponto de vista que tem como eixo central o desenvolvimento de questões espaciais, as diferentes áreas do saber.

Neste sentido, é necessário o recurso a uma metodologia qualitativa de base etnográfica, de matriz de inquérito, onde as "viagens" ao lugar surgem como ferramentas indispensáveis ao conhecimento, fortemente enraizado no produto do contacto directo com as populações e as construções (muitas vezes em ruína acelerada) de várias aldeias raianas. Visitaram-se, no prosseguimento deste trabalho as aldeias de Outeiro Seco, Vila Verde da Raia, Cambedo, Soutelinho, Lamadarcos, Travancas e Vilarelho da Raia no Concelho de Chaves, Vilar de Perdizes, Tourém e Pitões das Júnias no Concelho de Montalegre e as povoações galegas de Rubiás, Santiago de Meaus , Meaus, Feces de Abaixo e Campobecerros.

Destaca-se também, no desenvolver desta dissertação, a participação no Colóquio Internacional "Exílio, exílios…", organizado pela Universidade de Aveiro, no dia 29 de Novembro de 2019.

Dada a natureza deste tema e desta investigação, o tipo de trabalho de pesquisa, assim como a forma de consolidação e sintetização da informação, acabam por reflectir as suas particularidades. Parte importante do material recolhido para este trabalho é baseada em relatos em primeira ou segunda mão de acontecimentos que tiveram lugar há mais de meio século. Por esta razão, os depoimentos recolhidos são, naturalmente, suscetíveis de não serem completamente rigorosos, quer pelas insuficiências do relato em segunda mão, quer por esquecimento dos intervenientes, mas também pelo medo e desconfiança de tornar públicos momentos de vida traumáticos e pelo receio de desvendar tácticas e recursos que poderão voltar a ser necessárias num passado futuro que nunca se sabe se voltará.



i12- ruína em Santiago de Rubiás,
foto do autor

Ainda assim, assumindo estas limitações, o tratamento do conhecimento empírico é fundamental neste trabalho. O cruzamento e confronto de depoimentos, mesmo contraditórios, com o recurso a material desenvolvido e revisto no seio da academia dá-nos a possibilidade de, por um lado, garantir o rigor científico necessário, mas também permitir que sejam os protagonistas a contar a sua própria história.

Dados os constrangimentos impostos pela necessidade de combater o surto pandémico que tomou o mundo de rompante em 2020 e se prolongou até ao presente ano, procurou-se explorar várias formas de registar depoimentos. Além das conversas filmadas ou gravadas nas cidades de Chaves e no Porto, na Aldeia de Outeiro Seco, no Cambedo da Raia e em Vilar de Perdizes, realizaram-se algumas entrevistas por videoconferência e trocou-se correspondência (física e digital) no sentido de registar o máximo de testemunhos.
A ameaça da Covid-19 e as medidas profiláticas dele resultante manietaram parcialmente, como vimos, o contacto de proximidade pretendido para um estudo como este. Falamos de um território em perda, despovoado, envelhecido, com défice ao nível de infraestruturas, de gente humilde e trabalhadora, agora duplamente isolada, sem contacto o contacto habitual com os vizinhos de um e do outro lado da fronteira. Mesmo Agosto, habitual mês de festas e abraços, em que o interior rural e esquecido ganha vida com o regresso para férias das famílias emigradas, foi diferente neste contexto. Ainda assim, o trabalho de campo foi particularmente gratificante. Mesmo não tendo havido condições para bater em todas as portas, fui sempre recebido com os "bôs dias" sinceros de quem por mim passava, com sorrisos genuínos que se notavam à distância, mesmo tapados por máscaras. As entrevistas desenrolaram-se naturalmente, sem pretensiosismos de parte a parte, como de se conversas entre amigos se tratassem, muitas vezes acompanhadas por oferta de alguma coisa para comer ou beber.

Há algo de verdadeiramente extraordinário num povo que faz boa cara ao mau tempo. Foi precisamente este povo resiliente, que "mata o bicho" à sua maneira que, no século passado, aproveitou a sua herança cultural e as particularidades do seu território para protagonizar as histórias de resistência, amizade e cooperação que agora se contam. Durante vários anos, muitas vezes de forma intencional e premeditada, a memória des--ta realidade, destes acontecimentos foi vindo a ser apagada. Felizmente, ainda é possí--vel destapar o véu do esquecimento. Mesmo em processo de desertificação, ainda há aldeias. Lá, continua a haver pessoas que nos podem contar o que se passou, como se vivia naquela altura, a repressão de que foram vítimas e a solidariedade de que foram testemunhas. Ainda há pedras a desenhar caminhos e os vestígios da Arquitectura po--pular continuam a indicar-nos reminiscências da História.

Partimos então à procura.



I -DA TERRA

"Um mundo! Um nunca acabar de terra grossa, fragosa, bravia, que tanto se levanta a pino num ímpeto de subir ao céu, como se afunda nuns abismos de angústia, não se sabe por que telúrica contrição.
Terra-Quente e Terra-Fria. Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas. Nos intervalos, apertados entre os rios de água cristalina, cantantes, a matar a sede de tanta angústia. E de quando em quando, oásis da inquietação que fez tais rugas geológicas, um vale imenso, dum húmus puro, onde a vista descansa da agressão das penedias. Mas novamente o granito protesta. Novamente nos acorda para a força medular de tudo. E são outra vez serras, até perder de vista."
Miguel Torga



i13- paisagem barrosã
foto do autor



i14- cura de presunto, Vilar de Perdizes
foto do autor

O MESMO POVO

A unidade cultural histórica entre estes povos raianos revela-se das mais variadas formas. A, porventura, mais óbvia, é a questão da língua. Tanto o Português como o Galego são originários da mesma língua, que durante séculos foi comum a Portugal e à Galiza. No entanto, apesar desta separação, na Raia ainda há quem, habituado ao contacto diário dos dois lados da fronteira, use como seu, vocabulário do país vizinho.

> *Uma vez ou outra há casamento entre os galegos e os nossos. Até a fala nos irmana. Entendemos melhor um galego que um lisboeta ou algarvio muitas vezes, vibramos mais com com a gaita-de-fole, nas molinheiras, que ao som da viola e do fado. Todos nos conhecemos nos povos vizinhos, melhor do que os de aldeias portuguesas distantes. É com estes que nos vemos.* [24]

24 FONTES, António Lourenço. *Etnografia Transmontana 2ovol.-O Comunitarismo de Barroso.* Lisboa: Editorial Domingos Barreira, 1992.

A pronúncia própria da Raia, as expressões idiomáticas comuns, aliam-se a tradições, folclore, gastronomia, artesanato, etc. semelhantes, mas também a uma forma própria de ocupação do território, resultante de uma profunda adaptação ao meio geográfico que caracteriza a região.

> *A importância concedida aos factores solo e clima na interpretação dos nossos tipos de povoamento pode parecer um retorno ao determinismo geográfico. (…) A humildade perante os factos- nunca é de mais repeti-lo- é a atitude que melhor convém ao investigador. De resto, vendo bem não se trata de causas de-terminantes, mas de relações. Negar as influências naturais nas formas de actividade dos homens é negar o próprio fundamento da Geografia humana; procurar explicar tudo por imposições da Natureza é desconhecer os largos recursos que as civilizações -até as mais rudimentares- proporcionam ao homem na luta contra o ambiente.*[25]

25 RIBEIRO, Orlando. Opúsculos Geográficos. Vol. IV. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.



i15 Canion do Rio Sil, Ribeira Sacra, Galiza
foto do autor

Trás-os-Montes insere- se num enclave limitado por uma barreira montanhosa "que vai do Gerês ao Marão e do Montemuro à cordilheira central" [26] , verificando-se uma paisa-gem caracterizada pela sucessão de montanhas e planaltos, mas também pela existência de profundos vales e rios.

Como nos referem Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias na "Zona 2" (Trás-os-Montes e Alto Douro) do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal,

> *marcada fortemente pelas serranias do Barroso e do Marão, a poente (limites do No-roeste português) e, no interior, pelas da Padrela, da Nogueira e de Bornes, e pelos vales do Tâmega, do Douro, do Tua e do Sabor, a região é geologi-camente dominada pelos xistos, salpicados de pequenas ilhas de afloração granítica, que aumenta no sentido Este-Oeste, para se tornar a dominante geológica do Minho.* [27]

Quanto ao clima, este é "*de tipo continental, excessivo e rude: chuvas muito abundantes, neve e frio glacial, no Inverno; calor sufocante e uma secura que seca rios e fontes, no Verão- a Ibérica Seca*" [28], o que, de acordo com a sabedoria popular, se traduz em "nove meses de Inverno e três meses de Inferno".

A Galiza, comunidade autónoma de Espanha faz fronteira com o Norte de Portugal e as comunidades autónomas de Castilla y León e Astúrias cobrindo um território que che-ga ao Golfo da Biscaia. É composto pelas Províncias da Corunha e Lugo, a Norte e Pontevedra e Ourense a Sul. A Província de Pontevedra faz fronteira com o distrito minhoto de Viana do Castelo, e a de Ourense com os distritos transmontanos de Vila Real e Bragança, entre as Serras do Gerês (Xurés) e de Montesinho. [29]

> *En la fototografia de satélte del território gallego pueden apreciarse las unidades espa-ciales diferenciadas que dan lugar a modos de ocupación del espacio tan diversos como lo son, entre si, las areas geograficas sobre las que se encuentran los núcleos de población. El espacio geográfico de ese territorio puede clasificarse, para su análisis sistemático, en cuatro unidades diferenciadas: la montaña (las sierras), las llanuras o depresiones, los valles fluviales y el litoral.* [30]

26 OLIVEIRA, Ernesto Veiga e Fernando Galhano, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 3o Edição Lisboa: D.Quixote, 1992

27 Ordem dos arquitectos, ed. *Arquitectura Popular Em Portugal.* 3o edição,Lisboa, 1998.

28 OLIVEIRA, Ernesto Veiga e Fernando Galhano, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 3o Edição Lisboa: D.Quixote, 1992

29 A zona de Sanabria, no extremo noroeste província de Zamora, embora pertencendo já a Castela e Leão, faz igualmen-te fronteira com o distrito de Bragança, a partir da Serra do Montesinho.

30 TELLO, José Glez-Cebrián, *Intervenir Sobre El Medio Rural En Galicia: Una Aproximación a Su Realidade Territorial, Documentos de Reflexión Urbanistica, vol. 3,* A Coruña: Departamento de Proyectos Arquitectónicos y Urbanismo ETSAC, 2009.



i16 boiada em Tourém
foto do autor

Ourense é a única Província galega que não tem contacto marítimo. Tal como Trás-os-Montes, caracteriza-se por uma paisagem montanhosa, que tem o seu ponto mais alto na Serra do Eixe, a mais de 2000 metros de altitude, embora existam várias outras Serras que cheguem acima dos 1600-1700 metros. [31]

As características geográficas, assim como o carácter limítrofe e simultaneamente interior destas Regiões, resultam num território em que, apesar da existência de pequenas cidades, às quais se associa um relativamente recente processo de suburbanização, o espaço rural, embora hoje amplamente despovoado, abandonado, ou descaracterizado, é predominante. No entanto, na primeira metade do século passado, a ruralidade era uma característica fundamental da ocupação geral deste território.

31 LLANO, Pedro de. *Arquitectura Popular En Galicia- Razón e Construcción*. Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1996

Foi a partir do trabalho, fruto da relação permanente entre as necessidades da Humanidade e aquilo que a terra produz, que a vida humana se desenrolou e que os territórios foram vindo a ser ocupados e transformados. As características únicas da Arquitectura Vernacular, assim como do assentamento, disposição, e tipos de povoamento entre Trás-os-Montes e a Galiza, têm raízes profundas no trabalho rural ajustado ao meio onde é inserido. A exploração agrícola de subsistência, a criação de gado através do aproveitamento de terreno baldio para a pastagem, apresentam-se como um eixo de factores que levaram a que estas comunidades raianas, desde o fundo dos tempos, desenvolvessem formas de organização próprias, com uma forte componente comunitária, condição que se prolongou, de forma geral até à segunda metade do século passado.

> *As terras de Barroso, por sua vez, ficam na região transmontana do norte cuja fronteira se estende pelas cumeadas dos distritos de Vila Real e Bragança - onde na freguesia de Aveleda ainda se encontra assinalada uma trilha de contrabando -, detendo-se ante a Sanábria espanhola. Ao Alto Trás-os-Montes os agrónomos chamam Terra Fria, região de vida primitiva e baixa densidade populacional, de pequenos e médios proprietários e de jornaleiros e pastores, de montanhas despidas de vegetação, de economia agrícola dominada pelo cultivo de centeio e batata, e pastoril, equilibrada pela criação de gado, em que o bovino de raça barrosã se tornou justamente famoso.* [32]

32 MARQUESA,João Francisco *"O Contrabando No Romance Contemporâneo Português - Contextos Espácio-Sociais e Histórico-Económicos,"* 2004, 669–95.

Veja-se, por exemplo, a questão da relação entre os povoados e o territórios que o circunda. Orlando Ribeiro refere a disposição do terreno cultivado, que em Trás-os-Montes corresponde a um modelo de aldeias afastadas entre si por terreno baldio, mas compactas no seu interior, enquanto

> *extensão de terreno contínuo, cultivado em regime de afolhamento* [33] *em torno de aldeias aglomeradas que concentram toda a população de camponeses. Cada aldeia forma com o seu campo cultivado uma indissolúvel unidade e até ao terceiro quartel do século XIX, uma clareira no meio do monte (matagal), onde se faziam culturas episódicas, pastoreavam grandes rebanhos de gado miúdo, colhia mato, lenha e preparava mel (em*

33 O regime de afolhamento é uma técnica agrícola de parcelamento do terreno em diferentes culturas, de forma alternada, por vezes com recurso ao pousio, de forma a garantir a fertilidade da terra.



i17 Pitões das Júnias
foto do autor

1875 três quartos da área de Trás-os-Montes eram baldios, pela maior parte assim aproveitados). [34]

34 RIBEIRO, Orlando. *Opúsculos Geográficos. Vol. IV*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. p.37

Quanto à disposição das casas, estas podem ser implantadas em torno da igreja, verificando-se também aldeias com vários núcleos, associados à centralidade de edifícios de uso colectivo, como os fornos do povo. É também comum que se ramifiquem, a partir do centro , ou dos núcleos destas povoações, bairros dispostos de forma linear, associados ao início de estradas ou caminhos.

Entre as habitações, que pegam umas com as outras pelas paredes laterais, não há senão ruas e largos, às vezes quintais, quase nunca culturas ou arvoredos, que se dispõem à volta, no campo, em lugar perfeitamente distinto, de maneira que é sempre possível saber onde começa e acaba a povoação [35]

35 ibidem

Esta configuração do povoamento é um traço distintivo da cultura regional, como se pode verificar a partir da comparação que Orlando Ribeiro estabelece entre a aglomeração do povoado rural transmontano, dos povoados dispersos no Minho.

No Minho, além de vilas e cidades, não há outras povoações grandes. Enquanto a maior parte das freguesias de Trás-os-Montes são constituídas por um único local de habitação, no Minho há-as em que a igreja e a residência do pároco se erguem isoladas, tendo à volta, mas separadas por campos e arvoredos, casas avulsas ou grupos de alguns fogos constituindo povoações que, no geral, não atingem uma centena de moradores. Entre as habitações, ainda as que estão mais próximas, é vulgar intercalarem-se leiras de cultura, hortas, campos de milho, algumas árvores e lameiros. As casas não pegam umas com as outras, antes dão para as propriedades das famílias que as habitam. De tal modo que é difícil dizer onde começa ou onde acaba uma povoação, pois de um grupo de casas juntas se vai passando, por transições graduais, a casas cada vez mais espaçadas ou completamente isoladas.[36]

36 ibidem

De forma contrária ao que sucede no Minho, no Sul da Galiza, sobretudo nas montanhas da província de Ourense, verifica-se o mesmo tipo de assentamento de povoações que acontece em Trás-os-Montes.

Las densidades de población disminuyen progresivamente de norte a sur y, sobre todo hacia el extremo sureste, donde las elevaciones del macizo de Manzaneda o de Sera do Eixe imponen barreras dificilmente franqueables a la dispersión del poblamiento. Los nucleos suelen conformar aldeas pequeñas y concentradas (aldeas cerradas), aunque en la zona norte y en los bordes próximos a las depresiones de Lemos, A Limia, Maceda o Monterrei, tampoco son ajenas a un mayor desarrollo diseminado más reciente. En dirección sur también aumenta la lejanía entre las mismas, tanto por el efecto de las ca-



i18 Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 © Artur Pastor

racteristicas del medio, como por el umbral de desarrollo que impone el aprovechamiento de unos recursos agropecuarios muy limitados. En este sentido, quizá sean las agregaciones del entorno de Serra de Queixa los más representativos de la estructura tradicional del poblamiento en estas áreas, con aldeas muy pequeñas y de caserio extremadamente denso, muy alejadas entre sí y colonizando las estrechas franjas de cultivo que recorren los encajonados valles de las vertientes de la sierra. [37]

37 TELLO, José Glez-Cebrián, *Intervenir Sobre El Medio Rural En Galicia: Una Aproximación a Su Realidade Territorial, Documentos de Reflexión Urbanistica, vol. 3,* A Coruña: Departamento de Proyectos Arquitectónicos y Urbanismo ETSAC, 2009.

A própria organização social comunitária, assente na interajuda, é também um factor de unidade nos povoamentos. A aglomeração, a definição de limites espaciais, mas também a existência de núcleos no seu interior, surgem como necessidade de facilitar as tarefas colectivas, indispensáveis para a subsistência da população. Por outro lado, os laços de convivência e solidariedade necessitam de uma proximidade espacial que os permita desenvolver-se. Em todo o território raiano em análise, existiam povoações em que o trabalho, assim como a propriedade, se organizava e forma comunitária. Aqui havia fornos, moinhos e lagares comuns. A pastorícia, principal meio de subsistência, desenrolava-se em terreno colectivo, os baldios, que serviam também como fonte de lenha e, por vezes, para exploração agrícola.

A torna-jeira ou auxílio mútuo na cavada e na lavrada, com que os trabalhadores da mesma aldeia evitam recorrer a braços de fora; os conselhos de chefes de família que regulam o andamento das produções agrícolas, impõem multas aos transgressores, distribuem terras e repartem produtos; a grande extensão e importância de bens fruídos em comum por todos os vizinhos. [38] [39]

38 RIBEIRO, Orlando. *Opúsculos Geográficos.* Vol. IV. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. p.309

O gado da aldeia era levado a pastar em conjunto, pelos vizinhos que se revezavam entre si nesta tarefa- vezeiras. O boi do povo, responsável por garantir a continuidade da população bovina, era tratado por todos os habitantes, tendo direito à sua própria casa, como acontece por exemplo, em Tourém.

39 Não se pense, no entanto que esta dinâmica estava isenta de contradições. As dinâmicas de grupo criadas pela proximidade local, em oposição ao afastamento entre povoações, traduziam-se em rivalidades, e, por vezes, conflitos com as aldeias vizinhas. Citando o Padre Fontes, *"A coesão social, o isolamento endógeno, o analfabetismo, o parentesco, as partilhas, o namoro, as festas , feiras, chegas de bois, os trabalhos comunitários , ou particulares festivos, eram algumas das razões motivadoras e pretexto suficiente para desencadear ameaças, ralhos, discussões, rixas, barulhos, facadas, sachadas, pauladas, tiros, mortes.* FONTES, António Lourenço *As Rivalidade Nos Povos Galaico Transmontanos,* Revista Aquae Flaviae 11 (1994): 67–82.

Um dos aspectos mais característicos do comunitarismo operante destas paragens re-side na propriedade do ou dos bois de cobrição que pertencem a cada aldeia. Enquan-to nos trabalhos de lavoura e nos transportes se empregam vacas. um ou dois bois são reservados não só para a função especifica que lhes cabe, como chegam a polari-zar os brios da povoação nos espectáculos das chegas de touros, que lembram toda uma ancestralidade de ritos viris transpostos para o plano das grandes competições.

Na estrutura dos aglomerados, nada de diferenciado acusa a existência desse patri-mónio comum nem as suas casas se diferenciam das casas dos homens, nem existem recintos especiais para as chegas ou para a cobrição. Mas a importância de que se reveste, no duplo aspecto económico e afectivo, é razão suficiente para que dele se dê notícia tão destacada, o que ainda é muito menos do que dar-se-lhe uma casa igual às casas dos homens.[40]

A norte do Concelho de Bragança, a aldeia raiana de Rio de Onor (Rihonor de Abajo),

40 Ordem dos arquitectos, ed. *Arquitectura Popular Em Portugal.* 3o edição,Lisboa, 1998.



i19 Imagem aérea de Rio de Onor

"espelhada" com Rihonor de Castilla (Rihonor de Arriba) pela fronteira, é um dos casos em que a organização comunitária se apresenta de forma mais estruturada.

> *Um conjunto de casas não é um simples grupo de casas. Assim como as construções se alongam pela rua, constituindo um todo homogéneo (e variado), podemos conceber qualquer coisa e semelhante, para além da simples sensação física desses conjuntos, no pequeno- grande conjunto que a aldeia representa. E, sendo assim, as duas alas bordam o rio, juntam-se as mãos num ponto comum, e rio, caminho, encostas, campos e montes vivem uma unidade que, para um estranho, tem muito de paraíso perdido.* [41]

41 ibidem

Na parte Portuguesa, a aldeia está implantada ao longo das duas margens do rio com o mesmo nome, formando dois "braços" que correspondem a um traçado contínuo e essencialmente linear, apesar do aparecimento de pequenos largos e ruas secundárias, à medida que nos vamos deslocando a Norte, aproximando-nos da ponte que une as duas partes da aldeia e da fronteira

> *A igreja, a escola e o quartel da Guarda-Fiscal ficam também na margem esquerda, como em Rionor de Arriba, mas a população está dividida mais homogeneamente por uma e outra margem, estabelecendo um perfeito equilíbrio demográfico.(…)*
> *Rionor de Arriba está situado nas duas margens do rio Contensa, unidas por uma pequena ponte de tabuleiro de madeira, lançado sobre pegões de pedra. O grosso da população aglomera-se na margem esquerda, formando um grupo cerrado de casas alinhadas ao longo de pequenas ruas que se escalonam na encosta. Tanto a igreja, como a escola e o quartel dos carabineiros ficam desse lado. Na margem direita são poucas as casas, mas, além da fonte, existe aí a taberna do Melin, onde muita gente se vai abastecer, sendo, portanto, um ponto de atracção dos habitantes de ambas as aldeias.* [42]

42 DIAS,Jorge, Rio de Onor Comunitarismo Agro-Pastoril, 3o edição (Editorial Presença, 1984). P.51

A disposição das casas em Rio de Onor é fundamental na sistematização da sua organização social. Joaquim Pais de Brito refere que se destacavam aqui, assim como nou-tros povoamentos de semelhante estrutura e organização, três planos diferentes sobre os quais o trabalho comunitário se desenvolve, distinguindo-se entre si pelo funcionamento, tamanho e formalidade dos grupos envolvidos, assim como a sua finalidade. Num primeiro plano, estavam os grandes grupos formados ao nível da aldeia,

> *o conselho constituído pela totalidade das casas e reunido para a construção ou reparação de infraestruturas e equipamentos colectivos ou, até aos anos 40, para roçar e cultivar o monte (…), ou o conselho, de âmbito mais restrito, que explora os coutos ou outros terrenos comunais como a vinha do Santo. No mesmo plano se encontram as duas quadrilhas que, como grupos estáveis e pré-determinados, procedem à debulha do cereal. A totalidade dos habitantes da aldeia pode ainda emergir como colectivo que*



i20 Revolving House, Pual Klee,1921

intervém em situações de crise como o ataque a um incêndio ou a busca de um animal que se perdeu. [43]

43 BRITO, Joaquim Pais, *Retrato de Aldeia Com Espelho : Ensaio Sobre Rio de Onor* ,Lisboa: Dom Quixote, 1996. p.195

Inversamente, em segundo plano, surgia a exploração individual, com as tarefas divididas pelos membros do agregado familiar, sendo esta dinâmica, por vezes alargada à ajuda de membros externos em momentos específicos, tais como a matança do porco ou a preparação de uma boda[44]. Por fim, existiam necessidades de âmbito colectivo, ou de âmbito familiar com recurso ao património comum da aldeia, que, pela sua natureza, não precisavam de várias mãos para serem cumpridas, sendo realizadas à vez, por cada casa, de forma predeterminada e estabelecida pelos habitantes. Este modelo tem o nome de "roda", sendo, segundo Pais de Brito, "*termo (e instituição) generalizado a todo o norte transmontano e que corresponde à rolda, ronda ou xírio da Galiza,*" [45]. Cada uma destas tarefas, que iam desde, por exemplo, a responsabilidade de reparações no terreno colectivo comum, de levar o gado da aldeia a pastar, da limpeza de ruas e largos, da manutenção da igreja, mas também do direito a utilizar o forno dos vizinhos e o moinho comum, tinham a sua própria roda, sendo que cada uma destas rodas tinha a sua própria composição e na periodicidade.

44 ibidem

45 ibidem

Dizem na aldeia: « a roda anda sempre para a direita» e esta orientação- contrária aos movimentos dos ponteiros de um relógio- é a mesma que se projecta sobre os li-mites do termo (quando, mentalmente, se faz o inventário dos marcos divisórios) e também a que seguem os percursos rituais que na aldeia se fazem.

(…)

Não é a expressão «à direita» ou «para a direita», nem a orientação que lhe é dada (Norte-Oeste-Sul-Este) que procuraremos questionar, mas sim o facto de haver uma ordem, estável e pré-estabelecida, indispensável ao funcionamento de um princípio de rotatividade e que cada roda reproduz, modelando a aldeia numa sequência circular de pontos que se equivalem. As casas distribuem-se sem confusão, cada uma ocupa um lugar certo no conjunto e participa, sempre que chega a sua vez, na série de movimentos que se encadeiam e se sobrepõem." [46]

46 ibidem

Desta forma, as habitações de Rio de Onor, como no resto da Raia transmontana, além do papel de resguardo familiar, assumem um carácter de pertença a uma estrutura de conjunto, que as coloca "voltadas" para a aldeia, tornando-se células de um organismo vivo e em movimento.

O conjunto de rodas e a sua recorrência repetem e restauram, a cada momento, a ordem circular da aldeia, com efeito estruturante que a constitui em totalidade etretecida de trocas e interdependências, num modelo ideológico de homologia e igualdade das casas[47]

47 ibidem



i21 Cambedo da Raia, foto do autor

Podemos então considerar, que é nesta organização social, presente em todo este território raiano, que reside a raiz do espírito de solidariedade e interajuda que tornou possível os episódios de acolhimento em situações dramáticas, de que falaremos adiante.

> *As aldeas son pequenas comunidades onde é completa a participación individual de cada veciño, segundo o sexo e a idade, en coidar do común, nas faenas do calendário agrícola, nos momentos importantes da vida do individuo, nas alegrias, festas e penas. Ninguém queda excluído. As prestación de traballo e comida, cos seus dereitos e obrigacións, entrelazan por igual a todos. Noutras palabras, a vivencia da vecindade presenta maior densidade moral cando todos posúen algo en común, cando todos se axudan en tódalas faenas, segundo unha distribución equitativa de dereitos e deberes; cando todos partícipan nos ritos de transición de todos, e todos se sentan en momentos alegres ou tristes na mesma mesa. Nunha palabra, cando viven a vida en común* [48]

48 LISÓN-TOLOSANA, Carmelo, *Invitación a la antropologia cultural de España,* Alianza Editorial, A Coruña,1988, p.83. apud Llano, Pedro de, *Arquitectura popular en Galicia Razón e construcción*, COAG,1996, p.37



i6-Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 © Artur Pastor

Let us consider man in his first origin without any other help, without other guide, than the natural instinct of his wants. He wants an abiding place. Near to a gentle stream he perceivesa green turf, the growing verdure of which pleases his eye, its tender down invites him, he approaches, and softly extended upon this enameled carpet he thinks of nothing but to enjoy in peace the gifts of nature : nothing he wants, he desires nothing; but presently the Sun's heat which scorches him, obliges him to seek a shade. He perceives a neighbouring wood, which offers to him the coolness of its shades: he runs to hide himself in its thickets and behold him there content. In the mean time a thousand vapours raised by chance meet one another, and gather themselves together, thick clouds obscure the air, a frightful rain throws itself down as a torrent upon this delicious forest. The man badly covered by the shade of these leaves, knows not how to defend himself from this invading moisture that penetrates on every part. A cave presents itself to his view, he hides into it, and finding himself dry applauds his discovery. But new defects make him dislike his abode, he sees himfelf in darkness, he breathes an unhealthful air; he goes out of it resolved to supply by his industry the inattentions and neglects of nature [49]

49 LAUGIER,Marc-Antoine, *Essay on Architecture*, London, T. Osborne and Shipton,1755

Assim como sucede com as condições geográficas, os tipos de povoamento e a organização comunitária, as características da Arquitectura Popular tradicional do Norte de Portugal e do Sul da Galiza são também essencialmente as mesmas.

Tudo é irregular e íntimo, e, como os caminhos que são a marca dos poucos carros de bois que as percorrem, todo o espaço da aldeia é a marca da pequena e atrasada sociedade que a habita e se basta no simples viver lado a lado. [50]

50 Ordem dos arquitectos, ed. *Arquitectura Popular Em Portugal.* 3o edição,Lisboa, 1998 p.122

Com origem nas redondas casas castrejas do paleolítico de muros de pedras toscamente sobrepostas e cobertura cónica de colmo, que com a romanização ganharam a planta rectangular e o telhados em duas águas[51] , a casa típica da região encara as características de abrigo primitivo que permitiram ao Ser Humano proteger-se das intempéries. Profundamente ajustada à rudeza do meio que a rodeia, ao clima, ao isolamento dos povoamentos, e ao trabalho rural de subsistência, a arquitectura popular da região, nasce da lenta evolução, ao longo do séculos de técnicas construtivas rudimentares, partir dos materiais dos materiais obtidos nas proximidades.

51 LLANO, Pedro de., Arquitectura Popular En Galicia- Razón e Construcción. Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1996. p.54

Se as características da casa-vivenda son consecuencia directa dunha serie de factores socioeconómicos e dunhas condicións climáticas e xeográficas propias da comarca na que a edificación está situada, é fácil deducir que a arquitectura das serras froito dun sistema económico sumamente primitivo, baseado na gandería e tan só nalgún pequeno cultivo, cunha climatoloxía adversa e unha topografía abrupta, vai caracterizarse en calquera das súas tipoloxías pola súa humildade e sobriedade. Se a estes factores lles sumamos as



i23-Varanda em Santiago de Rubiás, foto do autor

malas comunicacións das comarcas serranas, motivo do mantemento, ata hai moi poucos anos, dunha moi vella cultura labrega, así como uns moi elementais recursos tecnolóxicos, tampouco será difícil aprecia-las razóns do acusado arcaísmo destas edificacións. Se por último nos detemos a observa-las peculiaridades dos materiais a utilizar: xisto, madeira, palla de centeo, e nalgunhas zonas a terra arxilosa coa que se elaboran as tellas, teremos constatado a presencia dunha arquitectura vernácula cun considerable grao de pobreza que, loxicamente, determinará a súa elementalidade. [52]

52 ibidem p, 107

Embora se verifique a existência de pequenas cabanas térreas, assim como casas ricas, compostas por vários volumes, dependências agrícolas, separadas por um pátio, aqui predomina o tipo de casa com dois pisos, de planta rectangular, em que o rés-do-chão corresponde às cortes do animais e ao armazenamento dos produtos agrícolas, sendo apenas o primeiro piso, acessível por uma escadaria exterior, reservado para habitação. Na transição entre a escada de acesso e a entrada para a habitação, é comum haver uma varanda ou alpendre de madeira.

Se a casa é um mundo, a varanda é um pequeno mundo dentro desse mundo. Sobrevém uma pacificação imensa ao furtarmo-nos do ambiente excessivamente vivo dessas ruas. Pressente-se nestas varandas o pulsar da vida destas casas, dado por pequenos toques -o fresco que se escapa duma porta, um objecto de uso familiar, o cheiro a fumo. E sempre a calma, por vezes ligeiramente quebrada por um ou outro ruido que, da aldeia ou da própria casa chega coado, e não encontra eco nos alpendres muito baixos e na guarda que domina em extensão e altura. Mas não há dúvida que o verdadeiro coração da casa se encontra, não uma dependência aberta ou fechada, mas numa zona - o Centro de convívio, que o lar representa. Sob certos aspectos, a organização interior destas habitações ainda é indefinida, mostrando a pouca preocupação em diferenciar as dependências por funções, pois, em qualquer canto se pode ver uma cama, arca, cadeira, toscos armários. O fundamental é a sábia ordenação do espaço, por forma que a vida da família- a vida vivida com olhos abertos- encontre um «dispositivo que lhe permita realizar-se em qualquer momento com que a família se junta e, muito especialmente, nas longas noites. de lnverno. Nesse aspecto, o lar e o escano continuam insuperáveis.[53]

53
Ordem dos arquitectos, ed. *Arquitectura Popular Em Portugal.* 3o edição,Lisboa, 1998 p.140

Quanto ao espaço doméstico, destaca-se a centralidade da cozinha, por vezes espaço único, servindo também enquanto espaço de convívio, onde se encontra o escano, banco de madeira comprido com uma peça móvel que lhe permite servir de mesa, junto á lareira que possibilita o aquecimento da habitação e a confecção de alimentos. No espaço da cozinha podia haver também uma espécie de alçapão para as cortes, permitindo alimentar os animais com os restos da comida.

Existe também um espaço mais pequeno, o sobrado, com soalho de madeira, onde geralmente a família dormia todas junta, podendo ser separado da cozinha por paredes de tabique, havendo também casos em que se verificam quartos individuais.



i24 Ruína em Tourém, foto do autor

Eu até cerca dos meus 9 anos, vivi na casa da minha avó, que é uma típica casa barrosã, do Norte, transmontana, poderíamos dizer. Tinha uma cozinha enorme e com-prida, que servia para tudo, começando-se no início, tinha a masseira, que servia pa-ra amassar o pão, tinha um sítio para guardar a lenha, tinha a caixa para pôr o grão de centeio, depois tinha uma cama, e depois da lareira, tinha o tear da minha avó. E depois dos outros lados tinha os sítios onde se dormia, que eram os chamados sobra--dos, que ainda há casas que conservam. Depois o sítio onde estavam os animais, onde se guardava a lenha, por baixo da cozinha da minha avó, (onde) dormiam os porcos. E depois havia um pátio no meio de tudo isto. [54]

54 Entrevista a Ana Leal Branco, realizada pelo autor

As paredes exteriores são em alvenaria de pedra sem qualquer tipo de reboco, e geralmente sem argamassa entre os interstícios. Em traços gerais, ao longo da Raia Transmontana, no sentido Este-Oeste, vai-se verificando a substituição do xisto, pelo granito, sendo este o principal elemento diferenciador das características locais, ao longo do território, da Arquitectura.

Nas casas da Terra Fria Transmontana, assim como nas serras orientais da Galiza, em que se verifica o recurso a pedras de xisto na formação das paredes, assistimos a telhados, com chaminés, compostos por placas de lousa. Nas casas em granito de Barroso , a cobertura era, tradicionalmente, feita em colmo, sem chaminé, sendo o fumo da lareira, que permitia conservar a comida, e que escapava entre os interstícios do colmo, um elemento característico presente no espaço doméstico, revelando a insalubridade destas habitações.

Dificilmente se encontrará melhor coberto, que o verniz dos fumos recobre duma capa protectora, mas que arde como pólvora com fagulha que lhe pouse. O Barroso é dos últimos redutos onde a telha só aos poucos o vai desalojando. E, enquanto se entrevêem os problemas que o novo material de cobertura levanta, fiquem registados os aspectos mais salientes de uma técnica prestes a desaparecer e cuja vivência, de certo modo, ainda se mantêm. Material leve, para que os ventos o não levem torna-se mister prendê-lo fortemente. Se, em algumas aldeias, apenas despontam os seus bordos com lajes e calhaus, em Pitões, aos fortes desafios dos ventos respondem as fortes ritmadas armações de paus entrecruzados - «as latas» -que, de onde em onde, os grampos amarram às beiradas. [55]

55 Ordem dos arquitectos, ed. *Arquitectura Popular Em Portugal.* 3o edição,Lisboa, 1998

Fora do contexto doméstico, mas com estrutura semelhante à das casas, não havendo



i25 forno comunitário de Tourém

grande distinção formal entre umas e outras, a não ser o uso que lhe é dado, surgem os palheiros, espaços, geralmente "*dividido em dois pelo sobrado: o de baixo, a compartimentos corte, para vacas e gado miúdo, o de cima para palha e feno, a que se sobe por escada de madeira."*[56]

56 GUERREIRO, Manuel Viegas, *Pitões Das Júnias Esboço de Monografia Etnográfica*, 2º edição, Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1982.p.43

> *De facto, nada distingue um palheiro para o feno de uma casa de habitação-nos mate--riais, estrutura arquitectónica e dimensões- a não ser a sua efectiva utilização actual. Ao procedermos ao inventário das unidades construídas da aldeia, podemos constatar que os edifícios designados por palheiro haviam já sido habitados, assim como algumas das casas actualmente habitadas já antes serviram de palheiro. Não parece, pois, ter-se desenvolvido localmente uma tecnologia específica de armazenagem do feno- em construção própria, ou como parte integrante da casa de habitação-resultando isto numa grande plasticidade e flexibilidade adaptativa dos edifícios disponíveis por cada vizinho de acordo com as circustâncias.* [57]

57 BRITO, Retrato de Aldeia Com Espelho : *Ensaio Sobre Rio de Onor*, Portugal de Perto (Lisboa: Dom Quixote, 1996). P.301

Esta "flexibilidade" que refere Pais de Brito será fundamental para o acolhimento clandestino de quem procura refúgio, durante o século XX, como veremos, nestas aldeias.

Pela mesma razão, uma vez que, nas aldeias barrosãs, era aqui que geralmente eram acolhidos os forasteiros e os mendigos, os fornos comunitários merecem menção.

> *No Barroso, o forno é o Forno da Aldeia. E, como a aldeia, normalmente, era coberta a colmo, a construção dominante, incluindo a cobertura, era a de grandes lajes de granito; sem o que ele teria de ser retirado do interior das povoações para um local excêntrico, mais ermo, onde os riscos de incêndio pesassem menos na já dominante preocupação destas gentes. Centrais ou afastados, os fornos revestem-se dos atributos duma verdadeira instituição. Escalonados os dias que cabem a cada família, o fogo mantém-se permanente, salvo aos domingos, e o calor das lenhas dumas continua-se pelo calor das lenhas doutras, mantendo uma atmosfera especial que, mesmo no Verão, não consegue quebrar as rodas das conversas- porque, alem do pão, também se faz sala de visitas. E, se um mendigo adrega de passar, levando em si tudo o que possui, sabe, pelos usos destas terras, que terá ali um tecto seguro e aconchegado para pernoitar*[58]

58 Ordem dos arquitectos, ed. *Arquitectura Popular Em Portugal.* 3o edição,Lisboa, 1998 p.65

Nas zonas da Terra Fria Transmontana em que se constrói em xisto, como acontece em Rio de Onor, o forno colectivo não assume o lugar de destaque que se verifica no Barroso, não se distinguindo, pelo exterior dos restante edifícios, uma vez que não havendo recurso a coberturas de colmo, não é necessário o recurso a uma cobertura especial. [59]

59 DIAS,Jorge, *Rio de Onor Comunitarismo Agro-Pastoril,* 3o edição, Editorial Presença, 1984. P.71



i26 Marco fronteiriço na Serra do Murico, foto do autor

SOBRE FRONTEIRAS

A fronteira e a sua simbologia foram-se alterando ao longo dos tempos. Grande parte da fronteira nacional é estabelecida pela existência de cursos de água, ou seja, a delimitação é feita através de obstáculos naturais.
Junto ao Atlântico, a Norte, o Rio Minho divide os dois países entre Caminha e Cevide, ambos no distrito de Viana do Castelo. O Douro, por sua vez determina o limite fronteiriço de grande parte do Nordeste português, até se tornar na divisão entre o Distrito de Bragança e o Distrito da Guarda. A partir daí a fronteira é marcada pelos Rios Águeda e Tourões até Vilar Formoso. Entre a Beira Baixa e o Alto Alentejo, a fronteira é delimitada pelo Tejo e pelo Rio Sever. Entre Badajoz e o Alqueva é determinada pelo Guadiana. A partir de Rosal de La Frontera até ao Atlântico Algarvio, o território português e espanhol é dividido pelo Rio Chança e novamente pelo Guadiana até ao Oceano.

> *La raya hispano-lusa, con sus más de siete siglos de historia y sus 1234 kilómetros de longitud constituye la frontera más antigua de Europa y una de las más extensas. Dicha frontera, a pesar de que discurre en gran parte por los cauces de numerosos ríos y riberas, no es una frontera definida o determinada sólo ni principalmente por la orografía, sino que ha sido y es, sobre todo, una frontera de carácter histórico y cultural* [60]

60
GaARCIA,Eusebio Medina *Orígenes Históricos y Ambigüedad de La Frontera Hispano-Lusa (La Raya),*" Revista de Estudios Extremeños 62, no. 2 (2006)

Apesar de também haver pequenos cursos de água a delimitar a fronteira entre Trás-os-Montes e a Galiza, na maior parte deste território, a Raia é "Seca"

> *Em tôda a extensão que vai do Douro à vertente oriental do Gerez, a fronteira é na sua maior parte raia sêca. Diversos acidentes físicos, cursos de rios e ribeiras, quási sempre serras e relevos montanhosos, a assinalam. Algumas das mais altas montanhas trasmontanas, como Montesinho e o Larouco, erguem assuas cumeadas no limite dos dois países.* [61]

61
TABORDA, Vergílio, *Alto Trás-os-Montes Estudo Geográfico* , versão fac-similada, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

Tal permite, e de certa forma explica, que o contacto entre as populações raianas apareça de uma forma singular e característica, em comparação com o resto do país, verificando-se, no entanto, variações que se verificam inclusivamente ao nível regional. Vergílio Taborda, num estudo geográfico de 1932 sobre Alto Trás-os-Montes descreve a diferença de realidades de convivência transfronteiriça nos concelhos da Raia, apontando as questões orográficas como elemento distintivo, e referindo a zona de Chaves, pela sua maior densidade populacional, para a qual contribui o facto de se inserir num vale, como aquela em que a o contacto era mais frequente :



i27 Marco fronteiriço na Serra do Murico, foto do autor

A circunstância geográfica de ser a fronteira na maior parte uma zona alta de mon-tanhas explica o relativo isolamento, as frouxas relações sociais e económicas dos grupos humanos dum e doutro lado. Êste isolamento acentua-se principalmente na raia com Leão. Em quási todo o território que vai do Maçãs às terras de Vinhais, a fronteira tem um pouco o carácter de marca, tão rarefeito se apresenta aí o revestimento humano. Quem vai de Bragança a Puebla de Senabria fica com a desoladora impressão de viajar em «terra nullius domini». Na raia do concelho de Vinhais, a população começa a adensar-se um pouco; as relações são mais frequentes, mòrmente no território entre o Rabaçal e o Mente, no antigo concelho medieval de Lomba.

Mas é na região de Chaves que os aspectos são já diferentes. Não há aí uma solução de continuidade no povoamento, como o que se observa na fronteira de Bragança; as inter-penetrações são mais visíveis, o comércio clandestino relativamente importante. O facto de a veiga de Verim continuar a de Chaves torna a circulação fácil; as comunicações são constantes, existindo mesmo entre as duas povoações uma carreira diária de automóvel. Sempre Chaves manteve relações económicas com a região espanhola limítrofe. Antes de se ter acentuado a subida da peseta, era pelo vale do Tâmega que entravam os bois galegos, da região de Limia e Viana del BoIlo, que vinham puxar o arado nos aluviões fundos da veiga e daí desciam, em migrações sucessivas, para sul até ao Douro e pa-ra os· vales do Tinhela e do Tua. Apesar de decaído êste comércio, Chaves é ainda o ponto onde se concentra a maior parte da circulação entre Trás-os-Montes e Espanha.

Na fronteira de Barroso, salvo os casos especiais dalgumas povoações mais chegadas à raia, são diminutas as relações com a Galiza. A fronteira é fechada, em quási tôda a sua extensão, pelo Larouco e uma série de picos e relevos de 1200 a 1300m que esta-belece a ligação daquela serra com o Gerez. O contrabando antigamente muito intenso, reduz-se hoje à importação de tecidos, sedas e pouco mais; fazendo-se quási todo pelo Larouco. Tourém, devido à sua situação num promontório projectado para den-tro da Galiza, é o povoado que conserva relações mais íntimas com as populações do lado de lá da raia." [62]

62 ibidem

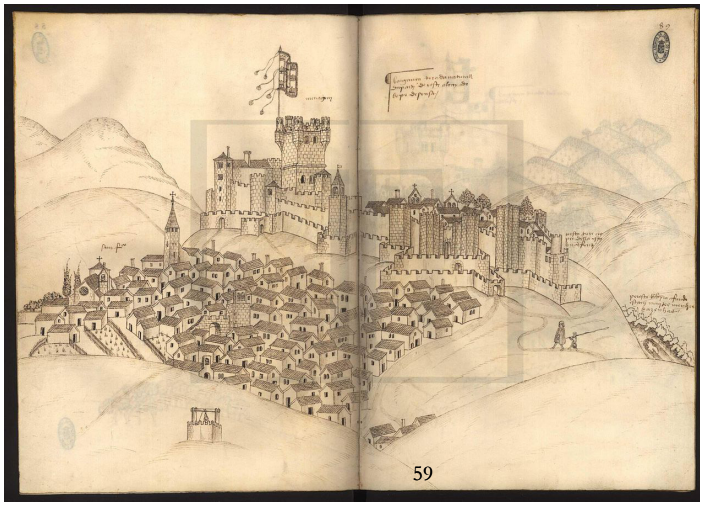
Convém relembrar que o vale do Tâmega, assim como o do Lima, tal como o Rio Minho, eram as principais vias de comunicação e de passagem entre montanhas e planaltos, o que levou a que o seu controlo fosse muito disputado desde a independência do Reino de Portugal, em 1143[63], com particular destaque para a Guerra da Restauração (1640-1668), e a Guerra de Sucessão Espanhola (1702-1714) [64]

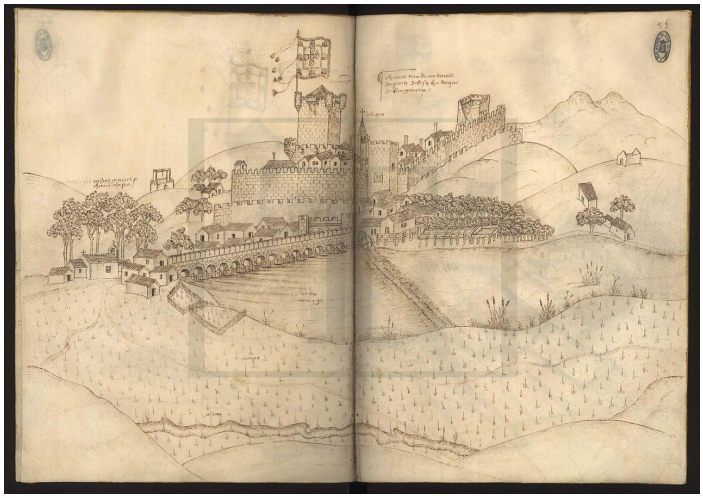
63 ALVAREZ, Jacobo García et al., *Trazar La Línea: Teoría y Práctica de Las Delimitaciones Fronterizas Luso-Franco-Españolas (1750-1936)*., n.d., https://tra-zarlalinea.com/.

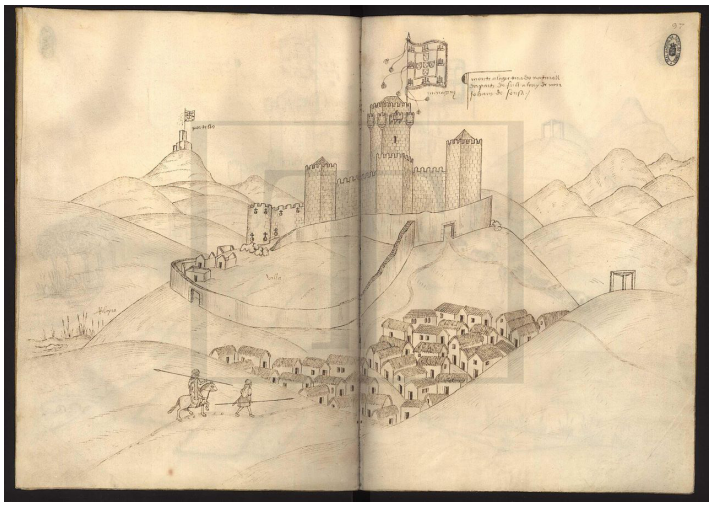
64 CALDERÓN ,Francisco, *Repasando La Frontera Hispano--Portuguesa : Conflicto, Interacción y Cooperación Transfronteriza,* Estudios Fronterizos, Nueva Época, 16, no. 31 (2015): 65–89.

A estabilidade da fronteira que muitos pretendem ver desde o Tratado de Alcañices foi, contudo, mais aparente do que real. As fronteiras medievais eram fluidas e imprecisas e as frequentes disputas obrigavam à intervenção dos poderes régios. Na realidade, ao longo da História, a fronteira foi palco de múltiplos litígios entre os moradores de um e do outro lado, como múltiplas foram também as tentativas de entendimento e de demarcação territorial [65]

65 DIAS, Maria Helena, Instituto Geográfico do Exército, *Finis Portugaliae. Nos Confins de Portugal. Cartografia Militar e Identidade Territorial,* Lisboa: Instituto Geográfico do Exército, 2009







i 28 Vista do Castelo de Bragança Chaves e Montalegre, Duarte de Armas, in "Livro das Fortalezas", c. 1509, in http://fortalezas.org/index.php?ct=-fortaleza&id_fortaleza=1551

Tanto o "Livro das Fortalezas"[66] de Duarte d'Armas), no reinado de D.Manuel I , levantamento de todas as fortificações raianas, assim como o "Tombo dos Lugares que estão ao longo da Raia e extremo de Castela e Galiza"[67], de 1538, durante o Reinado de D.João III, são exemplos do esforço da Coroa Portuguesa de controlar os territórios de fronteira, e assim fortalecer a soberania do Reino e o seu poder.

Já no século XX, a Galiza foi também palco de refúgio da conspiração contrarrevolucionária que pretendia depor a recém implantada República Portuguesa. As incursões monárquicas de 1911-12, foram lideradas pelo capitão Henrique Paiva Couceiro,

> *beneficiando do apoio dos partidários Carlistas, dos políticos, dos aristocratas e dos membros do clero da Galiza, que exerciam a sua influência junto das autoridades civis e militares".* [68]

A Raia tornou-se então num "tabuleiro de xadrez", onde, de um lado estavam estacionadas as forças republicanas, vigiando a fronteira em pontos estratégicos, e do outro, as tropas de Paiva Couceiro, que se preparavam o ataque.

A primeira tentativa de invasão, a 5 de Outubro de 1911 teria como objectivo a ocupa-ção de Bragança. No entanto, os incursionistas, após entrarem em território nacional,

> *desviaram o destino da marcha em direção a Vinhais, num percurso iniciado no in-terflúvio dos rios Sabor, a Este, e Tuela, a Oeste, e que os conduziu pelas aldeias de Cova da Lua, Espinhosela e Prada, nem sempre seguindo os caminhos existentes, e forma a iludir a vigilância das autoridades.*[69]

Em Vinhais, permaneceram dois dias, retrocedendo novamente para a Galiza após con-fronto com o exército nacional, deslocando-se *"para Oeste numa rota paralela à raia, através de sucessivas etapas, pelas povoações de Soutochão, Mourazos, A Granja, Gudín, Porqueirós, Sampaio de Araújo e, finalmente, San Martín de Araújo, na serra do Xurés"*[70]

Luís Moreira refere que o desconhecimento do terreno e falta de cartografia relativa à fronteira foi fundamental para o insucesso da primeira incursão monárquica. A deslocação das tropas contava *"com a colaboração das populações e com o apoio de guias locais, provavelmente contrabandistas e pastores."* [71] No texto "A República e a Monarquia em confronto: a Guerra Civil portuguesa na raia galega (1911- 1912)", que tem vindo a ser a nossa fonte sobre estes acontecimentos, o autor cita nas notas de rodapé um excerto do Diário de Paiva Couceiro, que se revela importante para a análise sobre a realidade da indefinição da linha de fronteira, quase meio século após o Tratado de Limites de 1864, que se revelará importante ao longo dos acontecimentos durante o séc.XX.

66 Duarte de Armas, "Livro Das Fortalezas Situadas No Extremo de Portugal e Castela Por Duarte de Armas, Escudeiro Da Casa Do Rei D.Manuel I" (Arquivo Nacional Torre do Tombo, 1521), https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3909707.

67 "Tombo Dos Lugares Que Estão Ao Longo Da Raia e Extremo de Castela e Galiza" (Arquivo Nacional Torre do Tombo, 1538), https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4182608.

68 MOREIRA, Luís Miguel, *A República e a Monarquia Em Confronto: A Guerra Civil Portuguesa Na Raia Galega (1911- 1912),* Revista de Hitoriografia (RevHisto) 30 (2019

69 Ibidem

70 Ibidem

71 Ibidem

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 703—3.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Editor—Camillo Sousa e Almeida. Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sabbado, 18 de Julho de 1912 | Telephone n.º 2298—Endereço telegr. CAPITAL. Composição—Rua do Norte, 5, 1.º Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 10 r

CONTINÚA A LIQUIDAÇÃO DOS TRAIDORES

Paiva Couceiro e os bandidos que o acompanham escondem-s

As tropas republicanas, cheias de enthusiasmo, percorrem as serras em todas as direcções, mas não conseguem bater-se com os rebeldes, a maior parte dos quaes já se encontram em Hespanha

O procedimento do governo portuguez em face da attitude de Canaleja

Negar que o procedimento do governo hespanhol, em toda esta desgraçada questão da permanencia dos conspiradores portuguezes no seu territorio, organisando ahi as suas forças, armando-se e vindo do lá invadir Portugal, não tem magoado e indignado a opinião portugueza, seria simultaneamente ocultar a verdade e aggravar a dignidade nacional. Só povos inconscientes mergulhados n'uma indifferença objecta pelos destinos da sua patria, poderiam deixar de ressentir essa magoa e essa indignação.

Ha perto de dois annos que a Galliza é quartel general dos conspiradores. Ali se prepararam, alistaram gente, arranjaram armamento, congregaram as suas hostes, as instruiram, as avolumearam; d'ali invadiram já duas vezes Portugal. Toda a gente os ponde ver realisando os seus conciliabulos, fazendo as suas paradas, distribuindo as suas forças. Ali se apprehendeu armamento estrangeiro, não pela soberbidade das autoridades hespanholas mas pela dedicação de alguns obscuros republicanos e pela vigilancia dos funccionarios consulares portuguezes. Ninguem podia nutrir duvidas, desde o primeiro dia, que os monarchicos portuguezes se congregavam na fronteira para uma criminosa tentativa contra o seu paiz. O governo hespanhol, apesar das constantes instancias do nosso governo, não os interpoz. Sobrevelo a invasão de outubro, o então já não podia invocar-se nenhum pretexto plausivel para considerar inoffensivos os emigrados,—e nem assim o governo hespanhol os prendeu, os expulsou, ou os internou seguer!

De ahi em deante, a opinião publica em Portugal formou nitidamente o seu juizo sobre a falta de lealdade do governo hespanhol para comnosco. Um governo que reconhecera as nossas instituições, saloava sob pêo, não só a amisade que deve estitir entre dois povos visinhos e da mesma raça, mas ainda as bases mais fundamentaes do direito internacional. Procedia para comnosco como inimigo, o o peor dos inimigos, aquelle que não ataca frente a frente, mas vibra os seus golpes nas costas do adversario, depois de lhe dirigir um sorriso!

A nova incursão completa esta obra inqualificavel. Os conspiradores, organisados em columnas, entram em Portugal. Veem armados e equipados de Hespanha. Ninguem lhes tolhe o caminho, e as armas que empunham são armas forjadas nas officinas do Estado, nas officinas da Hespanha, visto que d'outras procedencias não as poderiam alcançar, mercê da vigilancia dos republicanos hespanhoes e dos consules portuguezes.

A invasão está repellida; apesar do apoio tacito do governo hespanhol os traidores não conseguiram avassalar a sua patria. Mas Couceiro não abandona a ruina, salvando quo teve a retirada segura para Hespanha, e tudo indica que vae recomegar a intoleravel situação creada pelo governo hespanhol, isto é, que voltará a Hespanha parahi mais uma vez reorganisar as suas forças, sempre com a mesma protecção para o mesmo monstruoso intuito.

Póde-se admittir esta situação? Póde-se, recalcar a magua e a indignação?

Os que o consoguirem não serão portuguezes. O governo hespanhol procede com Portugal como um inimigo. Podemos acaso scrrir a um inimigo? Podemos acaso calar o nosso protesto?

Evidentemente, não, o por isso se torna necessario definir attitudes. A nota officiosa do governo da Republica, hoje publicada nos jornaes, produziu por isso uma impressão que se conduna claramente com o sentimento nacional. O Governo da Republica restabelecerá a verdade dos factos, reduzirá á sua verdadeiro valor as allegações do governo hespanhol, que a eloquencia dos factos pulverisa, e procederá certamente de maneira a que cessem todos os equivocos, definindo claramente a situação. Fazendo-o interpretará o sentir de todos os cidadãos portuguezes, que se não podem resignar a apparecer ainda como ingrados depois de tão claramente hostilisados.

Ao lado do governo está todo paiz e não-do estar, no mundo inteiro, todos aquelles que prezam a justiça e vecm na convicção o na lealdade existente entre as nações a segurança do direito, sem o qual a humanidade viveria n'um estado selvagem o não dentro das normas da civilisação.

ALMA REPUBLICANA

Duas jornadas triumphaes

A defesa de Chaves foi uma pagina de epopêa —O exercito republicano cobriu-se de gloria

A carta que hoje publicamos é a primeira da serie que Hermano Neves escreverá sobre a victoria das conveniras e o seu ataque a Chaves. A segunda carta é dada á publicidade amanhã.

E' muito difficil, senão de todo impossivel, descrever uma acção militar sob o nervosismo do triumpho ainda recente. O triumpho é de hontem. Quasi que fumegam ainda os canos das carabinas—está ainda quente a alma dos canhões. Succede como sempre: ninguem sabe ao certo como isto foi. Um pesadello, uma embriaguez de duas horas, sob um sol fascinante, sob um fogo cerrado, marchando atravez de terras calcinadas n'uma atmosphera de forno. As poeiras dos caminhos escaldam, o pó das estradas suffoca. Durante aquella manhã gloriosa, á tortura da fadiga juntou-se uma sede insaciavel: muitos dos que combateram seutiam os labios orderlhes como brasas, mas a alma republicana adejava sobro as cabeças dos heroes o ninguem—nem um sól—pensou um instante soquer em abandonar o seu posto de honra.

O combate de Chaves começou por ser uma defesa desesperada o terminou por um ataque triumphal, em que as forças do Couceiro, *oito vezes superiores* do que as nossas, debandaram *vergonhosamente* em direcção á fronteira.

Ninguem sabe ao certo como tudo isto foi. Cada qual conta nervosamente as horas inolvidaveis d'essa fé patriotica, salientando, como é natural, os episodios que mais directamente presenciou e mais fortemente o impressionaram. Recolhi o maior numero possivel d'esses depoimentos durante as poucas horas que decorreram entre a minha chegada aqui e o momento em que escrevo. Parece-me opportuno recordar desde o principio, ainda que rapidamente, a serie de successos que precederam o combate de segunda feira para melhor intelligencia das phrases da refrega.

Os antecedentes do ataque conceirista

No dia 5, das 8 para as 9 horas da noite, não criminoso interrompeu as communicações telegraphicas com Montalegro e Villa Real. Era a intenção claramente manifestada deiosalar Chaves do resto do paiz. Elementos civis devotadamente dedicados á Republica começaram logo exercendo rigorosa vigilancia na villa e arredores, vigilancia tanto mais justificada quanto é certo ter-se recebido de Villar de Boi, por essa mesma hora, communicação de um amigo nosso dizendo estar imminente a incursão conceirista.

Ao mesmo tempo, notava-se desusado movimento entre os elementos reaccionarios da terra. A uma das informações sobre o movimento de traidores que se observava na raia. Foi assim que no *domingo*, 7, pelas 6 horas o meia em Chaves se soube terem entrado em Portugal, por Lamadarcos, cento e tantos conspiradores, que quaimaram a caseta da guarda fiscal. O sargento Rodrigues, commandando do posto fiscal de Villa Verde, recebeu-os condignamente a tiro e entreteve-os até que chegasse o tenente Barreiros da mesma guarda, que logo partiu para ali, assumindo o commando da pequena força republicana e restabelecendo o contacto, que já estava perdido n'essa occasião. Ao mesmo tempo provenia dos aguaes que presam a justiça e conhecimentos o commando militar de Chaves, onde por outra via chegára já egual communicação, e que mandou organisar uma columna mixta composta pola guarda fiscal, por uma força de cavallaria e por uma divisão de artilharia (duas bocas de fogo). A artilharia era commandada pelo meu antigo condiscipulo o amigo alfares Santos Lobo, que n'esse dia tencionava comparecer á junta em virtude de um ataque de infarcia. Felizmente, mas não houve forças que o demovessem de ir. Acompanhou tambem a columna o capitão do estado-maior Maia Magalhães, esse heroico rapaz que no combate de Cazares, em outubro do anno passado, deu já, ao lado do tenente Quaresma, um admiravel exemplo de valentia e de amor patrio.

O primeiro recontro

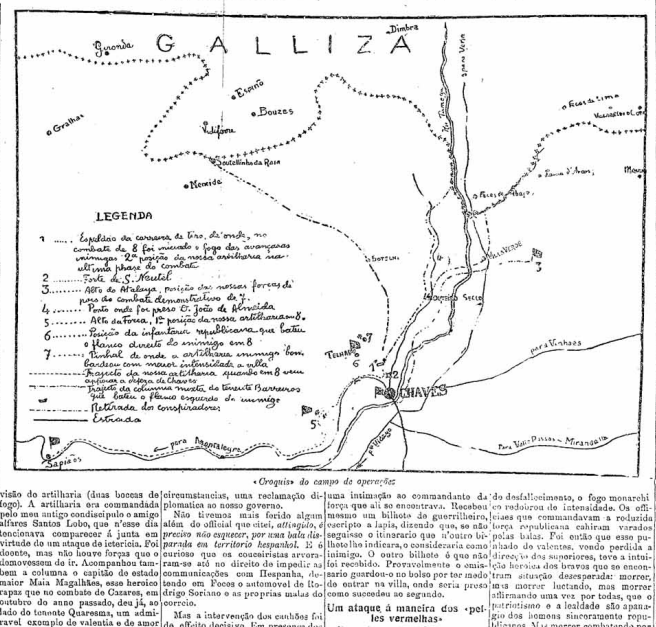
Ao chegarem as forças ao local da acção, cerca das 3 da tarde, a segunda phase do combate que logo se reconheceu ser mesmente desnecessario e cuja primeira phase se realisára ás 11 da manhã com a reduzida guarda fiscal do tenente Barreiros. Viu-o Rodrigo Soriano—ha pois uma testemunha no parlamento hespanhol—os conspiradores, que combatiam a poucos metros da raia, deslavam de quando em quando a linha do fogo para irem beber agua o como ao territorio hespanhol, onde, nas cumeadas, grupos de camponezes assistiam áquella espectaculo raro. Mas o que Rodrigo Soriano viu ainda o a proposito do que indignadamente telegraphou a Canalejas foi o facto quasi incredibilavel de alguns atiradores monarchicos terem alvejado os nossos achando-se commodamente installados em terras de Hespanha. Uma d'essas balas feriu n'uma coxa o capitão Maia Magalhães.

Da parte do inimigo houve algumas baixas produzidas sobretudo pela artilharia, que o presentcou com oito magnificas granadas. A ultima, por signal, quasi attingiu a parte portugueza da pequena ponte internacional de Feces, mas sem deteriorar, por levemente que fosso, a parte hespanhola. Os nossos artilheiros tiveram em vista, ao fazer as pontarias, o não provocarem por qualquer inadvertencia, aliás desculpavel em taes circumstancias, uma reclamação diplomatica ao nosso governo.

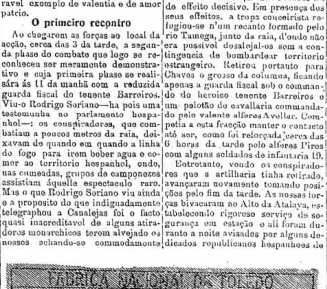
Não tiveram mais ferido algum além do official que citei, *attingido, é preciso não esquecer, por uma bala disparada en territorio hespanhol.* E é curioso que os conceiristas arrecadaram-se até no direito de impedir as communicações com Hespanha, desde que em Feces o automovel de Rodrigo Soriano e as proprias malas do correio.

Mas a intervenção dos canhões foi de effeito decisivo. Em pressença dos seus effeitos, a tropa conceirista refugiou-se n'um recanto formado pelo rio Tamega, junto da raia, d'onde não era possivel desalojal-os sem a contingencia de bombardear territorio estrangeiro. Retirou portanto para Chaves o grosso da columna, ficando apenas a guarda fiscal sob o commando do heroico tenente Barreiros o um pelotão de cavallaria commandado pelo valente alferes Avellar. Competia a esta fracção manter o contacto até ser, como foi relevada cerca das 6 horas da tarde pelo alferes Pires com alguns soldados de infantaria 19.

Entretanto, vendo os conspiradores que a artilharia tinha retirado, avançaram novamente tomando posições pelo fim da tarde. As nossas forças bivacaram no Alto da Atalaya, estabelecendo rigoroso serviço de segurança em estação o ali foram durante a noite viveados por alguns dedicados republicanos hespanhoes do



«Croquis» do campo de operações



Involucro dos cartuchos apprehendidos aos conceiristas que assaltaram Chaves
O papel tem as côres da bandeira hespanhola

Uma pagina de heroismo e de sangue

Suppondo n'essa attitude um começo de desfallecimento, o fogo monarchi redobrou de intensidade. Os officiaes que commandavam a reduzida força republicana cahiram varados pelas balas. Foi então que esse punhado de valentes, vendo perdida a direcção dos superiores, teve a intuição heroica dos bravos que se encontram situação desesperada: morrer, ou morrer lutando, mas morrer affirmando uma vez por todas, que o patriotismo e a lealdade são apanagio dos homens sinceramente republicanos. Mas morrer combatendo por um ideal nobre, mas morrer n'uma occasião que cahiu ferido o capitão Tito Barreiro. Após algum tempo de tiroteio constante, voltaram para junto do cemiterio, por lhes parecer que d'ahi poderiam fazer mais efficaz defesa, e não insistiram na desvairada ideia de atacar, só com infantaria, um inimigo oito vezes superior em numero dispondo de canhões e de metralhadoras. Seriam cerca de 11 horas da manhã.

Suppondo n'essa attitude um começo de desfallecimento, o fogo monarchi redobrou de intensidade. Os officiaes que commandavam a reduzida força republicana cahiram varados pelas balas. Foi então que esse punhado de valentes, vendo perdida a direcção dos superiores, teve a intuição heroica dos bravos que se encontram situação desesperada: morrer, ou morrer lutando, mas morrer affirmando uma vez por todas, que o patriotismo e a lealdade são apanagio dos homens sinceramente republicanos. Mas morrer combatendo por um ideal nobre, mas morrer n'uma



Sello de cartuchos

explosão de raiva, cravando as unhas e os dentes na carne do inimigo e exhalando o derradeiro alento depois de lhes ter escarrado nas faces a sua infame traição...

Ao ver por terra os seus officiaes, esses homens como que enlouqueceram. Eram em reduzidissimo numero: não importa. Como leões, com os dentes cerrados, com os olhos quasi a saltarem-lhes das orbitas, os soldados de infantaria 19 e de cavallaria 6 ali bem assim alguns civis que ali se encontravam atiraram-se para a frente. Foi uma corrida após para a morte. As balas silvavam ás centenas sobre as suas cabeças, o fogo de Couceiro redobrava de furia. Mas, por esta inexplicavel e myster riosa poder do destino, que tanta vez se compraz em fazer justiça nos bravos, nenhum d'elles cahiu. Corriam, corriam sempre, sobre as torras queimadas de sol, com os labios escaldados com sede, as maxillas cerradas n'uma contracção supre-

ma. Já vão mais proximos... Est duzentos metros, a cem metros, a es, a dez... Sempre descobertos o morre um só homem! De subito, se o embate formidavel, o a prosegue agora ôpico e tremebundo n'um *corpa a corpa* inverosimil que os soldados da Republica de bam á coronhada, a pontapé e a s os homens que constituiam a *élit* bravura monarchica. O solo junc do cadaveres. E' o momento mais lo de todo esse bello combate.

Muitos dos renegados fugiram sa occasião, em que os couceir soffreram maior numero de ba Alguns foram finalmente na fuga tros conseguiram ainda, mal fer juntar-se ao grosso da columna narchica. Os que poderam ser f prisioneiros tinham os olhos cravados de terror, o cahiam de lhos, de mãos postas, supplic que os não matassem.

—Somos uns desgraçados! S uma desgraçadas!

E na sua lacrimosa lamuria, a tada como uma litania, declar terem sido illudidos e estarem c de arrependimento.

Em soccorro da praça

Entretanto, emissarios tinham tido a buscar soccorros para os seus. A força que ficára no al Atalaya vigiando os conspirador Feces do Abajo verificara do m que o inimigo se mantinha na m posição e tinha deliberado desaloj d'ella quando chegou a todo o ga cerca das 9 horas, uma ordenan cavallaria com ordem de retir por Outeiro Secco e margem di do Tamega a occupar o velho de S. Sentel, que já estava sendo cado pelas metralhadoras de Couc

Poz-se logo em marcha a peq columna, á qual assim fôra confi missão de bater o flanco esquer inimigo. Apenas tinham atravez o Tamega, o tenente Barreiros ouviu os conspiradores hi dos proximo de Villa Verde av vam sobre esta provocação, ameaç assim a retaguarda dos nossos. ram destacados dez guardas fi para os manterem a distancia o suspenderem a marcha. Estes homens, embrocados conveni mente, cumpriram com rara val a sua difficil missão e os cento o tos traidores retiraram. Em Villa de, provação fronteiriça perto da passou a pequena força, os sinos cavam a rebate o a bandeira a branca fluctuava sobre os edifici allandega e do posto fiscal. Ao ch ás alturas de Outeiro Secco, a l do tenente Barreiros, já em or extensa e flanqueada pela cavall foi inesperadamente atacada forças conceiristas, fazendo-se tiroteio que foi em fim suspenso inimigo. A marcha dos nossos p guia então, occupando a guarda cal a posição abandonada pelos dores. Conquistava-se o terreno no a palmo. O caminho era aspe sobo, horrivel, mas esses soldados alguns dos quaes se não podia attribuir impetos de mocidade, guiam sob o fogo dos realistas *Portuguez* e soltando vi Republica.

A certa altura começaram a se tejados pela reconguarda. Suppo trata-se de um ataque envolven vendo já então gravemente fe com um tiro nas costas o alfere cavallaria 6 Joaquim Avellar P Tavares, a quem a patria deve co grar como heroe, o capitão Barrei passou novamente o rio debaixo intenso fogo inimigo a que respon da margem esquerda, recolhendo Chaves só quando esse fogo all gou. O ferido foi transportado hombros das praças. Para se f idéa das torturas d'essa marcha, tando ao som da fanfarria o dos vos dos nossos, reproduzo estas p vras do proprio tenente Barrei quando ha pouco me contou os fa que acabo de narrar:

—Não imaginai o que mais nos commovêra era o calor e a s Quando passámos o rio, a vau, a tiroteio dos conceiristas, senti a tão deliciosamente fresca que mu corsel dentro d'ella até ao pescoço. que delicioso momento aquello...

Foi esta columna acompanhada um grupo civil de Villa Verde, dr. Antonio Grasjo, que gloriosa se bateu tambem e por uma into santa creança—todas as guerras t o seu flavrocho!—filho da profes d'aquella provoação. Não tam mai trezo annos este pequeno heroe, sempre na linha de fogo e cor vavir despreso pelas balas inim

i29 capa do jornal republicano A Capital, 18/12/1912

"(…) alguém me disse ser ahi a fronteira; a árvore fazia vezes de marco. Outros asseguravam não ser assim, a fronteira corre perto, mas só passa mais acima pela linha das cumeadas…" [72]

72 QUEIROZ,A, Na Fronteira (Incursões Monarchicas de 1911 e 1912), 1915, p.193-194 apud Moreira:2019

No ano seguinte, em Julho, a invasão do território nacional divide-se em três frentes

comandadas pelo tenente da Marinha Vítor Sepúlveda e pelos capitães Mário de Sousa Dias e Paiva Couceiro, penetraram em território português, cada uma delas por pontos diferentes: a 1ª, composta de 142 homens, dispôs-se a atacar Valença, mas foi repelida pelas metralhadoras republicanas; a 2ª, mais numerosa (187 homens), entrou no dia 7 por Vila Frade e Vila Verde da Raia, concelho de Chaves e fez uma tentativa inicial, rechaçada pelos republicanos, voltando a insistir no dia 8, mas igualmente sem êxito; e a 3.ª, a maior de todas (com 500 homens, duas peças de artilharia e algumas metralhadoras), fez a entrada por Sendim e Soutelinho da Raia, concelho de Chaves, no dia 7, seguindo para Sanjurge, donde atacou Chaves, a 8 de Julho, mas a defesa republicana da cidade foi forte e eficaz, pelo que Paiva Couceiro retirou para a fronteira, deixando atrás de si vários mortos e feridos. [73]

73 SILVA, Armando Maçheiro, "Os Conspiradores No Sul Da Galiza," 2001.

Destaca-se a estratégia da coluna de Sousa Dias, desenhando um percurso semelhante ao das tropas do General Soult, que também entraram em território nacional por Chaves, atravessando o Vale do Tâmega aquando da segunda Invasão Francesa, em 1809[74] e que, tal como esta, teria a cidade do Porto como objectivo.

74 ver SILVA, Francisco Ribeiro da «Objectivos e aspectos estratégicos da invasão de Soult», Revista da Faculdade de Letras - HISTÓRIA 10, n. III (2009):

Durante séculos, o valor quase abstracto da fronteira nesta região, permitiu um contacto muito próximo entre as populações. Até meados do Séc. XIX, a ocupação deste território foi marcada pela existência de "Povos Promíscuos", assim designados por corresponderem a povoados no limbo entre a nacionalidade portuguesa e a espanhola, uma convivência local que contrastava com a vontade dos poderes centrais de reforçar a sua autoridade. Foi apenas em 1864 que as Coroas Portuguesa e Espanhola assina-ram o Tratado de Lisboa, que estabeleceu e delimitou concretamente as fronteiras actuais, após um longo processo, iniciado em Abril de 1852, pelo governo português, na figura do seu ministro em Madrid, que sugeriu a nomeação de uma Comissão Mista[75]

75 GODINHO, Paula, *Oír o Galo Cantar Dúas Veces Identificacións Locais, Culturas Das Marxes e Construción de Nacións Na Fronteira Entre Portugal e Galicia,* no prelo, 2008



i30 Mapa de uma parte da fronteira entre a Província Espanhola de Ourense e Portugal, desde o ponto em que o Rio Minho deixa de ser raia até ao Castelo de Sandin / José de Castro, Tte. Corl. Comandte. de Estado Mayor, Fechado em "Badajoz Marzo 1863", Assinatura do autor, precedida de: "Reconocimiento verificado en 1862, por comisionados de ambos reinos con teodolito y brújula" in https://trazarlalinea.com/el-tratado-de-limites-de-lisboa-preparacion-y-negociaciones-1854-1866/castro-jose-de-1828-1902-2/

Sua Magestade A Rainha das Hespanhas e Sua Magestade El Rei de Portugal e dos Algarves, tomando em consideração o estado de desassocego em que se encontram muitos povos situados nos confins de ambos os Reinos por não existir uma demarcação bem definida do territorio, nem Tratado algum internacional que a designe; e desejando pôr termo de uma vez para sempre, aos desagradáveis conflictos que por tal motivo se suscitam en varios pontos de raia, estabelecer e consolidar a paz e harmonia entre os povos limitrophes, e finalmente, reconhecendo a necessidade de fazer de-saparecer a situação anómala em que, à sombra de antigas tradições feudaes tem permanecido até hoje alguns povos immediatos à linha divisória de ambos os Estados com reconhecido e commun prejuizo destes, convieram en celebrar um Tratado espe-cial que determine cla-ra e positivamente, tanto os direitos respectivos dos povos con-finantes, como os limites territoriaes de ambas as Soberanias na linha de fronteira que se estende desde a foz do rio Minho até à confluencia do Caya com o Guadiana.[76]

76 United Nations, ed., *"Treaty on Boundaries between Spain and Portugal from the Mouth of the Minho River to the Junction of the River Caya with the Guadiana,"* United Nations - Treaty Series, 1982.

O Tratado de 1864 veio resolver alguns conflitos transfronteiriços, no que diz respeito às zonas territoriais disputadas por ambos os países, denominadas "Contendas" ou "Reyertas", territórios mistos, que não pertenciam oficialmente, nem a Portugal, nem a Espanha. A Comissão Mista que desenvolveu o Tratado tomou uma atitude "salomónica", tentando dividir as zonas em litígio da forma mais paritária possível. [77] [78]

77 Calderón Vázquez, Francisco José. . *Repasando la frontera hispano-portuguesa: Conflicto, interacción y cooperación transfronteriza.* Estudios fronterizos, 16(31), 2015

78 O autor refere como exemplo os casos de Moura, Olivença, Valencia de Mombuey junto a Barrancos, Villanueva del Fresno, Alconchel e Barcarrota

Este ajuste de delimitação fronteiriça teve também ecos na Raia Transmontana. A sua assinatura levou à anexação do Couto Misto em Espanha e a das aldeias Mistas de Cambedo da Raia, Soutelinho da Raia e Lamadarcos em território português, definindo a actual linha de fronteira entre Portugal e Espanha.

O COUTO MISTO

Durante séculos, houve uma espécie de microestado entre Portugal e Espanha, junto à Serra do Larouco, chamado Couto Misto (ou Mixto), localizado entre os concelhos de Baltar e Calvos de Randín, da actual Província de Ourense, na Galiza, a Norte de Montalegre e a Nascente da aldeia de Tourém, pertencente ao mesmo concelho. "O Couto Misto era um território autogerido pelas comunidades locais, que tinha a soberania formalmente repartida entre o ducado de Bragança e o bispado de Ourense "[79]. Englobava um território com cerca de 2.700 hectares e era constituído por três aldeias, Santiago de Rubiás, Rubiás e Meaus.

79 COELHO, Rui Gomes,e Xurxo Ayán Vila. *Cambedo, 1946: Letter on the Discovery of Portugal.* Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica 2, no. 13 ,2020, 63–87

Por Couto, entendemos uma povoação ou povoações situadas em território de um Senhorio, que gozava de uma isenção total ou parcial de encargos fiscais, direito de juridisção próprio, dispensa do serviço militar e outros privilégios geralmente concedidos pelo Rei[80]

80 SEARA, Eliseu, *O Couto Misto de Rubiás*" Revista Aquae Flaviae 28, 2002: 41–70.



i31, igreja de Santiago de Rubiás
foto do autor

Desconhece-se a sua origem, mas acredita-se se apareça antes da fundação do Reino de Portugal, uma vez que *"D.Sancho I concedendo o Foral ao concelho da Piconha, menciona já as povoações de Santiago, Meãos e Rubiás, como detentoras de ínumeros privilégios, atribuindo-lhe mais alguns."* [81]

Os seus habitantes podiam escolher a nacionalidade portuguesa ou castelhana (ou então nenhuma)[82] , estavam isentos do pagamento de impostos e não eram obrigados a prestar serviço militar por nenhuma das coroas, nem necessitavam de qualquer tipo de licença de porte e uso de arma.
A gestão do Couto Misto funcionava de forma relativamente democrática. Os chefes de família elegiam a cada três Invernos um Juíz ou Alcaide, que exercia as funções governativas, administrativas e judicias perante delitos cometidos dentro dos limites do Couto. Além do Juíz, eram também eleitos dois "Homens de Acordo" por aldeia, que o auxiliavam nas suas funções, assim como o Vigário do mês, que executava as decisões do juíz. Não obstante desta forma de representação, alguns acordos podiam ser tomados em assembleia, em praça pública, no adro da igreja, onde todos os habitantes tinham o direito de participar. [83]

Uma vez que as autoridades portuguesas e espanholas não tinham jurisprudência dentro dos limites do Couto, era garantido ao Couto Misto o direito de Asilo. As autoridades dos dois países apenas podiam perseguir os foragidos à justiça por homicídio ou outros "delitos de sangue".
Aos habitantes das aldeias portuguesas de Pedroso, Donões e Sabuzedo, a sul do Couto Misto, era-lhes permitido levar o gado a pastar nos baldios do Couto, assim como cortar lenha e mato.[84]
À ausência de impostos aduaneiros, aliava-se a não necessidade de documentos, nem guias para atravessarem as fronteiras com a mais diversa mercadoria. O Couto Misto era, assim, uma plataforma por onde passavam as mercadorias de Portugal para Espanha e vice-versa, sem serem consideradas contrabando. [85]

Santiago de Rubiás era considerada a capital, pois era a sede de paróquia, A igreja de Santiago de é o centro da aldeia, tanto social, como fisicamente

Socialmente porque era um na sacristia guardava a "Arca das 3 Chaves", uma arca de madeira, rectangular, que abria pela tampa superior, e era fechada a três chaves. Nela estavam depositados os documentos relativos ao Couto Misto, nomeadamente aqueles em que eram concedidos os direitos, privilégios e singularidades do Couto.[86] [87] Fisicamente, constitui o núcleo a partir do qual a aldeia se desenrola, de acordo com o modelo de povoamentos aglomerados, característicos da região.

81 ibidem

82 A nacionalidade era escolhida pelos habitantes no dia do casamento. Quem optasse pela nacionalidade portuguesa gravava à porta de casa um "P" de Portugal, quem escolhesse a espanhola gravava um "G". Em seguida brindava-se em honra do respectivo Rei. Esta escolha de nacionalidade tinha implicações ao nível judicial. Em caso de recurso relativo a decisões do Juíz do Couto Misto, ou quando se tratava de "Crimes de Sangue", recorria-se aos tribunais de Montalegre ou Xinzo de Limia. (Seara.:2002)

83 https://galeguizargalicia.gal/asociacion-de-amigos-do-couto-mixto/historia/

84 SEARA, Eliseu, *O Couto Misto de Rubiás*" Revista Aquae Flaviae 28, 2002: 41–70.

85 GONÇALVES,José Enes , *Memória Do Couto Misto*, Estudos Transmontanos e Durienses 13, 2007, p. 313–27

86 ibidem

87 abertura da Arca, constituía uma cerimónia solene. O Juiz guardava uma das chaves, sendo que as outras duas ficavam com um responsável de cada povoação. A arca apenas podia ser aberta mediante a presença do juíz e de doze "homens honrados" democraticamente eleitos, quatro por aldeia. Na 2º Invasão Francesa, em 1809, durante a rertirada, as tropas do general Soult chegaram ao Couto Misto, tendo saqueado a igreja de Santiago de Rubiás e violado a Arca, destruindo todos os documentos que nela estavam depositados.



i32 imagem aérea sobre o território do Couto Misto e Tourém

Desse modo, existia um caminho que a ligava a Tourém, aldeia do Concelho de Montalegre, passando por Rubiás. O "Caminho Privilegiado", como era conhecido, tinha cerca de seis quilómetros, e por aqui era possível passar qualquer produto inserido no Couto, ou aí produzido, sem que as autoridades pudessem intervir, algo bastante rentável para a população. O caminho estava assinalado por marcos de pedra com diversos sinais marcados e passava junto ao Castelo da Piconha[88] , que lhe garantia segurança.[89]

Em Tourém, a linha de fronteira desenha um enclave, sendo que os limites da aldeia a Norte, Este e Oeste correspondem aos limites do território nacional. Engloba um território com cerca de 17 km2, dos dois lados do Rio Salas, sendo que a margem norte corresponde apenas a terrenos agrícolas. A povoação está implantada segundo um eixo no sentido norte-sul, a Rua Direita, seguimento do caminho, que a liga a Pitões das Júnias e Covelães, onde começa a estrada para Montalegre.
Podemos considerar que a disposição das habitações acontece à volta de dois núcleos, que correspondem aos largos da aldeia, nos quais surgem edifícios de excepção. O primeiro é o Largo do Outeiro, a norte, onde se localiza a capela da Srª do Rosário, e a partir de onde o gado partia para a vezeira e onde tem início a Rua Direita. O outro é o Largo do Forno, onde estava localizado o forno comunitário, que, como vimos, era estrutura fundamental às aldeias comunitárias barrosãs. Aqui traduz-se num pequeno edifício de planta rectangular, com paredes de alvenaria de pedra aparelhada, de granito, com a cobertura de duas águas, constituído por duas lajes do mesmo material, sustentada por três arcos que apoiam em contrafortes, salientes da fachada.

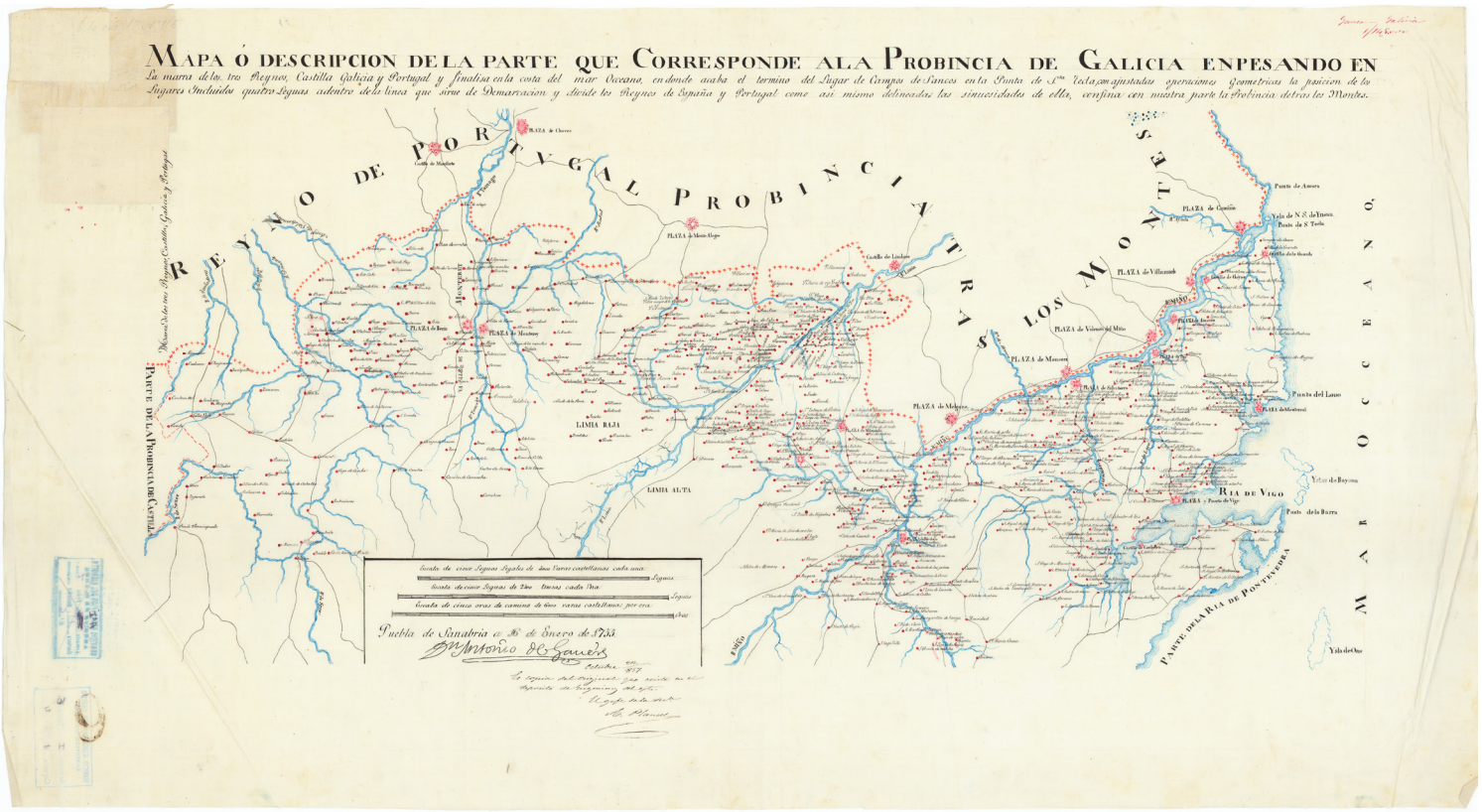
> *Num extremo, alteado sobre um balcão de pedra, está a loja do forno; no lado oposto há uma copeira saliente da parede; o tendal, constituído uma comprida laje, está ao longo da parede mais comprida; na parede fronteira há a porta sempre escancarada e uma estreita e única fresta que permite dois jactos de luza e de pó. O chão é de terra.* [90]

Embora se verifiquem, cada vez mais, construções que empregam materiais e técnicas construtivas recentes, o que acontece em praticamente todas as aldeias do nosso país, contribuindo para tal conhecimentos e fundos introduzidos pela grande comunidade emigrante, o edificado das aldeias do Couto Misto, assim como de Tourém ainda revela os traços característicos da Arquitectura Popular da região barrosã, casas de dois pisos com as paredes das casas compostas pela sobreposição, normalmente de apenas uma fiada, de toscas pedras de granito, de tamanho variável. (nas casas mais

88 O Castelo da Piconha, actualmente destruído, era uma fortaleza portuguesa localizada entre o Couto Misto e a aldeia de Tourém. Embora não se saiba exactamente a data da sua construção, pensa-se que este aparece após uma carta de foral outorgada por D.Sancho I a São Paio de Piconha, em 1187. Foi arrasado em 1221, pelas tropas de Afonso IX de Leão e reconstruído em 1388 por determinação de D. João I. Durante o reinado de D.Manuel I, foi visitado por Duarte de Armas, que o incluiu no "Livro de Fortalezas"(1495-1521). O Castelo não resistiu à Guerra Da Restauração, tendo sido demolido em 1650 pelas forças espanholas.
Com o Tratado de Limites de 1864, as terras onde o Castelo se havia erguido passaram a pertencer a Espanha.
http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=1215&muda_idioma=PT

89 GONÇALVES,José Enes , *Memória Do Couto Misto*, Estudos Transmontanos e Durienses 13, 2007, p. 313–27

90 LEMA,Paula Bordalo, Tourém Uma Aldeia Raiana Do Barroso Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1978.



i33 Mapa de uma parte da fronteira entre a Província Espanhola de Ourense e Portugal, desde o ponto em que o Rio Minho deixa de ser raia até ao Castelo de Sandin / José de Castro, Tte. Corl. Comandte. de Estado Mayor, Fechado em "Badajoz Marzo 1863", Assinatura do autor, precedida de: "Reconocimiento verificado en 1862, por comisionados de ambos reinos con teodolito y brújula" in https://trazarlalinea.com/el-tratado-de-limites-de-lisboa-preparacion-y-negociaciones-1854-1866/castro-jose-de-1828-1902-2

abastadas, no entanto, o aparelho de pedra é mais regular). Actualmente, nas coberturas das casas, o colmo já não existe, tendo sido substituído pelo uso de telhas, como acontece por toda a Região.

AS ALDEIAS PROMÍSCUAS

Talvez o exemplo que melhor clarifica a irmandade entre os povos de Trás-os-Montes e a Galiza, assim como abstracção da fronteira que se verificou ao longo da História, foi a existência de Aldeias Promiscuas (Mistas ou Mistigas) na zona de Chaves. povoações raianas com uma parte em Portugal, e outra parte em Espanha, ou seja, em que a linha de fronteira passava pelo interior da aldeia sem que isso provocasse algum tipo de transtorno na vida comunitária. Nestes povoamentos, ao contrário do que sucede em Rio de Onor e Rihonor de Castilla, não se verifica a separação física entre os vizinhos dos dois países, sendo que o contacto acontecia sem qualquer tipo de distinção.

Havia três aldeias nesta situação. Lamadarcos, Soutelinho da Raia e Cambedo da Raia, que, com o tratado de 1864, passaram a ser exclusivamente portuguesas, como moeda de troca à anexação, por parte da Coroa Espanhola, do Couto Misto.

No sentido Poente-Nascente, o primeiro povo promíscuo, no planalto da Serra do Larouco, é Soutelinho da Raia. Aqui podemos perceber através da malha urbana, socorridos pela cartografia elaborada pelo exército espanhol durante os séculos XVIII e XIX, que a Rua Direita, que une os largos que marcam o início e o fim da povoação, cada um com um cruzeiro, corresponderia ao traçado da fronteira.

O ajuste dos marcos, em Soutelinho foi o menos pronunciado, apenas se deslocando alguns metros, de forma a incluir a totalidade da aldeia em território português.

> *Artigo X. Da ponte d'Assureira a linha de separaçãoo entre as duas Monarchias se encaminhará pelos marcos ora existentes até as inmediações do povo promiscuo de Soutelinho, e passando pelos pontos que se demarcarão perto do dito povo, que ficará em territorio portuguez, tornara a encontrar o limite actual da fronteira e continuará por elle, tocando na Cruz da Fonte do Asno, Porto-Caballo de Cima e de Baixo, Penedo dos Machados e marco da Fecha, seguindo pelo ribeiro de Cambedo até à sua confluencia com o de Valle de Ladera, O povo promiscuo de Soutelinho pertenecerá a Portugal, demarcandose-lhe em territorio de Hespanha uma zona de 90 a 100 métros de largo, contigua à povoação.* [91]

91 United Nations, ed., *Treaty on Boundaries between Spain and Portugal from the Mouth of the Minho River to the Junction of the River Caya with the Guadiana*, United Nations - Treaty Series, 1982. p.255



i34 Casa atravessada pela fronteira na povoação mista de Cambedo da Raia
foto do autor



i35- Splitting, 1974, © Gordon Matta-Clark

A disposição da aldeia de Cambedo da Raia, implantada no vale da Serra do Morico, assume, essencialmente, um traçado linear em forma de L, que tem na igreja o seu "vértice". A Raia passava pelo caminho que ainda hoje tem o nome de Travessa da Fronteira, atravessando o adro da igreja, que se situava, então "do lado português", e uma casa, que tinha metade das divisões em Portugal, e a outra metade na Galiza.
Também em Lamadarcos havia uma casa rasgada pela fronteira, embora aqui se verifique a concentração do edificado à volta de dois núcleos que revelam o carácter transfronteiriço da aldeia, a igreja "portuguesa" e a aldeia "espanhola".

> *Artigo XI A raia partindo do ribeiro de Valle de Ladera seguirá o leito deste e continuará pelo limite do terme municipal hespanhol de Cambedo até Portella de Vamba para dirigirse à Penha ou Fraga da Raia. Deste ponto irá atravessando o valle do rio Tamega pelos marcos que hoje determinan a fronteira, tocará no Pontão de Lama, e logo passando próxima dos povos portuguezes de Villarelho e Villarinho, entrará no rio Tamega pela Fraga de Bigode ou Porto de Villarinho. Daqui seguirá pela veia principal do Tamega até à confluencia do rio Pequenho ou de Fezes, por onde subira até à Fraga de Maria Aloes, proseguindo depois pelo limite do termo municipal hespanhol de Lama d'Arcos até ao Outeiro de Castello Ancho.*
> *Os dous povos promiscuos Cambedo e Lama d'Arcos com seus actuáes termes municipaes ficam pertendo a Portugal.* [92]

92 ibidem p 25

As Relações Luso-Galaicas, como vimos, têm raízes profundas que se manifestam de diferentes formas. Para além da unidade cultural, traduzida nas semelhanças verificadas ao nível da ocupação do Espaço, que se identificou na primeira parte deste trabalho, a proximidade entre os povos dos dois lados da Raia manifestou-se, ao longo do século passado, enquanto um importante factor de solidariedade em momentos de resistência, tendo o seu expoente máximo a partir da Guerra Civil de Espanha.



II -DO SALTO



i36 The day after the Retirada: Portbou, 1939, Antoni Campañà



i37 i37 Leap Into the Void, 1960, Yves Klein

A GRANDE TRANSFORMAÇÃO

A civilização do século XIX ruiu, escreveu em 1944 Karl Polanyi em "A Grande Transformação" [93]. Para o fiósofo, sociólogo e historiador húngaro, a sociedade relativamente pacífica do Séc. XIX assentava em quatro instituições:

> *A primeira era o sistema de equilíbrio de poder que, durante um século, impediu a ocorrência de qualquer guerra prolongada e devastadora entre as Grandes Potências. A segunda era o padrão internacional do ouro que simbolizava uma organização única na economia mundial. A terceira era o mercado auto-regulável, que produziu um bem-estar material sem precedentes. A quarta era o estado liberal. Classificadas de um certo modo, duas dessas instituições eram económicas, duas, políticas. Classificadas de outra maneira, duas delas eram nacionais, duas, internacionais. Entre si elas determinavam os contornos característicos da história da nossa civilização.*[94]

Segundo o autor, a queda do padrão-ouro, foi preponderante para a queda de tal civilização.

"Por ocasião da sua derrocada, a maior parte das outras instituições tinham sido sacrificadas, num vão esforço para salvá-la." [95]. No entanto, refere que o eixo de tal sociedade era o mercado autorregulável, uma vez que todos os outros nasceram a partir dele. O Ouro enquanto padrão servia para garantir um sistema internacional de mercado, enquanto permitia o sistema de equilíbrio de poder dos Estados Liberais. Este equilíbrio entre os Estados permitia a existência de um relativo período de paz sem precedentes [96] , motivado pela situação económica. A emergência do sistema bancário internacional, foi fundamental neste processo de desabamento. O livre-comércio, e o crédito passavam a ser a garantia de Paz, mesmo apesar do ambiente conflituoso que marcava as pretensões coloniais (e imperialistas) das grandes potências. Embora a "Haute Finance" pudesse lucrar com o financiamento de pequenas guerras, o surgimento de conflitos armados entre os países mais ricos poderia afectar o seu negócio.

O final da década de 1870, ficou marcada pela alteração de rumo da Alemanha de Bismark, constituindo o "início de uma era de protecionismo e expansão colonial", que levou a uma aliança com o Império Austro-Húngaro e com a Itália, a Tríplice Aliança. Anos mais tarde, a Inglaterra, a França e a Rússia entraram também em acordo, criando a Triple Entente. Desta forma, o mundo ficou dividido em dois blocos, que competiam entre si,

93 POLANYI, Karl *A Grande Transformação,* trad. Fanny Wrabel, 2ºEdição, Editora Compus, 2000.

94 ibidem

95 ibidem

96 O século XIX produziu um fenómeno sem precedentes nos anais da civilização ocidental, a saber, uma paz que durou cem anos - 1815- 1914. Além da Guerra da Crimeia - um acontecimento mais ou menos. colonial - a Inglaterra, a França, a Prússia, a Áustria, a Itália e a Rússia estiveram em guerra uns com os outros apenas durante dezoito meses. (POLANYI; 2000)

97 *Quanto mais desenvolvido está o capitalismo, quanto mais sensível se torna a insuficiência de matérias--primas, quanto mais dura é a concorrência e a procura de fontes de matérias-primas em todo o mundo, tanto mais encarniçada é a luta pela aquisição de colónias" V I Lénine, O Imperialismo,* Fase Superior Do Capitalismo, Edições "Avante!, 1975



i38 Embarque do Corpo Expedicionário Português para a Flandres, 1917, Joshua Benoliel

acabando com o equilíbrio de poder que garantia a paz e abrindo caminho para a Grande Guerra. [97]

> *"A Primeira Guerra Mundial e as revoluções de pós-guerra faziam parte do século XIX. O conflito de 1914-1918 apenas precipitou e agravou desmesuradamente uma crise que ele não havia criado. Mas o cerne do dilema ainda não havia sido descoberto nessa época, horrores e as devastações da guerra pareceram aos sobreviventes a fonte óbvia dos obstáculos a uma organização internacional que havia emergido tão inesperadamente".*[98]

98
OLANYI, Karl *A Grande Transformação,* trad. Fanny Wrabel, 2ºEdição, Editora Compus, 2000.

Assim, o real início do Século XX, segundo Polanyi, apenas tem início no início da década de 30 com afundamento da economia mundial, motivada pela Grande Depressão, e o surgimento dos regimes ditatoriais.

> *Entretanto, a quebra do padrão-ouro nada mais fez do que estabelecer a data de um acontecimento demasiado grande para ser causado por ele. Nada menos do que uma destruição completa das instituições da sociedade do século XIX acompanhou a crise em grande parte do mundo, e em todos os lugares essas instituições foram modificadas e reformuladas além de todo o reconhecimento. Em muitos países o estado liberal foi substituído por ditaduras totalitárias e a instituição central do século: produção baseada em mercados livres - foi substituída por novas formas de economia. (…) No início da década de 1930, a mudança surgiu abrupta. Seus marcos foram o abandono do padrão-ouro pela Grã-Bretanha, os Planos Quinquenais na Rússia, o lançamento do New Deal, a Revolução Nacional-Socialista na Alemanha, o colapso da Liga em favor de impérios autárquicos. Enquanto no final da guerra os ideais do século XIX eram predominantes e sua influência dominou a década seguinte, já em 1940 havia desaparecido qualquer vestígio do sistema internacional e, à parte enclaves, as nações viviam uma conjuntura internacional inteiramente nova* [99]

99 ibidem

É neste contexto conturbado do pós-guerra, de recessão económica e forte contestação popular que, enquanto ferramenta de defesa dos interesses da burguesia, o fascismo se alastra pela Europa. [100]

100 BRECHT, Bertolt ,*Writing the truth: Five difficulties, 1935,*. Trad .Richard Winston http://www.informationclearinghouse.info/52530.htm

Durante a década de 1920, e na primeira metade da década seguinte, vários países europeus tinham caído em Mussolini chega ao poder em Itália, após a "Marcha sobre Roma" em 1922. Em Espanha, o golpe de estado encabeçado por Primo de Rivera, em setembro de 1923, instaura a ditadura. No nosso país, a conturbada Primeira República, teve o seu fim com o golpe



i39 Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 © Artur Pastor

militar de 28 de Maio de 1926. A ditadura militar abriu caminho para a constituição de 1933, dando início ao autodenominado Estado Novo, no mesmo ano em que Hitler é apontado chanceler da Alemanha.

O projecto ideológico, de carácter ultraconservador e nacionalista, do Salazarismo, assente na exaltação de uma suposta identidade intrinsecamente portuguesa, tem consequências no seu modelo económico, destacando-se a visão que Fernando Rosas descreve enquanto "mito da ruralidade". [101]

101 ROSAS, Fernando , *O Salazarismo e o Homem Novo: Ensaio Sobre o Estado Novo e a Questão Do Totalitarismo,* Analise Social 35, no. 157,2001:

> *Portugal é um país essencial e inevitavelmente rural, uma ruralidade tradicional tida como uma característica e uma virtude específica, donde se bebiam as verdadeiras qualidades da raça e onde se temperava o ser nacional. Tão tarde como em 1953, falando, por paradoxal que pareça, a propósito do I Plano de Fomento, Salazar dizia que «aqueles que não se deixam obcecar pela miragem do enriquecimento indefinido, mas aspiram, acima de tudo, a uma vida que embora modesta seja suficiente, sã, presa à terra, não poderiam nunca seguir por caminhos em que a agricultura cedesse à indústria». E continuava: «Sei que pagamos assim uma taxa de segurança, um preço político e económico, mas sei que a segurança e a modéstia têm também as suas compensações». A terra, portanto, como a primeira e a principal fonte da riqueza possível, o caminho da ordem e da harmonia social, o tal berço das virtudes pátrias. Daí também um discurso caro a certos sectores do regime, aliás dominante a nível do aparelho de propaganda, de crítica à industrialização, de desconfiança da técnica, de crítica da urbanização e da proletarização, ou seja, de fundamentação de uma segunda vocação, uma espécie de vocação rural da nação.*[102]

102 ibidem

A idealização desta "vocação rural da nação", tem consequências directas no território da Raia Transmontana, na medida em que a manutenção das estruturas fundiárias, a perpetuação de técnicas agrícolas ultrapassadas e a inviabilização de um processo de industrialização [103] , (apesar da existência pontual de extracção mineira, como as minas de volfrâmio, que assumem um papel importante na economia de algumas comunidades locais, sobretudo durante a 2º Guerra Mundial),contribuíram para a perpetuação da pobreza crónica da região, nomeadamente nos povoamentos mais isolados,

103 MATTOSO, José, *História de Portugal,* vol. VII Lisboa: Editorial Estampa, 1994



i40 Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 © Artur Pastor e

onde, em pleno século XX, se vivia nas mesmas condições miseráveis que as gerações anteriores.

Não se sabia onde acabava o curral e onde começava a habitação da gente. As crianças cresciam entre os porcos, nas vielas, nos pátios, por toda a parte, e, muitas vezes, o choro manso de um recém-nascido era abafado pelo mugir lamentoso de vaca a quem tinham vendido a cria. Havia casebres em que pais, filhos e netos viviam em tal promiscuidade, oito, dez, doze corpos de sexos e idades diferentes dormindo no mesmo quadrilongo fosco, as camas procurando a vizinhança do borralho, hoje como há cem anos, há quinhentos, há mil. [104]

104 CASTRPO, Ferreira de, *Terra Fria*, 8º edição., Lisboa, Guimarães & C.o, 1934.

As condições de vida eram, sei lá, eram terríveis. Não havia água em casa, tinha-se de ir buscar água à fonte. Não havia electricidade, era à candeia que víamos, à noite, ao petróleo. Eu lembro-me de instalarem electricidade na casa da minha avó, devia ter cerca de 8 anos – portanto foi só em 1978. Casas de banho, não havia, tomava-se banho ainda em alguidares. Durante o Inverno, tinha de se ficar perto da lareira, senão era muito frio. Eram estas as condições. Na aldeia, as casas eram todas assim. Não havia casas de banho…

Portanto as condições de lá eram miseráveis. As ruas, no Inverno, estavam cheias de lama e tínhamos de andar de galochas. Não é como hoje, que se vai a uma aldeia qualquer daqui do concelho de Chaves, e as ruas estão limpas e com alguma apresentação, vá. Mas não tem nada a ver, porque o gado andava pelo meio da aldeia, principalmente as vacas, e as pessoas criavam os animais todos juntos ali, muito perto delas. [105]

105 Entrevista a Ana Leal Branco, realizada pelo autor



i41 Vista do mural exterior, Pavilhão Espanhol, 1937, Exposition Internationale des Arts et Techniques dans le Vie Moderne, Paris, © Arxiu Historic del Collegi Oficial d'Arquitectes de Catalunya

A GUERRA CIVIL DE ESPANHA

Em Espanha, as sucessivas crises económicas e a convulsão social levam ao definhamento da ditadura de Primo de Rivera, que cansado, abandonado e doente, em 1930, apresenta ao rei a sua demissão, vindo a falecer no mesmo ano.[106] No ano seguinte, o resultado das eleições municipais dá a vitória aos partidos republicanos. O rei Afonso XIII, confrontado com a falta de apoio popular, decide abandonar o poder e partir para o exílio. Então, a 14 de Abril de 1931, com "grande entusiasmo popular", foi proclamada a II República Espanhola.[107]

A nova constituição republicana, promulgada a 9 de Dezembro desse ano, foi um duro golpe para o clero, que até então, tinha grande influência na vida política. O estado espanhol deixava de ter religião oficial, pelo que foi instaurada a educação laica. Os direitos das mulheres eram reconhecidos e legalizou-se o divórcio, foram reconhecidas as nacionalidades, procedeu-se à reorganização do exército e deu-se início à Reforma Agrária. A nova realidade veio trazer muitos anticorpos à recém-criada república, que teve de enfrentar a conspiração da Igreja, da burguesia, da aristocracia e das chefias militares. Após um período de grande instabilidade política, a vitória da "Frente Popular", coligação dos partidos de Esquerda, com apoio dos anarquistas, nas eleições de fevereiro de 1936, levou à rebelião dos militares.

106
http://www.congreso.es/portal/page/portal/Congreso/Congreso/Hist_Normas/PapHist/PrimoRiv

107
CASAS, Julio Martín e Pedro Carvajal Urquijo, *El Exílio Español* ,Barcelona,RBA, 2002.



i42- Despedida das Brigadas Internacionais, Robert Capa



i43-

El 18 de Julio de 1936 se alzaron en armas contra la República, el General Franco en Marruecos y el General Mola, el «director» de conjura, en el norte del país. Las tropas rebeldes, com los mercenários marroquíes y la ayuda alemana y italiana, cruzaron el Estrecho y avanzaron hacia la capital de España promitiéndose un triunfo rápido y contundente que acabara com el gobierno elegido en las urnas.[108]

108 ibidem

Os defensores da República, as milícias e o Exército Popular levantam-se sobre a incursão franquista. Tinha início a Guerra Civil de Espanha.

«¡No pasarán!», o famoso grito de batalha que a dirigente comunista Dolores Ibárruri (La Pasionaria) lançou aos «jovens, às mulheres, aos «trabalhadores de todas as camadas», para que se «[erguessem] (...) para defender as liberdades do povo, bem como as suas conquistas democráticas», contra o «levantamento militar fascista», foi sendo apropriado até aos nossos dias por todo o tipo de movimentos de resistência popular à volta do mundo. [109]

109 LOFF, Manuel *A Guerra de Espanha (1936-39): Fascismo e Antifascismo 80 Anos Depois*, Revista Diagonal, Abril 2019

O confronto rapidamente teve proporções à escala internacional. O Reino Unido e a França, com receio do cariz revolucionário da República, adoptaram uma política de não intervenção. O México e a URSS, por sua vez, armaram as forças Republicanas. Milhares de voluntários, por todo o mundo, integraram as Brigadas Internacionais, criadas pelo Komintern. A Itália de Mussolini e a Alemanha Nazi, no sentido contrário, apoiaram a sublevação franquista, com o envio de armas e tropas, possibilitando a experimentação no terreno, de novas armas e tácticas aéreas, que contribuíram decisivamente para o desequilíbrar da balança do conflito.

Em 1939, após 3 duros anos de combate, em várias frentes, a derrota na Batalha do Ebro, a eventual conquista de Barcelona e posteriormente de



i44 Aidez L'Espagne, 1937, Joan Miró,

Madrid pelos nacionalistas, leva à derrota da República e tem início a ditadura franquista.

No entanto, a repressão tinha tido início logo em 1936, nas zonas ocupadas pela sublevação militar, onde a sua autoridade, com o auxílio de milícias militares nacionalistas, nomeadamente a Falange, havia substituído a legítima autoridade do governo. Durante a Guerra, na "zona nacional", levaram-se a cabo, nas ruas, em valetas e junto aos muros de cemitérios inúmeros fuzilamentos em massa, com o objectivo de não deixar "rojos" na retaguarda.[110] Em 1936, O general Mola, que juntamente com Franco liderava a sublevação militar, havia ordenado:

110 CASAS, Julio Martín e Pedro Carvajal Urquijo, *El Exílio Español* ,Barcelona,RBA, 2002.

> *Se tendrá en cuenta que la acción ha de ser en extremo violenta para reducir lo antes posible al enemigo, que es fuerte y bien organizado. Desde luego, serán encarcelados todos los directivos de los partidos políticos, sociedades o sindicatos no afectos al movimiento, aplicándoles castigos ejemplares a dichos individuos para estrangular los movimientos de rebeldía o huelgas. Las vacilaciones no conducen más que al fracasso. Es necessário propagar una atmosfera de terror. Cualquiera que sea abierta o secretamente del Frente Popular debe ser fusilado.* [111]

111 General Mola, instrucción de 19 de julio do 1936). nuevatribuna.es/articulo/cultura---ocio/1936-1939-como-masacro-ferrol/20191016160626167175.html

Na Galiza, como refere Dioníso Pereira, o período de guerra distingue-se de outras regiões de Espanha pelo facto de esta ter caído às mãos de Franco em apenas 10 dias, não se tornando efetivamente em palco de batalha, mas sim de execuções sumárias, sem julgamento, os chamados paseos.

> *Na Galiza non houbo guerra, a Galiza só foi retagarda, non hai guerra. O que houbo foi asasinatos, matar. Quer dixer, na Galiza hai 10 dias de confrontos armados, 10 dias. O último lugar da Galiza que cae con Franco é precisamente a zona da Gudiña, onde estívenos nós, alí en Campobecerros, esa zona foi a última, que cae no dia 29 de Xullo, ou séa 11 dias despois do golpe militar. Na Galiza non hai guerra, o que acontece é moitísimos asasinatos sen xuízo. Está documentado que dous terzos, 65 por cento dos 8000 asasinatos que hai, son sen xuízo. A terza parte, os restantes 35 por cento, son asasinatos, ou en fusilamentos, despois de xuízo, ou en malos-tratos, enfermidades nas cadeas, nas prisións. Entón , é un réxime de terror…. Só na Galiza, 8000 mortos…. No total da España fala-se en 150000 pésoas asasinadas...*[112]

112 Entrevista a Dionísio Pereira, realizada pelo autor



i 45 Esconderijo de Esteban na casa de Don Pedro no lugar de Nogueiras, Olga Novo

Podemos falar, então de um ambiente de terror, em que qualquer pessoa, assim como a sua famíla, podia ser acusada e represaliada.

> *Às vítimas pola sua ideoloxía sumáronse os assassinados por rancores, envexas ou ou ambicións dos represores ou de delatores anónimos ou de delatores anónimos; cualquiera podía ser denunciado, calquero podía ser passeado, calquera incidente podía rematar na perda da liberdade ou davida. Era o reino do terror. Non ficou aldeia nin família na Galicia que non chorase as víctimas ou ocultase verdugos.* [113]

113 CORTÓN, David, "*Cambedo 1946: Notas Para Situar a Traxédia," in O Cambedo Da Raia, 1946*, 2004.

Desta forma, de modo a sobreviver, os republicanos galegos tinham 4 alternativas, que configuram presenças/ausências completamente distintas no espaço público:

A primeira, e única que permitia uma vida relativamente normal, era "a incorporação no Exército ou na Falange, pretendendo despertar menos suspeitas e tornando-se os maiores perseguidores dos antigos companheiros."[114]

114 GODINHO, Paula, *Oír o Galo Cantar Dúas Veces Identificacións Locais, Culturas Das Marxes e Construción de Nacións Na Fronteira Entre Portugal e Galicia,* no prelo, 2008

A segunda, no sentido oposto, era esconder-se, como toupeiras, nas próprias aldeias, podendo contar com o auxílio de vizinhos ou familiares, encontrando esconderijos, tornando-se invisíveis no interior das habitações. Tal foi o caso de Esteban Quiñones Nistal, um jovem de San Cristóbal de La Polantera, província de León, militante da Unión Republicana, que se escondeu no início da Guerra. Temendo pela vida, Quiñones decide refugiar-se na casa de familiares, na aldeia de Nogueiras, Pobra do Brollón. Contava com três refúgios, em função do grau de perigo. No piso de cima da casa, tinha um quarto. No rés-do-chão, podia esconder-se num buraco escavado na parede, que servia para guardar lenha, junto ao pátio, que era depois tapado por uma grande pedra de lousa. Se os falangistas se aproximassem e não se sentisse seguro, podia atravessar o rio Saa e refugiar-se no castro de São Lourenço, na entrada de uma mina. [115]

115 https://luzes.gal/08/08/2019/opinion/don-esteban-no-burato-dos-mouros/

O arqueólogo Xurxo Ayán Vila refere também o percurso de Juan Tizón Herreros. Natural de A Coruña, ferroviário e militante do PSOE, foi eleito alcaide de Monforte de Lemos, na provínica de Lugo, em 1936. Perante a sublevação militar, encabeçou a milícia popular que partiu de Monforte para Lugo, mas quando aí chega, a cidade já estava nas mãos dos franquistas.[116] Decide então fugir.

116 https://fpabloiglesias.es/entrada-db/5126_tizon-herreros-juan/



I46 Off ce Baroque, 1977,
Gor-don Matta-Clark

En nuestro proyecto etnoarqueológico Adegas da Memoria hemos podido reconstruir su periplo. Durante un tiempo se refugió en un horno de la aldea de Costaneiro, en la parroquia de Rozabales (Monforte de Lemos). De ahí pasó a una bodega en el actual conjunto etnográfico de las bodegas de Vilachá (A Pobra do Brollón). Este lugar ya había servido de refugio temporal a dos hermanos acusados de un homicidio en los años 1920, y que lograron huir a Argentina. El propio Tizón denominó a su refugio como la "Cueva" (de hecho, en gallego se les llama covas también a estas bodegas excavadas en la roca). Actualmente en ruinas, hemos podido limpiar, documentar y excavar los restos de la estructura que va a ser reconstruida en breve por su nuevo propietario. Aquí Tizón escribió un poemario anticlerical en gallego), una obra de teatro en la que ensalzaba a la Unión Soviética y unas memorias. Mientras tanto, las batidas de falangistas en su busca se sucedían, acompañadas de asesinatos y palizas a vecinos y colaboradores. La situación se hizo insostenible y el alcalde fue evacuado; vecinos le ayudaron a cruzar el cañón del Río Sil y se refugió en Torbeo (Ribas de Sil), en un "sequeiro", estructura tradicional utilizada como secadero de las castañas en otoño. Finalmente, un pastor logró sacarlo de Galicia por las montañas orensanas (por la misma ruta que seguirían años después judíos europeos y aviadores aliados) y cruzó la frontera con Portugal. En Oporto vivió bajo una identidad falsa y fue acogido por la familia del opositor salazarista Mário Soares. Su salud quedó muy dañada de sus años de topo. La humedad de la cueva de Vilachá se cebó con él, muriendo joven en 1945, sin poder volver a casa.[117]

117 VILA , Xurxo Ayán, *Etnoarqueología de La Represión Franquista En A Pobra Do Brollón (Galicia,España) (1936-1949)*," VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica 13, no. 2 (2019).

Também Antonio Nieves Ferreiro, conhecido por O Narote, natural de Escairón, Lugo, se escondeu de forma semelhante. Militar, em serviço na base aérea de León, participou na Revolução das Astúrias de 1934, tendo sido preso após o falhanço do golpe. Com a vitória da Frente Popular nas eleições de 1936, foi amnistiado, regressando à sua aldeia. Após o golpe fascista de 18 de Julho do mesmo ano decide esconder-se nas proximidades.

"Los dos primeros meses, el huido alternó dos escondites. Pasaba 15 días en el muíño do Pimento, a tres kilómetros del pueblo, y otros tantos en la cueva de la Pena de Abeado, a 8 kilómetros. En el molino, cuando venía alguien ajeno a la familia que lo protegía, Antonio se echaba al río y se escondía bajo las aspas. Pero se cansó del frío y el hambre, y volvió a Escairón camuflado en un carro de

118 *"Me subleve por mi conciencia"* Entrevista de Antonio Nieves Ferreiro a Silvia Pontevedra, El País, 20/10/2007



i 47 Esconderijo de Esteban no Burato dos Mouros, © Proxecto Arqueolóxico do Castro de San Lourenzo

centeno. Y pasó por delante del cuartelillo con la adrenalina por las nubes.[118]

Posteriormente, refugia-se em sua casa, onde consegue aceder a um espaço sobre o forro do tecto, trepando pela lareira. Desenvolve também um esconderijo no interior da parede que fazia o parapeito de uma janela, ao qual acedia pelo chão, removendo as tábuas do soalho.

En su casa improvisó primero un escondrijo, trepando por la lareira hasta las tablas que ocultaban el tejado, y luego ingenió un zulo aprovechando el grosor de la pared. Cuando venían a buscarlo, levantaba unas maderas del suelo y se encajaba en el espacio que había abierto bajo el alféizar de una ventana. "La necesidad hace maravillas", dice, recordando que otro vecino ideó un escondite al que se accedía por una trampilla oculta bajo una cama que iba a dar a un corral con conejos. "Había que meterse con los conejos, y pelearse con uno gigante que se ponía muy nervioso, para alcanzar otra compuerta debajo y llegar a un espacio abierto en los cimientos".En su zulo de la pared, Antonio se metía siempre con una pistola y una bomba de mano. Si descubrían su escondite, estaba decidido a matarse. "Muchas veces tuve sus botas pegadas a la nariz, y les oía decir "carallo, din que está na casa". Por allí pasaban los falangistas y dos sacerdotes de la zona, con don Daniel, el párroco de Vilacaiz, al frente. "Los curas venían, pistola al cinto, dispuestos a llevarme al cielo por la vía rápida" .[119]

119 ibidem

Estes não são casos isolados, tendo sido uma prática comum em todo o território espanhol. Quando, em 1969, o regime franquista decretou o indulto a todos os crimes cometidos antes da vitória na Guerra Civil, centenas de "topos" puderam retomar as suas vidas. Muitos, desconfiados, só voltaram a ser vistos, após a morte de Franco, em 1977.

É o caso de Angel Blazquez, de Béjar, Castela e Leão. Operário da construção civil e membro da CNT, sindicato anarquista. Com apenas 23 anos, participou no levantamento revolucionário de 1934 [120], tendo sido preso pelas forças republicanas, e libertado no ano seguinte. Sentindo-se injustiçado, decide rumar a Portugal, atravessando a fronteira Portuguesa por Zarza la Mayor e Salvaterra de Extremos, no concelho de Idanha-a-Nova, rumo a Castelo Branco, onde permaneceu 3 meses.

120 greve dos mineiros asturianos que desencadeou uma greve geral de carácter revolucionário por todo o território espanhol ver https://libcom.org/history/1934-asturias-revolt

Nos pasó la frontera un zapatero de Zarza la Mayor, que nos pidió 15 pesetas por ha-cerlo. Le dimos 25, de las 400 pesetas que llevábamos en total los cuatro compañeros. Al ponernos en camino,



i48 Bingo, 1974, Gordon Matta-Clark

ya de noche, nos advirtió un contrabandista, de aquellos que se dedicaban a pasar café a Espana, que tuviéramos mucho cuidado, pues la noche anterior había habido un fuerte tiroteo entre carabineros espanoles y un grupo de contrabandistas. La advertencia que nos hizo fue ésta: «Cuidado, porque tiran a los pies!». Después, nuestra estanda en Castelo Branco fue relativamente grata, porque grupos de obreros portugueses nos llegaron a pagar la pensión durante dos o três semanas, a base de hacer colectas entre todos, cuando no recibíamos del Comité pro presos de los Sindica tos de Béjar las cantidades acordadas (un jornal de 7 pesetas diárias por el tiempo de prisión). [121]

121 RUIPÉREZ, Maria, *Béjar: Veinte Años Como 'Hombre Oculto': La Larga Historia de Un Militante,*" Tiempo de Historia 22 ,1976.- entrevista a Angel Blazquez

Uma vez que permanecia em Portugal sem documentos, foi expulso do país, entregue às autoridades espanholas na fronteira, preso novamente, ficando em Salamanca até ser amnistiado, após a vitória da Frente Popular nas eleições de 1936. Quando se dá início a sublevação militar, temendo represálias, decide esconder-se em casa, num pequeno espaço entre o tecto da cozinha e o telhado da casa.

Las condiciones de mi escondite eran francamente infrahumanas. Era un desván aislado que no tenía entrada más que por una gatera del tejado. Allí permaneci durante cuatro años. Las dimensiones eran de unos 5 metros de largo escasos por 1,80 de ancho, y 50 centímetros de altura en la parte más baja y 1,25 metros en la parte más alta. No podía permanecer mas que sentado o echado. Las deposiciones las hacía en una vasija y las arrojabaa otro tejado colindante por un pequeno agujero. La alimentación la recibía por otro hueco de la chimenea de la cocina que hay debajo, tan pequeño que no cabía un plato. Mi madre me daba los alimentos metiendo la cuchara, que yo cogía por el otro lado del tabique. Los líquidos (café, leche, agua) los absorbía por una paja gruesa del campo: ella ponía los recipientes cerca del agujero y yo bebía por el otro lado del tabique.[122]

122 ibidem

Situação semelhante encontrou Manuel Cortés Quero, barbeiro e alcalde socialista de Mijas, na Andaluzia, sul de Espanha, casado e com uma filha pequena, que viveu 30 anos escondido. Após o Alzamento, esteve nas barricadas até ao fim da Guerra. Com a vitória franquista, regressa à povoação, encontrando refúgio na casa do seu pai, num pequeno espaço, onde antes estava um armário, que havia sido emparedado.
Apoiando-se primeiro numa cadeira e depois numa cómoda, escondia-se



i49, cena do filme "30 años de oscuridad", de H.mARTIN sobre a vida dos Topos, 2012

entrando por um buraco na parede, que estava tapado por um quadro de S.José, ficando escondido neste espaço durante dois anos.

> *El armario, tapiado, tenia un muro grueso: si los falangistas golpeaban allí con sus fuziles no hubiera sonado a hueco. Salía de noche, como las lechuzas, para expansionarme un poco, para estirar las piernas agarrotadas, mover los brazos.*[123]

123 LEGUINECHE, Manuel , Torbado. Jesús, Los Topos, Capitán Swing libros, 2020.

Mais tarde, a sua esposa Juliana aluga uma casa que permitia ter um esconderijo maior e mais confortável, onde Cortés poderia até passar algum tempo com a família. Parte para a nova casa numa noite chuvosa, disfarçado de idosa e esconde-se num armário nos primeiros dias, à medida que vai construindo um novo abrigo, desta vez entaipando, de cima a baixo, o espaço debaixo da escada. A entrada para este espaço dava-se pelo sótão, onde tinha recortado um alçapão que permitia a passagem.

> *"Nada más llegar pusimos manos a la obra. Había que descombrar el armario, sacar los trastos y dejarlo limpio. Ese fue mi refugio durante unos días, hasta que preparé uno nuevo. Estaba situado bajo la escalera, que taladré. Abrí un boquete que venía a parar al hueco. Sobre el orificio encajé una especie de loza de yeso que pinté de colorado.*[124]

124 ibidem

Nestas condições fica dez anos, até 1951, ano em que o casal, agora com uma neta, compra uma casa na mesma rua. Com dois pisos, tinha mais liberdade de circulação, mas continuava enclausurado, sem poder sair de casa durante mais dezoito anos, nem mesmo para atender ao funeral da neta, entretanto vítima de leucemia. Se o fizesse e fosse visto, arriscava-se a ser "passeado", como tinha sucedido aos alcaides republicanos das povoações vizinhas, durante a Guerra.

> *Allí no fue necessário el desván, la alacena o el tabique doble. La casa tenía dos Pisos. Mi habitación estaba situada en el de atrriba u en ella permanecí mientras los albañiles trabajaban en la planta de abajo. Organizamos la casa de forma, que la nueva distribucion me permitió moverme libremente por la planta alta sin ser visto desde abajo* [125]

125 ibidem



i50 Refugees on the road from Barcelona to the French border, 1939, © Robert Capa and Cornell Capa Archive

A SOLIDARIEDADE

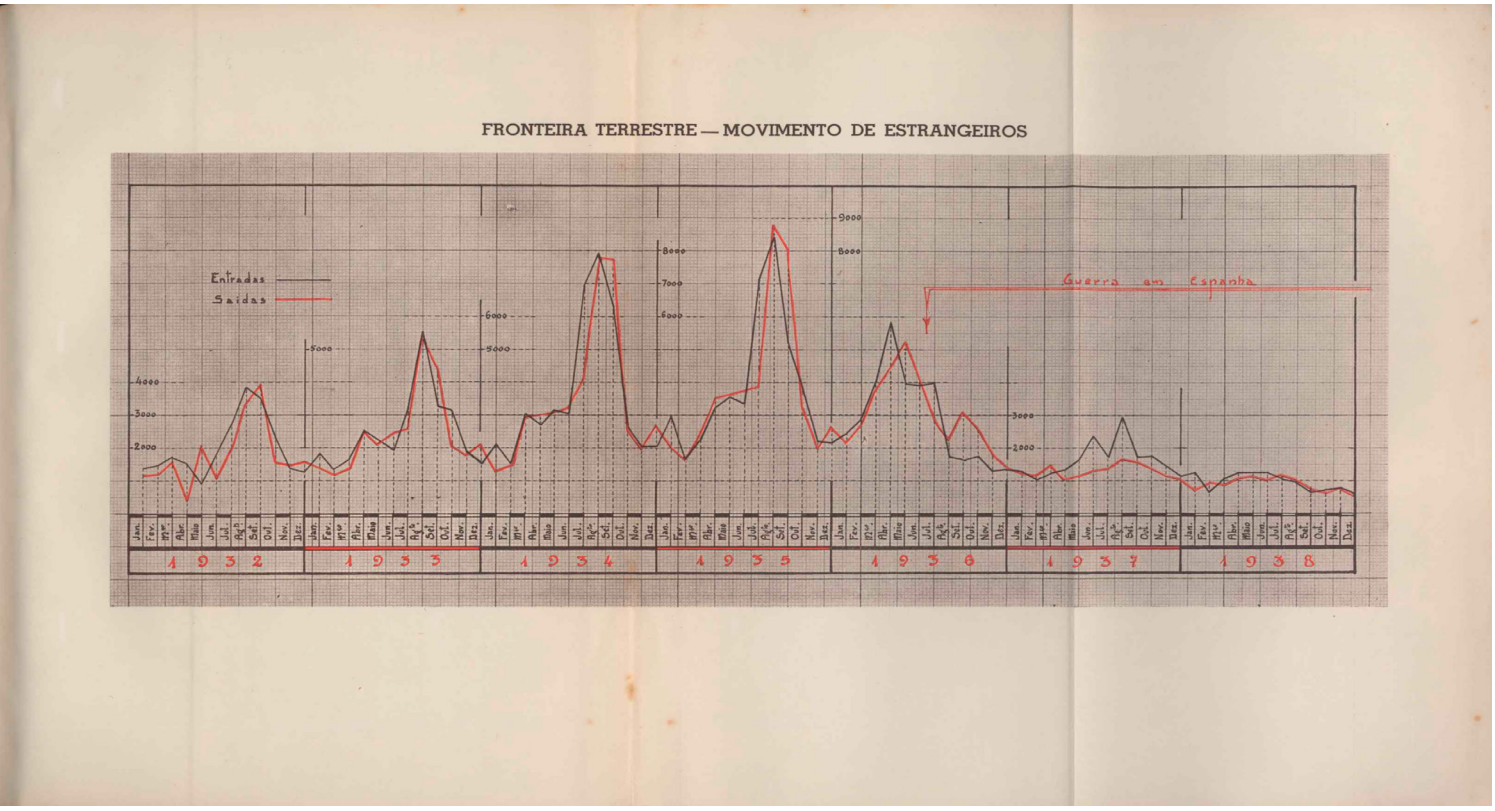
O terceiro mecanismo de sobrevivência era fugir do país, ou pelo menos das zonas controladas pelos nacionalistas. Uma das principais consequências dos conflitos armados e dos regimes ditatoriais é a deslocação de refugiados. Também na Espanha dos anos 30, tal sucedeu. Logo a partir do golpe fascista, verifica-se um êxodo das populações para as zonas republicanas e a evacuação de crianças para vários países. Com o avanço das forças nacionalistas e a consequente derrota da República, cerca de meio milhão de Espanhóis passam a fronteira para França, onde vivem em condições precárias em Campos de Refugiados, no Sul do país e na Argélia, situação que agravar-se-ia com o início da Segunda Guerra Mundial. Muitos regressaram a Espanha após o fim da Guera, outros partiram para o Exílio, nomeadamente para a América do Sul, com particular destaque para o México. Durante o governo colaboracionista de Vichy, muitos ex-combatentes são deportados para campos de concentração nazis. Segundo um estudo promovido pelo Memorial Democràtic da Generalitat da Catalunha, houve um total de 9.161 deportados, entre 1940 e 1944, dos quais, cerca de 60% foram mortos nestes campos. [126]

126 https://www.la-vanguardia.com/cultura/20200505/48973724359/registro-online-espanoles-campos-concentracion-nazi.html O estudo citado encontra-se disponível em: https://banc.memoria.gencat.cat/ca/app/#/results/deportats?

No caso concreto da Galiza, apesar das dificuldades causadas pelo apoio da ditadura salazarista a Franco [127] , entrar em Portugal apresentava-se como a única alternativa viável,ainda que na maior parte das vezes, tal era um passo intermédio rumo, quer às zonas republicanas, quer aos países da América Latina, como refere Dionísio Pereira:

127 LOFF, Manuel, *As contradições do nacionalismo* in Revista Visão História, Fevereiro 2019.

> *Bueno, eu penso que había galegos e españois (na Estrenadura tamén aconteceu o mesmo), que pretendían retornar à zona republicana, ao territorio republicano, normalmente por Porto ou por Lisboa por mar, como aconteceu en 36 con o barco transatlántico Niassa, que van mil picos de pésoas, moitas delas galegas, (que van) de Lisboa para Tarragona, para a zona republicana. Son os que van combater en prol da República. Outros queren chegar ao Porto e Lisboa, para despois pasar à América. Para a Arxentina, Cuba, mas sobre todo Arxentina e Uruguai. A terceira opción era ficar en Portugal, a traballar.*
> *Na Galiza, sempre houbo emigración importante para Portugal, Porto e Lisboa - no séc. XIX é moito importante. En Lisboa, os traballadores que levan a auga, ..., os estibadores dos portos, moitos deles eran galegos, e despois había moitos galegos no Porto e Lisboa que tiñan pequenos hoteis, pequenas pensións, casas de*



i51 1939), "Relatório remetido pelo Capitão Agostinho Lourenço, Director da PVDE, ao Ministro do Interior, sobre a actividade da polícia política entre 1932 e 1938.", Fundação Mário Soares / DFR - Documentos Fernando Rosas

comidas e lugares de durmida. Estas pésoas as veses foran os que axudaran aqueles fuxidos que ían para a América ou ficaban en Portugal a traballar, clandestinos.
Clandestinos, mas cubertos pela comunidade galega que xa traballaba, e xa existía en Lisboa hai moito tenpo atrás. Hai xente que o que quer é ficar desapercibida en uña grande cidade, como Lisboa, e aí traballar, traballar normalmente. Con un pouquiño de tenpo o idioma vai-se aprendendo ben, e un galego en Lisboa pode pasar desapercibido a traballar. Eu acho que son as 3, digamos, actitudes. [128]

128 Entrevista a Dionísio Pereira, realizada pelo autor

Há que ter em conta, nesta questão, uma das características da matriz nacionalista do Salazarismo, a sua posição relativamente às fronteiras e o controlo das mesmas enquanto instrumento de defesa do regime, desafiada pelas populações raianas, não tanto por questões marcadamente ideológicas, mas como vimos, pelo contacto e laços de familiaridade e amizade que sempre uniu estes povos.

Podemos afirmar que até às primeiras décadas do século XX, os atravessamentos na Raia eram relativamente facilitados, ainda que em 1885, havia já sido constituída a Guarda-Fiscal, responsável pela vigilância das fronteiras, sobretudo de forma a combater a prática do Contrabando.

No entanto, após a eclosão da Guerra Civil de Espanha e a vaga de refugiados daí resultante, face à entrada de «indesejáveis», a presença do poder autoritário do Estado Novo é reforçada, assistindo-se ao reforço da limitação, vigia e repressão dos contactos transfronteiriços. Para tal foi determinante a criação da PVDE, Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, em 1933, resultado da fusão entre Polícia Internacional Portuguesa e a Polícia de Defesa Política e Social provenientes da ditadura militar, que em 1945 daria lugar à PIDE [129]*, e em 1969 à DGS.*[130]

129 Polícia Internacional e de Defesa do Estado

No contexto do Estado Novo, regime autoritário e autocrata, que receava o contacto com o exterior e a perniciosa influência que tal poderia ter na sociedade portuguesa, os governantes viram se confrontados com a entrada massiva de refugiados, um dos principais problemas com que Salazar e as autoridades portugueses tiveram de lidar durante este período. (…) Devido à complexidade do problema, a PVDE não atuou sozinha e contou com uma colaboração bastante próxima de outras forças policiais, como foi o caso da Guarda Nacional Republicana (GNR), da Polícia de Segurança

130 Direcção-Geral de Seguramça

131 FARIA, Fernando Alexandre "*Refugiados Em Portugal. Fronteira e Vigilância No Tempo Da Guerra Civil de Espanha (1936-1939),"* Revista Portuguesa de História 48,2017



i52 Casa onde morava o Professor Barros, Tourém.Foto do autor

Pública (PSP) e da Guarda Fiscal (GF), esta última diretamente responsável pelo controlo e vigilância das fronteiras.[131]

132 CASTRO,Mariana *"Controlo, Vigilância e Repressão: A Evolução e Ação Da Guarda Fiscal Em Portugal (1885-1945),"* Revista de História Da Sociedade e Da Cultura 18,2018

133 Diário do Govêrno n.º 195/1933, Série I de 1933-08-29,

Se a Guarda-Fiscal, actuava nas fronteiras, tendo "como principal função evitar, descobrir e reprimir qualquer ato de comércio fraudulento, quer fosse contrabando, descaminho de direitos ou transgressões fiscais"[132] , à PVDE competia a repressão dos "crimes" de natureza política e social e o controlo dos cidadãos estrangeiros que entravam em Portugal, evitando assim a entrada de "indesejáveis" no nosso país [133] . Durante a Guerra Civil e nos anos posteriores, a polícia política portuguesa colaborou com as forças franquistas, entregando-lhes os fugidos que conseguisse deter, sujeitos ser prontamente fuzilados, assim que voltassem a entrar em território espanhol.

Em Julho de 1936 surge a guerra civil em Espanha. Conhecia esta Polícia, com bastante minúcia, a organização revolucionária espanhola de carácter extremista e os seus meios de acção, como também era do seu conhecimento a preparação que ele-mentos das «direitas», com o apoio de grande parte do exército, faziam para um movimento «nacionalista». Sabia-se também das ligações estabelecidas entre revolucionários portuguêses, de diversas ideologias políticas, com os seus afins espanhóis e, como consequência dêste facto, foi possível tomar, a tempo e horas, disposições que evitaram a repercussão em Portugal dos acontecimentos que durante tanto tempo ensanguentaram o país vizinho. Foi trabalho árduo para todos os componentes desta Polícia o que se exerceu até à ocupação pelas forças Nacionalistas de toda a fron-teira hispano-portuguesa, ocupada de início pelos extremistas espanhóis. Não só a vigilância de fronteira absorvia uma grande parte do pessoal, como a que era preciso exercer-se internamente, esgotava o restante. Inutilizaram-se várias tentativas de alteração de ordem pública e conseguiu-se evitar a infiltração de um grande número de indesejáveis que procuravam refúgio no nosso País, quando as forças nacionalistas já estendiam a sua ocupação até à fronteira.[134]

134 (1939), "Relatório remetido pelo Capitão Agostinho Lourenço, Director da PVDE, ao Ministro do Interior, sobre a actividade da polícia política entre 1932 e 1938.", Fundação Mário Soares / DFR - Documentos Fernando Rosas,

No entanto, a partir das identificadas relações comunitá-rias históricas na Raia Transmontana, assim como o espírito de solidariedade que a partir delas despontou, este período é marcado pelo auxílio das populações raianas, que desenvolveram mecanismos que permitiram esconder os refugiados do país vizinho em Portugal.



i53 placa em homengaem ao prof. Barros,Tourém. foto do autor

Palheiros, tetos falsos, túneis, alçapões, grutas, tudo serviu para esconder os espanhóis de quem os procurava: a polícia política, então designada de PVDE, sempre a trabalhar em concertação com a Guarda Civil Espanhola[135]

135 fONSECA, Pedro Prostes, *Contra as ordens de Salazar, Lisboa, matéria prima, 2016*

Segundo afirma Bento da Cruz, praticamente todas as aldeias barrosãs acolheram refugiados, mas o mesmo acontece um pouco por toda a Raia:

Vieram, de certo modo, preencher as vagas dos criados de servir, categoria social hoje extinta, mas ao tempo, muito numerosa e representativa na débil economia barrosã. Todos os lavradores, por mais modestos que fossem, tinham um, dois, três ou mais criados. Tudo dependia do agregado familiar, da extensão dos terrenos, do número de vacas, da grandeza dos rebanhos [136]

136 CRUZ, Bento da, *Guerrilheiros Antifranquistas Em Trás-Os-Montes,* 2o Edição, Lisboa: Âncora Editora, 2005

Aqui, mesmo as autoridades locais, pelo menos nos primeiros dois anos da Guerra, eram complacentes com a situação:

É verdade que os guardas republicanos tinham ordens para os prender. Mas não se empenhavam muito nisso. Onde quer que os vissem, ou faziam vista grossa ou simulavam uma perseguição que acabava sempre pela fuga do perseguido." [137]

137 ibidem

Uma das aldeias que albergou mais fuxidos, foi Tourém, localizada no concelho se Montalegre e que historicamente sempre teve relações com as povoações galegas. Era precisamente a aldeia ligada ao Couto Misto, agora pertencente a Espanha, pelo caminho privilegiado. Perto do largo do Forno do Povo, espaço de reunião dos habitantes da aldeia e tradicional espa-ço de acolhimento de forasteiros, vivia numa casa fidalga o professor Manuel Barros, que abrigou vários espanhóis fugidos em Portugal, ajudando-os a chegar ao destino que pretendiam.

"Simpático e popular era o professor. Os alunos adoravam-no. Dava aulas na própria casa, bela mansão antiga, numa ampla e vistosa sala separada do resto edifício por um nobre passadiço de pedra lançado em arco sobre a via pública"[138]

138 CRUZ, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro,* Lisboa: Editorial Notícias, 1992.



i54-Pensão Rito, Chaves, foto de Frenando Ribeiro

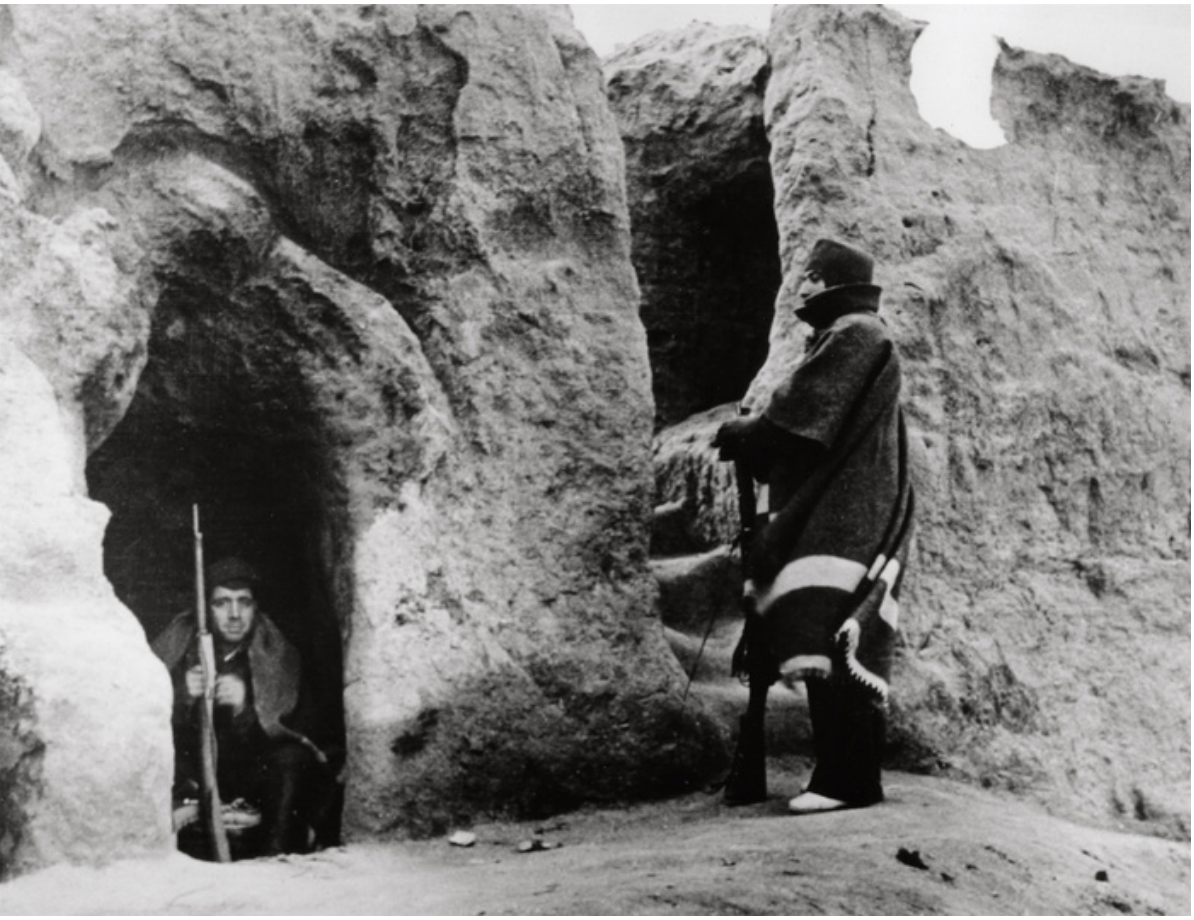
Esse foi o caso de Luis Soto, natural de A Bola, na província de Ourense, militante comunista, e professor primário. Com o início da Guerra Civil, fugiu para as montanhas, e posteriormente foi encaminhado para Tourém, *"un pobiño que tiña entón corenta veciños e no intre en que eu recalei nesa aldeiña había oitenta refuxiados galegos, todos sen un can e sen teren que comer."*[139] , onde ficou em casa do Professor Barros, que o ajudou a preparar o trajecto de fuga, que consistia em deslocar-se de Tourém até Braga pelo monte. Daí apanharia um comboio até Lisboa, onde permaneceu uma noite em casa de um "velho maçon". No dia seguinte partiu para Bordéus, clandestinamente, num barco vindo da Argentina. De França, volta para Espanha, desta vez para Sevilha, na altura ainda controlada pela República. Com o fim da Guerra, segue para o exílio no México. [140]

139 Luís Soto Fernández descreve Tourém nas suas memórias: *Os corenta veciños, pobres de solemnidade, axudaban ós nosos fuxidos, pois só había dúas familias que se desenvolvían económicamente ben: o farmacéutico e o profesor Barros, un conservador, oliveirista, pero con sentido humano, mentres que o señor Barros,que era masón e mestre de escola, era antifascista"* https://www.diariodepontevedra.es/articulo/noticias/homenaxe-ao-pobo-de-tourem/20140310220100243971.html

A aldeia Vila da Ponte, também no concelho de Montalegre, se destaca neste sentido, como refere Jorge Fernandes Alves, sendo neste caso fundamental, o papel do pároco da aldeia.

> *Há, no entanto, uma freguesia que ainda hoje permanece como referência na memória dos que viveram o acontecimento, quer portugueses, quer espanhóis: Vila da Ponte. Ex-refugiados que pudemos contactar em Espanha têm urna veneração especial por esta terra; mesmo os que lá não estiveram escondidos ouviram falar dela, do que lá se passava. Um nome está popularizado e simboliza a ajuda que os portugueses concederam aos espanhóis, nesse tempo: o do falecido P.e Afonso Baptista. Toda a gente em Montalegre lhe recorda o perfil: orador brilhante, trabalhou no ar-cebispado de Braga, antes de vir para a sua terra; politicamente foi um entusiasta pelos Centros Católicos, ajudando a fundar o de Montalegre, e escrevendo artigos de propaganda da ideologia que os informava. Foi amigo íntimo do Cardeal Cerejeira e chegou à fala com Salazar, o que lhe dava um prestígio tal que o tornava temido, mesmo pelas autoridades do regime então vigente.*
>
> *Na altura da guerra civil espanhola era professor no liceu de Chaves, o que lhe permitiu contactos fáceis com as forças policiais e autoridades (como dissemos, em Chaves acabavam por se concentrar na mesma pessoa- o cap. Borges), vivendo num vaivém constante entre Chaves e Vila da Ponte. O P.e Afonso Baptista defendia publicamente o auxílio aos refugiados, e a sua casa e a dos seus familiares sempre estiveram abertas aos que, nesse campo, lhe solicitaram auxílio.*

140 CRUZ, Bento da, *Guerrilheiros Antifranquistas Em Trás-Os--Montes,* 2o Edição, Lisboa: Âncora Editora, 2005



i55 Republican soldiers, trenches, University City, Madrid, 1939, © Robert Capa and Cornell Capa Archive

Disse-nos o Sr. Domingos Baptista, irmão do falecido P.e Baptista, que a casa da família tinha mesmo a vantagem de possuir uma mina que servia de esconderijo nos momentos de patrulhas da GNR, que passaram a ser frequentes a partir de certa altura, como veremos. Nessas ocasiões, os refugiados da casa Baptista «fugiam do monte para casa, ao contrário dos das outras casas que fugiam das casas para o monte». Na verdade, os galegos que tinham de trabalhar no campo viviam em pleno sobressalto, pois as patrulhas da GNR podiam surpreendê-los, tanto mais que passaram a ser mais assí-duas nas suas visitas à povoação, por ordens superiores, pois era do conhecimento público a existência de numerosos refugiados, bem como as facilidades que lá encontravam. Houve casos de trabalhadores espanhóis (refugiados,claro) que foram mortos em fuga, após serem surpreendidos pela Guarda Fiscal (desta vez) – aconteceu no concelho de Boticas. [141]

141 ALVES, Jorge Ferreira *O Barroso e a Guerra Civil de Espanha,* Cadernos Culturais, vol. 2 (Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre, 1987. p.21

Embora o meio rural, pelo isolamento a que sempre esteve remetido, fosse o meio privilegiado para o acolhimento de refugiados, também os meios urbanos da Raia foram lugar de acolhimento. Como nos conta Marília Cunha, também a cidade de Chaves recebeu refugiados, havendo ainda edifícios e estabelecimentos que carregam as memórias deste acolhimento.

E lembro-me de as pessoas falarem, o meu pai falava com terror de todos os espanhóis que fugiam pela fronteira e que chegavam aqui e apanhavam-nos, as autoridades portuguesas. A polícia naquela altura era a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, a PVDE, era que acho que era assim. Era antes da Pide, claro. Os espanhóis se fossem apanhados, eram entregues na fronteira e fuzilados imediatamente. Então há uma pessoa que era espanhola e que vinha de Verin. Foi o primeiro proprietário do bar Aurora, aqui em Chaves. Foi ele que fez e criou e abriu o Bar Aurora. A família dele já tinha um café, tinha um irmão que era, advogado, outro que era médico, outra era não sei quê. O Avelino, dor bar Aurora, que era um homem bastante culto e que enfim, penso que ele não era comunista, mas era de esquerda. E esse veio-se refugiar cá em Chaves quando foi aquilo das perseguições. E eu conheci-o pessoalmente, foi ele que organizou o meu almoço de casamento. Digamos que ele era um especialista em organizar coisas comidas boas e coisas assim, mas, anteriormente, o meu pai contava que ele esteve refugiado num sítio que ainda existe agora e que se chamava Pensão Rito que era nas Longras. (Tu sabes quem vai, portanto,



i56 Construções primitivas em Portugal, 1988, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira © Etnográfica Press

ali ao pé do Palácio da Justiça ali na esquina há um prédio está quase a cair, esse era a pensão Rito)
E o Avelino não sei como esteve lá escondido. Esteve lá escondido durante tempos. O meu pai veio aqui para gerente da Caixa Geral de Depósitos. Era de Vila Real, mas veio da Régua deslocado para aqui e estava nessa pensão. E contou-me que o Avelino esteve lá escondido e ninguém sabia, ninguém dava conta, mas um dia foi a casa de banho e esqueceu se de fechar a porta. E alguém na pensão abriu a porta. "Está aqui um Homem!" Assim com uma surpresa enorme, que não podia ter acontecido, mas pronto, lá se resolveu. [142]

142 Entrevista a Marília Cunha, realizada pelo autor.

A GUERRILHA

A orografia montanhosa da Galiza e de Leão permitiu que vários republicanos, tendo ou não combatido em defesa da República, receando a perseguição, os assassinatos e as represálias, que por vezes atingia os seus familiares, pudessem encontrar refúgio nas montanhas, sobrevivendo conforme podiam. Eventualmente, estes fugidos foram-se organizando, criando vários pequenos grupos de Guerrilheiros que estabeleciam contactos entre si, partindo para acções locais de represálias sobre elementos do regime de Franco .

A diferencia de la mayoría de los movimientos guerrilleros contemporáneos en los que suele ser la persona politizada e ideológicamente definida la que se echa al monte, aquí, en el noroeste, la concienciación de los fuxidos y su lenta transformación en resistentes activos se dio con posterioridad a su huida al monte). En este sentido, convencionalmente se maneja en la historiografía una periodización que refleja bastante bien la evolución del fenómeno. Se considera esta primera etapa (1936-1942) de los fuxidos o escapados: mi-litantes de diferentes partidos, sindicalistas, campesinos, obreros y burgueses se ven obligados a echarse almonte para salvar su vida. En una segunda fase (1942-1946), los fuxidos pasan a engrosar las filas de unidades guerrilleras de nueva creación. En abril de ese año de 1942 nace en Ferradillo, comarca de El Bierzo, la primera organización armada dentro de España, la Federación de Guerrillas, gracias a la inspiración de dirigentes socialistas como Marcelino Villanueva Gafas, César Ríos y Mario Morán, que tenían su base de operaciones en la Serra do Eixe, en los montes de Casaio. Las guerrillas se dotan de una estructura orgánica y da comienzo la penetración de los comunistas como fuerza organizada. [143]

143 GODINHO, Paula *"Maquisards Ou Atracadores? A Propósito Das Revisões Da História No Caso de Cambedo Da Raia, 1946,*in Cambedo da Raia1946, Ourense, Asociación Amigos da República, 2004.



i57 abrigo guerrilheiro nos Montes Casaio https://digital.csic.es/handle/10261/182364

Tal constitui a quarta e última possibilidade de sobrevivência para os galegos que resistiam à repressão franquista.

> *Primeiro isoladamente, «agachados» nos palheiros, nos estábulos, nas minas, nas cavernas, nos matagais, como coelhos, ou lobos, à espera que a borrasca passasse. Mas só os dias, as semanas, os meses, os anos foram passando. A repressão, essa continuava, cada vez mais inquisitorial, selvática e fratricida.*
> *Em desespero de causa, os fuxidos começaram a agrupar-se para sobreviverem. Quando se sentiram suficientemente fortes e armados, passaram ao contra-ataque. Assim, grosso modo, repito, nasceram as guerrilhas* [144]

144 CRUZ, Bento da, *O Lobo Guerrilheiro,* Lisboa: Editorial Notícias, 1992.

Destaca-se, enquanto exemplo mais esclarecedor das condições de vida da Guerrilha, a sua presença nos Montes de Casaio, "Serra do Eixe, um pé na província de Ourense, outro na de León" [145] . Aqui, situam-se as ruínas de um dos principais conjuntos de acampamentos guerrilheiros, conhecido por «Cidade da Selva». Entre 2017 e 2020, várias equipas de arqueólogos escavaram os montes de Casaio, localizando estruturas pertencentes a 18 acampamentos

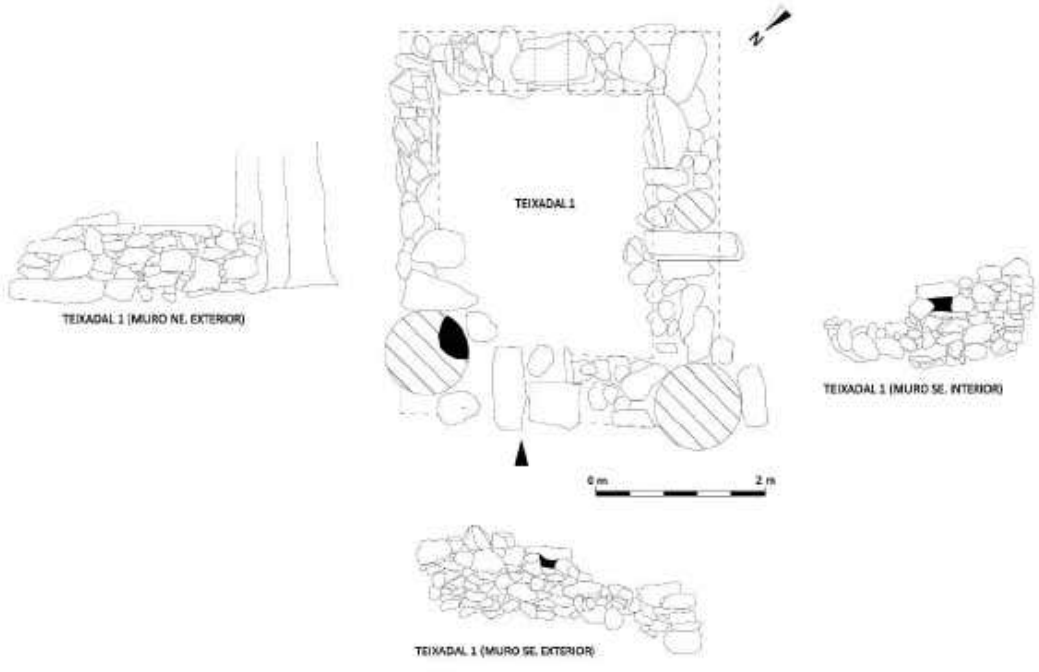
145 CRUZ, Bento da, *Guerrilheiros Antifranquistas Em Trás-Os--Montes,* 2o Edição, Lisboa: Âncora Editora, 2005

> *Sin duda, este número es mayor aunque no podemos todavía estimar el número total de los que efectivamente estuvieron en funcionamiento. Los distintos campamentos de La Ciudad de la Selva ocuparían las zonas medias y bajas de los valles formados en la parte norte de la Serra do Eixe y que encajonan los ríos -de oeste a este- Ricosende, San Xil y Valborrás, así como de los diferentes regatos subsidiarios de estos pequeños ríos.* [146]

146 TEJERIZO-GARCIA, Carlos et al., "*La Ciudad de La Selva (Casaio, Ourense): Arqueología y Memoria de La Guerrilla Antifranquista En El Noroeste Peninsular,*" Cadernos de Arqueología Militar 2,2020

Para a implantação dos abrigos, os investigadores realçam a relativa proximidade a cursos de água e a possibilidade de vigiar a paisagem em redor, elementos que, ao longo da História, são característicos no assentamento de povoados. No entanto, enquanto mecanismo de segurança, no contexto clandestino da guerrilha surge também a necessidade de camuflar a sua presença na paisagem, tornando-se invisíveis, quer para as populações, quer para as autoridades que patrulhavam a zona.

> *El análisis espacial de estos sitios revela patrones de gran interés. Todos ellos se sitúan a escasa distancia de un río o de un regato, ha-*



i58 excavación de chozos da guerrilla antifranquista nos sitios de As Morteiras e Teixadal na 'Ciudad de la Selva', Casaio, Carballeda de Valdeorras, Ourense, 2019 © Carlos Terejizo Garcia

cia donde están comúnmente dirigidos los chozos. En el caso de As Morteiras, algunos de ellos directamente se sitúan bajo los saltos de agua del río que riega el valle. Esta cercanía al agua respondería a la necesidad de disponer de este esencial recurso con facilidad y en abundancia. Dentro de los cauces de los ríos y arroyos se escogieron aquellos entornos que disponían de un buen camuflaje, ya fuera en el interior de tupidos bosques -como en el caso de Teixadal, San Xil o A Bruña-, ya aprovechando las propias caídas de los montes -como As Morteiras o Soutadoiro. En cualquier caso, la visibilidad en todos ellos es muy reducida tanto del exterior al interior como viceversa. Se buscaba, pues, el mayor ocultamiento posible, incluso a costa de perder parte del control sobre el terreno. Además, normalmente existía una única vía de accesoa los sitios. Esto facilitaba a los guerrilleros el control del acceso, aunque, como efectivamente ocurrió, los exponía a verse atrapados en caso de ataque. Únicamente en algunos casos particulares, como veremos a propósito de As Morteiras, esta visibilidad se ampliaba por motivos específicos, como en este caso era vigilar los movimientos de la Guardia Civil en Casaio. [147]

147 ibidem

Tendo em conta a mobilidade necessária à actividade guerrilheira, assim como as ligações entre os diferentes grupos, verifica-se, na implantação destes conjuntos, o recurso a elementos naturais, com relativa "monumentalidade", que servem como "código" para a sua identificação.

Por ejemplo, en el caso de As Morteiras o Teixadal, los sitios se localizan a escasa distancia de árboles especialmente relevantes dentro del contexto: un gran roble muy destacado en elentorno en el primer caso y un tejo centenario en el segundo. En A Bruña, un espácio abierto dentro de una gran masa boscosa a escasa distancia de los chozos señala, para elconocedor del terreno, un óptimo punto de orientación. Todos estos "monumentos" no solo generan una cierta apropiación simbólico-afectiva del paisaje por parte de los grupos guerrilleros sino que, igualmente, facilitan la comunicación entre ellos y también hacia el exterior [148]

148 ibidem

As escavações arqueológicas permitiram distinguir diferentes tipos de abrigos existentes na Ciudad de la Selva, associados a fases distintas da vida guerrilheira.

Numa primeira fase, que corresponde ao momento de fuga e sobrevivência, falamos de abrigos, pequenas cabanas primitivas, construídas a partir



i59

do aproveitamento de elementos naturais, cavidades ou rochas que serviriam de parede, fechadas por paredes constituídas pela sobreposição de pedras toscas, configurando espaços irregulares e de estadia efémera.

Posteriormente, com a consolidação e organização da Federação de Guerrilhas, verifica-se a construção de estruturas mais regulares, assemelhando-se às cabanas pastoris que Jorge Dias refere na sua monografia sobre Rio de Onor.

> *A organização pastoril de Rio de Onor não exige longas permanências fora da povoação. Há só um pequeno periodo do ano em que aboiada fica nos Coutos e os vizinhos vão guardá-la à vez. Para esse período tém uma pequena cabana (cassareta ou casseta), que nada tem de particular. E uma pequena casa térrea, construída como as ou-tras, simplesmente mais rudimentar e sem recheio. No período em que lá pernoitam os guardadores da boiada, levam da povoação aquilo de que necessitam para dormir e comer. Na Pena Veladeira, no cimo de um cerro perto das Rachas, existem também uma cabana e um curral. Esta cabana está fora do termo de Rio de Onor, mas os caçadores passam por lá nas suas longas batidas. A cabana aproveita as grandes rochas naturais, de forma que é quase uma habitação troglodítica. Hoje em dia parece que não é utilizada, e contam-se histórias vagas acerca de um homem que ali viveu refugiado noutros tempos.*[149]

149 DIAS,Jorge, *Rio de Onor Comunitarismo Agro-Pastoril,* 3o edição, Editorial Presença, 1984. P.71

A escavação das ruínas de um assentamento, constituído por 4 "chozos" ao longo de 100m, no vale de As Morteiras, permite exemplificar como a guerrilha ocupava este espaço.

> *Todas las estructuras tienen la entrada situada en dirección al río y todas ellas, al menos las rectangulares, tendrían originalmente ventanas, si bien solo se hanconservado en Morteiras 1 y Morteiras 4. En este último caso es interesante destacar quela construcción se realizó en el extremo septentrional del sitio, justo antes de una profundacaída y con una ventana construida en esa dirección dirigida hacia Casaio, ampliamente visible desde el chozo* [150]*. Esto conectaría ambos espacios no sólo en términos físicos -control de movimientos de la Guardia Civil situada en Casaio-, sino también simbólico-afectivos-conexión con los vecinos, quizá amigos, parientes y/o enlaces.* [151]

150 Cabana/abrigo

151 TEJERIZO-GARCIA, Carlos et al., "*La Ciudad de La Selva (Casaio, Ourense): Arqueología y Memoria de La Guerrilla Antifranquista En El Noroeste Peninsular,*" Cadernos de Arqueología Militar 2,2020



i60 Tea Party, 1972, Bas Jan Ader

As cabanas são encaixadas no terreno, implantadas perpendicularmente à pendente, tendo o solo sido escavado para nivelar as construções. As mesmas eram constituídas por paredes irregulares (embora se verifique o recurso a silhares para resolver algumas esquinas) em alvenaria de xisto e quartzite recolhido no local, apoiadas sobre lajes de xisto que configuram o piso. Os achados arqueológicos indiciam que os telhados seriam em ardósia, assentes sobre vigas de madeira. [152]

152 ibidem

O carácter primitivo destas construções, com recurso a materiais locais, assim como a sua implantação, confere-lhes uma pertença natural na envolvente, como se dela fizessem parte desde sempre, tornando-se "invisíveis" na paisagem.

> *"Hay un origen de la casa que debemos buscar en la historia y outro en nuestra infancia. Steen Eiler Rasmussen señala que «… a cierta edad, la mayoria de los niños tienen ganas de construir algun tipo de refugio. Puede ser una verdadeira cueva excavada en un montículo, o una cabaña primitiva de groseras tablas. Pero a menudo no es más que un rincón escondido entre matorrales, o una tienda hecha com una alfombra colgada entre dos sillas. Esse "juego de la cueva" puede variar de mil maneras, pero es común a todos el cerramento del espácio para el uso personal del niño». Según Rasmussen el hombre se distingue de los animales en el hecho que su refugio varía según el clima y las necessidades, y en que constantemente lo va perfeccionando; su conclusión es que la misión del arquitecto es poner orden y relacion en el entorno humano. Del mismo modo que Montaigne afirmaba que «el hombre es un animal que guisa", Rasmussen parece decirnos que el hombre es un animal que, no solo se refugia, sino que hace una casa." [153]*

153 MONTEYS, Xavier *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa.* Barcelona : GG, cop. 2001

Embora se possa considerar os Montes de Casaio enquanto elemento central da organização guerrilheira, a sua presença alastra-se até ao território misto da Raia, adoptando atitudes diferentes tendo em conta a realidade dos dois países. Em traços gerais, a presença dos maquis [154] , como eram também chamados os guerrilheiros, em Portugal, segundo Dionísio Pereira acontece enquanto elemento de retaguarda, pelo que a ocupação do espaço

154 Aos guerrilheiros espanhóis e à Resisência Francesa, era também dado o nome de maquis, um tipo de vegetação mediterrânea. Na Córsega a expressão *prende le maquis* signifca esconder-se



i61 Cambedo da Raia, foto do autor

público (pelo menos numa primeira fase), acontece de forma mais relaxada, semelhante aos restantes fugidos.

> *Os que son guerrilleiros, quedan en Portugal unicamente nas bases de retagarda, nada mais. Alla non actúan, en Portugal actuaran dúas ou tres veces e os resultados foran desastrosos. O normal é ficar na base en Portugal, tranquilos, descansando, tendo mais armas e despois atuar, pero na Galiza. Os enfrontamentos serán na Raia galega.* [155]

155 Entrevista a Dionísio Pereira, realizada pelo autor

Geralmente, procuravam abrigo nas aldeias raianas, sendo acolhidos pelas populações.

> *Alóxanse en casa de veciños da raia ou en pensións, como a da Janica, en Vila da Ponte, cuxos hospedeiros virían a sufrir duramente a represión. Comezan por ser os familiares e amigos que sustentan os fuxidos que se encontran no monte, mais o crescendo da fame e do frío fórzanos a outras actuacións, cando o franquismo resolve perseguir e reprimir con particular saña a rede de partida. Da explotación de volframio á participación en tarefas agrícolas van retirando o esencial, mentres se encadran en grupos de guerrilla, que proceden a incursións por Galicia, de afronta aos representantes do novo poder e como represalia por ataques sufridos.* [156]

156 GODINHO, Paula, *Oír o Galo Cantar Dúas Veces Identificacións Locais, Culturas Das Marxes e Construción de Nacións Na Fronteira Entre Portugal e Galicia,* no prelo, 2008

Relativamente a estruturas semelhantes aos utilizados pelos primeiros fugidos nos Montes de Casaio, conhece-se um abrigo usado pela guerrilha, escavado pelos arqueólogos Rui Gomes Coelho e Xurxo Ayán, que corresponde a uma cavidade natural adaptada, no Lugar de Chóias, na Serra do Murico,

> *Um dos testemunhos materiais mais interessantes deste contexto é o refúgio das Chóias, numa serra sobranceira a Cambedo. Foi-nos dito que ali se abrigavam refugiados, para além dos próprios guerrilheiros. Decidimos escavar esse refúgio, e surpreendentemente não encontrámos nada. Melhor dizendo, encontrámos um lajeado tosco que deve ter servido para tornar o espaço mais confortável. Esta ausência intrigou-nos, mas foi uma revelação também. Na verdade, o refúgio estava vazio porque a sua ocupação era sempre efémera. O verdadeiro refúgio era a própria aldeia, e só em situações extremas é que as pessoas subiam àquele local.* [157]

157 https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/arqueologias-da-hospitalidade-entrevista-a-rui-gomes-coelho



i62-fontanário que terá sido construído com a ajuda dos fuxidos galegos , Cambedo da Rai, Foto do autor

158 CRUZ, Bento da, *Guerrilheiros Antifranquistas Em Trás-Os-Montes,* 2o Edição, Lisboa: Âncora Editora, 2005

> *Em 1946, evolucionava pela zona fronteiriça de Chaves um remanescente de cerca de dezasseis guerrilheiros. Também eles costumavam reunir-se para levar a cabo «golpes económicos», do outro lado da fronteira conhecidos por «atracos». Depois dispersavam por vários poisos: Sanfins de Castanheira, Mosteiró de Cima, Nantes, Curral de Vacas e Cambedo.* [158]

Pelos laços familiares mistos existentes, resultantes do facto de ser uma antiga "aldeia promíscua", Cambedo da Raia foi uma das principais povoações que serviu de apoio aos Maquis vindos da Galiza, sendo, também, por esta razão, palco de tragédia.

> *E então antes dessa questiúnculas da Guerra Civil Espanhola, este povo metade 50 por cento, para baixo, Pertencia a Portugal, e para cima pertencia à Espanha, mas conviviam exatamente como se convive hoje, não havia, só existia uma linha imaginária da fronteira com um ponto ou outro, os chamados marcos, num ou outro ponto.*
> *Mas a partir daí as pessoas circulavam livremente de cima para baixo e vice-versa. Isto deu origem a que havia famílias mistas. Parte da família era de um lado e parte do outro. Daí que havia uma certa uma certa ligação. E quando foi então da Guerra Civil Espanhola havia indivíduos que pertencem à oposição do Franco que tinham aqui famílias, irmãs e primos. E então eles fugiram para aqui, e eu não estou a ver essas pessoas a recusar-lhe apoio. Deram o apoio que precisaram. E eles andavam aqui, a fazer as coisas normais como as pessoas que não tinham nada a ver com a oposição ao Franco. Inclusive estes fontanários foram construídos por eles em 1946. Esse e outros que há aqui pela população fora. Eles ajudaram nos trabalhos, os chamados fugidos, escapados de lá porque se os apanhavam lá davam cabo deles. E estavam aqui praticamente à vontade, eles não faziam mal a ninguém, nem nada disso.* [159]

159 Entrevista a Licínio dos Inocentes, realizada pelo autor

No entanto, após o assalto a um autocarro que fazia a carreira Chaves-Braga [160] e o assassinato, alegadamente por vingança, de um homem abastado de Negrões, no Concelho de Montalegre, as autoridades portuguesas, em concertação com o regime franquista, reforçam a repressão sobre a guerrilha, o que obriga a uma ocultação maior da sua presença.

160 várias fontes afirmam que este assalto foi encenado pelas autoridades espanholas, de forma a pressionar o governo português a actuar de forma mais severa sobre a guerrilha. Sabe-se também que a PIDE infiltrou alguns dos seus elementos nos grupos de guerrilheiros, disfarçando-se de contrabandistas



i63 casa onde dormia Juan na noite dos acontecimentos
foto do autor

Aquela situação começou a complicar porque eles tinham um indi-víduo, que era um médico que lhe dava assistência sanitária, e pelos vistos, por aquilo que me contaram era a salvaguarda do dinheiro deles. E então esse também teve de fugir da Espanha para cá. Foram ter com um indivíduo a Negrões, no concelho de Montalegre para o deixar lá estar na casa dele, porque era considerado uma casa segura e não sei quê, não sei que mais. Mas aquilo aconteceu porque o não o tal Pinto, o tal Pinto de Negrões inventa uma história a dizer que ele já não estava ali seguro e que o ia levar a casa de outro amigo, lá para Sendim, no concelho de Montalegre, e ele acreditou nele. Só que eles chegaram lá em Sendim, passaram para o lado de lá da fronteira e já estavam lá as autoridades espanholas já à espera dele. Mataram-no logo. E depois diziam que o dinheiro que ele tinha, o Pinto é que ficou com ele. Então os guerrilheiros foram lá e vingaram a morte do tal médico. Mataram o Pinto de Ne-grões e depois um criado que ele tinha, diz que foi lá o campanário tocar a rebate. Então também o mataram. E depois claro, escaparam para onde puderam. 161

161 Entrevista a Licínio dos Inocentes, realizada pelo autor

Após os acontecimentos de Negrões, altera-se profundamente a presença destes fugidos no espaço da aldeia, que passa a acontecer pontualmente, durante a noite, onde dormiam nas casa de familiares e amigos, como constatei em conversa com o senhor Manuel Guerra.

- Não se metiam com ninguém! Estavam na casa da família, para bem dizer. Este estava com a família. Aqueles já eram amigos há (levanta o braço) tantos tempos. A gente está aqui na raia e eles estão ali. Eles vêm aqui e nós vamos lá! (volta a encolher os ombros) Convivíamos todos uns com os outros.
-Depois da coisa de Negrões é que as coisas começaram a azedar.
-Exato! (aponta para a direita) Depois da coisa de Negrões é que começaram a perseguir para onde é que eles estavam e onde é que eles não estavam. Quando eles foram denunciados e então a GNR começou a andar em cima deles para os prender. Uns diziam que foram tal. Outros que foram tal, e que foram tal. Depois chegaram a que foram estes…
-E eles vinham à aldeia quando estava a polícia à procura deles?
-Não! Depois quando começaram a persegui-los, vinham à aldeia,



i64 entrada para o lagar onde Demétrio e Garcia se acolheram durante o tiroteio, foto do autor-

mas era só à noite. À noite é que vinham cá dormir.
-E dormiam dentro das casas?
-E dormiam dentro das casas dos amigos, a mesma coisa! Vinha a madrugada e voltavam a ir-se para o monte. Que vinham aí para os agarrar. Foi assim o caso que se passou.
-Muito bem, obrigado, amigo…
-Aqui era só ouvir-se metralhadoras! Estas paredes aqui todas crivadas. Caramba!
-É coisa que você nunca se vai esquecer.
-Esquecer?! Quando eu morrer! (ri-se) Sabe Deus! [162]

162 Entrevista a Manuel Guerra, realizada pelo autor

No Cambedo, estavam abrigados na noite de 19 de Dezembro de 1946, pelo menos 3 guerrilheiros[163], Demétrio Garcia Alvarez, Juan Salgado Rivera e Bernardino García.

Demétrio, nascido em 1912 na aldeia de Chãs (Oimbra), cerca de 5km de distância, lavrador, que, tendo desertado do exército espanhol em 1945 e após ter estado preso por agredir à pedrada um elemento da Falange, refugia-se no Cambedo, onde tinha uma irmã. Posteriormente, no ínicio do ano seguinte, torna-se guerrilheiro. [164]

163 Manuel Guerra refere um quarto guerrilheiro, chamado Luís, que teria conseguido escapar dos acontecimentos da madrugada de 20 de Dezembro de 1946

164 GODINHO, Paula *"Maquisards Ou Atracadores? A Propósito Das Revisões Da História No Caso de Cambedo Da Raia, 1946*,in Cambedo da Raia1946, Ourense, Asociación Amigos da República, 2004.

O terreno espanhol tomara-se-lhe padrasto e mercê da sua proveniência e ligação à agricultura numa povoação próxima da raia, dos laços familiares de um e outro lado da linha delimitadora e de um capital de contactos do lado português, procura a povoação de Cambedo da Raia. Aí casara, no final dos anos trinta, a sua irmã Manuela com Manuel Bárcea - filho de pai espanhol que viera residir após o casamento no Cambedo. Desde o início do ano de 1946 que passara a enquadrar um grupo de guerrilha sob o pseudónimo «Pedro», destacando-se nas acções que assume o assalto à camioneta que circulava entre Verin e Ourense. [165]

165 ibidem

Juan, era natural de Casas dos Montes, aldeia galega confinante com o Cambedo, vinha de uma família de músicos, sendo lavrador e músico itinerante. Segundo consta, era também contrabandista, tendo cessado essa actividade na altura da Guerra Civil, integrando o exército nacionalista, onde revela grande aptidão no manejo de armas ligeiras.

166 CRUZ, Bento da, *Guerrilheiros Antifranquistas Em Trás-Os-Montes,* 2o Edição, Lisboa: Âncora Editora, 2005

Dessa habilidade se serviu para, no regresso a casa, matar dois vizinhos. O primeiro, por ciúmes; o segundo em circustâncias tais que justificam a atenuante de ter agido em legítima defesa… Era, para todos os efeitos,um delinquente de delito comum. [166]



i65 Ruínas da casa de Albertina Tiago

Fugindo para Portugal, adere posteriormente à guerrilha.
Sobre Garcia pouco se sabe, a não ser que vinha de uma família de lavradores de Grixoa, Viana do Bolo, e que, tinha bastante experiência de Guerrilha.

> *Mas eles eram uma jóia de rapazes, eram aqui nossos vizinhos. Olha, esse Juan era músico. Tinha aqui uma música [aponta para trás] aqui na terra dele, era 2º Sargento – tocou na música. Ainda cheguei a ouvi-lo a tocar aqui na música, naquela altura. O García, esse era tenente - não sei donde é que era. O Demétrio era dali das Casas dos Montes. Ele e a família toda, todos. Desse Luís, conhecia 2 irmãos, a mulher e o pai. Mas esse foi aquele que não foi metido no assunto. Foi aquele que se escapou sem ninguém saber dele.*
> *Pois eu conheci-os a todos. Eles todos os domingos andavam por aqui a jogar uma sueca com os vizinhos. Um dos guardas que estava aí, era de Soutelinho, era quem lhe fazia a barba e cortava o cabelo e essa coisa toda.* [167]

167 Entrevista a Manuel Guerra, realizada pelo autor

Nessa noite, após várias batidas pelas várias aldeias raianas, as autoridades portuguesas montam um dispositivo composto de agentes da PIDE; elementos da GNR de várias localidades; soldados da secção de morteiros de Caçadores 10 do Exército, agentes da PSP e soldados da Guarda Fiscal; apoiados do outro lado da fronteira por cerca de mil soldados da Guardia Civil, cercam a aldeia. [168]

168 PEREIRA, David *"As Guerrilhas Antifranquistas Galegas,"* História 99, no. 3 (2007).

> *Demétrio e García encontravam-se na rua Central, na casa da irmã e cunhado de Demétrio. Juan, por seu lado, estava dormindo em outra casa da mesma rua, cerca de cem metros abaixo. Não se sabe ao certo porquê se encontrariam em Cambedo nessa noite. Consta que nesses dias se faria uma matança do porco na casa da irmã e cunhado de Demétrio, razão pela qual estariam aí pernoitando.* [169]

169 COELHO, Rui Gomes e Xurxo Ayán Vila, "Cambedo, 1946: Letter on the Discovery of Portugal," Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica 2, nº. 13, 2020

Quando o cerco aperta, e o ataque ao Cambedo começa, Juan tenta fugir, pela Serra do Murico, em direcção à fronteira. Surpreendido pelas forças espanholas, inverte o sentido de fuga, tendo sido abatido pelas autoridades portuguesas. Demétrio e García refugiam-se no lagar e palheiro da casa de Albertina Tiago. Durante o tiroteio são mortos dois GNRs, ficando a parede do posto da Guarda-Fiscal, ao lado do espaço onde os guerrilheiros se encontravam, cravejada de balas. Uma vez que os militares não conseguem capturar Demétrio e Garcia, decidem bombardear a aldeia, destruin-



i66 Demétrio García Alvarez

do completamente a casa de Albertina Tiago

> *O bombardeamento deixou nessa parte da rua Central as suas marcas mais visíveis. A casa de Manuel Bárcea e Manuela García, familiares de Demétrio, ficou arruinada. A casa ao lado, de Albertina Tiago, foi completamente destruída. Porém, esta foi a única que nunca chegou a ser reconstruída. Os trabalhos de arqueologia revelaram que em 1946, ao nível do piso térreo, a casa de Albertina Tiago se encontrava dividida entre dois grandes compartimentos a que se tinha acesso através de um pátio interior. Junto à rua estava uma cozinha, e do lado oposto existia uma loja – um espaço de armazenamento e apoio às atividades agrícolas. Existia um sobrado – piso superior – em madeira, que estava sustentado por uma coluna de granito. Era aí que vivia* [170]

170 ibidem

No desenrolar do bombardeamento, sem mais opções, García suicida-se e Demétrio entrega-se às autoridades.

> *E a partir daí surgiu a problemática da prisão, levaram pessoas para a penitenciária, para o Porto, sem terem nada a ver com isso.*
> *Algumas foram feridas, o caso dessa senhora que morava e que agora faleceu há coisa de um mês. Foi ferida numa perna, mas aquilo foi uma bala escapada. Quando o Juan saiu de lá de baixo de uma casa que era dos Barrosos, a GNR disparou em cima dele e ele disparava também. Há quem diga que ele fugiu pelas terras fora e com metralhadora a disparar para trás. Aquilo foi uma bala perdida, foi atingi-la na perna.*
> *A partir daí foi aquele isolamento, praticamente. Que em termos sociais foi complicado, esta gente passou a ter uma fama ruim. Quando havia pessoas que passavam aqui para Chaves, para não sei onde diziam – olha, estes são da terra dos vermelhos!*
> *E o pessoal andou aí uns tempos… tinham receio em falar. Lá evitavam falar naquela situação. Depois disso, isto voltou à normalidade, manteve-se aquilo em silêncio, e as pessoas não comentavam entre si. Faziam aqui a vida normal, como qualquer aldeia.* [171]

171 Entrevista a Licínio do Inocentes, realizada pelo auor



i 67, Serra do Murico, fronteira. Foto do autor

O CONTRABANDO

A porosidade da Raia Transmontana foi aproveitada, ao longo dos anos no sentido inverso, por portugueses que precisavam de sair clandestinamente do país, "a salto", fugindo à repressão salazarista, à miséria e à fome, e, a partir dos anos 60, à Guerra Colonial.
Para o sucesso destas passagens, mas também para a sobrevivência dos refugiados e guerrilheiros galegos, contribuiu um grande conhecimento por parte das populações, de caminhos e trilhos transfronteiriços, usados durante muitos anos para a prática do contrabando.

> *O contrabando, a circulação clandestina de bens através de uma fronteira de carácter político, está indelevelmente ligado ao processo de construção do Estado moderno. Neste sentido, na fronteira portuguesa a actividade terá sido mais vigiada entre finais do século XVIII e a última década do século XX. Estes duzentos anos ficaram marcados pelo progressivo empenhamento dos Estados ibéricos na produção e aplicação de instrumentos legais que, por diversas vias, procuraram garantir o controlo regular da circulação transfronteiriça. Simultaneamente, ao tornar-se um motivo para frequentes movimentações entre os dois países, o contrabando constituiu-se como um elemento fundamental para compreender os processos de identificação nacional operados na raia.* [172]

172 FREIRE,Dulce , Eduarda Rovisco, e Inês Fonseca, *Contrabando Na Fronteira Luso-Espanhola,* Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009

A actividade do contrabando apresenta-se enquanto peça central da "Cultura de Margem" raiana, fazendo parte do quotidiano de grande parte da população, sendo transversal a todo este período, antecedendo-o largamente e dando-se até à abertura de fronteiras protagonizado pela adesão de Portugal e Espanha à CEE, no final dos anos 80.

Numa região cronicamente pobre, em que a actividade económica se baseava na exploração rural de subsistência, mas onde havia, como vimos, uma forte ligação ao país vizinho, o contrabando surge, tanto como oportunidade, como por necessidade de sobrevivência das populações.

> *Aqui foi sempre um povo muito trabalhador. Muito trabalhador e economicista. Procuravam angariar proventos financeiros, que o objetivo deles era comprar terras produtivas, que fossem produtivas e que havia sempre aquela possibilidade de ganhar algum dinheiro, não muito, não era a rolos, mas a questão do contrabando fazia*



i68 Posto da Guarda Fisacal
Vila Verde da Raia, 8 de Julho
de 1912

com que as pessoas, a maioria das pessoas não passassem as dificuldades que passaram, por exemplo, outros povos ali para o interior. Porque eu quando fui para a tropa em 1969, ouvia histórias que era de arrepiar. Contavam-me ali indivíduos da zona de Vila Pouca e Vila Real, que as pessoas não tinham de produzir fosse aquilo que fosse. E eu acreditava.
Conhecia o meio rural, conhecia estes meandros. Por aqui, propriedades particulares, havia poucas ou quase nada. Mas como temos uma área bastante grande de baldio, terreno baldio, e na altura eram as juntas de freguesia que os geriam, àquelas pessoas mais necessitadas atribuíam certas áreas para poderem trabalhar. Trabalhavam e produziam centeio, batata, milho. E pronto.
E depois à noite, normalmente à noite, havia sempre a possibilidade de agarrar qualquer coisa às costas e ganhar algum. Às vezes levava-se daqui para lá, ou vice-versa, de lá para cá.
Por isso nesta terra não se sentiu tanta fome como noutras. [173]

173 Entrevista a Licínio dos Inocentes, realizada pelo autor

Mulheres, homens, e crianças de praticamente todas as povoações raianas dedicavam-se a esta actividade, sendo vários os produtos que eram levados para (ou trazidos d)o país vizinho.
Responsáveis pelo controlo da fronteira e pela repressão do contrabando estavam os Carabineros do lado espanhol e, como vimos, a Guarda-Fiscal, do lado português.

Não obstante o facto de ser composta por elementos que pertenciam às comunidades e relativamente coniventes com a situação, a actuação da Guarda-Fiscal, que tinha postos em quase todas as aldeias raianas, podendo deter, multar e apreender mercadorias, foi combatida por uma presença invisível dos contrabandistas no território, desenvolvendo técnicas, ocupando lugares e percorrendo caminhos que lhes permitiam passar a fronteira onde fosse possível, de forma dissimulada, ou até fazer passar o contrabando sem que fossem necessárias deslocações dos contrabandistas.

Esta invisibilização podia ocorrer de várias formas e a diferentes escalas, que iam desde a escolha de caminhos parcamente vigiados, o entendimento dos sítios onde era mais fácil fazer as trocas comerciais, o recurso às habitações e locais nas povoações que permitissem esconder a mercadoria.



i 69 Comércio na Estrada entre Chaves e Verin, foto do autor

Em Outeiro Seco, concelho de Chaves entrevistei o Sr. Rodrigo André Baptista, nascido em 1947, que relata a dimensão deste fenómeno, de acor-do com a sua experiência, assim como aponta algumas técnicas que revelam o engenho dos contrabandistas para conseguir fazer passar os produtos pela fronteira e para os entregar no destino final.

> *Nasceram-se-me os dentes no contrabando. Com dez aninhos eu já ia ao contrabando com a minha mãe e o meu padrasto. O contrabando que se fazia de lá para cá eram coisas que se vendiam em boutiques. Eram roupas, perfumes, cobertores, cobertas, bonecas, luvas, boinas, calças «lois», casacos, (…). Era tudo o que se vendia em bou-tiques, portanto. E essa foi uma parte do contrabando que se fez muito e durante mui-tos anos. Na minha maneira de ver, como nós os portugueses nunca tivemos o nível de vida como tiveram os espanhóis, portanto o contrabando automaticamente fez-se toda a vida. Até tirarem a guarda fiscal.*
> *Além desse contrabando houve outros contrabandos. O contraban-do das batatas, o contrabando dos presuntos, que antes iam para lá e agora vêm para cá, o contraban-do dos chícharos, o que nós chamamos no nosso dicionário português de feijão-frade, mas em Trás-os-Monte tem de ser chícharos. Chícharos então foram tone-ladas e toneladas para lá. Naqueles anos que deu o contrabando para lá, e vi baixos de casas repletos de chícharros e numa noite iam todos. Houve contrabando de animais também, passavam de aqui para lá, de lá para cá, de aqui para lá, depende para onde é que dava. (…)*
> *Havia o contrabando do cobre, dos ovos também. O cobre então foi qualquer coisa de muito importante. Eles levavam o cobre aqui para Espanha, tudo o que eram bocadinhos de cobre, era para levar para Espanha. Os garotos andavam aqui andavam sempre à procura de canhos de cobre e depois iam vendê-los aí à esquerda e à direita, às pessoas que depois faziam mais de cobre e eles faziam duas ou três coroas nessa altura e já lhes dava para os rebuçados (…)*
> *Também houve o contrabando do café. O café passou por toda a fronteira portuguesa. Aqui passou muito café também. Sobretudo na zona de Vilarelho da Raia para a zona de Verín passou muito*



i70 magem aérea das aldeias de Vilarelho da Raia, rodeada por San Cibrao, Rabal e Tamaguelos.

café. Então, os carabineiros, os guardias civis, não importa, eram mais ou menos os mesmos. Onde é que eles esperavam? Na zona de Vilarelho para passar o café e esperavam-nos na ponte de Rabal.
E o que é que fizeram os de Tamaguelos? A zona Vilarelho vai para a frente até Tamaguelos. A veiga de Vilarelho vai até San Cibrao. Então, os de Tamaguelos fizeram uma barquita que eles escondiam e tiravam-na. Tiravam-na para fora quando faziam o trabalho deles.
Então arranjaram uma barquita, acima da ponte, praí um quilômetro ou dois, eles com essa barquita passavam o café de um lado para o outro. Da Espanha para a Espanha. Ali era Espanha para a Espanha. Esperavam por eles do lado da ponte e eles passavam o café todo na barquita e depois levavam-no até à zona de Verín.
E segundo um amigo que contou às vezes essa cena, em Pinheiro Velho, que é concelho de Vinhais, iam aos 40 e 50 homens carregados, com 30 e 40 quilos de café e levavam-nos à A Mezquita, à zona de A Gudiña, e depois o comboio que passava – era de noite, o comboio passava, e então, para eles descarregarem o café naqueles vagões que eram abertos, o comboio fazia que havia uma avaria na linha, ou qualquer coisa, passava devagarinho, não parava, e aquela malta despejava o café todo dentro dos vagões, e o comboio depois lá lhe dava sumiço. Mas logo descarregavam lá para dentro, para a zona de Madrid ou o caraças, que a linha que fazia Ourense-Madrid era uma linha só, simples. O contrabando foi assim que se passou.

…

Então, eu ia lá de tarde, às seis da tarde, o contrabando era feito sobre encomenda. Portanto aqui os comerciantes que trabalhavam com os artigos de contrabando faziam uma nota e diziam que queriam tantos pares de sapatos, tantos pares de chinelos de mulher, tantos pares de chinelos de homem, uma peça de pano azul... (Uma peça de pano dava muita dinheiro, dava trezentos paus de ganha naquela altura. Livres!)… O comerciante sabia aquilo que queria, era tudo feito por encomenda. Então, entrávamos lá para dentro, que era para não sermos denunciados, porque havia malta que denunciava, então entrávamos dentro do comércio, isolados, e então um empregado ia-nos pôr lá a mercadoria toda, e em cima do balcão, e depois éramos nós separávamos: isto, isto e isto vai para este fardo, este vai para aquele, etc..
Era eu que fazia os fardos praticamente, e o rapaz depois, ou a



i7 Imagem aérea da Igreja de Srª a da Azinheira e cemitério, em Outeiro Seco, onde Rodrigo Batista escondia o contrabando

rapariga, preparavam as caixas, uns papelões, e metia-se aqueles papelões, depois embrulhava-se naquele papel enorme, que eles tinham lá rolos de um metro e tal, um metro e meio, altos, fortes, e embrulhava-se aquilo tudo, e apertavam-se, bem apertados, com barbantes, braça de barbante, e depois à noite eu recrutava aqui o meu pessoal. Se eram 10 fardos, levava dez gajos comigo.
Levava dez gajos, ficava lá, oferecia uma lata de polvo daquelas grandes, que faziam redondas, comprava-se um bocado de pão, uma garrafita de vinho para molhar um bocadinho, que era para ficarem mais fortes um bocadinho, e depois quando chegava a hora de partida, às 9, ou 10, ou 11 da noite, dependia de como é que as coisas se preparavam, davam um fardo a cada um e trazia os fardos todos, eu trazia aquele que tivesse de ser.
A maior parte das vezes, metia-os no cemitério daqui por trás da Igreja Romana [174] , e depois ia com o meu carro, como eu já tinha carro, e ia vigiar a estrada uma vez, e depois voltava a segunda vez, mas já fazia um bocadinho a viagem mais curta, a segunda vez, já não ia ao fundo do caminho que tinha que levar, e depois à terceira vez carregava, acelerava ao máximo, que era para não dar tempo aos guardas fiscais de se posicionarem na estrada. Então, levava os fardos todos e, depois, a pessoa que recebia os fardos do cemitério era avisada antes, abria a porta, metiam-se os fardos dentro e ali estava terminada a minha missão.

-Como é que escondiam os fardos no cemitério, ninguém dava conta?

Ora bem, os fardos no cemitério, eu deixava sempre lá uma pessoa, ou dois, dos que vinham com os fardos, que mandava toda a malta embora e deixava, por exemplo, dois gajos daqueles que fazia mais confiança a guardar os fardos. Até que eu chegasse com o carro para os carregar, depois. E quando eu chegava com o carro, eu virava o carro aqui na escola, na escola de Outeiro Seco, e quando eu passava, às vezes até dava um bocadinho de som, apitava um bocadinho ligeiramente, e eles quando eu chegava lá abaixo já tinham os carros todos na entrada, à frente, à porta da igreja romana, metíamos os fardos de repente dentro e arrancava. [175]

174 A "*Igreja Romana"* de Outeiro Secoreferida pelo Sr. Rodrigo, é na realidade a Igreja românica de Nossa Srª da Azinheira.

175 Entrevista a Rodrigo André Baptista



i72 Placa em Santiago de Rubiás, Couto Misto Foto do autor

Também Ana "do Cabaço", café de que é proprietária em Vilar de Perdizes, onde nasceu em 1945, no Concelho de Montalegre, nos conta a sua história, revelando a solidariedade dos vizinhos da aldeia para com esta prática

Nós tínhamos que sobreviver dalguma coisa, mas quem tinha coragem, teve de se desenrascar para sobreviver melhor que outros, que eram só da agricultura e disso, não é? Foi disso que me levou a frequentar essa vida.
O meu pai já se dedicava ao contrabando, mas eu não acompanhei muito o pai no contrabando porque ele morreu, eu era muito novinha.
Eu casei, e antes de casar eu não frequentava isso, mas depois casei-me com o meu marido, que frequentava o contrabando e depois, enfarinhei-me nesse trabalho.
Portanto, o contrabando naquela altura era, nós trazíamos para cá – nós entre aspas... Os espanhóis traziam-nos o contrabando até à raia e depois nós trazíamos da raia para cá. Outras vezes íamos mesmo nós buscá-lo lá.
Portanto, de lá para cá era: bananas, bacalhau, feijão, piña em latas – que era como eles chamavam (ao) ananás em lata. Portanto, muita coisa.
(…)
Porque o meu pai negociava muito em gado, e sucata, daqui a sucata – disso ainda me lembra, de irem carros de bois, carregados de sucata para a Espanha.
De noite iam muitos carros de sucata, mais os burros. Mas depois muitos burros já sabiam o destino. Os burros daqui da aldeia carregavam-se e iam eles ao destino, já não ia ninguém com eles. Muitos ensinavam o caminho a quem ia a primeira vez com eles.
(…)
-Os espanhóis traziam-nos o contrabando até à raia e depois nós trazíamos da raia para cá. Outras vezes íamos mesmo nós buscá-lo lá. Portanto, de lá para cá era: bananas, bacalhau, feijão, piña em latas – que era como eles chamavam (ao) ananás em lata. Portanto, muita coisa. E daqui para lá era tabaco, caixas de tabaco
-E qual era o caminho que a Sra fazia?
-Ora, o caminho… Eu tinha muitos caminhos. Vários. O caminho nós tínhamos que ver… Nós aqui estamos cercados de frontei-



i73Olas de Santa Marinha, entre vilar de Verdizes e Videferre
Foto do autor

ra por todo o lado, temos fronteira com Videferre, com San Millao, com A Xironda e com San Cristobal.
Temos essas aldeias todas de roda de nós, e por isso nós iríamos, frequentávamos aquele que mais liberto víamos, e que achávamos que nos podíamos safar por lá.
Nem sempre nos safávamos, mas tentávamos.
-Mas tinha aqui algum armazém aqui na aldeia?
-Não, os armazéns na aldeia eram as nossas casas.
-E onde é que escondiam o contrabando?
-Trazíamos aqui para casa, só que depois nós tínhamos muito pouco tempo isto aqui em casa, era quase só trazer e levar. Já estava combinado, e se não pudéssemos naquele dia, ficava. Pois nós arriscávamo-nos a que alguém viesse, mas não vieram. Eu ainda tive cenas em que me vieram a casa buscar as coisas. Os guardas ainda me cercaram…
-Não quer contar essa história?
-Portanto, essa história, foi uma história, em que eu descarregava em casa de um amigo, àentrada da aldeia, vindo de Videferre, uma terra espanhola. E então, nós púnhamos-lho lá. E eu pu-lo lá, mas nessa altura, o meu marido tinha um sócio que era o irmão, esses irmãos depois zangaram-se, e apartaram-se.
E esse negócio ficou conosco, porque o senhor do negócio quis-no-lo dar a nós. E esse senhor, irmão do meu marido, denunciou esse artigo que sabia que estava naquela casa. Pronto, denunciou, e os guardas cercaram a casa. Vieram-nos avisar que os guardas estavam lá. Nós não podíamos fazer nada, porque estávamos aqui e a casa já estava cercada.
Mas um senhor, um vizinho dessa casa, em que estava lá o artigo decidiu pôr uma aparelhagem que tinha, com uma música muito alta. E então, arrombaram a parede, com umas marras e uns ferros, de uma casa para a outra para fugirem de lá com o material, e foi isso que fizeram. O material, era um material que eram cortinas, que vinham da Espanha para aqui – cortinas para casas, rolos de cortinas. E então arrombaram, fizeram o buraco, juntaram-se as pessoas, porque as pessoas quando viam assim, qualquer coisa, juntavam-se para ajudar. E nesse dia, foi um deles, em que se juntaram para fazer o buraco e toca a passar! e a trazê-lo (o contrabando) para outras casas onde os guardas não deram conta. Os guardas estavam no caminho. As casas eram assim [faz gesto com as mãos], o material escapou para outro lado, que dava pulo para outra estrada que os guardas não viam, e os guardas quando deram conta, aquilo já lá não estava. [176]

176 Entrevista a Ana do Cabaço, realizada pelo autor



i74 Rua do Tabolado, Chaves, 1961,

Maria do Céu Moreira, avó do autor, conta-nos que a partir da casa onde residiu durante a sua infância, no centro da cidade de Chaves, onde nasceu em 1934, a sua própria avó liderava uma rede de contrabandistas que vendia ovos para Espanha, demonstrando que a prática do contrabando não se cingia ao espaço rural, e também que até as próprias roupas podiam ser adaptadas para permitir ocultar a mercadoria, assim como, por vezes, as autoridades eram coniventes com esta situação.

> *Vivia com a minha avó. A minha avó era negociante de ovos. Ovos e frangos. Só que era uma comerciante pequena, tinha umas senhoras destas aldeias, destes arredores que juntavam os ovos. Ela ia às feiras e tinha já as senhoras que lhe juntavam os ovos, ela trazia e começou a vender para Espanha, mas pouco. Depois o negócio foi evoluindo e houve um senhor, amigo da minha avó, que teve pena da situação, de ela ser tão... ter expediente e ter um negócio tão pequeno, então quis ser sócio dela. Esse senhor era «peliqueiro», também vendia «peles» para Espanha. Então ficaram sócios. E esse senhor emprestou dinheiro à minha avó vai para ela comprar uma camionete para os ovos.*
>
> *Como o contrabando só justificava se fosse grande, então ela foi para perto do Porto para aquelas vilas e aldeias todas e arranjou conhecimento e.… todos daqui ao Porto, conseguiu aquelas pessoas que iam arranjando ovos aqui e além. Pessoas que vendiam, não é? Pronto, e juntava uma camionete de ovos. E depois ds, a maneira de os despachar, tinha umas certas contrabandistas, bastantes também, muitas. Para levar esses ovos todos, tinham que ser muitas mulheres. Então, iam à noite para minha casa e iam-se enfardar, levando aqueles ovos, faziam uns aventais duplos, onde levavam umas tantas dúzias à frente dos aventais, e outras tantas levavam--nas no peito ou nas costas, ou onde podiam.*
>
> *Os ovos iam todos com elas todos com elas e transportavam-nos então para Espanha, mas sempre por aqui, pela Raia de Chaves, iam por Vila Verde, e então ali, para Espanha fora...os ovos iam para ali.*
>
> *Depois eram transportados lá para Espanha, mas não sei dizer para onde.*
>
> *(…)*
>
> *Mas aí houve uma certa altura em que veio para cá um diretor*



i75 Guarda Fiscal de Chaves, apreensão de bananas, década de 80

de Lisboa que era ele que mandava prender os contrabandistas. Havia as alfandegas, mas ele era o diretor. E quando veio a saber que a minha avó mandava transportar em grande quantidade os ovos, que foram uma vez apreendidos. E então prendeu a minha avó, nos éramos pequeninos. A minha avó… foi ela que nos criou. Tinha eu uns 8 anos ou nove. E o meu irmão andava a estudar; mas eu andava na terceira classe e umas vezes podia ir só de manhã e outras vezes não podia ir, porque tinha que ficar a tomar conta da minha bisavó que tinha 90 e tal anos. Naquela altura não havia asilo; Então de frente (à casa) havia um hotel, esse hotel tomava o cuidado de nos mandar lá o comer nos dias em que a minha avó fosse para as feiras.

E então a minha avó quando o contrabando era grande e já estava conhecida em como enviava os ovos para Espanha por meio das contrabandistas; mas as contrabandistas não eram apanhadas porque nós tínhamos nas traseiras da casa um quintal que pertencia ao senhorio da casa, que deixava sair de noite as mulherezinhas por aquele quintal para o rio – a minha casa tinha as traseiras para o rio.

O contrabando foi descoberto e a minha avó vai presa.

A senhora que nos mandava o comer para nós era a dona do grande hotel de Chaves, pois claro, tinha o seu valor.

Esse senhor por coincidência morava na minha rua – era ele, a esposa e uma filha.

E ela foi lá falar com ele para soltar a minha avó; porque era a mãezinha, a minha bisavó que fica abandonada, e nós os dois que ficávamos sem proteção.

De maneira que a minha avó só esteve lá umas horas, veio logo para a rua, praticamente foi mais para assustar.

E tinha que pagar uma multa que essa multa foi lhe perdoada e a partir dai o senhor, lá o inspetor fazia de conta que não sabia e a minha avó continuou muito tempo.

Embora, tinha que ser tudo escondido.... as senhoras as que se iam fardar iam de noite, nunca podia ser de dia.

O que é que faziam? Agarravam nos ovos e metiam-nos nos aventais. Os aventais era uma espécie de uma saia de apertar atrás, muito apertada na cinta e tinham várias costuras para meter os ovos, mas com os espaços dos ovos, que os ovos não se mexiam e não partiam.

Eram todos enfiados pela costura, onde da cinta para baixo só coubesse um ovo; depois a seguir aquele ovo era mais um, mais um até chegarem à cinta; e depois na outra costura também... até atrás. E depois, como o ovo é duro na ponta e ficam ali entalados e não se partiam. [177]

177 Entrevista a Maria do Céu Moreira



i 76 Immigrés portugais, train Hendaye-Paris, 1965 © Gérald Bloncourt, Musée national de l'histoire et des cultures de l'immigration

A EMIGRAÇÃO

> *Trata-se de uma década profundamente afectada pelas guerras coloniais em Africa, cujos efeitos não têm reflexos visíveis na mortalidade, mas que, juntamente com a procura de mão-de-obra em França e na Alemanha, determinam uma emigração maciça para além-Pirenéus. O fenómeno é mais acentuado no interior (periferia) do que no litoral, mais nítido nos meios rurais ou pouco urbanizados do que à volta de alguns dos grandes centros. (…) A emigração portuguesa do segundo pós-guerra conheceu, fundamentalmente, dois pontos altos. O primeiro entre 1955-1956, tendo ainda o Brasil como principal destino. O segundo terá tido início em 1963-1964 e estende-se até 1973-1974, quando a crise económica europeia refreia a procura desenfreada da mão-de-obra não especializada dos países periféricos, iniciada cerca de 10 anos antes. Esta segunda leva teve a Europa como principal destino e revestiu-se de uma particularidade: o enorme peso das saídas clandestinas.* [178]

178 MATTOSO, José, História de Portugal, vol. VII ,Lisboa: Editorial Estampa, 1994..

Pelas condições que temos vindo a referir, a Raia Transmontana foi um dos locais privilegiados para estas saídas clandestinas. Geralmente, os emigrantes- "as peles", chegados à região de carro, autocarro ou comboio, e eram auxiliados por passadores- "os peliqueiros", que, devido ao contrabando, os guiavam pelos caminhos e trilhos que lhes permitia passar a fronteira - a salto- sem serem detectados.

> *-Os imigrantes, quando andavam um mês a pé, levavam-nos aos bocados, e em camiões, depois andavam um bocado a pé, por isso é que chegaram a andar meses a pé. Mas isso foi nos primeiros anos!*
> *-E onde é que ficavam a dormir?*
> *-Metiam-nos em lojas. E chegaram a passar fome, mas eu já não fiz essa imigração. A minha imigração já só levava uma hora de sacrifício, daqui a Feces e depois levava-os para Ourense e apanhava o comboio para Hendaya e de Hendaya para Paris. Eu já passei a imigração nos anos 67, mas nos anos antecedentes a 67 houve muito português que passou muito sacrifício para chegar lá, e fome tudo, e alguns até chegaram a ser presos. Eram as autoridades francesas e as autoridades espanholas, tínhamos lá 10 a 15 dias de prisão e depois entregavam-nos aos portugueses. (…)*
> *Ora, nos primeiros anos da imigração, eles chegaram a andar meses por aí fora, para chegar à França. Depois, por exemplo, quando eu trabalhei na imigração, , eu dava uma hora à pele, aos imigrantes.*
> *O meu caminho era quase sempre o mesmo, era a zona do Açude, ou pelo lado esquerdo, ou pela margem direita, ou pela margem esquerda do rio*



i77Açude do Rio Tâmega, em Vila Verde da Raia, por onde se atravessava a fronteira clandestinamente
Foto do autor

Tâmega. Então, levava-os a pé uma hora e depois levava-os de carro até à aldeia ou de autocarro para passarem clandestinamente e ultimamente já lhes davam até uma salva-conduta para eles irem. Se tivesse o endereço. davam-lhe uma salva-conduta. E então passavam-se assim até Paris. A maior parte dos imigrantes iam para Paris.

-Como era no Açude a passagem?

-Na zona do Açude e da alfândega, passavam por cima da alfândega, por baixo a pé, e iam de carro, etc., etc. até ali, passavam o Açude, passavam por cima da alfândega. Lembro-me que o meu caminho que fazia muitas vezes era à beira do rio, na margem do Tâmega e aproveitava e fazia o muro que vai do moinho, que está lá o moinho por baixo, e então fazia aquele muro que vai do moinho à presa, e como o moleiro tinha uma barca, ao chegar à barca, o moleiro sobretudo no verão, o moleiro deixava sempre lá a barca presa na comporta da presa.

E depois íamos pelo rio acima, até ultrapassar o rigueiro para cima, depois já se atravessava para a Espanha. E depois lá íamos por Feces e depois lá se seguia um caminho até Ourense de carro. Mas fazíamos para aí 500 metros pelo rio acima, na barca, de madeira [179]

179 Entrevista a Rodrigo André Batista, realizada pelo autor

Em Chaves, os emigrantes, geralmente, ocupavam as pensões da cidade, mas se tivessem que pernoitar nas aldeias, podiam ser abrigados nas casas dos passadores, ou dos seus enlaces, mas também, sobretudo quando se tratava de grandes grupos, nos palheiros e cortes do gado, pelas povoações.

Não era em casa, porque eles tinham grandes grupos – o meu pai participava e era pago para isso. E guardavam-nos normalmente em outras casas que tinham, vazias, por exemplo, um palheiro. Esse palheiro ali ao lado da capela em Sabuzedo hoje é uma casa, que era da minha avó, mas, entretanto, cederam-na a outra pessoa. Era aí, ou em sítios junto do gado, para não chamar tanto a atenção – por exemplo, numa corte, tiravam de lá os animais e as pessoas esperavam lá.

Às vezes tinham de esperar um dia, um dia e meio, para prosseguir para Espanha, porque, entretanto, alguém tinha denunciado e eles não os podiam tirar.

Sei que a minha avó dizia que às vezes os guardas lhe apareciam em casa para tentar tirar, pressioná-la para ela dizer qualquer coisa, que se percebia que ela sabia alguma coisa, e ela dizia que não percebia nada.

Porque havia um posto da guarda na aldeia, havia um posto da guarda pertinho da casa da minha avó. Só que, era assim, os guardas também tentavam tirar lucro daquilo.... [180]

180 Entrevista a Ana Leal Branco, realizada pelo autor



i78 Fronteira de Irun

Atravessada a fronteira portuguesa, a travessia pelo território espanhol podia ser feita, de comboio ou de carro - o que podia envolver um novo passador.

> *Tenían que salir por el monte porque por la frontera los detenían. Entonces los recogíamos en Feces con el taxi. Sólo tenían que traer elcarnet de identidad, ser mayores de edad y menores de 70. Una figura a la que llamaban pasadores juntaba grupos de 6 a 10 personas y nos llamaban. Nos daban un billete o una foto partida por la mitad como garantía. Una mitad se la quedaba el pasador y la otra el emigrante, que al llegar a su destino la enviaba a las familias como garantía de que el viaje había salido bien. En Francia los dejaban pasar porque necesitaban mano de obra. Les daban un salvoconducto para encontrar trabajo allí. Era así de fácil cuando no había un mercado común. En Hendaya cogían el tren a donde consideraban, a veces los llevábamos a París. Yo hacía tres viajes por semana a Francia. De aquella, eso era mucho(…)Empezamos a hacerlo nosotros los taxistas cuando se permitió, allá por el año 66, que los portugueses pudieran circular sin pasaporte en España* [181]

181 https://www.fronterad.com/carreteras-secundarias-la-vida-de-mi-abuelo-junto-a-la-frontera/

Embora haja relatos de, nos primeiros, a passagem entre Espanha e França envolver duras travessias pelos Pirenéus, nos anos 60, a maioria dos emigrantes passou a fronteira, de forma relativamente facilitada, entre Irún, no País Basco, e Hendaye.

> *Portanto, a fronteira de Vila Verde da Raia passei-a a pé, de noite, por lameiros e terrenos e montes. Mas em Irun não se podia dar essa situação, porque eu saí do comboio. Na estação de comboio de Irun, não sei como é agora, mas na altura separava o território de Espanha do território de França apenas uma rede. Uma rede que tinha ao longo da plataforma de onde saem as pessoas, que tinha sensivelmente 2 metros de altura, e então o comboio parava do lado de Espanha, mas ao longo da extensão daquela plataforma onde existia aquela rede separadora.*
>
> *A verdade é que depois o comboio parou na plataforma e eu não sabia quem eram as outras pessoas que iam no comboio. Mas mal o comboio parou, o que eu vi foi aquela gente toda a sair do comboio e atirar-se contra a rede separadora, a tentar subir a rede para entrar no território de França.*
>
> *Havia lá polícias quer de um lado quer do outro. Os do lado de Espanha não faziam absolutamente nada porque eles iam passar para o território de França [risos]... Eram os Franceses que tinham a preocupação de impedir que as pessoas passassem, só que havia meia dúzia de polícias ao longo da plataforma para centenas de pessoas que estavam a tentar passar a rede.*



i79Resistentes antifascista homenageiam vítimas da PIDE no Porto
Rua do Heroísmo-25/04/2021
Foto do autor

Eu não tentei passar a rede porque tinham-me avisado que a melhor forma de passar aquilo não era de subir a rede, era andar no sentido da retaguarda do comboio até ao termo da rede. Quando eu atingisse a extremidade dessa plataforma dessa plataforma e do comboio era só atravessar a linha. E foi o que eu fiz. [182]

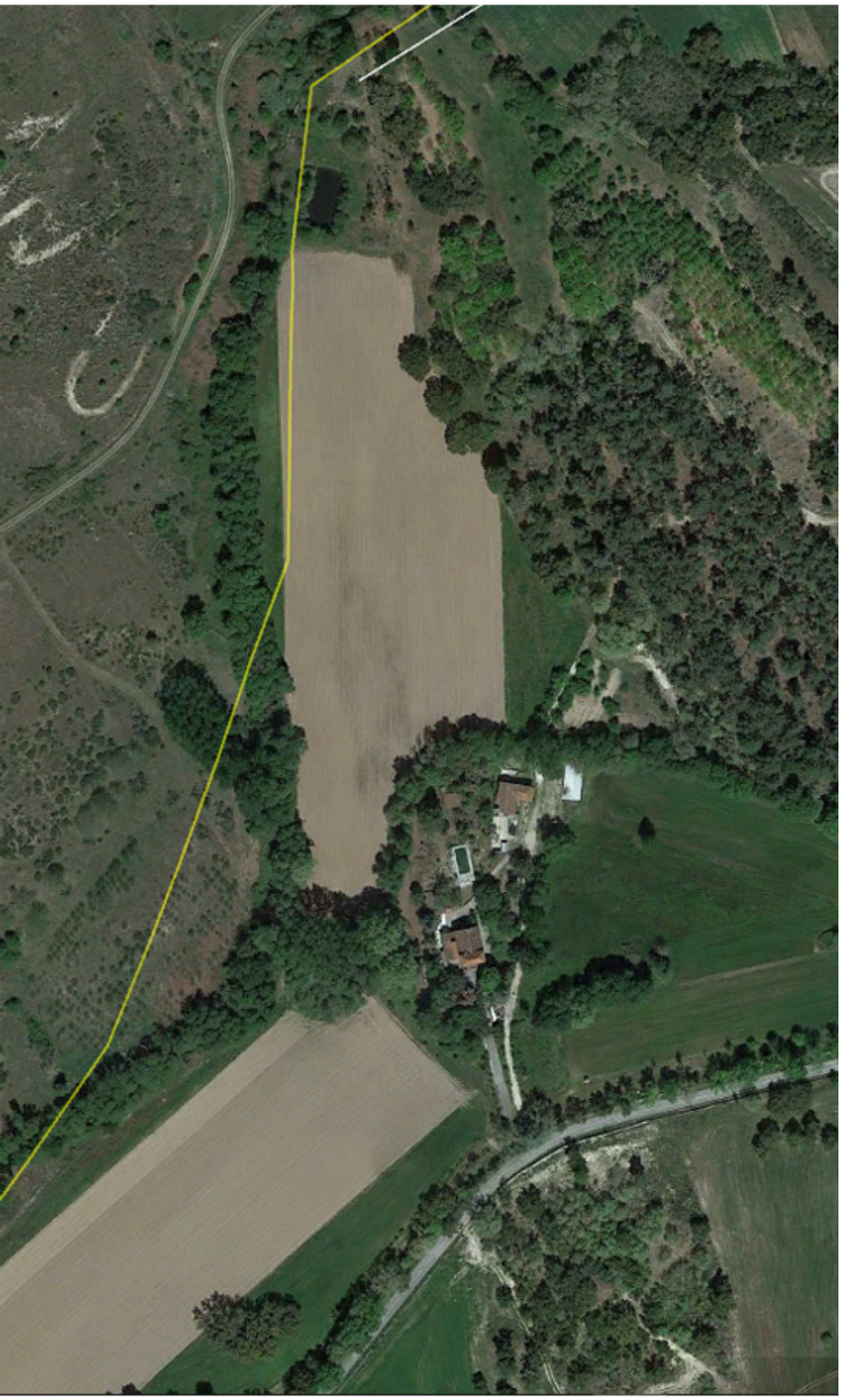
182 Entrevista a António Guerra, realizada pelo autor

A RESISTÊNCIA

A Raia foi também ponto de apoio, palco de fuga para o exílio e ponte para contacto internacional de vários opositores à ditadura em Portugal, desde o momento que esta foi instaurada. Destaca-se, numa fase inicial, o exílio em terras galegas, das principais figuras do "Reviralho". Como refere Dionísio Pereira,

a militarista Ditadura Nacional chefiada pelo marechal António Óscar de Fragoso Carmona, primeiro, e o salazarismo, depois, tiveram motivos sobejos para a inquietação, visto que um bom número de exilados escolheu a Galiza, quer como ponto de encontro logístico e conspirativo contra o regime surgido após o movimento de Maio de 1926, quer como lugar de residência mais ou menos prolongada. A partir das tentativas insurrecionárias de setembro de 1926 (Chaves) e fevereiro de 1927 (Porto e Lisboa, com notório eco em tropas radicadas em Valpaços e Alijó, povoações do distrito de Vila Real) perpetradas pela oposição republicana, militar e civil, que pretendia retornar à etapa anterior a maio de 1926, boa parte dos promotores do que ficou conhecido como «o Reviralho», incluindo vultos tãdo importantes da oposição moderada como o deposto presidente da República Portuguesa Bernardino Machado, o engenheiro e antigo chefe do Governo Francisco Cunha Leal, e os comandos do Exército José Mascarenhas (que tinha numerosos contactos no Norte de Portugal), António Fernandes Varão, os trasmontanos Jaime Castro de Morais e João Sarmento Pimentel, em trânsito este último para o exílio brasileiro, etc., procuraram refúgio na Galiza e mais precisamente em Vigo. Foi ainda em Vigo que se constituiu o primeiro núcleo ativo de emigrados políticos portugueses e onde teve lugar antes de fevereiro de 1927 uma primeira reunião precursora da que seria a «Liga de Defesa da República», também designada por «Liga de Paris» por estar mais tarde sediada na capital francesa. [183]

183 PEREIRA, Dionísio ,*Emigrantes, Exilados e Perseguidos a Comunidade Portuguesa Na Galiza (1890-1940*) Associaçom Galega da Língua, 2013.



i80 imagem aérea que permite entender a relação entre a quinta do Dr. Júlio Montalvão Machado em Vila Frade, Chaves, com a linha de fronteira

Durante os 48 anos da "longa noite fascista", muitos foram os democratas que aproveitaram a porosidade do território da Raia Transmontana para sair clandestinamente do país. É o caso do poeta socialista Manuel Alegre, exilado durante vários anos em França. Tal como vários resistentes e emigrantes portugueses e *fuxidos* galegos, abrigou-se na casa do Dr. Júlio Montalvão Machado, em Vila Frade, passando a fronteira, atravessando o quintal da mesma casa, confinante com a Raia.

> *-Qual foi o momento mais duro do seu exílio?*
> *-Foi quando atravessei a fronteira. O Júlio Montalvão Machado disse, mais tarde, ao Mário Soares que já tinha atravessado vários, mas que eu fui o primeiro que ele viu com lágrimas a escorrerem pela cara abaixo. Sabia que era o passo decisivo."*
> *- Passou a fronteira a pé.*
> *-Sim, num sítio onde havia um ribeiro muito estreito, junto de um posto da Guarda Fiscal. Ainda me molhei um bocado. A desculpa era que iria ao médico a Verín. Um caseiro levou-me, depois, de carro para um ponto onde devia encontrar-me de novo com o galego.* [184]

184 https://ionline.sapo.pt/artigo/552021/manuel-alegre-a-minha-segunda-candidatura-foi-um-erro-?seccao=Portugal

Há que referir, também, a organização clandestina do Partido Comunista Português, fundado em 1921, sendo a única força política que sobreviveu a todo o período ditatorial e alvo principal da PIDE. É inegável o papel destacado que os comunistas desempenharam na resistência antifascista, desenvolvendo várias formas organizadas de tornarem "invisível" a sua presença por todo território nacional.

> *Eu era responsável por uma região que ia do norte de Coimbra até Bragança e todos os meses fazia a seguinte volta: saía de Rio Tinto e ia de comboio até às Caldas de Moledo, um apeadeiro antes da Régua, levando a bicicleta no furgão das mercadorias. Descia nas Caldas de Moledo pelas cinco e tal da manhã e seguia de bicicleta para a Régua, onde havia um Comité Local que reunia comigo. Da Régua seguia para Lamego, são onze quilómetros sempre a subir, e reunia com os camaradas. Depois seguia para a zona de Castro Daire, onde não havia organização do Partido, mas apenas um ou dois camaradas camponeses. Aí, era uma conversa rápida, e eu seguia novamente para a Régua, onde tinha uma reunião à noite. Dormia lá e no dia seguinte partia para Vila Real de Trás-os-Montes, mais vinte e oito quilómetros sempre a subir. Reunia com os camaradas de Vila Real e de pois dali tinha dois caminhos: umas vezes ia por Murça, a terra do Militão, onde não havia organização, mas só uns camaradas isolados, outras vezes seguia por Mirandela, Valpaços, até Chaves e daí voltava a Vila Real. De Vila Real vinha até Amarante e a Marco de Canaveses, onde havia uma organização, e do Marco*



i81"Tipografia Clandestina"
José Dias Coelho
desenho realizada para o jornal
Avante! nº304, 1ª quinzena de
agosto de 1961, GES / PCP

regressava ao Porto. Tudo isto de bicicleta. No Inverno chegava com a roupa toda molhada e tinha de a pôr a secar durante as reuniões.

...

Nós levámos sempre, mas sempre, a mesma vida modesta. Ainda me lembro que, quando reuníamos numa casa, para não levantar suspeitas aos vizinhos, púnhamos roupa a secar à janela. Isto passava-se já depois de termos vindo das aldeias para as cidades e a roupa tinha de ter uma boa aparência. Mal eles sabiam é que essa roupa, terminada a reunião, era apanhada e seguia numa mala... para estender à janela na próxima reunião que fizéssemos [185]

185 ‚JORGE Joaquim Pires. *Com Uma Imensa Alegria- Notas Biográficas.* Lisboa: Edições "Avante!," 1984.

De forma a garantir a ligação do Partido, mas também enquanto mecanismo de defesa, permitindo ter quadros a desempenhar tarefas no exterior do país, com a segurança de não estarem sujeitos a ser presos pela polícia política, o PCP instalou, na Raia Transmontana um "aparelho de fronteira"[186] , um conjunto de militantes com essa tarefa, apoiada por uma rede de contactos de confiança.

186 Segundo Domingos Costa Gomes, esta ligação do partido à fronteira teve inclusivamente influência na Guerrilha Antifranquista.
"Parte dos jovens espanhóis que vinham da Europa e da América Latina para integrarem os grupos de guerrilha entraram em Espanha através da fronteira na freguesia de Vilarelho da Raia e da povoação desta freguesia chamada Cambedo passando por Chaves. Albergavam-se numa pensão que havia no Largo do Tabolado, hoje demolida, e serviu-lhes muitas vezes de guia o dirigente do PCP Joaquim Pires Jorge"

Eu em 71-72, eu colaborei com o Domingos da Costa Gomes. E ainda levei alguns políticos a Verín. Então numa ocasião - vou contar esta cena que nunca mais me esqueceu: era mais ou menos meia-noite, encontramo-nos no gabinete do advogado, em Chaves, estavam lá um capitão e uns alferes fardados, e então, foi preciso levá-los a Verín e não podiam ser presos. Até foram dois guardas fiscais a acompanhá-los até à barca, porque foi alguém buscar a barca pelo outro lado da fronteira, buscar o barquedo espanhol, quando chegamos ao rio já lá estava a barca prontinha, à nossa espera. Passamos para o lado de lá, eles despiram a farda, prenderam as fardas com um cinto a uma pedra, e deitaram-nas, as fardas foram para o fundo do rio.

E eles, levei-os a Verín e seguiram viagem. Ao outro dia havia as outras pessoas que eram cúmplices, passavam pela fronteira com o passaporte, com carros e etc., e depois davam-lhe seguimento via Paris. Iam praticamente todos para Paris. Só houve um que foi para a Rússia, foi o Álvaro Cunhal. [187]

187 Entrevista a Rodrigo André Batista, realizada pelo autor.



i 82, edifício onde se situava o gabinete de Domingos da Costa Gomes. Segundo refere o Sr. Rodrigo Batista, era aqui que se preparava o "salto"

Álvaro Cunhal, como refere o Sr Rodrigo, foi também um dos muitos resistentes que passou a fronteira para o exílio, atravessando a Raia na zona de Chaves, em 1961 após a Fuga do Forte de Peniche.
Sob o pseudónimo Manuel Tiago, Cunhal escreveu o romance "cinco dias, cinco noites", onde descreve a travessia e passagem de fronteira de André, um jovem militante comunista, com o auxilio de Lambaça, o passador.

> *Aí deviam apanhar uma camioneta, que seguia por estrada fronteiriça. Começava a haver vigilância e era necessário evitar os perigos. A camioneta passava por uma aldeia onde estava instalado um posto. Segundo dizia o Lambaça, era freguente pedirem ali os documentos aos passageiros. O Lambaça expôs o seu plano, em tom de quem dava ordens, e na verdade as estava dando. Nos fazemos assim. Manda-se parar a camioneta antes do posto. Você sai e segue para diante à vontade. Passa mesmo à porta do posto.*
> *Indo a pé, a polícia julga que vai lá para a terra e não lhe diz nada. Siga sempre a estrada, o mais rápido que puder, mas sem correr. A camioneta pára junto do posto, é revistada e, quando o alcançarmos, eu mando parar e você torna a entrar.* [188]

188 TIAGO, Manuel *Cinco Dias, Cinco Noites*, 80 Edição, Lisboa: Edições "Avante!," 1994.

Domingos da Costa Gomes, advogado flaviense e militante comunista foi um dos responsáveis pelo aparelho de fronteira, instalado em Travancas da Raia, concelho de Chaves, tendo funcionado sem qualquer detenção entre 1958 e 25 de Abril de 1974. Como refere, a instalação deu-se após conversa com o dirigente comunista Pires Jorge:

> *Em novo encontro, que tivemos em Chaves pouco depois, ficou decidido instalar o "aparelho de fronteira" com a passagem da fronteira em Travancas com a ajuda de António Maldonado e da esposa Fernanda Alves, pessoas às quais me ligavam sólidos laços de amizade, que eu sabia serem inteligentes, corajosos, honradíssimos e com prática de passagem na fronteira através do pequeno contrabando que ali se fazia. Pi-res Jorge quis conhecer o casal e do contacto entre todos ficou decidido que eles prestariam a sua preciosa ajuda no funcionamento futuro do "aparelho". Por todos foi realçado que o funcionamento do "aparelho" exigia muita disciplina e implicava cer-tos perigos. De tudo isso assumiu o casal a responsabilidade respectiva.*
> …



i83 Cena do filme Cinco dias, Cinco noites, 1996, José Fonseca e Costa, baseado no livro de Manuel Tiago



i84 Travancas da Raia, Chaves foto do autor

António Maldonado tomava conta dos camaradas perto de Travancas, promovia a sua travessia e acompanhava-os até Verin onde me eram entregues, para os transportar até Paris ou à estação de caminho de ferro em Ourense, quando não se tratasse de ca-maradas da Direcção que exigiam acompanhamento até Paris. A passagem era feita sempre durante a noite na véspera dos dias 3, 11 e 23 do mês em que caía a feira de Verin. Jantavam e dormiam em casa de António Maldonado com o apoio da esposa des-te. Uma vez em Paris, os camaradas seguiam o seu caminho [189]

189 GOMES, Domingos da Costa, "Criação e Actuação de Um 'Aparelho de Fronteira,'" O Militante, nº. 243, 1999.

A própria passagem "legal" de militantes como Domingos da Costa Gomes, com a tarefa de acompanhar os seus camaradas até Paris, desde Verin, exigia igualmente vários cuidados.

A primeira passagem de um camarada da Direcção do Partido foi de regresso a Portugal. A identificação eram duas gravatas rigorosamente iguais, uma que eu levaria posta e outra que traria o camarada a transportar. Para me deslocar a Ourense, situada a 70 km de Verin e a 95 de Chaves, ficou decidido entre mim e Pires Jorge que eu não atravessaria a fronteira por Vila Verde da Raia, onde eu era conhecido, mas que deveria fazer a travessia por Quintanilha. Eu assim fazia: percorria desde Chaves, passando por Bragança e Quintanilha e, em Espanha, passando por Alcañices e alcançando dali o caminho para Ourense.[190]

190 ibidem

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções.[191]



III -DO VÔO





i85 El Mirador de la Memoria, 2009, © Francisco Cedenilla Carrasco

i 86 Estrada do concelho de Montalegre, foto do autor

191 NORA,Pierre, *"Entre Memória e História*," trans. Yara Aun Khoury, Proj.História, no. 10, 1993.

A adesão à Comunidade Económica Europeia, actual União Europeia teve consequências ao nível do território raiano. A abertura das fronteiras ditou o fim do contrabando, acabando com uma economia paralela fundamental para as populações e a sua fixação no território, num período de agravamento do definhamento da atrasada exploração agrícola familiar, incapaz de competir dentro do Mercado Comum.

E contrabando, esse foi o que ajudou a que as pessoas se fossem mantendo nas aldeias, é que o contrabando era um modo de vida – era um complemento. A partir do momento que se acaba esse complemento, a maior parte das aldeias acaba-se.
Em Vilarinho da Raia, estavam a viver lá 12 guardas ficais, que estavam lá com as mulheres, e tinham todos 2 ou 3 filhos, só a população da Guarda Fiscal, ocupava metade da aldeia… A outra metade era dos contrabandistas, dos familiares, e não sei quê…
A partir do momento que fecham os postos, a aldeia ficou logo sem metade do pessoal. E as pessoas da aldeia da raia, que já tinham problemas com a agricultura, que não dava sequer para viver e que os obrigou a abandonar
(…)
Antigamente ainda havia, havia o negócio da batata, do presunto, de não sei quê… Agora nem isso há... Nem há maneira de o escoar. Ou vêm à feira todas as semanas, mas agora são velhotes e por isso não trabalham, não trabalham porque não dá dinheiro.... E quem está numa terra que não tem nada? [192]

192 Entrevista a Fernando Ribeiro, realizada pelo Autor

Fazia falta. Todas as pessoas viviam melhor com o contrabando. Todas as pessoas tinham dinheiro porque os putos, de 12/13 anos iam com 2 burros à Raia, carregados, e todos tinham dinheiro, todos.

Chaves, Vila Verde da Raia

Todos os edifícios do antigo posto fronteiriço de Vila Verde da Raia

‹ Voltar | Partilhar | Download







Todos os edifícios do antigo posto fronteiriço de Vila Verde da Raia

500 000 €

Moradia 10 Quartos

10 Quartos **5** Casas de banho **2 166 m²** de área

Chaves, Vila Verde da Raia

Referência: **C0395-00054**
Certificado energético: Em Processo

Antigo posto da Fronteira de Vila Verde da Raia, no centro da Eurocidade Chaves-Verín, constituído por sete edifícios, implantados num terreno com mais de 29.000m2.
- Edifício da Alfândega, já está reconstruído e actualmente utilizado como centro de formação;
- Edifício da Guarda Fiscal;
- Casas dos antigos guardas-fiscais;
- Casas dos funcionários da fronteira;
- Cadeia

Conjunto de imóveis com história, à espera de um empreendedor arrojado e criativo.

ver menos

E agora não há, é assim, acabou-se o contrabando, mas não fizeram outras fábricas…
Ficou tudo muito mais morto
Agora é que não há que fazer, porque acabou o contrabando. Cada um teve que lutar por outra vida, por outra sobrevivência. Mas aquilo naquela altura, quem se aventurava, porque era uma aventura – quem se safava hoje, amanhã prendiam-nos, mas depois voltávamos lá. Estávamos como os pescadores [193]

193 Entrevista a Ana "do Cabaço", realizada pelo autor

Actualmente, a passagem da fronteira já não se faz "a salto", mas de carro, atravessando estradas nacionais ou a autoestrada, e a emigração de avião. Apesar de algumas estratégias de desenvolvimento mútuo, sobretudo na base de promoção do turismo, como é exemplo a Eurocidade Chaves-Verin, quem vai de uma cidade à outra, depara-se com uma paisagem feita de terras agrícolas abandonadas e edifícios devolutos, do qual é exemplo o edifício da alfândega de Vila Verde da Raia, a partir de onde o Estado fascista português aplicou o seu poder repressivo às populações da Raia, que se encontra à venda por um promotor privado.

Este edifício, simbolicamente de estilo "português-suave", é por antítese, testemunha no território, do espírito de solidariedade raiano, de uma rede invisível local de subversão ao poder dos Estados fascistas, configurando um Lugar de Memória, em risco de ser perdido.

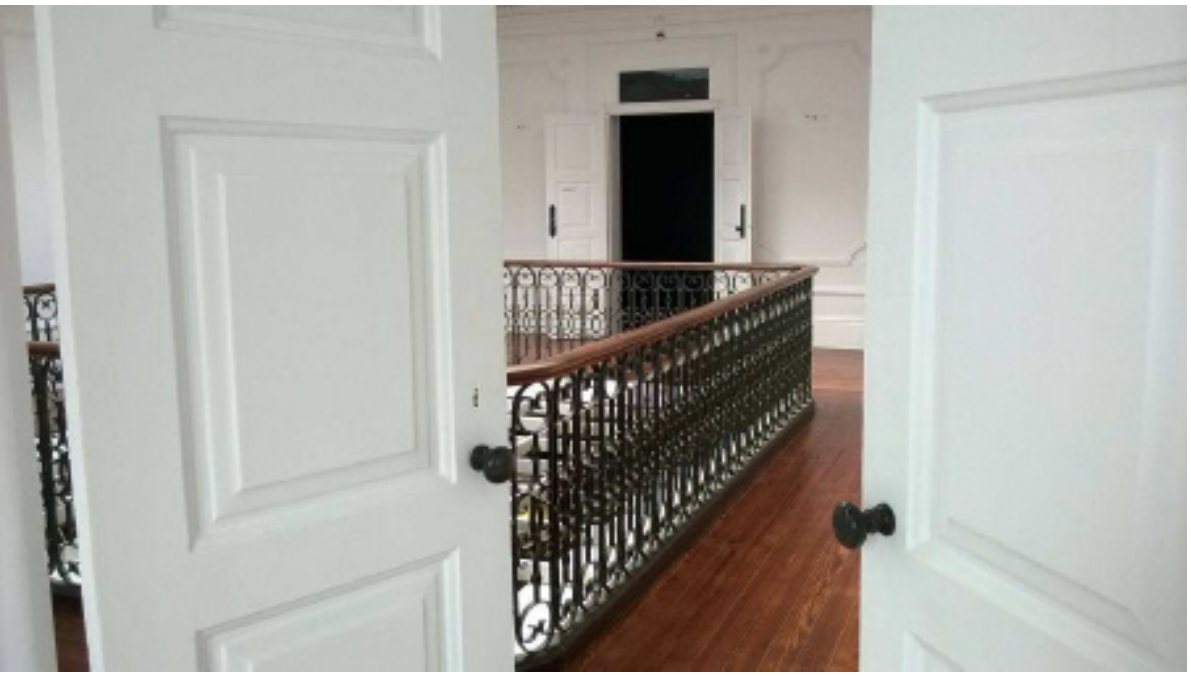
Aquilo que eu sei ouvi aos antecessores e, pronto, havia pessoas da minha família que gostavam de dialogar e deixar a informação para os vindouros, enquanto havia outros que se fechavam e não falavam nada disso porque aquilo foi um trauma autêntico aqui para esta população. Mais de metade da população foram presos sem saber porquê. Mas pronto, são situações um bocado complicadas. [194]

194 Entrevista a Licínio dos Inocentes, realizada pelo autor

A casa destruída em Cambedo da Raia, assume também a condição de Lugar de Memória. As sua ruínas marcam "em pedra" no espaço físico da aldeia, os acontecimentos daquela noite fatídica em que a aldeia acordou cercada, com tiros e explosões, e dezenas dos seus habitantes presos e levados para o edifício da Rua do Heroísmo do Porto, onde a PIDE tinha a sua delegação norte.

Desde la etnoarqueología del paisaje reivindicamos estos recintos vinculados a los ciclos agrarios como repositorios de la memoria reciente. La





i88 Reabilitação do Espaço da sede da PIDE no Porto, projecto de Mário Mesquita

clase política republicana, los representantes del Estado, sobrevivieron por la ayuda campesina que los ocultó en secaderos de castañas, en hornos de hacer el pan, en hórreos [195], en albarizas (estructuras circulares para proteger la miel de la gula del oso), en construcciones que los etnógrafos denominan «adjetivas» o «auxiliares» (…)
Esta es la arquitectura humilde y digna que simboliza la resistencia contra el fascismo. Del mismo modo que el aparato represivo invisibilizó los cuerpos del delito (fosas), la solidaridad campesina materializó toda una estrategia de invisibilización de los cuerpos de los huidos. Solo la tortura, el asesinato y la presión sobre la gente consiguieron romper esta ética y fomentar la traición y la delación. [196]

195 Espigueiros

196 VILA, Xurxo Ayán. "*Etnoarqueología de La Represión Franquista En A Pobra Do Brollón (Galicia,España) (1936-1949).*" VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica 13, nº 2 ,2019.

O edifício da PIDE no Porto tem sido alvo do projecto "Do Heroísmo à Firmeza", promovido pela União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP) Após reabilitação do espaço referente ao percurso dos presos, o projecto, com autoria do Arquitecto Mário Mesquita procura recuperar a memória dos presos políticos da repressão a que foram sujeitos, expondo-a no lugar em que esta aconteceu.
Dos presos no Porto, destaca-se a família de Demétrio García Alvarez.

Demétrio, o único guerrilheiro capturado com vida, passou por aqui, sendo posteriormente enviado para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde passou 19 anos. A sua família, que o acolheu no Cambedo, também esteve no Porto encarcerada. O seu sobrinho Primitivo, filho de Manuel Bárcia e Manuela García Alvarez (presos por 18 e 12 meses, respectivamente), de apenas um ano, faleceu "com uma pleuresia, como resultado de uma pneumonia, nas masmorras insalubres da Pide, em 1947"[197]

197 GODINHO, Paula *"Maquisards Ou Atracadores? A Propósito Das Revisões Da História No Caso de Cambedo Da Raia, 1946,*in Cambedo da Raia1946, Ourense, Asociación Amigos da República, 2004.

Por toda a Europa, são comuns exemplos de memorialização de espaços ocupados pelas vítimas do Holocausto. Destaca-se, a título de exemplo, pela reduzida escala das peças, em contraste com a sua enorme difusão no território europeu, contando mais de 1200 de peças espalhadas por vários países, o projecto Stolpersteine [198] do artista alemão Gunter Demnig.

198 Em alemão, «Stolpern» significa tropeçar e «Stein» significa pedra. Daí , as "pedras em que se tropeça", parece aludir à surpresa com que o transeunte se depara com a memória

In 1991, Gunter Demnig used white paint to mark the path that 1000 Sinti and Roma had been forced to take when they were deported 50 years earlier. After the paint had faded, he made the artwork permanent by engraving brass-plates and fixing them into the ground. As he was doing this, an elderly lady praised his project but at the same time expressed doubt that "gypsies" had lived in her neighbourhood. Thus, Gunter



i89 Stolperstein em Espanha



i90 Guernica, 1937, © Pablo Picasso, Museo Reina Sofia

Demnig understood that many people no longer knew who had lived in their areas, that many stories had disappeared. So he came up with a project that, on the one hand, would bring commemoration to the streets and to the villages, towns and cities of Germany and at the same time would mark the places where the victims of the Nazis had lived and where the crimes against them had begun. [199]

199 http://www.stolpersteine.eu/fileadmin/pdfs/FAQs_English_2021.pdf

A intervenção passa pela instalação, geralmente na calçada da última morada de escolha de pessoas perseguidas pelo regime nazi, pequenos cubos de cimento revestidos de latão, sendo cada "pedra" inscrita com os dados de uma vítima. Esta intervenção artística, ao mesmo tempo que permite o resgate da memória das vítimas, trazendo o seu nome para o espaço público, torna visível as memórias de ocupação das cidades, com a lembrança de quem as habitou.

Em Espanha, os três anos de Guerra e a forte repressão que lhe é seguida, marcaram profundamente o território espanhol, transformado em campo de batalha. A destruição foi durante este período, uma constante, que ainda hoje deixa marcas.

Em algumas zonas republicanas, o furor anticlerical levou a que, entre vários assassinatos e julgamentos sumários, várias igrejas e conventos fossem queimados e destruídos. No entanto, tal é incomparável à dimensão da destruição causada pelos confrontos militares e pelo recurso a uma táctica de bombardeamentos pelas forças do Caudilho, apoiado pela aviação italiana e alemã. Barcelona e Madrid foram fortemente atacadas, mas o ataque a Guernica, povoação civil do País Vasco, pela Legião Condor nazi, imortalizado no quadro de Pablo Picasso, ficou para a história enquanto símbolo do desespero perante a violência da Guerra, do sofrimento de um povo e da desumanidade do Fascismo.

No entanto, as valas comuns são o elemento deste período que persiste com maior preponderância no território espanhol. Há registos de mais de 2600 fossas por toda a Espanha, com um total estimado de mais de 130.000 vítimas. [200]

200 Ver https://www.lasexta.com/noticias/nacional/mapa-verguenza-espana-todas-fosas-comunes-victimas-guerra-civil-franquismo_201902265c7553260cf2e60c4243c6c5.html

O documentário "El Silencio de otros", de Almudena Carracedo e Robert Bahar, lançado em 2018, sobre a luta de várias vítimas da ditadura espanho-



i91 Cena do filme El silencio de otros, 2018, Robert Bahar e Almudena Carracedo

la para que os crimes contra a humanidade do franquismo pudessem ser julgados por um tribunal internacional, e para que os familiares dos "represaliados" pudessem finalmente sepultar os seus mortos, começa um plano de Maria Martín, octogenária de Castilla la Mancha, a cumprir o seu ritual habitual de depositar um ramo de flores na valeta da Estrada que passa pelo lugar onde a sua mãe, sequestrada e assassinada pelos franquistas em 1936, depois de lhe raparem o cabelo e a despirem, se encontra enterrada de forma anónima. Da mesma forma que Martín passou grande parte da sua vida a tentar recuperar os despojos da sua mãe, para a poder enterrar com o marido, também Ascensión Mendieta, luta para poder obter as ossadas do seu pai, assassinado em 1939, e enterrado numa vala comum no cemitério de Guadalajara.

> *"Hola, señor juez del Tribunal Supremo de Madrid. Mi padre, que le mataron a su mujer, la única respuesta que recibía fue 'tú la llevarás al cementerio cuando las ranas críen pelo así que no andes molestando, no vayamos a hacer contigo lo que hicimos con ella (…)*
> *Les envío un saludo de esta mujer que sigue esperando que las ranas críen pelo.*
> *María Martin* [201]

201 Almudena Carracedo e Robert Bahar, El Silencio de Otros (España, 2018).

Sobre isto, importa perceber o conceito de heterotopia descrito por Michel Foucault. Considerando as utopias enquanto "lugares sem lugar real", que mostram a sociedade de forma irreal e aperfeiçoada, as heterotopias surgem, por contraste, enquanto lugares à parte que estabelecem relações com a utopia. Existem num espaço à parte, precisamente para que esta possa ganhar lugar, ou pelo menos aproximar-se.

> *O espelho é, afinal de contas, uma utopia, uma vez que é um lugar sem lugar algum. No espelho, vejo-me ali onde não estou, num espaço irreal, virtual, que está aberto do lado de lá da superfície; estou além, ali onde não estou, sou uma sombra que me dá visibilidade de mim mesmo, que me permite ver-me ali onde sou ausente. Assim é a utopia do espelho. Mas é também uma heterotopia, uma vez que o espelho existe na realidade, e exerce um tipo de contra-ação à posição que eu ocupo. (…) O espelho funciona como uma heterotopia neste momentum: transforma este lugar, o que ocupo no momento em que me vejo no espelho, num espaço a um só tempo absolutamente real, associado a todo o espaço que o circunda, e absolutamente irreal, uma vez que para nos apercebermos desse espaço real, tem de se atravessar esse ponto virtual que está do lado de lá.* [202]

202 FOUCALT, Michel "De Outros Espaços," trad. Pedro Moura, Conferência Proferida Por Michel Foucault No Cercle d'Études Architecturales, a 14 de Maio de 1967.



i92 Cemitério de Vilarelho da Raia, foto do autor

Para Foucalt, os cemitérios são exemplo de heterotopias. Se até ao século XVIII os lugares de sepulcro se encontravam no centro da cidade, junto e dentro das igrejas, no século seguinte começaram a ser implantados na periferia. Tal é relacionado com alterações a paradigmas culturais. Tendo em conta a crescente descrença na ressurreição do corpos e imortalidade da alma, no século XIX o cadáver passa a ser visto como o último traço da nossa existência, pelo que cada um passa a ter o seu espaço próprio espaço de repouso. Ao mesmo tempo, com a preocupação higienista da burguesia, os corpos mortos passam a ser entendidos como propagadores da própria morte, pelo que, para manter uma "utopia" da cidade, foi preciso afastar os cemitérios para os subúrbios. [203]

203 ibidem

Voltando à Espanha franquista, podemos afirmar que as valas comuns correspondem a espaços heterotópicos. Para os fascistas, a inumação dos inimigos em caminhos e valetas servia como aviso às populações do que aconteceria a quem não se submetesse à sua autoridade. Ou seja, serviram enquanto lugar à parte que permitia estabelecer a ordem no espaço público. As fossas situadas nos cemitérios, quer extramuros, quer no átrio, simbolicamente têm um efeito parecido. Assumindo o estabelecimento de uma relação hierárquica dentro do próprio cemitério, a existência das campas rasas e comuns permite dividir a população em dois grupos, os dignos de serem sepultados com dignidade, e os rojos, desumanizados e invisíveis, condenados ao esquecimento. Como refere Xurxo Vila,

> *Esta voluntad de invisibilización no solo se concretó, a corto plazo, en la acción inmediata de la inhumación en fosas comunes, sino también a largo plazo, en la destrucción de las mismas. Como señala F. Ferrándiz, la eficacia de la topografía del terror franquista sigue vigente en gran medida en la actualidad. A diferencia de otras zonas de España, en Galicia no contamos con grandes fosas, resultado de sacas multitudinarias, sino con enterramientos de uno o pocos individuos, normalmente en el atrio de los cementerios. La elección de este emplazamiento era una humillación más. Por encima de las fosas, sin marcar ni señalizar, circulaba la gente e incluso las procesiones alrededor de la iglesia en los días de fiesta.* [204]

204 VILA, Xurxo Ayán. "*Etnoarqueología de La Represión Franquista En A Pobra Do Brollón (Galicia,España) (1936-1949).*" VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica 13, nº 2 ,2019.



i93- exumação de vala comum

Nos últimos anos, vários têm sido os grupos dedicados à luta para que a Espanha democrática possa olhar para a sua história enterrada e finalmente limpar as feridas que ainda dividem o país. A exumação de valas comuns e o enterro digno dos vencidos, da memorialização das vítimas, o combate à exaltação ao fascismo em edifícios públicos e na toponímia, são exemplos concretos da luta pela na preservação da Memória Histórica no Espaço Público.

> *Eu entendo que en Portugal tendes unha sinatura pendente – un traballo pendente, que é primeiro, coñecer, e despois, rehabilitar, aqueles portugueses que foran represaliados polo réxime franquista – que son moitas persoas. Só na Galiza, coñecemos preto de 400 portugueses, documentados – só na Galiza. Pero en zonas como Andalucía, Estremadura, Zamora, Salamanca, que son fronteirizas onde hai centos de portugueses asasinados ou que pasaron tempos nas prisións. E iso Portugal aínda non, oficialmente, quere saber, porque non quere ter problemas co seu veciño. A nivel oficial, non gosta desa temática.*
> *Pero eu tamén creo que ata o momento, a esquerda portuguesa non fixo o que debera, recoñecendo e facendo súas esas vítimas – as vítimas portuguesas do franquismo.*
> *(…)*
> *É preciso, é urxente que as persoas que saben, que coñecen, que poden ter influenza, que comecen a traballar para que no país esas vítimas sexan visíbles*
> *Entón aí temos un traballo transfronteirizo interesante, conxunto, de investiga-dores e de movementos memorialísticos de un país e de outro – depende de nós se queremos avanzar ou non nesta cuestión.* [205]

205 Entrevista a Dionísio Pereira, realizada pelo autor



i 94 Monumento as carrilanos portugueses assassinados pelo franquismo

Em Campobecerros, a cerca de 40 km de Chaves, foram assassinados e enterrados numa vala comum, à beira da estrada, quatro "carrilanos" portugueses, trabalhadores na construção do caminho de ferro entre Ourense e Zamora, classe altamente politizada que, perante a sublevação militar franquista, pegaram em armas em defesa da República, constituindo a sua última linha de defesa na Galiza.
Em Janeiro de 2017, foi colocada nesse lugar um pequeno monumento com uma placa de pedra em sua homenagem. Apenas um mês depois, o monumento foi vandalizado, o que não é de todo novidade, num país que continua profundamente dividido, após uma guerra fratricida, uma ditadura brutal, e uma transição que autoimpôs o esquecimento como lei, não permitindo abrir as suas feridas, para as poder limpar.
Também uma escultura em homenagem às vítimas do franquismo, em Cáceres, foi baleada. O autor decidiu não remendar a obra, os disparos tinham-na completado.

Se as circunstâncias obrigaram os antifascistas a tornarem-se invisíveis no território e os regimes procuraram apagar a sua existência, a necessidade, num período particularmente desafiante, é precisamente o oposto. Tornar visível, para que a barbárie não volte a acontecer. Não passarão!

Em Agosto de 2020, a placa foi reposta.

188 TIAGO, Manuel *Cinco Dias, Cinco Noites*, 8o Edição, Lisboa: Edições "Avante!," 1994.

- Não se inquiete, amigo. Já passámos.
(…)
-Não dei por nada- disse em voz baixa, falando para si.
Desta vez, o Lambaça não esperou engolir para falar. Saindo dificultosamente da boca cheia, a voz explodiu de prazer.
-O amigo que esperava? Que houvesse um muro na fronteira, não? Ou talvez uma tabuleta? [206]



i95 posto fronteiriço abandonado, Tourém

i1- Cambedo da Raia -foto do auto

i2 -Tourém-foto do autor

i3 passeio de carro-foto do autor

i4- desenho da linha da Raia

i5 - Composition, 1923, Laszlo Moholy-Nagy © Centre Pompidou in https://en.muzeo.com/art-print/composition-1923/laszlo-moholy-nagy

i6- espaço transfronteiriço em análise

i7 "Série "Lugares da Memória". Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 © Artur Pastor

i8 bandeira independentista galega na manifestação do 25 Abril do Porto, 2018 Foto do autor

i9-Manuel Guerra, Cambedo ,foto do autor

i10 https://expresso.pt/sociedade/2019-09-29-Exilados-50-anos-depois-voltam-a-passar-a-salto-a-fronteira-com-Espan i11 foto do autor

i12 ruína em Santiago de Rubiás, foto do autor

i13- paisagem barrosã, foto do autor

i14- cura de presuntos, Vilar de Perdizes, foto do autor

i15 Canion do Rio Sil, Ribeira Sacra, Galiza ,foto do autor

i16 boiada em Tourém ,foto do autor

i17 Pitões das Júnias,foto do autor

i18 Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 ©Artur Pastor

i19 Imagem aérea de Rio de Onor

i20 revolving House, Pual Klee,1921

https://www.museothyssen.org/en/collection/artists/klee-paul/revolving-house-1921-183

i21 Cambedo da Raia, foto do autor

i22 Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 © Artur Pastor

i23-Varanda em Santiago de Rubiás, foto do autor

i24 Ruína em Tourém, foto do autor

i25 forno comunitário de Tourém

i26 Marco fronteiriço na Serra do Murico, foto do autor

i27 Marco fronteiriço na Serra do Murico, foto do auto

i28 Vista do Castelo de Bragança Chaves e Montalegre, Duarte de Armas, in "Livro das Fortalezas", c. 1509, in http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=1551

i29 capa do jornal republicano

i30 Mapa de uma parte da fronteira entre a Província Espanhola de Ourense e Portugal, desde o ponto em que o Rio Minho deixa de ser raia até ao Castelo de Sandin / José de Castro, Tte. Corl. Comandte. de Estado Mayor, Fechado em "Badajoz Marzo 1863", Assinatura do autor, precedida de: "Reconocimiento verificado en 1862, por comisionados de ambos reinos con teodolito y brújula" in https://trazarlalinea.com/el-tratado-de-limites-de-lisboa-preparacion-y-negociaciones-1854-1866/castro-jose-de-1828-1902-2

i31, igreja de Santiago de Rubiás, foto do autor

i32 imagem aérea sobre o território do Couto Misto e Tourém

i33 Mapa de uma parte da fronteira entre a Província Espanhola de Ourense e Portugal, desde o ponto em que o Rio Minho deixa de ser raia até ao Castelo de Sandin / José de Castro, Tte. Corl. Comandte. de Estado Mayor, Fechado em "Badajoz Marzo 1863", Assinatura do autor, precedida de: "Reconocimiento verificado en 1862, por comisionados de ambos reinos con teodolito y brújula" in https://trazarlalinea.com/el-tratado-de-limites-de-lisboa-preparacion-y-negociaciones-1854-1866/castro-jose-de-1828-1902-2

LISTA DE IMAGENS

i34 Casa atravessada pela fronteira na povoação mista de Cambedo da Raia, foto do autor

i35 Splitting, 1974,© Gordon Matta-Clarkin https://cineaction.ca/current/the-suburbanaltern-spatial-and-temporal-refractions-of-normativity

i36 The day after the Retirada: Portbou, 1939, Antoni Campañà in https://www.museuexili.cat/en/?&modjemcal_id=342&modjemcal_month=2&modjemcal_year=2023

i37 Leap Into the Void, 1960, Yves Klein

i38 Embarque do Corpo Expedicionário Português para a Flandres, 1917, Joshua Benoliel in http://caladinhos.blogspot.com/2010/09/joshua-benoliel-embarque-do-corpo.html

i39 Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 © Artur Pastor

i40 Trás-os-Montes, décadas de 50 e 60 © Artur Pastor

i41 Vista do mural exterior, Pavilhão Espanhol, 1937, Exposition Internationale des Arts et Techniques dans le Vie Moderne, Paris, © Arxiu Historic del Collegi Oficial d'Arquitectes de Catalunya in https://www.royalacademy.org.uk/article/five-art-shows-to-see-this-week-13-19-jan

i42. Despedida das Brigadas Internacionais, Robert Capa , 1938 https://www.magnumphotos.com/newsroom/conflict/robert-capa-spanish-civil-war/

i43 https://cadenaser.com/programa/2015/09/24/la_ventana/1443118841_693122.html

i44 Aidez L'Espagne, 1937, Joan Miró, in https://www.nationalgalleries.org/art-and-artists/53848/aidez-lespagne-help-spain

i45 Office Baroque, 1977, Gordon Matta-Clark in https://unafabricadenubes.blogspot.com/2013/05/artesana-gordon-matta-clark-eeuu-1943.html

i46 Tobo de Esteban na casa de Don Pedro no lugar de Nogueiras, Olga Novo in https://luzes.gal/08/08/2019/opinion don-esteban-no-burato-dos-mouros/

i47 Esconderijo de Esteban no Burato dos Mouros, © Proxecto Arqueolóxico do Castro de San Lourenzo

i48 Bingo, 1974, Gordon Matta-Clark in https://sineadosullivan.files.wordpress.com/2011/05/2-mattaclark21.jpg

i49, cena do filme "30 años de oscuridad", de H.mARTIN sobre a vida dos Topos, 2012

i50 Refugees on the road from Barcelona to the French border, 1939, © Robert Capa and Cornell Capa Archive in https://www.icp.org/browse/archive/objects/refugees-on-the-road-from-barcelona-to-the-french-border-1

i51 1939), "Relatório remetido pelo Capitão Agostinho Lourenço, Director da PVDE, ao Ministro do Interior, sobre a actividade da polícia política entre 1932 e 1938.", Fundação Mário Soares / DFR - Documentos Fernando Rosas, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_161465 (2021-5-2)

i52 Casa onde morava o Professor Barros, Tourém.Foto do autor

i53 placa em homengaem ao prof. Barros,Tourém. foto do autor

i54-Pensão Rito, Chaves, foto de Frenando Ribeiro https://chaves.blogs.sapo.pt/chaves-realidades-do-centro-historico-1332916

i55 Republican soldiers, trenches, University City, Madrid, 1939, © Robert Capa and Cornell Capa Archive in https://www.icp.org/browse/archive/objects/republican-soldiers-trenches-university-city-madrid

i56 : Construções primitivas em Portugal, 1988, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira © Etnográfica Press

i57 abrigo guerrilheiro nos Montes Casaio https://digital.csic.es/handle/10261/182364

i58 excavación de chozos da guerrilla antifranquista nos sitios de As Morteiras e Teixadal na 'Ciudad de la Selva', Casaio, Carballeda de Valdeorras, Ourense, 2019 © Carlos Terejizo Garcia in https://digital.csic.es/handle/10261/182364

i59

i60 Tea Party, 1972, Bas Jan Ader in http://everydaybird.blogspot.com/2011/03/fun-finally-pt-2.html

i61 Cambedo da Raia, foto do autor

i62 fontanário que terá sido construído com a ajuda dos fuxidos galegos , Cambedo da Rai, Foto do autor

i63 asa onde dormia Juan na noite dos acontecimentos

i64 entrada para o lagar onde Demétrio e Garcia se acolheram durante o tiroteio, foto do autor-

i65 Ruínas da casa de Albertina Tiago

i66 Demétrio García Alvarez

i67, Serra do Murico, fronteira. Foto do autor

i 68 Posto da Guarda Fisacal Vila Verde da Raia, 8 de Julho de 1912, in https://chavesantiga.blogs.sapo.pt/tag/paiva+couceiro

i 69 Comércio na Estrada entre Chaves e Verin, foto do autor

i70 magem aérea das aldeias de Vilarelho da Raia, rodeada por San Cibrao, Rabal e Tamaguel

i71 Imagem aérea da Igreja de Srª a da Azinheira e cemitério, em Outeiro Seco, onde Rodrigo Batista escondia o contrabandoi

i72 Placa em Santiago de Rubiás, Couto Misto Foto do autori73Olas de Santa Marinha, entre vilar de Verdizes e VideferreFoto do autor

i73 Olas de Santa Marinha, entre vilar de Verdizes e Videferre Foto do autor

i74 Rua do Tabolado, Chaves, 1961, in https://chavesantiga.blogs.sapo.pt/2007/03/?page=2

i75 Guarda Fiscal de Chaves, apreensão de bananas, década de 80, in https://sites.google.com/site/picachouricosguardafiscal/imagens-antigas/imagens-depois-1970

i 76 Immigrés portugais, train Hendaye-Paris, 1965 © Gérald Bloncourt, Musée national de l'histoire et des cultures de l'immigration, in https://www.histoire-immigration.fr/collections/immigres-portugais-train-hendaye-paris-1965

i77 Açude do Rio Tâmega, em Vila Verde da Raia, por onde se atravessava a fronteira clandestinamente Foto do autor

i78 Fronteira de Irun

i79Resistentes antifascista homenageiam vítimas da PIDE no Porto Rua do Heroísmo-25/04/2021 Foto do autor

i80 passagem de fronteira pelos Pireneus

i81"Tipografia Clandestina"

José Dias Coelho desenho realizada para o jornal Avante! nº304, 1ª quinzena de agosto de 1961, GES / PCP

i82, edifício onde se situava o gabinete de Domingos da Costa Gomes. Segundo refere o Sr. Rodrigo Batista, era aqui que se preparava o "salto" Google Street View

i83 Cena do filme Cinco dias, Cinco noites, 1996, José Fonseca e Costa, baseado no livro de Manuel Tiago

i84 Travancas da Raia, Chaves

foto do autor

i85 El Mirador de la Memoria, 2009, © Francisco Cedenilla Carrasco, in https://sieteymedio.co/2020/07/15/el-silencio-de-otros-2019/

i 86 Estrada do concelho de Montalegre, foto do autor

i 87 anúncio de venda do Posto Fronteiriço de Vila Verde daRaia

i88 Reabilitação do Espaço da sede da PIDE no Porto, projecto de Mário Mesquita

i89 Stolperstein em Espanha https://madridnofrills.com/madrid-stolpersteine/

i90 Guernica, 1937, © Pablo Picasso, Museo Reina Sofia in https://revistasalsaparrilha.com/2016/07/18/2016-o-ano-em-que-faremos-full--contact/

i91Cena do filme El silencio de otros, 2018, Robert Bahar e Almudena Carracedo, in https://www.imdb.com/title/tt8099236/

i92 Cemitério de Vilarelho da Raia, foto do autor

i93 exumação de vala comum

i94 Monumento as carrilanos portugueses assassinados pelo franquismo Foto do autor

FONTES PRIMÁRIAS

Correspondência com Américo Lazaro Leal

Entrevista a Ana Cabaço

Entrevista a Ana Leal Branco

Entrevista a António Guerra

Entrevista a Dioníso Pereira

Entrevista a Fernando Ribeiro

Entrevista a José Dias e Dina Ferreira

Entrevista a Licínio dos Inocentes

Entrevista a Maria do Céu Moreira

Entrevista a Manuel Guerra

Entrevista a Rodrigo Batista

Depoimento de Luísa Tito de Morais

FONTES SECUNDÁRIAS

Bibliogafia

Agier, Michel. "Do Direito à Cidade Ao Fazer-Cidade. O Antropólogo, a Margem e o Centro." Mana: Estudos de Antropologia Social 21, no. 3 (2015): 483–98. https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483.

Alves, Jorge Ferreira. O Barroso e a Guerra Civil de Espanha. Cadernos Culturais. Vol. 2. Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre, 1987.

FONTES DE INFORMAÇÃO

Auge, Marc. Non-Places -Introduction to an Anthropology of Supermodernity. Translated by John Howe. Verso, 1995.

Benjamin, Walter. Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Translated by Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz, and Manuel Alberto. Relógio d'Água, 2012.

Brecht, Bertolt. "As Cinco Dificuldades de Escrever a Verdade." Translated by Fernando Araújo, 1934. https://www.marxists.org/portugues/brecht/1934/mes/verdade.htm.

Brito, Joaquim Pais De. Retrato de Aldeia Com Espelho : Ensaio Sobre Rio de Onor. Portugal de Perto. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

Calvino, Italo. As Cidade Invisíveis. Translated by José Colaços Barreiros. 12o edição. teorema, 2010.

Caminho de SantiagoEstudos Dos Traçados No Norte de Portugal, n.d.

Clementino, Luísa. "Fernando Távora : De O Problema Da Casa Portuguesa Ao Da Organização Do Espaço." Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2013. http://tv.up.pt/uploads/attachment/file/34/FERNANDO_T_VORA_De_O_Problema_da_Casa_Portuguesa_ao_Da_Organiza__o_do_Espa_o..pdf.

Correia, Luís. "Monumentos, Território e Identidade No Estado Novo." Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2015.

Cruz, Bento da. Guerrilheiros Antifranquistas Em Trás-Os-Montes. 2o Edição. Lisboa: Âncora Editora, 2005.

Dias, Jorge. Rio de Onor Comunitarismo Agro-Pastoril. 3o edição. Editorial Presença, 1984.

Dias, Manuel Graça. "Formas Arquitectónicas Populares e Urbanas (Ver-

náculas?) Em Portugal (Sem Se Saber Bem Porquê e 49 Legendas)," n.d. http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/1_PI_Cap6.pdf.

Domingues, Alvaro. "A Rua Da Estrada." CIDADES, Comunidades e Territórios, no. 20–21 (2010): 59–67. https://doi.org/10.7749/citiescommunitiesterritories.dec2010.020-21.art04.

Fontes, António Lourenço. Etnografia Transmontana 2ovol.-O Comunitarismo de Barroso. Lisboa: Editorial Domingos Barreira, 1992.

Freire, Dulce, Eduarda Rovisco, and Inês Fonseca. Contrabando Na Fronteira Luso--Espanhola. 1o. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.

Godinho, Paula. "Maquisards Ou Atracadores? A Propósito Das Revisões Da História No Caso de Cambedo Da Raia, 1946," 2004.

Godinho, Paula "Oír o Galo Cantar Dúas Veces Identificacións Locais, Culturas Das Marxes e Construción de Nacións Na Fronteira Entre Portugal e Galicia," 2008. https://run.unl.pt/bitstream/10362/14518/1/2011 livro Oír o galo cantas duas veces.pdf.

Gomes Coelho, Rui, and Xurxo Ayán Vila. "Cambedo, 1946: Letter on the Discovery of Portugal." Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica 2, no. 13 (2020): 63–87. https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/15815.

Gomes, Domingos da Costa. "Criação e Actuação de Um 'Aparelho de Fronteira.'" O Militante, no. 243 (1999).

Gonçalves, Maria Ortelinda Barros. "Desenvolvimento Em Meio Rural - Contributos Da Emigração e Do Regresso . Aplicação Ao Concelho de Boticas Na Região Barrosã." Universidade Aberta de Lisboa, 2007.

Guerreiro, Manuel Viegas. Pitões Das Júnias Esboço de Monografia Etnográfica. 2o edição. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1982.

Laugier, Marc-Antoine. "An Essay on Architecture," 1755. https://openlibrary.org/books/OL25399367M/An_essay_on_architecture.

Llano, Pedro de. Arquitectura Popular En Galicia- Razón e Construcción. Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1996.

Mattoso, José. História de Portugal. Vol. VII. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

Monteys, Xavier, and Pere Fuertes. "Casa Collage : Un Ensayo Sobre La Arquitectura de La Casa," 2001.

Nora, Pierre. "Entre Memória e História." Translated by Yara Aun Khoury. Proj.História, no. 10 (1993).

Norberg-Schulz, Christian. "Genius Loci." New York: Rizzoli, 1976. https://doi.org/10.1515/semi.2000.128.3-4.233.

Oliveira, Manuel. Como Vivir Con La Memoria Actitudes Artísticas Amte Arquitectura y Franquismo. Edited by MUSAC. Barcelona: Puente editores, 2018.

Ordem dos arquitectos, ed. Arquitectura Popular Em Portugal. 3o edição., 1998.

Pereira, David. "As Guerrilhas Antifranquistas Galegas." História 99, no. 3 (2007).

Pereira, Dionísio. Emigrantes, Exilados e Perseguidos a Comunidade Portuguesa Na Galiza (1890-1940). Associaçom Galega da Língua, 2013.

Pires Jorge, Joaquim. Com Uma Imensa Alegria- Notas Biográficas. Lisboa: Edições "Avante!," 1984.

Ribeiro, Orlando. Opúsculos Geográficos. Vol. IV. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

Rossi, Aldo. La Arquitectura de La Ciudad. Translated by Josep Maria Ferrer-Ferrer and Salvador Tarragó Cid. Barcelona: Gustavo Gili, 2015.

Serra, Jaime. Eles Têm o Direito de Saber... O Que Custou a Liberdade. 2nd ed. Lisboa: Edições "Avante!," 2004.

Tejerizo-Garcia, Carlos, Alejandro Rodríguez Gutiérrez, Mario Fernández Pereiro, Celtia Rodríguez González, Álvaro Carvajal Castro, and Olalla

Álvarez Cobian. "La Ciudad de La Selva (Casaio, Ourense): Arqueología y Memoria de La Guerrilla Antifranquista En El Noroeste Peninsular." Cadernos de Arqueología Militar 2 (2020).
https://www.academia.edu/44860952/La_Ciudad_de_la_Selva_Casaio_Ourense_Arqueología_y_memoria_de_la_guerrilla_antifranquista_en_el_noroeste_peninsular.

Tiago, Manuel. Cinco Dias, Cinco Noites. 8o Edição. Lisboa: Edições "Avante!," 1994.

Travasso, Nuno. “Território: Casa Comum,” 2015.

United Nations, ed. “Treaty on Boundaries between Spain and Portugal from the Mouth of the Minho River to the Junction of the River Caya with the Guadiana.” United Nations - Treaty Series, 1982.

Vila, Xurxo Ayán. “Etnoarqueología de La Represión Franquista En A Pobra Do Brollón (Galicia,España) (1936-1949).” VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica 13, no. 2 (2019).

Filmografia

Carracedo, Almudena, e Robert Bahar,El Silencio de Otros. España, 2018.

Neves, António Loja e José Alves Pereira. O Silêncio, Portugal 2017

Martin, Manuel, 30 años de oscuridad, España 2012

Costa, José Fonseca e, cinco dias, cinco noites

Rossif, Frédéric, Morir a Madrid, France. 1963

Loach, Ken, Land and Freedom, Britain, 1996

Webgrafia

https://www.fronterad.com/carreteras-secundarias-la-vida-de-mi-abuelo-junto-a-la--frontera/

https://ionline.sapo.pt/artigo/552021/manuel-alegre-a-minha-segunda-candidatura--foi-um-erro-?seccao=Portugal

https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/arqueologias-da-hospitalidade-entrevista-a--rui-gomes-coelho

https://www.diariodepontevedra.es/articulo/noticias/homenaxe-ao-pobo-de-tourem/20140310220100243971.html

https://www.lavanguardia.com/cultura/20200505/48973724359/registro-online-espanoles-campos-concentracion-nazi.html

https://luzes.gal/08/08/2019/opinion/don-esteban-no-burato-dos-mouros/registro-online-espanoles-campos-concentracion-nazi.html

https://elpais.com/diario/2007/10/21/galicia/1192961900_850215.html

http://www.congreso.es/portal/page/portal/Congreso/Congreso/Hist_Normas/PapHist/PrimoRiv

http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=1215&muda_idioma=PT

https://galeguizargalicia.gal/asociacion-de-amigos-do-couto-mixto/historia/

http://sputniklabrego.com/

http://www.nomesevoces.net/

https://cambedo-maquis.blogs.sapo.pt/

ANEXO *Depoimentos e entrevistas*

https://youtu.be/ZMcjGzGW8jA



Entrevista a Ana Cabaço, Vilar de Perdizes

-Portanto eu nasci em 45.

-E chama-se…

-Ana. Ana Cabaço... Do café Cabaço. Pois é. Porque Anas há muitas.
É isso.
-Portanto, Ana do Cabaço.

-O Tiago é que me disse, quando eu estava a falar com ele por causa do meu trabalho - se estás a falar do contrabando, tens de falar com a minha avó, que a minha avó era a chefe daqui da coisa toda. É verdade?

-Sim, sim, é verdade. Não quer dizer que fosse a chefa mas frequentei muito tempo esse trabalho porque era a sobrevivência daquela altura. Não é?
Nós tínhamos que sobreviver dalguma coisa, mas quem tinha coragem, teve de se desenrascar para sobreviver melhor que outros, que eram só da agricultura e disso, não é? Foi disso que me levou a frequentar essa vida.

Os seus pais já se dedicavam ao contrabando?
-
Sim, o meu pai já se dedicava ao contrabando, mas eu não acompanhei muito o pai no contrabando porque ele morreu (quando) eu era muito novinha.
Eu casei, e antes de casar eu não frequentava isso, mas depois casei-me com o meu marido, que depois frequentava o contrabando e depois, enfarinhei-me nesse trabalho.

-E como era então?

-Portanto, o contrabando naquela altura era, nós trazíamos para cá – nós entre aspas... Os espanhóis traziam-nos o contrabando até à raia e depois nós trazíamos da raia para cá.
Outras vezes íamos mesmo nós buscá-lo lá.
Portanto, de lá para cá era: bananas, bacalhau, feijão, piña em latas – que era como eles chamavam (ao) ananás em lata. Portanto, muita coisa.
E daqui para lá era tabaco, caixas de tabaco

-E qual era o caminho que a Sra fazia?

-Ora, o caminho… Eu tinha muitos caminhos. Vários.
O caminho nós tínhamos que ver… Nós aqui estamos cercados de fronteira por todo o lado, temos fronteira com Videferre, com San Millao, com A Xironda e com San Cristobal.
Temos essas aldeias todas de roda de nós, e por isso nós iríamos, frequentávamos aquele que mais liberto víamos, e que achávamos que nos podíamos safar por lá.
Nem sempre nos safávamos, mas tentávamos.

-E o que é que acontecia? Havia guarda fiscal?

Ai, aqui havia! Havia um posto do guarda fiscal que estava aqui já há muitos anos. Tantos quantos tenho eu, mais ou menos.
Quando abri, ainda os guardas frequentavam isto, e estavam aí toda a noite, a beber e a comer.
Até lhes dávamos de beber e de comer para nos irmos por outro lado, para podermos fazer as nossas coisas.
-Então a Senhora já tinha aqui o café.

-Sim.

-E vendia aqui artigos do contrabando?

Não, eu não vendia aqui. Eu ia buscar.
Era assim, o trajecto era assim: portanto, nós íamos buscar, de lá para cá.
Os espanhóis, aqueles que conhecíamos e que fazíamos confiança neles, tanto íamos buscá-lo lá mesmo dentro de Espanha, como eles nos o traziam à fronteira.
Depois, se vinha de lá para cá – o bacalhau, essas coisas... era mais bacalhau, mas havia de tudo! No tempo do Natal eram nozes, passas, essas iguarias que todos queriam no Natal, não é?
E nós íamos levá-lo aos armazéns. Eu ia a Oliveira de Azeméis, que eu nessa altura tirei a carta de condução. Tirei a carta de condução em 71 e nessa altura eu pegava no carro como os homens. Ia daqui a Oliveira de Azeméis, ia daqui ao Porto, a Braga, a vários sítios, a Salto...

Onde tínhamos os armazéns e onde as pessoas iam buscar.
Nós tínhamos aquilo vendido, eles vinham e levavam, ou nós íamos lá levar.

-Mas tinha aqui algum armazém aqui na aldeia?

-Não, os armazéns na aldeia eram as nossas casas.

-E onde é que escondiam o contrabando?

-Trazíamos aqui para casa, só que depois nós tínhamos muito pouco tempo isto aqui em casa, era quase só trazer e levar. Já estava combinado, e se não pudéssemos naquele dia, ficava. Pois nós arriscávamo-nos a que alguém viesse, mas não vieram.
Eu ainda tive cenas em que me vieram a casa buscar as coisas. Os guardas ainda me cercaram…

-Não quer contar essa história?

-Portanto, essa história, foi uma história, em que eu descarregava em casa de um amigo, à entrada da aldeia, vindo de Videferre, uma terra espanhola.
E então, nós púnhamos-lho lá. E eu pu-lo lá, mas nessa altura, o meu marido tinha um sócio que era o irmão, esses irmãos depois zangaram-se, e apartaram-se.
E esse negócio ficou conosco, porque o senhor do negócio quis-no-lo dar a nós. E esse senhor, irmão do meu marido, denunciou esse artigo que sabia que estava naquela casa.
Pronto, denunciou, e os guardas cercaram a casa.
Vieram-nos avisar que os guardas estavam lá. Nós não podíamos fazer nada, porque estávamos aqui e a casa já estava cercada.
Mas um senhor, um vizinho dessa casa, em que estava lá o artigo decidiu pôr uma aparelhagem que tinha, com uma música muito alta.
E então, arrombaram a parede, com umas marras e uns ferros, de uma casa para a outra para fugirem de lá com o material, e foi isso que fizeram.
-O material, era um material que eram cortinas, que vinham da Espanha para aqui – cortinas para casas, rolos de cortinas.
E então arrombaram, fizeram o buraco, juntaram-se as pessoas, porque as pessoas quando viam assim, qualquer coisa, juntavam-se para ajudar.
E nesse dia, foi um deles, em que se juntaram para fazer o buraco e toca a passar! e a trazê-lo (o contrabando) para outras casas onde os guardas não deram conta.
Os guardas estavam no caminho. As casas eram assim [faz gesto com as mãos], o material escapou para outro lado, que dava pulo para outra estrada que os guardas não viam, e os guardas quando deram conta, aquilo já lá não estava.

-E depois não teve nenhum problema?

.E depois, não teve problema nenhum porque eles já não sabiam onde estava.
Escaparam dali com ele.

.E eles o que queriam saber era do material, não queriam saber das pessoas…

.Não (queriam)...

.Já sabiam mais ou menos quem andava metido no contrabando?

.Era assim, eles tiveram uma denuncia, que estava ali aquele material.
Quando foram ver, o material não existia lá, e não houve culpado nenhum, porque não havia o material.

.Sim senhora! E depois o contrabando...

.E depois o contrabando foi ao destino dele. Não foi naquele dia, foi noutro [risos]…
Era assim.

.E por aqui por Vilar de Perdizes passou muita gente…

.Para a França?! Uiiiiich!... Muita gente...
Muita gente passou para a França. E eu levantava-me de madrugada para ir na frente com eles, levá-los e metê-los na carreira.

.Então a senhora era peliqueira?

.Eu era tudo!

.E tem alguma história dessas passagens?

.Desses senhores tenho várias, eram todas mais ou menos parecidas.
Portanto, os passadores vinham-no-los trazer a casa, ou nos íamo-los lá buscar, consoante calhava. E depois a carreira aqui para a Gironda, da aldeia vizinha saía às 7 da manhã.
E eu e outra mulher tínhamos que estar lá para quando chegasse a carreira... nós metíamo-los na carreira, já tínhamos o trato feito com o revisor.
Eles entravam, ele contava quantas pessoas ali iam, nós pagávamos pelas pessoas que iam, e eles levavam-nas ao destino.
Só que duma vez, estavam lá os guardas de lá. Que desconfiavam, que estavam lá à espera e não sei quê.
.Eles estavam lá, e os senhores entraram para a carreira, nós mandávamos como era o hábito deles. Mas só que depois, nós não pudemos ficar, porque depois já sabiam que depois que éramos nós.

.Claro.

.Se nós ficássemos, sabiam que vínhamos no grupo deles, então entrámos nós também.
Só que claro, o nosso destino não era aquele, a ideia era ficar e voltar para trás. Chegamos a uma certa aldeia, eu disse em voz alta, revisor, tem que parar porque eu deixei a minha carteira onde cheguei, ficou-me lá a minha carteira, tem de parar.
E os carabineiros também iam lá.
Então depois eu disse, tem que parar. Tem que parar porque eu deixei lá os meus documentos todos – tenho que voltar para trás que senão depois tiram-ma.
Ora e, lá parou o home.
Lá nós descemos naquela aldeia, e viemos para trás a pé. Os carabineiros também pediram para parar e desceram, e eles andavam mais que nós.
E botaram para mim umas asneiras, de que é que andávamos nós ali a fazer…, que não tínhamos deixado nada, então o que é que eu andava ali a fazer…
E eu: se sabes que não deixei nada, acompanhas-me e depois vês! Se já não está, é porque alguém ma levou! Mas vês que está lá a carteira, porque ainda ninguém ma levou…
Mas ele não quis saber. Foi se embora, como quem – Daqui não tiro nada!... Foi-se embora e não quis saber de nós [risos].
Mas nós tínhamos que fazer assim sempre.

.Mas então vocês levavam-nos daqui a passar a fronteira a salto, e depois deixavam-nos lá e vinham-se embora

.Pois, sim. Nós não íamos à fronteira, nós íamos dentro da aldeia até à carreira que vinha para os levar. A carreira espanhola, vinha a aldeia espanhola, porque nós íamos à aldeia espanhola.

.Mas como é que iam à aldeia espanhola, iam a salto?

.Íamos. Íamos até, porque aquilo era raia seca, não havia controlo.
Ali em Chaves, vocês sabem que ali o rio…vocês ainda são do tempo de saber que as pessoas passavam ao colo uma das outras, quando o rio ia muito cheio.
Eu ainda fui às costas de dum espanhol, que eu queria ir para Verin e o espanhol estava a fazer dinheiro a fazer de barco.
Isto pronto, era assim. Era o que era, era o tempo

.Isto já não é do seu tempo, mas durante a guerra civil espanhola houve muita gente que fugiu aqui por Montalegre. A senhora não sabe aqui nenhuma história da aldeia, sobre alguém a passar por aqui, espanhóis a passar?

.É assim, eu espanhóis recebidos dessa guerra nunca recebi. Sim, o meu pai dizia-me que sim, mas eu não me lembro. O meu pai morreu quando eu tinha 3 anos e não me lembra histórias do meu pai. Depois a minha mãe contava-me, mas não las vivi.
A minha mãe, pronto... Porque o meu pai negociava muito em gado e do tempo do meu pai era em gado que ele negociava, e sucata, daqui a sucata – disso ainda me lembra, de irem carros de bois, carregados de sucata para a Espanha.
De noite iam muitos carros de sucata, mais os burros. Mas depois muitos burros já sabiam o destino. Os burros daqui da aldeia carregavam-se e iam eles ao destino, já não ia ninguém com eles. Muitos ensinavam o caminho a quem ia a primeira vez com eles.
Eu tive uma história aqui na aldeia. Uma vez os guardas apreenderam muitos burros carregados de bacalhau, e depois eu ia esperá-los – quando eu ia para os esperar, já eles vinham presos.
E então, uns ficavam aqui e outros acolá, e então um guarda agarrou uns quantos burros e encostou-os assim à berma de um lameiro, para depois alguém o vir ajudar, para os vir buscar, porque andava ali um barulho de gente e o guarda tinha medo.
E então, eu aproximei-me, eu vinha pelo caminho de fora, e eu via ali o vulto dos animais, e cheguei-me.
Eu levava um sacho as costas, e então o homem vira-se para mim – Ó homem, você não se chegue! Vá lá porque eu tenho a pistola!
E eu disse, você tem-me medo, porquê? Você com uma pistola, e eu sem nada, porque me tem medo?
Mas eu o que queria era aproximar-me do burro – e, portanto, eu ia-me aproximando e ia falando com o homem. E então ele chegou-me – e porque não sei quê, e porque não sei que mais, e um burro escapou-se por acolá!
E eu, quando o burro se escapou por acolá, dou-lhe uma paulada ao outro, e puxou-se a mexer, e escapei ao menos com aquele. Com o burro e com a carga, porque naquele tempo os burros também tinham de ser pagos, e também eram apreendidos.
E eu disse-lhe – mas você tinha medo de uma mulher? E era assim, nos tínhamos de arranjar umas histórias, quando tínhamos de

parar com os guardas

.Tinham de pagar aos guardas?

.Não era uma questão de ter de pagar aos guardas. Nós tínhamos de ter coragem, quando as coisas estavam presas, de resolver como podíamos.
Uns vitelos de uma vez, prenderam-nos também. Fomos ao encontro deles. E andavam com os vitelos todos rodeados.
Eu meti-me no meio dos vitelos e os guardas - Ó mulher! Vou-te fazer tal e tal!
E eu não queria saber das conversas deles, e toca com as pauladas aos vitelos, e safei mais de quantos porque era só um guarda ali com eles, eu não podia fazer milagres a arrebatar os animais. Os animais viram-se apertados, tentaram fugir e eu fugi com eles, e safei alguns.

.Mas assim os guardas sabiam quem eram as pessoas…

.Mas isso não importava!

.Só prendiam se encontrassem o material.

.Só prendiam, portanto. Quando apreenderam os burros, eles levaram os burros para o quartel. Eles não sabiam se foi aquele burro, se foi o outro, quem era aquela pessoa e quem deixava de ser. A eles isso não importava, o que importava era a carga.

.As pessoas eram presas quando eram apanhadas, ou tinham que pagar multa?

.Não. Portanto, se fossem apanhadas – da multa e de irem presas, tinha que ir para tribunal, e isso ali… Eles o que queriam era a gorjeta, e depois, só mostravam aquilo que queriam.

.E depois com a União Europeia, acabou com isso.

.Acabou.

.E o que acha disso? As pessoas viviam melhor com o contrabando?

.Viviam. Fazia falta. Todas as pessoas viviam melhor com o contrabando. Todas as pessoas tinham dinheiro porque os putos, de 12/13 anos iam com 2 burros à Raia, carregados, e todos tinham dinheiro, todos.
E agora não há, é assim, acabou-se o contrabando, mas não fizeram outras fábricas…
Ficou tudo muito mais morto
Agora é que não há que fazer, porque acabou o contrabando. Cada um teve que lutar por outra vida, por outra sobrevivência. Mas aquilo naquela altura, quem se aventurava, porque era uma aventura – quem se safava hoje, amanhã prendiam-nos, mas depois voltávamos lá. Estávamos como os pescadores.

.Os seus filhos também andaram?

.Não, depois aquilo já só era uma miniatura, não é? Já só era: olha, se depois puderes, traz…
Mas isso agora, naquela altura, eu é que me enfarinhei.

.Mas valia a pena?

Valia. Valia a pena porque criei os meus filhos sem problemas, e pronto, vivíamos diferente das outras pessoas. Com muito sacrifício, é claro, com muito trabalho.
Mas sobrevivia-se melhor.

Entrevista a Maria do Céu Moreira, avó do autor, Chaves

.Eu nasci em 1934, 10 de Abril de 1934.
.Já foi há um bocadinho.
.Já é, já, já são uns aninhos, já [risos].
.Então conta lá a história que estavas a contar..Então eu vivia com a minha avó. Começo por aí?

.Sim, sim.

.Vivia com a minha avó. A minha avó era negociante de ovos. Ovos e frangos.
Só que era uma comerciante pequena e tinha uma tinha umas senhoras destas aldeias, destes arredores que juntavam os ovos.
Ela ia às feiras e tinha já as senhoras que lhe juntavam os ovos, ela trazia e começou a vender para Espanha, mas pouco.
Depois o negócio foi evoluindo e houve um senhor, amigo da minha avó, que teve pena da situação, de ela ser tão... ter expediente e ter um negócio tão pequeno, então quis ser sócio dela.
Esse senhor era peliqueiro, também vendia peles para Espanha.
Então ficaram sócios. E então esse senhor emprestou dinheiro a minha avó vai para ela comprar uma camionete de ovos.
Como o contrabando só justificava se fosse grande, então ela foi para perto do Porto para aquelas vilas e aldeias todas e arranjou conhecimento e.… todos daqui ao Porto, conseguiu aquelas pessoas que iam arranjando ovos aqui e além. Pessoas que vendiam, não é?
Pronto, e juntava uma camionete de ovos.
E depois de juntar a camionete de ovos, a maneira de os despachar, tinha umas certas contrabandistas, bastantes também, muitas.
Para levar esses ovos todos, tinham que ser muitas mulheres. Então, iam à noite para minha casa e iam-se enfardar, levando aqueles ovos, faziam uns aventais duplos, onde levavam umas tantas dúzias à frente dos aventais, e outras tantas levavam-nas no peito ou nas costas, ou onde podiam.
Os ovos iam todos com elas todos com elas e transportavam-nos então para Espanha, mas sempre por aqui, pela Raia de Chaves, iam por Vila Verde, e então ali, para Espanha fora...os ovos iam para ali.
Depois eram transportados lá para Espanha, mas não sei dizer para onde.
…
E era muito dinheiro na altura. Eu recordo-me de uma vez contar 350 escudos. Naquele tempo era muito dinheiro.
…
Mas aí houve uma certa altura em que veio para cá um diretor de Lisboa que era ele que mandava prender os contrabandistas. Havia as alfandegas, mas ele era o diretor. E quando veio a saber que a minha avó mandava transportar em grande quantidade os ovos, que foram uma vez apreendidos.
E então prendeu a minha avó, nos éramos pequeninos. A minha avó… foi ela que nos criou. Tinha eu uns 8 anos ou nove. E o meu irmão andava a estudar; mas eu andava na terceira classe e umas vezes podia ir só de manhã e outras vezes não podia ir, porque tinha que ficar a tomar conta da minha bisavó que tinha 90 e tal anos. Naquela altura não havia asilo; então de frente havia um hotel, esse hotel tomava o cuidado de nos mandar lá o comer nos dias em que a minha avó fosse para as feiras.
E então a minha avó quando o contrabando era grande e já estava conhecida em como enviava os ovos para Espanha por meio das contrabandistas; mas as contrabandistas não eram apanhadas porque nós tínhamos nas traseiras da casa um quintal que pertencia ao senhorio da casa, que deixava sair de noite as mulherezinhas por aquele quintal para o rio – a minha casa tinha as traseiras para o rio.
O contrabando foi descoberto e a minha avó vai presa.
A senhora que nos mandava o comer para nós era a dona do grande hotel de chaves, pois claro, tinha o seu valor.
Esse senhor por coincidência morava na minha rua – era ele, a esposa e uma filha.
E ela foi lá falar com ele para soltar a minha avó; porque era a mãezinha, a minha bisavó que fica abandonada, e nós os dois que ficávamos sem proteção.
De maneira que a minha avó só esteve lá umas horas, veio logo para a rua, praticamente foi mais para assustar.
E tinha que pagar uma multa que essa multa foi lhe perdoada e a partir dai o senhor, lá o inspetor fazia de conta que não sabia e a minha avó continuou muito tempo.
Embora, tinha que ser tudo escondido.... as senhoras as que se iam fardar iam de noite, nunca podia ser de dia.
O que é que faziam? Agarravam nos ovos e metiam-nos nos aventais. Os aventais era uma espécie de uma saia de apertar atrás, muito apertada na cinta e tinham várias costuras para meter os ovos, mas com os espaços dos ovos, que os ovos não se mexiam e não partiam.
Eram todos enfiados pela costura, onde da cinta para baixo só coubesse um ovo; depois a seguir aquele ovo era mais um mais um mais um até chegarem à cinta; e depois na outra costura também... até atrás. E depois, como o ovo é duro na ponta e ficam ali entalados e não se partiam.
Mas elas fardavam-se só de noite e um certo dia, houve uma coincidência.
Havia lá um lavatório, mas estava às escuras com a bacia cheia de água. E então uma delas, coitada, partiu um ovo que estava no seio e ela foi ao lavatório e estava lá um esfregão. Ela agarrou no sabão e ia a ensaboar o esfregão para se lavar. Mas ainda chegou a pegar no esfregão, mas o esfregão escorregou-lhe, e meteu o rato no peito.

.Era um rato?

Sim, um rato morto [risos]; só deu conta... ela ia para se lavar com o esfregão e só deu conta quando meteu o rato no peito para se limpar. Deu um grito…. Aconteceu essa, que nunca me esqueceu [risos].
…
A minha avó comprava por exemplo e cesto de ovos, e eu com 8 anos já os ia vendar para a praça.
A minha avó era muito gorda, pesava cento e tal quilos – porque fez uma operação, era magrinha elegante, mas depois com a operação que fez, os doutores não sabiam, foi sempre assim... com 9 anos ela já estava doente e não podia ir às feiras buscar os ovos, então ia eu.

https://youtu.be/aL_IIk4Almo



Punha um lápis atrás da orelha, levava um livro para fazer as contas.
As mulheres, tudo o que pertencia a Boticas – Sapiãos, Quintas, Ervededo, Couto, assim aquelas aldeias todas. As mulherzinhas, elas juntavam os ovos e vinham trazê-los, e quem os ia buscar era eu.
E então, eu levava três ou quatro cestos e levava palha; e aproveitava a palha que elas traziam; e então punha a camada de palha no fundo, e agarrava nos ovos assim 6 em casa mão e conforme os punha nos cestos, empalhava-os todos e enchia o cesto – levava trinta dúzias o cesto. E eu com nove anos pedia que me ajudassem e punha o cesto na cabeça, já levava o cesto com 30 ovos à camioneta.
E a camioneta não era longe, mas não podia entrar. E eu ia com o cesto muito devagarinho o homem estava já em cima da camioneta e tirava-me os ovos da cabeça. Fiz isso algumas vezes. Mas houve uma altura em que eu já ia assim, com o pescoço torcido com os ovos, e ainda não tinha chegado a lá, e então dois senhoras agarram-me os ovos e disseram: «isto é um crime, isto é um crime mandarem uma menina com este peso todo.»
Então, desde então, eu nunca mais peguei nos ovos à cabeça. Porque eles, à hora de eu me ir embora estavam ali para mandar alguém buscar.

.Mas eles também estavam no negócio dos ovos?

Da minha avó, eu depois levava um saco com o dinheiro e pagava os ovos às mulheres certinhas – eu contava os ovos e fiquei eu...
Quando a minha avozinha estava doente era eu...
Depois ao chegar cá, enchia uma cesta de ovos com 10 dúzias de ovos e ia levá-los à praça.
E depois enchia um cesto de frangos – também comprava os frangos, os frangos já era eu que os comprava, ou 6 ou sete frangos, ou 8, ou 10, os que podia comprar, e metia-os no cesto, apertava-lhe as patas e depois dentro de outro cesto. Com o bico de fora, senão abafavam na camioneta. E fiz isso várias vezes.
Quando namorava com o teu avô, ia fazer as feiras, quer dizer comecei a namorar novinha. Ainda não namorava, já gostava dele e ele de mim...

.E quanta gente é que estava lá a trabalhar nos ovos?

Contrabandistas que traziam os ovos para a minha avó, eram para aí 30; traziam uma cestinha, mas 20 ou 30; e contrabandistas, juntavam-se os ovos lá em casa, juntava-se uma camioneta e é que iam lá os contrabandistas... eram para aí 100. Iam para Espanha...

.E como é que ficavam guardados os ovos lá em casa?

Eram cestos que eu trazia das feiras, e outros cestos que as mulheres levavam... as das feiras as vezes vinham trazer cá a Chaves a casa da minha avó; uns que elas traziam cá... entravam pelo quintal e levavam cestos de ovos, e os cestos ficavam e depois levavam outros. Portanto, um cesto ia e outro vinha... tinham que ser muitas mulheres para juntar uma camioneta de ovos… A camioneta só ia para Espanha quando estava cheia. Eu tinha que ter muitos ovos cá. Os ovos das aldeias e assim.…
Eu pagava os ovos muito caros, porque era contrabando. Para elas os juntarem, elas também andavam ali, desgraçadinhas, a juntar os ovos e eles eram bem pagos. Depois lá, também tinham que os pagar lá a preço de ouro. Portanto, uma camioneta de ovos se fosse apreendida... era muito dinheiro. Eu acho que ainda chegou a ser uma camioneta apreendida, mas já não me recordo bem...

https://www.youtube.com/watch?v=nz53K9V3pWw



Entrevista Licínio dos Inocentes, Cambedo da Raia

Eu chamo-me Licínio. Licínio dos Inocentes, nasci em 1949, portanto, eu não passei por essa situação, mas falo na terceira pessoa. Aquilo que eu sei ouvi aos antecessores e, pronto, havia pessoas da minha família que gostavam de dialogar e deixar a informação para os vindouros, enquanto havia outros que se fechavam e não falavam nada disso porque aquilo foi um trauma autêntico aqui para esta população. Mais de metade da população foram presos sem saber porquê. Mas pronto, são situações um bocado complicadas.
E então antes dessas questiúnculas da Guerra Civil Espanhola, este povo, metade - 50 por cento, para baixo, pertencia a Portugal, e para cima, pertencia à Espanha, mas conviviam exatamente como se convive hoje, não havia... só existia uma linha imaginária da fronteira com um ponto ou outro, os chamados marcos, num ou outro ponto.
Mas a partir daí as pessoas circulavam livremente de cima para baixo e vice-versa. Isto deu origem a que havia famílias mistas. Parte da família era de um lado e parte do outro. Daí que havia uma certa uma certa ligação.
E quando foi então da Guerra Civil Espanhola havia indivíduos que pertencem à oposição do Franco que tinham aqui famílias, irmãs e primos. E então eles fugiram para aqui, e eu não estou a ver essas pessoas a recusar-lhe apoio.
Deram o apoio que precisaram. E eles andavam aqui, a fazer as coisas normais como as pessoas que não tinham nada a ver com a oposição ao Franco. Inclusive estes fontanários foram construídos em 1946. Esse e outros que há aqui pela população fora.
Eles ajudaram nos trabalhos, os chamados fugidos, escapados de lá, porque se os apanhavam lá davam cabo deles. E estavam aqui praticamente à vontade, eles não faziam mal a ninguém, nem nada disso.
Um determinado dia, por altura dos Santos, assaltaram uma camioneta que vinha de Braga para Montalegre. Há quem diga que foram eles que fizeram um assalto. E há quem diga que foram as autoridades espanholas, que simularam como sendo os chamados guerrilheiros, para dar origem a que o Governo português tivesse motivos para os prender ou afugentá-los para lá.
Então o que aconteceu é que uns foram presos, e outros dois foram mortos.
Um foi preso, o tal Demétrio que tinha aqui a irmã. E o Garcia foi morto e o Juan foi morto também. Tentou escapar, mas chegou à raia, que já era por onde é hoje, estava o exército espanhol a vedar a possibilidade de ele poder fugir para a Espanha.
Voltou para trás, voltou para trás, quando chegou aí a um determinado ponto, a GNR na altura matou-o.
O tal Garcia, eles estavam aqui a ser bombardeadas porque... Ainda não viu ali a zona que foi bombardeada? Tem lá uma placa. E na casa do lado lá estavam eles refugiados.
Então, meteram-se debaixo de um lagar para evitar que os morteiros, para evitar que os morteiros os atingissem. Meteram se debaixo de um lagar porque o lagar é uma estrutura de granito muito forte. E por baixo do granito eles estavam lá metidos. As bombas dos morteiros nunca mais os atingiam.
E foi lá que o Garcia, o tal Garcia apareceu morto. Foi onde se meteu ele e o Demétrio. Estavam lá os dois, ele e o Demétrio. Até dizem que...Isso ninguém sabe porque ele apareceu morto. Mas diziam que combinaram, o Garcia dizia assim: matas-me a mim e depois matas-te a ti. Ele, pelos vistos matou o Garcia, mas não se matou. Agora isso é subjetivo, não é? Só ele poderia confirmar uma situação desse.
E a partir daí surgiu a problemática da prisão, levaram pessoas para a penitenciária,
para o Porto, sem terem nada a ver com isso.
Algumas foram feridas, o caso dessa senhora que morava e que agora faleceu há coisa de um mês. Foi ferida numa perna, mas aquilo foi uma bala escapada. Quando o Juan saiu de lá de baixo de uma casa que era dos Barrosos, a GNR disparou em cima dele e ele disparava também. Há quem diga que ele fugiu pelas terras fora e com metralhadora a disparar para trás. Aquilo foi uma bala perdida, foi atingi-la na perna.
A partir daí foi aquele isolamento, praticamente. Que em termos sociais foi complicado, esta gente passou a ter uma fama ruim. Quando havia pessoas que passavam aqui para Chaves, para não sei onde diziam – olha, estes são da terra dos vermelhos!
E o pessoal andou aí uns tempos… tinham receio em falar. Lá evitavam falar naquela situação. Depois disso, isto voltou à normalidade, manteve-se aquilo em silêncio, e as pessoas não comentavam entre si. Faziam aqui a vida normal, como qualquer aldeia.
Aqui foi sempre um povo muito trabalhador. Muito trabalhador e economicista. Procuravam angariar proventos financeiros, que o objetivo deles era comprar terras produtivas, que fossem produtivas e que havia sempre aquela possibilidade de ganhar algum dinheiro, não muito, não era a rodos, mas a questão do contrabando fazia com que as pessoas, a maioria das pessoas não passassem as dificulda-des que passaram, por exemplo, outros povos ali para o interior.
Porque eu quando fui para a tropa em 1969, ouvia histórias que era de arrepiar. Contavam-me ali indivíduos da zona de Vila Pouca e Vila Real, que as pessoas não tinham de produzir fosse aquilo que fosse. E eu acreditava.
Conhecia o meio rural conhecia, conhecia estes meandros. Por aqui, propriedades particulares, havia poucas ou quase nada. Mas como temos uma área bastante grande de baldio, terreno baldio, e na altura eram as juntas de freguesia que os geriam, àquelas pessoas mais necessitadas atribuíam certas áreas para poderem trabalhar. Trabalhavam e produziam centeio, batata, milho. E pronto.
E depois à noite, normalmente à noite, havia sempre a possibilidade de agarrar qualquer coisa às costas e ganhar algum. Às vezes levava-se daqui para lá, ou vice-versa, de lá para cá.
Por isso nesta terra não se sentiu tanta fome como noutras.
O terreno baldio, que era normalmente distribuído por aquelas famílias que, portanto, para poderem trabalhar, a troco de uma renda misera, era só mais simbólico, preferencialmente por aquelas famílias mais numerosas e que tinham menos recursos próprios e, portanto, a Serra do Murico era praticamente toda trabalhada.
Na altura não havia hipótese de se ver os incêndios que se vê hoje, não se via o mato que se vê hoje. Era tudo trabalhado, o Murico e outras zonas. Nós temos à volta de 400, 450 hectares da área baldia. E foi assim que a vida funcionou sempre.
E depois as pessoas foram melhorando em termos financeiros, foram comprando propriedades em área administrativa que era de Vilarelho da Raia lá na parte da Veiga. E pronto, foram produzindo. Aqui antigamente vendiam-se muitos produtos agrícolas, muitas batatas, centeio; trigo nem tanto, mas muito milho e outras coisas.

Havia muita gente, trabalhava-se e produzia-se.

-Mas é uma terra em que muita gente se dedicava ao contrabando, não é?

-Sim, aqui quase toda a gente se dedicava. Não muito… portanto, havia sempre meia dúzia deles que assumiam, depois os outros eram os transportadores.

-E as pessoas para guardarem a mercadoria, havia algum sítio especial guardarem as coisas ou…?

Havia sempre, as coisas nunca ficavam no mesmo lugar. Porque se ficassem sempre no mesmo lugar, estava a Guarda Fiscal, havia aí um Posto da Guarda Fiscal, descobriam e tal, depois era uma chatice.

-O Posto da Guarda Fiscal ficava ao lado da casa que foi destruída…

-É um bocadinho mais abaixo e à esquerda, fica assim mais, pronto, mais comedido.

-Isso torna toda a história um bocado mais estranha, como é que eles se foram esconder…

-Havia sempre a possibilidade. Aquilo era a história do gato e do rato. O gato era a Guarda Fiscal, o rato eram aqueles que procuravam… pela vida, pronto.

-E as pessoas, andavam assim à vista? Como é que se escondiam?

-Também andavam à vista. Quer dizer, esses guerrilheiros andavam à vista. Quer dizer, não é assim aí como uma pessoa normal. Estou-lhe a dizer que eles colaboravam nessas obras a ajudar a carregar as pedras nos carros dos bois. Nessa altura, tractores nem a sonhar. Andavam para aí a ajudar, a trabalhar e faziam uma vida normal. Até havia conhecimento das autoridades, neste caso da Guarda Fiscal, mas eles tinham um comportamento normal não tinham motivos para prender a qualquer coisa parecida. Só depois daquele assalto à camioneta é que a coisa se agudizou.

-Eles depois tiveram que fugir para o monte…

-Os que puderam fugiram, depois já não andaram tanto as vistas, já estavam cá nuns períodos e nos outros já estavam noutras localidades porque eles distribuíam-se. Eles não eram só os que paravam aqui, havia vários grupos e eles ficavam em vários povos à beira da raia.
Aquela situação começou a complicar porque eles tinham um indivíduo, que era um médico que lhe dava assistência sanitária, e pelos vistos, por aquilo que me contaram era a salvaguarda do dinheiro deles. E então esse também teve de fugir da Espanha para cá.
Foram ter com um indivíduo a Negrões, no concelho de Montalegre para o deixar lá estar na casa dele, porque era considerado uma casa segura e não sei quê, não sei que mais.
Mas aquilo aconteceu porque o tal Pinto, o tal Pinto de Negrões, inventa uma história a dizer que ele já não estava ali seguro e que o ia levar a casa de outro amigo, lá para Sendim, no concelho de Montalegre, e ele acreditou nele.
Só que eles chegaram lá em Sendim, passaram para o lado de lá da fronteira e já estavam lá as autoridades espanholas já à espera dele. Mataram-no logo.
E depois diziam que o dinheiro que ele tinha, o Pinto é que ficou com ele.
Então os guerrilheiros foram lá e vingaram a morte do tal médico. Mataram o Pinto de Negrões e depois um criado que ele tinha, diz que foi lá o campanário tocar a rebate. Então também o mataram. E depois claro, escaparam para onde puderam.
Depois pronto, o Demétrio foi preso aqui, o García apareceu morto debaixo do lugar e o Juan também foi morto porque tentou escapar. O Juan era de uma população confiante aqui connosco, das Casas dos Montes. Tentou escapar, mas, pronto, não conseguiu.
Depois, os restantes prenderam-nos, outros conseguiram escapar através do Porto e de Lisboa em navios para a América do Sul, e tal, e pronto, foi assim.

-E aqui na aldeia também houve quem fosse preso pela PIDE.

-Aqui, os que foram logo presos, portanto a partir da altura em que o Exército bombardeou aqui estas casas onde eles estavam – mas as casas que foram bombardeadas era onde estava o Demétrio e o Garcia, porque o Juan estava numa casa embaixo, onde eram meios primos, meio familiares.
A partir do momento que foram bombardeados, juntou se aqui, diziam que se juntou aqui, a chefia do exército espanhol e português e não sei quê, não sei que mais.
Aqui toda a gente ficou com receio, com medo porque já muitos tinham sido presos e outros ainda pensavam que iam ser. E acabaram por ser, alguns.
Porque aqui estava a família mais rica do povo, havia uma galeria com vidros e onde se juntou o quartel-general dos espanhóis e portugueses e houve ali conversações, lá aquelas alicantinas, com é habitual.
A partir dali, pronto, começaram outras investigações a aparecer, começaram a buscar pessoas e ouvi-las em declarações, mas depois voltaram a vir, depois outros já ficavam lá. Foi uma uma complicação total.

Houve pessoas que ficaram mais tempo presas, houve. O caso dessa senhora e o marido. A irmã do Demétrio e o cunhado, vá. E o tal primo do Juan, o Nascimento. Acho que foram as três pessoas que estiveram mais tempo presas. Mas estiveram lá uns anitos, dois ou três anos, sem culpa formada. Depois vieram para cá novamente, fizeram a vida normal.
O Demétrio é que foi preso e foi para o Tarrafal, para Cabo Verde, pois lá cumpriu a pena. Quando saiu foi para França. Disse que nem queria pôr mais os pés nem Portugal, nem em Espanha. Foi para França, e para lá morreu.

-E como é agora no dia-a dia da aldeia, a relação daqui do Cambedo com Espanha?

-A relação com Espanha, tirando a pandemia e esta parte do confinamento, é normal.

-Mas já não é como antigamente…

-Ora bem, nós temos que nos localizar numa época e noutra. Aqui há 40-50 anos, esta povoação tinha relações mais privilegiadas com os espanhóis do que com os portugueses, porque a sede de freguesia é Vilarelho, mas daqui para Vilarelho, nem estrada havia. Havia um caminho ruim. Era preciso praticamente ir a pé, e vir.
Então havia uma certa ligação ali com San Cibrão, com Oimbra, com as Casas dos Montes... As pessoas sentiam se mais ligadas ali, até iam lá fazer compras, iam lá quando à missa, quando aqui não havia padre, essas coisas todas.
Agora, até esta pandemia, tanto dava ir para lá, como para cá, convivia-se com o pessoal de lá, eles connosco. É como se não existisse Portugal e Espanha. Portanto, é uma ligação total. Agora, com a pandemia mudou porque os acessos foram todos cortados. Há pessoas daqui que trabalham em Espanha, lá no matadouro, outros na agricultura e em situações normais como agora, agora já podem agarrar daqui de carro directos. Faziam, imaginamos 10, 12 quilômetros, e com a fronteira fechada tinham que ir daqui Vila Verde e de Vila Verde faziam o dobro da distância. Agora as coisas voltam à normalidade em termos de relacionamento.
Eu já percebi em Chaves, que já se vê muitos espanhóis lá a fazer compras, e já lá há muito mais portugueses a ir a Espanha.
Aqui, claro. Chegavam aqui é: Opá, onde vais? Olha vou fazer isto e aquilo… Para trás! Só mesmo por coisas essenciais é que deixavam passar.
Antigamente era praticamente tudo a pé, ou cavalos porque aqui, quando as pessoas estavam doentes iam ao médico em Espanha, ou o médico vinha cá.
O médico espanhol para aqui vinha, e ainda não era comunidade europeia, havia aquelas restrições. As autoridades não ligavam. Vinha um médico aqui assistir alguém - Faz favor.
As pessoas daqui iam lá comprar bens de primeira necessidade. Desde que fosse uma quantidade que se justificasse, que fosse para consumo próprio ninguém tinha problemas em termos de comércio, já se sabe como é.

-E em termos de emigração a Salto, passou muita gente por aqui?

-Passava por aqui muita gente a pé. Passavam depois de fazer a vigilância, quando fosse numa altura propícia, durante a noite, em bandos.

-Havia alguns trajectos, assim mais estabelecidos?

-Havia várias correntes, vários trajetos, era conforme os orientadores, que lhe chamavam passadores. Havia passadores que iam por um lado, outros por outro, e tal.

-Vamos então dar uma volta, para o Sr. Licínio me mostrar onde era a fronteira antiga?

-A fronteira era aqui a dois passos. Agora, portanto, temos uma marcação da rota do contrabando. Simplesmente, quanto à Rota do Contrabando, eu manifestei-me contra, porque vi uma empresa fazer isso e não fez as coisas em condições - porque que não fez por onde realmente era, aproveitaram os caminhões entretanto construídos, foi mais fácil para eles, e pediram a minha colaboração e eu dei-lha. Desde que eu vi que queriam fazer as coisas da maneira deles, não queriam saber das informações que lhes davam então: pá, bom dia e um abraço, desenrasquem-se.
O que está mal é que puseram a sinalética por caminhos que na altura não havia. O contrabando não se dava às vistas, não era por caminhos, era pelos caminhos mais rudes. Uma pessoa tinha que se esconder, não é?

-Mas havia caminhos que estavam predefinidos, ou o trajecto era escolhido na altura?

-Ora, isto era assim. imaginemos que era necessário levar 20, 30, 40, ou até 50 sacos de café, a Villaza, por exemplo. Já uma povoação de segunda linha. Já havia um trilho que era normal, mas se esse trilho estivesse interrompido tinha que haver um alternativo. Mas todos eles eram caminhos a pé, não eram de carros, nem nada disso.

-Sim, mas eram sempre trilhos…

-Sempre trilhos. Noutra zona por exemplo, era preciso levar ali qualquer coisa às Casas dos Montes, ou a Medeiros ou por aí fora. Já era outro trilho completamente diferente.
Não eram coisas assinaladas. Era tudo dentro de um certo secretismo.

-Mas as pessoas sabiam por onde tinham de ir? Havia algum tipo de marcação no caminho? Como é que faziam?

-As pessoas já sabiam. Iam até ao pé de um indivíduo que tinha a mercadoria, fosse que mercadoria fosse armazenada. Ele dizia assim: Olha isto é para levar a tal parte, a tal fulano. Deixai assim, assim, assim, assim.
As pessoas já sabiam o trilho que tinham que utilizar. Depois normalmente o que acontecia, na frente ia sempre um guia, e o guia tinha que perceber se o caminho estava livre ou não. Porque se não estivesse li-vre eles tinham que alterar a rota. Não havia cá programas pré-estabelecidos, porque mediante a situação, era preciso improvisar. Mais nada.

Depoimento de Luísa Tito de Morais
17 de Setembro de 2020

Bom dia,
Acontece que passei a fronteira a salto duas vezes. A primeira de França para Portugal e a segunda de Portugal para França. Pensei que a razão porque estava em Paris não era relevante, dado que o assunto é a passagem da fronteira.
Mas posso fazer uma introdução, se quiser.

- Em termos gerais, abreviando muito: eu fazia parte da delegação portuguesa (acabei por não ir) de um Festival da Juventude em Moscovo. Como a PIDE teve acesso à composição da delegação fiquei em Paris, onde fui convidada para funcionária do partido, já era militante, claro. Nessa condição estive em diversos países. Quando estava na Argélia pôs-se o problema de virmos para o interior. De Argel fomos para Paris e daí entrámos em Portugal, onde estive dois anos clandestina e depois voltei a sair. A partir daí o texto já conta.
- Não sei nomes do aparelho de fronteira, nunca soubemos. Eram os camaradas que tinham essa responsabilidade que tratavam de tudo.
- Ficámos na pensão como hóspedes normais. Se havia alguma relação do partido com os donos da pensão não tenho conhecimento.

Na clandestinidade havia tarefas muito estanques entre os camaradas responsáveis por elas. Só sabíamos o necessário. Se alguém fosse preso e falasse, quanto menos soubesse, melhor.

Funcionários do Partido Comunista Português (PCP) na clandestinidade, o meu marido e eu exercemos actividade política durante alguns anos em vários países estrangeiros. Contudo, por necessidade da organização, propuseram-nos em finais de 1968 integrar o aparelho clandestino do partido em Portugal. Para tal, foi necessário entrar clandestinamente no país, o que fizemos, tendo connosco o nosso filho de 5 anos. O PCP tinha uma rede organizada de passadores, que trabalhava normalmente também com contrabandistas, de caracter duvidoso, mas que se tinha mostrado como sendo de segurança. Para exemplificar o grau de honestidade do passador posso contar que ainda em Espanha ele havia dito que podia trazer comigo um pequeno saco com brinquedos da criança. A meio do caminho, disse-me: ´agora o saco tem de ficar aí (atrás de uma árvore), não pode seguir mais´. Incrédula, descosi o forro do meu casaco e atirei para lá dois ou três carrinhos, deixando o resto para trás! Foi assim que os três passámos a salto a fronteira, andando longas horas a pé, sem nada poder trazer connosco para além da roupa do corpo. A criança, a quem os pais haviam dito que ia passear num parque muito grande para depois ir viver para uma nova casa, fez a segunda metade do percurso às cavalitas do pai.

Tínhamos embarcado em Paris num comboio e depois mudámos para um autocarro que nos levou a Verín (Ourense). Passámos a fronteira junto ao Parque Natural de Montesinho, e uma vez em Portugal, um táxi – enviado pela organização – estava à nossa espera para nos levar a Chaves. Nesta cidade hospedámo-nos numa pensão e aí a criança, exausta pelo cansaço, vomitou durante largo tempo. Dois anos depois, em Setembro de 1970, tive de passar de novo clandestinamente, mas desta vez de Portugal para Espanha. A zona foi praticamente a mesma, não com a florestação do parque mas mais árida, e percorremos um percurso menor, perto de Vinhais. A razão da passagem devia-se ao facto da criança ter de frequentar a escola e não poder continuar na clandestinidade. Desta vez fui só eu e o meu filho. A organização do PCP tratou de tudo e até o passador foi o mesmo! Pontos de apoio do PCP albergaram-nos no Porto e daí fomos, já sozinhos, de autocarro até Chaves.

O processo foi semelhante. Pernoitámos em
Chaves e em seguida percorremos aquelas aldeolas até à fronteira, onde nos esperava o passador. Note-se que ao passarmos por aquelas terreolas todas em granito, um pouco inóspitas na ocasião, estas se encontravam quase desertas e quando nos cruzávamos com alguém, olhavam-nos com um ar de que sabiam ao que vínhamos. O nosso ar citadino destoava completamente do deles.

Desta vez era em Espanha que nos esperava um táxi para nos levar à estação de Autocarros…

-Tens também uma abordagem, nos diários do Torga, no diário X, que escreve assim:
"Chaves, 18 de Setembro de 1964
- Onde pode chegar o aviltamento humano!
- Entregas-me as peles em Mairos. - A que horas? - Às onze.
- As peles eram emigrantes clandestinos."
Era assim que tratavam. Era assim a linguagem normal dos que passavam. O código eram as peles."

Ora eu era miúdo nesta altura, quando foi o cume da emigração, lembro-me de histórias que se contavam, mas eu sei que mesmo pelas autoridades, a passagem era facilitada por aqui, na fronteira. Que as autoridades não estavam para... Opá, fechavam os olhos...
…
Agora histórias, deve haver muitas por aí, que nas aldeias com que nos confrontamos – temos uma série de aldeias, desde Soutelinho da Raia, a Segirei, que temos pelo menos umas 7 ou 8 aldeias, e que confrontam todas com a raia, e sempre, do outro lado, com uma aldeia espanhola. E sempre houve boa relações entre o pessoal e outro da aldeia, e quando era isso, era combinado entre todos e eles lá se desenrascavam por aí fora.
Agora, nessas aldeias, quase todos eram contrabandistas, mais ou menos, nas aldeias da raia só havia contrabandistas ou guardas fiscais. [risos] Que mais, sei lá…
As aldeias mais importantes, sei lá, as aldeias mais importantes… eram todas.
Eram todas porque, lá está, em todas elas havia um posto da Guarda Fiscal. E não havia nenhuma aldeia da fronteira em que não estivessem lá 4 ou 5 guardas da Guarda Fiscal, ou mais. Fora as rondas que a Guarda Fiscal de Chaves fazia por toda a fronteira.
Mas eles tinham histórias como era de as controlar. Porque como eles viviam nas aldeias (os guardas), e eram amigos do pessoal das aldeias, eles sabiam se eles estavam em casa ou não, ou se estavam de serviço. Se soubessem que estavam em casa, ou que estavam no café, sabiam que tinham a fronteira livre. Depois havia quem ficava de mira nos Guardas Fiscais, para saber se saiam de casa deles.
E alguns até, segundo contam, iam dois passar os fardos, enquanto ficavam outros dois a jogar as cartas com os guardas. E dessas histórias há muitas. E os guardas sabiam muito bem quem andava no contrabando e quem era. Não os apanhavam era de fora.
Mesmo nós, quando éramos miúdos e íamos para o Açude, as fronteiras estavam fechadas, e nós íamos até Feces comprar caramelos e essas coisas…
E mesmo que apanhássemos a Guardia Civil ou a Guarda Fiscal pelo meio, e era muito raro apanhar, perguntavam-nos primeiro de onde eramos, se disséssemos que eramos daqui de Chaves, era: Opá, ide embora!
Agora, eles ligavam era ao pessoal que era de fora. Ao pessoal que era de fora, era outra coisa. Tanto é que as fronteiras estavam fechadas, mas para a feira dos Santos e para a feira do Lázaro em Verín, a fronteira abria livremente, e passava carro para cá e carro para lá à vontade e ninguém mandava parar – só nesses 2 dias, num dia para cá e no outro para lá. Mas isso era entre o pessoal de cá.
Embora o meu pai também fosse Guarda Fiscal, mas também eram histórias de contrabando lembro-me de meia dúzia delas, de acidentes.
Que um deles implicou com um colega nosso, que atropelaram o pai, e o pai ficou em coma bastante tempo, mas já eram histórias de altos contrabandistas e redes muito grandes

-E havia redes de contrabando muito grandes cá?

-Havia. Cá havia a do tabaco.
Havia cá meia dúzia de contrabandistas de cá de Chaves, que eram mulheres, que faziam a vida lá. Que iam buscar um cacho de bananas, uns quilos de arroz, umas coisas poucas, tanto é que traziam aquilo às costas.
E depois havia o alto contrabando, que já era com redes já mais bem organizadas, com carrinhas inteiras e camiões inteiros de tabaco.
E a coisa já piava mais fininho.
E eu lembro-me que estava no 3º ano do liceu, estava em 1973, pouco antes do 25 de abril.
Eu sei que o meu pai não estava de serviço e a meio da noite foi chamado, foram lá às 3 ou 4 da manhã, foram lá a casa, e todos os guardas tiveram que ir para o serviço porque atropelaram um deles ali em Vila Verde, e esteve 3 meses em coma e acabou por morrer.
Porque foi atropelado por essa tal carrinha de tabaco, só que teve azar que quando caiu, a parte de uma peça em couro que tinham cruzada no peito para segurar a pistola e o próprio capote encaixaram-se no para-choques, e foi de rasto praí 500m ou mais.
E houve assim outras histórias entre eles, mas eram coisas do dia a dia.
O grande boom, isso foi nos finais de 60, 67, 66, que me lembro que foi o grande boom da emigração. Alias, nota-se bem nos censos, de 60, houve uma descida a pique, da população. Mas não foi só cá.

-Em Chaves se calhar havia uma vantagem, uma maior facilidade, pela proximidade com a fronteira.

-Sim, que era um ponto de passagem, e era um ponto mais direto para França, que era para onde iam todos pelo Norte. E faziam esta zona toda que era muito mais complicada, e facilitava quem ia clandestinamente.
No Sul também deveriam ter, alias, ao longo de toda a fronteira do país.
Por aqui como havia vias, e havia ligações – muitas ligações, o pessoal daqui do Norte, vinha todo por aqui.

-Esteve a falar há pouco do Manuel Alegre. Sabe-se também que o Álvaro Cunhal também passou por esta zona. Porque é que acha

que Chaves teve uma importância assim tão grande nesta passagem e qual é a explicação de passarem por Chaves, e não por Elvas, por exemplo, ou por Badajoz.

-A nível político, porque era facilitado, porque aqui havia antissistema – como era o Dr. Júlio, que era um dos antifascistas, que acabavam por ser referencias a nível nacional, e entre eles eram conhecidos no exilio, como sendo.
E havia mais, não era só o Dr. Júlio. O Dr. Júlio, era mais facilitado porque tinha a casa junto a fronteira, que era outra facilidade.
E depois era as ligações que havia do pessoal que era daqui de cá de Chaves, com o pessoal de Verín, onde também havia o grupo antissistema deles, que passavam cá alguns - como o do (café) Aurora, que abriu na altura da Guerra Civil Espanhola.
Tanto é que havia lá o Hotel Aurora, e era a família desse fulano, que eram amigos do pessoal de cá de Chaves, que depois faziam a ligação a Espanha – faziam uma rede segura, isto a nível político. A nível político, eram redes seguras que passavam por aqui.
A nível de clandestinos, opá, eram também os que andavam aí no contrabando que conheciam essas esquinas todas e sabiam.
E ainda por cima, porque temos também a raia seca, e facilmente poderíamos passar de um lado para o outro em qualquer lado.
Já por exemplo, ali no Minho, não podem… As invasões francesas, as segundas, eram para entrar pelo Minho. Entraram por aqui pela facilidade com que se passa de um lado para o outro – não há montanhas, não há nada, passa-se num vale. Há uma grande facilidade de passar mesmo com carros, com camiões, com tudo. Mesmo a nível de transportes, não é como se for uma alta montanha ou um grande rio, que complica muito mais.

-E depois a própria nacional 2 que corre Portugal de Norte a Sul...

-E que era uma das principais ligações que havia na altura, era e é.

.Falou-me do bar Aurora, e das histórias que o meu pai me conta, era no bar onde a malta do Liceu se juntava

-O Aurora no início, era um bocado elitista, até ao 25 de abril, só entravam os professores e os doutores, e os alunos não iam para ali... Os nossos eram o Sport e o Iberia. Depois do 25 de abril, passou a ser dos alunos e deixou de ser dos professores.

-Então, falando daquela relação que o Aurora tinha com os galegos, e com o antissistema, depois isso não se materializava no dia a dia – o ponto de conversa ou de reunião, como eram os cafés no porto como o piolho e o progresso, Em chaves não havia nenhum sítio onde se pudessem reunir?

-Clandestinos não devia haver muitos. E os que havia eram secretos. Na altura não se podia ter esse tipo de conversas nos cafés. Geralmente era a porta fechada.

-Não era um espaço onde as pessoas se viam?

-Após o 25 de abril era. Antes do 25 de abril, é como te digo, era para professores e outra classe que não era a nossa. Mesmo os estudantes, como sabíamos que estavam lá os professores, não íamos com aquilo. Os nossos, eram aqueles 3 cafés que havia – a referência era o Iberia, o Comercial e o Sport. O único que existe ainda é o Sport. E o Geraldes, mas o Geraldes era mais para gente mais rural, já não era para o pessoal da cidade.
O pessoal da cidade, tinha aqueles cafés referência, mais o Brasília. E ai juntavam-se grupos de alunos, mas mais tarde.
E ao Aurora, começamos a ir para lá em 78 e 79, e mesmo os professores começaram a aproximar-se mais dos alunos, e a haver mais convívio e mais à vontade. É que até aí não havia...
Uma pessoa passava por eles e fazia-lhes uma vénia, e se não fizesses, estavas lixado.
Mas mesmo depois do 25 de abril, houve alguns que ainda tentaram continuar assim. Mas antes do 25 abril era respeitinho, e era respeitinho mesmo. Se faltasses a uma aula em 5 minutos estavas na aula, que ia o contínuo a rasto, trazer-te por uma orelha. Se fosses às duas primeiras aulas da manhã, faltasses à terceira, o professor dava o alerta que faltava o aluno tal, e o Redes, que era o continuo que diziam que era o bufo da PIDE, e que diziam que estava ligado à PIDE, lá ia descobrir o aluno no Sport ou no Comercial, e trazia-lo pela orelha para a aula. Levava a aula com falta, e aula com castigo. E isto sim, quanto mais novos fossem mais era!
Estávamos à porta, estávamos a ver, não consumíamos porque não tínhamos dinheiro, mas íamos para lá na mesma, e íamos para lá fazer mesa. Desde que houvesse um a consumir, os outros ficavam lá.
Mas isso, tanto eu como o teu pai, apanhamos uma altura complicada, complicada e boa. Foi a passagem, que apanhamos o 25 de abril com 14 anos. Tinha chumbado, estava no 3-4º ano, tinha 14 anos, e foi uma altura em que nós eramos miúdos, e fomo-nos apercebendo dessas coisas, mas...
Agora lembro-me, que, antes do 25 de abril havia uma coisa que era sobretudo que as pessoas tinham medo. Era o medo que os nossos pais tinham de que nos metêssemos nalguma – Se vireis isto, não vos aproximeis!
-E então no 1º de maio, era sempre uma história! Porque havia aí um pessoal que costumavam pôr umas cruzes vermelhas – que eram os comunistas, que punham as cruzes vermelhas nas paredes. E então que nos afastássemos das cruzes vermelhas para não sermos conotados com elas. Era tudo, um bocado, pá, diferente. E havia sobretudo o medo do sistema.
Eu não sentia tanto isso, porque o meu pai era a autoridade que havia na altura, e o pai do teu pai estava onde?

-Nos correios de Vila Verde.

-Pois, tudo o que era funcionário do estado, não era como é hoje, que é tudo mal visto. Era o contrário... Porque os funcionários do estado, tinham como que uma proteção do próprio estado. Pertenciam ao estado, exigiam deles e tinham que cumprir – mas ao mesmo tempo eram protegidos.

-Mas mesmo assim, existia o medo...

-Mas havia coisas ridículas, por exemplo, ouvir rádio. Havia a rádio AM, e apanhávamos rádios de toda a europa, e era um perigo apanhar uma estação que fosse clandestina. E havia sempre cuidado, até diziam que haviam escutas, e que a PIDE andava sempre atrás das pessoas que andavam a ouvir rádio.
E eu lembro me que os meus irmãos a noite, depois dos meus pais se deitarem, por exemplo, sintonizavam a BBC, e ficávamos a ouvir baixinho. Eu não ouvia nada, eles é que ouviam!
Mas então diziam que – que eu acho que era uma maneira da PIDE saber quem é que ligava as rádios clandestinas; que havia um aparelho que detetava quem eram as pessoas que estavam ligadas as emissões clandestinas. E que havia uma maneira de não detetarem, que era porem um copo de água em cima do radio... Ou seja, quando invadissem uma casa e vissem um copo de água em cima do rádio sabiam – estes gajos ouvem! [risos]
Agora o que é verdade, é que era proibido. E era uma coisa que qualquer um podia apanhar, por isso quando eramos miúdos estávamos proibidos de mexer no rádio, porque podíamos apanhar uma dessas sem querer, e se alguém ouvisse, e fosse denunciar – como não sabiam quem eram os denunciantes, tinham logo problemas com a polícia.

-Falou-me do seu pai ser guarda fiscal, como era a vida de um guarda fiscal nessa altura?

-Opá, não era muito fácil. Na altura, não tinham os meios que tem hoje. Tem boas instalações, tem jipes, transportes, são postos nos postos. Na altura era tudo feito a penantes, no máximo tinham uma bicicleta ou uma motorizada que era deles. E sobretudo tinham que, a vida deles até chegarem aqui à cidade, foi o caso do meu pai, que chegou a cidade em 1960, passou uns anos, 10 a 15 anos, de aldeia em aldeia, onde não tinham condições nenhumas. Já as cidades poucas tinham, as aldeias não tinham nenhuma.
Então eles iam-se aproximando – começavam quase todos no Alentejo e no Algarve, e depois vinham a subir. Sei que o meu pai foi para Lisboa, de Lisboa para Montalegre, de Montalegre para Soutelinho, de Soutelinho foi apara a fronteira, da fronteira para Chaves, onde eu nasci.
Já vinha a minha mãe grávida de mim desde a fronteira – ora os meus irmãos, nasceram em Montalegre – foi onde o meu pai casou. A única coisa que era segura, e era mal pago, era que era um trabalho certo.
Não ter de depender da agricultura dava certa garantia de estabilidade familiar, pelo menos o pouco que havia, havia sempre. Não era como os que trabalhavam na agricultura que, ou dependiam da colheita, ou dependiam das eiras, ou dependiam do trabalho mais escravo.
E depois eram outras facilidades que havia para os filhos, por exemplo, tínhamos acesso logo ao colégio militar, e mesmo para a universidade, havia sempre os lugares dos guardas. Praias, dos 7 aos 15 anos os putos tinham sempre praia. E que íamos para a escola nas férias, e certas regalias que eram dados ao pessoal do estado.
Isto antes, e depois do 25 de abril, continuou assim.

…
Eu descobri a história, e comecei a interessar-me, e até encontrei a tese de doutoramento da Paula Godinho em que ela aprofunda [a história] – e os livros do Bento da Cruz, principalmente o Lobo Gerrilheiro, em que ele faz referência a essa ligação. E depois com as pesquisas, fui descobrindo mais documentação, e percebi que isto dava bem para um blog, e comecei-o e deixei-o em aberto, porque a história está mal contada, e não há ninguém que a conte já...
Porque as pessoas da aldeia, não contam, há muita coisa que não dizem para não ter problemas com a vizinhança. Porque aquilo lá, tem tudo a ver com políticas antigas...
A PIDE foi lá recebida, e quem mandou as informações para fora, foi o pessoal do Cambedo, como é lógico. Que a PIDE e a Guardia não sabiam onde é que ele estava, alguém lhes teve que dizer. E esse alguém que teve que dizer, era de lá da aldeia. E os da aldeia, sabem quem é.
E ao mesmo tempo, se calhar são pessoas que são família, que são primos, ou são cunhados, há ligações, ou são amigos e há esse…. É que as pessoas não querem que a verdade venha ao de cima, porque não querem problemas com o vizinho, ou com o cunhado ou com o primo. Mas que se lixaram umas famílias, lixaram. Principalmente uma família, a Espírito Santo, que foi a família mais sacrificada de todas, precisamente por que, por serem autoridade – por ser guarda fiscal, já estar reformado, mas ter o dever de denunciar. E não denunciou porquê? Porque era familiar da mulher de um dos guerrilheiros, e não denunciou por causa disso, e depois quem veio a sofrer, foi a família... A partir daí aquilo caiu no esquecimento...
Por isso eles não gostam muito que se fale – há um ou outro que falam, os mais novos, os mais velhos não, não falam. E agora muito menos que já morreram.
Os que falam agora, tinham 10, 12, 11 anos; os netos, já começam também a querer saber; e mesmo assim, as pessoas que falaram mais, foi a Paula Godinho que falou com eles, que viveu lá durante um ano, e percebeu algumas histórias, mas que não conseguiu sacar tudo... E uma das que diziam, era o Dr. Julio, que dizia... sabes, a história não é bem assim como tu contas. Isso são outros assuntos.

-Só mais uma pergunta, falou-me há bocado da relação Portugal/Galiza, da Feira dos Santos com a feira de Verín, e eu queria perguntar-lhe, agora que tem feito estas voltas, e estas identificações e levantamentos das aldeias, como é que acha que a vida atual nos espaços das aldeias mudou? Vemos agora um território completamente desertificado, desqualificado, com alguma intenção de se manter como património, mas sem vida. E uma relação de fron-teira um bocado fraca, mesmo com os programas que se tem vindo a criar.

-Isso não é bem assim como estás a dizer. A nível oficial talvez não haja, mas a nível cultural há uma forte ligação com os galegos. Não os mais próximos, mas com os de Ourense, e mais ali dessa zona. E nos até temos ali umas publicações em conjunto, de coisas que não acontecem cá, mas acontecem com eles, com os galegos de Ourense, Vigo, etc... Mas eu en-tro numa exposição a decorrer lá, nossa, de 4 fotógrafos daqui de Chaves, que anda a correr a Galiza há 5 ou 6 anos. Há uma ligação intelectual e individual.

-Mas eu não estou a falar a nível do blog, estou a falar a nível das populações.

-Sim, eu estou a falar em termos culturais.

-Mas em termos culturais, relações de proximidade, se calhar não parecem tao intensas como seriam no passado, tendo em conta a situação da fronteira aberta.

-As aldeias não há problema, a fronteira sempre foi aberta. Agora o que aconteceu é outra coisa – o que acabou foi o contrabando. E contrabando esse foi o que ajudou a que as pessoas se fossem mantendo nas aldeias, é que o contrabando era um modo de vida – era um complemento. A partir do momento que se acaba esse complemento, a maior parte das aldeias acaba-se.
Em Vilarinho da Raia, estavam a viver lá 12 guardas ficais, que estavam lá com as mulheres, e tinham todos 2 ou 3 filhos, só a população da Guarda Fiscal, ocupava metade da aldeia…A outra metade era dos contrabandistas, dos familiares, e não sei quê…
A partir do momento que fecham os postos, a aldeia ficou logo sem metade do pessoal. E as pessoas da aldeia da raia, que já tinham problemas com a agricultura, que não dava sequer para viver e que os obrigou a abandonar
E agora nas aldeias, quem está lá – os velhotes, e os que tinham grandes propriedades, e que dão para explorar, que nem vivem lá. Por exemplo Mairos, ainda é uma aldeia que tem muita gente, porque, além dos emigrantes que vieram dos Estados Unidos que vêm com muito dinheiro, fizeram as casas, e mantém ainda a sociedade.
Agora as aldeias mais distantes, por exemplo, Segirei, tem lá, quê – 5 ou 6 pessoas a viver. E tem lá uma família ainda a viver, e é a que, de certa maneira, ainda dá algum movimen-to àquilo, porque tem trabalho em Espanha e vai e vem todos os dias. Está pendente do trabalho que tem em Espanha todos os dias, porque senão, também já tinha saído de lá... E as aldeias acabam porque... Porque não há meio de subsistência que os possam prender lá, no seu dia a dia.
Porque não é com a agricultura – que nós não conseguimos competir nem com Espanha, nem com França; e além disso, os nossos produtos não são escoados como deviam, nem há maneira de os escoar.
Antigamente ainda havia, havia o negócio da batata, do presunto, de não sei quê… Agora nem isso há... Nem há maneira de o escoar. Ou vêm à feira todas as semanas, mas agora são velhotes e por isso não trabalham, não trabalham porque não dá dinheiro.... E quem está numa terra que não tem nada?
Ou há uma 2ª onda, para eles repovoarem, ou dão um incentivo para eles repovoarem
as aldeias – com a floresta, ou a criação de gado, ou lá o que possam, para produzir um rendimento, ou as aldeias desaparecem... Em Boticas já há 2 ou 3 sem ninguém, uma aldeia que não tinha ninguém, uma que já só tem uma pessoa, e outra que só tinha duas – estes eram um casal de velhotes, quando um morrer, o outro sai de lá... o outro, é um desgraçado alcoólico, que já não deve estar vivo; e a outra aldeia deve estar completamente deserta.

Entrevista com Ana Leal Branco , natural de Sabuzedo

-O meu pai é de uma aldeia chamada Sabuzedo, é uma aldeia raiana, que fica entre 5 a 6 km de Montalegre e antes pertencia à freguesia de Mourilhe e agora, com a reformulação das freguesias já não é Mourilhe, mas Cambeses do Rio, que é uma aldeia próxima. Tanto Sabu-zedo como Mourilhe são umas aldeias raianas, que ficam na parte dali, que tem as aldeias de Vilar, Vilarinho, Santiago, pronto... Naquela zona.

-NAQUELA ZONA DO COUTO MISTO?

-Exato, era isso que eu ia dizer.
Ora, o contrabando, desde que eu me lembro – eu nasci nessa altura, e estive em Sabuzedo até aos 16 anos; e lembro-me que mesmo depois do 25 de abril, e até vir a CEE, em miúdos, de irmos às aldeias de Espanha e comprar produtos de uso diário como bacalhau, o azeite... Ainda me lembro dessas caminhadas, de a guarda fazer algumas investidas contra as pessoas. De às vezes, tirar essas mercadorias que eram para consumo das pessoas. Mas depois, com a entrada da CEE, os postos da guarda... Portanto, havia um posto da Guarda em Sabuzedo, mas foram extintos, já não se justificava que estivessem lá. Eram práticas comuns, mesmo depois do fim da ditadura, até aos anos 84 ou 85, e eu sai de lá em 86.
Da emigração clandestina, ora agora, também passou muita por lá. Passaram muitas pessoas, muitos portugueses, por aquela raia desde Tourém ate Vilar de Perdizes, toda a linha da raia, especificamente em Sabuzedo – era uma linha de passagem a pé, porque a fronteira não tem rio, é apenas monte, e há apenas uma pedra a indicar Portugal/Espanha; é uma fronteira ter-restre. Hoje pode-se ir de jipe, mas na altura ia-se a pé ou de burro, mas as pessoas iam a pé. O meu pai, participou nessas travessias, o meu pai era acompanhante, era o que chamavam de passadores. Depois chegou a estar preso, mas isso só soube mais tarde, já era eu adulta, porque ele não contava estas coisas.
Isto entre 1965 e 1970, ele depois acabou por ir com aqueles que levava para França, pois tinha medo que o apanhassem outra vez. Chegou a viver na Galiza, porque tínhamos lá família
e em 1972 decidiu ir definitivamente para França e deixou esse trabalho e essa participação estrada de Braga principalmente, por essa linha do Minho. Era o meu pai que dizia que iam muitas vezes à Venda Nova, à barragem, buscá-los. Depois tinham de andar muito tempo a pé para não serem apanhados, por causa das luzes de noite, e, portanto, era preciso batedo-res que soubessem o caminho.

-Essas pessoas eram depois levadas em camiões, como se fossem animais em camiões tapados, e eram largados, não diretamente na aldeia em Sabuzedo, mas ou nos Pisões ou em Frades. Lembro-me de ele dizer que ás vezes vinha ali esperá-los, e depois ficavam lá num palheiro, um dia ou uma noite.
A minha avó ainda dizia que às vezes tinha de fazer alguma coisa rápido, ou levar uns pães, para darem às pessoas, porque havia pessoas que vinham com fome e que precisavam de beber.
E depois de noite, quando sabiam que tinham os postos da guarda controlados, então faziam a travessia de Sabuzedo até Vilar, galega, pelo monte – pelo monte, mas tinha lá um pouco de estrada porque havia lá um guarda-florestal.
A casa florestal era a saída da aldeia em direção a Espanha, era a última casa da aldeia, o guarda também servia de certa forma como que de informador às autoridades.
E eles tinham de controlar todos esses pontos, ou pagando também, ou indo nas horas em que conseguiam, levando as pessoas até Calvos de Randim – que era a localidade, se for da fronteira de Tourém para a Galiza, e lá entravam num autocarro, que levava as pessoas até Ourense.
Aqueles que iam uma forma mais legal ou até, se calhar iam com outros meios, iam de comboio de Ou-rense – aí já podiam entrar, outros, eram levados de localidade em localidade em Espanha. O percurso aí, o meu pai já não continuava – o máximo que ele ia era até Ourense, a acompanhar as pessoas.
Mas mesmo em Espanha eram denunciados, e chegou a ser apanhado também. Há uma situação que ele conta, em que tiveram de atravessar um rio, com as pessoas mesmo, para fugirem à polícia espanhola –mas isto já são histórias mais dos anos 60-70.

-/A parte do caminho para Fran;a, sabe-me dizer o resto do percurso?

-O meu pai nunca chegou a fazer o trajeto completo até França. Eles tinham pontos, como uma espécie de estafeta. Eles levavam-nos até um sítio e depois outros pegavam neles, e levavam-nos até outro. Sei que alguns, os que tinham mais posses, iam entrega-los a Ourense, outros eram levados nessas rotas, onde tinham pontos onde ficavam – armazéns, no meio do monte, etc., eram sempre sítios muito ermos, para poderem prosseguir viagem.
Em França, as pessoas que iam daquela região, principalmente os transmontanos que iam daquela zona do Barroso e Montalegre, iam todos ter a Nanterre, nos arredores de Paris.
Estou-me a lembrar de uma obra, que alguém já fez um filme sobre a emigração clandestina – chama-se O Salto – tem vários documentários sobre a história da emigração ilegal e relaciona com 25 de abril.

-Ele quando foi, chegou-me a dizer que da primeira vez que foi, foi levado também por um passador. Era um senhor de lá da aldeia de Montalegre, que conta que, perto de lá de uma aldeia dos Pirenéus - que eles não sabiam o nome de onde estavam, tiveram que ficar muito tempo numa vacaria, sem comer. E depois lá veio alguém trazer-lhes qualquer coisa de comer, e alguém lhes trouxe chocolate muito duro, que sabia muito mal, e água. Mas o percurso que ele fez da primeira vez para chegar a França eu não sei exatamen-te.
Sei que da primeira vez que foi, ele foi ter a Nanterre, que era um bairro de lata, horrível, nos arredores de paris; e onde muitos portugueses moravam apinhados em barracas lamacentas mesmo.
E durante esse tempo esteve lá uns meses, e depois voltou, porque, entretanto, a minha mãe tinha ficado cá – isto já em 1969-71, e a minha mãe tinha ficado cá. E depois em 1972, eu e o meu irmão, eles foram os 2 para lá e nós ficamos com a minha avó

-Quando eles foram já não foram para Nanterre porque lá havia outras pessoas da aldeia e tentavam não ficar onde havia pessoas dos mesmos sítios. Então ficaram, e ainda hoje, os meus pais tem casa, no sul de Paris, ali perto de Thiais, e onde moram muitos portugueses transmontanos daquela região, da zona do Barroso, do lado de lá do rio – Donões, Sabuzedo, Mourilhe, Travassos do Rio, por ali. Moram todos naquela zona.

-Como em Chaves, em que vai muita gente para Lyon

-Por exemplo, na terra do meu marido, do pai da Sara, que são de Boticas, já iam para o leste de França. As pessoas iam para onde iam os primeiros, e depois havia tendência para ir para lá.

-Voltamdo um bocadinho atrás, a vida na aldeia, como era? Como era a casa dos seus pais?

-As coisas mais antigas que eu me lembro, ora: Eu até cerca dos meus 9 anos, vivi na casa da minha avó, que é uma típica casa barrosã, do Norte, transmontana, poderíamos dizer. Tinha uma cozinha enorme e comprida, que servia para tudo, começando-se no início, tinha a masseira, que servia para amassar o pão, tinha um sítio para guardar a lenha, tinha a caixa para por o grão de centeio, depois tinha uma cama, e depois da lareira, tinha o tear da minha avó. E depois dos outros lados tinha os sítios onde se dormia, que eram os chamados sobrados, que ainda há casas que conservam. Depois o sítio onde estavam os animais, onde se guardava a lenha, por baixo da cozinha da minha avó, (onde) dormiam os porcos. E depois havia um pátio no meio de tudo isto. A casa ainda está lá hoje, um pouco em ruínas – mas estamos a pensar fazer lá uma remodelação, mas esta era a estrutura.
As condições, eu lembro-me, isto ainda em 1973, antes do 25 de abril, em dezembro, os meus pais vieram trazer a minha irmã mais nova, que nasceu em França, e vieram traze-la cá. Os meus pais tiveram de vir escondidos mais uma vez até Ourense e um amigo do meu pai teve de ir buscá-los, porque ele não podia arriscar vir e ser outra vez preso. Por isso veio de noite, esteve 2 ou 3 dias, batizaram a minha irmã e eles foram-se embora outra vez.
E as condições de vida eram, sei lá, eram terríveis. Não havia água em casa, tinha-se de ir buscar água à fonte. Não havia eletricidade, era à candeia que víamos, à noite, ao petróleo. Eu lembro-me de instalarem eletricidade na casa da minha avó, devia ter cerca de 8 anos – portanto foi só em 1978.
Casas de banho não havia, tomava-se banho ainda em alguidares, quando era Inverno tinha de se ficar perto da lareira, senão era muito frio. Na aldeia, as casas eram todas assim, não havia casas de banho. A primeira casa de banho que terão feito lá, já terá sido feita de-pois de 1980, que foi um senhor que faleceu já no ano passado, que era pedreiro, e que construiu uma casa dele, e que foi do Minho, e que construiu a casa com casa de banho.
E foi (também) a primeira televisão que lá houve, e as pessoas todas iam para lá ver televisão.
Portanto as condições de lá eram miseráveis, as ruas no inverno estavam cheias de lama e tínhamos de andar de galochas. Não é como hoje, que se vai a uma aldeia qualquer daqui do concelho de Chaves, e as ruas estão limpas e com alguma apresentação, vá. Mas não tem nada a ver, porque o gado andava pelo meio da aldeia – as vacas e muito gado, mas principalmente as vacas, e as pessoas criavam os animais todas juntas, ali muito perto delas.
As condições eram, bem, não sei, deploráveis, comparando com o que temos hoje eram deploráveis.

-Não, é difícil de imaginar. Basta pensar que não havia casas de banho. As pessoas usavam sítios – na casa da minha avó, sei que era no pátio, que era usado para fazer as necessidades.
É muito diferente.

-A aldeia tinha muita gente ligada ao Contrabando?

-Muita gente, muita gente.
Havia sítios na aldeia, que algumas pessoas sabiam – muitos não sabiam. Eu não sabia, só soube mais tarde – naquela casa, naquele horto, naquele palheiro, servia para guardar x. Mas esse tipo de contrabando veio mais tarde.
O primeiro contrabando, que eu me lembro, quando era miúda, era mais para o dia-a-dia das pessoas. Eu própria, quando era pequena, lembro-me de a minha avó me mandar com dois adultos, por exemplo ao domingo à tarde, a Vilar de Galegos, buscar ou azeite, ou bacalhau, ou isso... era para consumo das pessoas.
Agora, o outro contrabando, mais forte, esse já depois, ou a partir dos anos 80, esse sim já era guardado e lembro-me que os jovens da aldeia mais velhos que eu, trabalhavam já quase todos no contrabando.
Por isso naquela aldeia havia muitos burros, nas aldeias raianas, por causa do contrabando. Os burros eram usados durante a noite para ir buscar as cargas de, ou era café em grão, bananas, bacalhau – muitas, muitas caixas; porque depois vinham os camiões a horas mais ou menos tardias, para os vir buscar.
E as pessoas sabiam que era ali, e muitas vezes havia denuncias, e tinham de mudar o sítio. Esse tipo de contrabando, eu já me lembro dele nos anos 80 mesmo. Agora, outro tipo de produtos que transportassem, já não faço ideia. Agora café cheguei a ver, bacalhau e bananas, esse tipo de produtos, eu lembro-me perfeitamente quando era miúda – em grandes quantidades mesmo.
E relativamente a esta questão da passagem, e de ajudar as pessoas a passar aqui a fronteira, há, por exemplo, um filme que é o "5 dias, 5 noites", baseado num livro do Manuel Tiago, em que às vezes, quando as pessoas vinham de mais de longe, eram escondidas em casas de passadores ou de amigos.

-O seu pai nunca lhe contou historias das passagens clandestinas?

Contou, de pessoas que eles tinham de esconder. Não era em casa, porque eles tinham grandes grupos – o meu pai participava e era pago para isso. E guardavam-nos normalmente em outras casas que tinham, vazias, por exemplo, um palheiro. Esse palheiro ali ao lado da capela em Sabuzedo hoje é uma casa, que era da minha avó, mas entretanto cederam-na a outra pessoa. Era aí, ou em sítios junto do gado, para não chamar tanto a atenção – por exemplo, numa corte, tiravam de lá os animais e as pessoas esperavam lá.
Às vezes tinham de esperar um dia, um dia e meio, para prosseguir para Espanha, porque entretanto alguém tinha denunciado e eles não os podiam tirar.
Sei que a minha avó dizia que às vezes os guardas lhe apareciam em casa para tentar tirar, pressiona-la para ela dizer qualquer coisa, que se percebia que ela sabia alguma coisa, e ela dizia que não percebia nada.
Porque havia um posto da guarda na aldeia, havia um posto da guarda pertinho da casa da minha avó. Só que, era assim, os guardas também tentavam tirar lucro daquilo...
Há uma história que o meu pai conta que, os policias de lá, que normalmente recebiam alguma coisa para colaborarem com eles, às vezes eram denunciados pelos policias de Montalegre, que tinham inveja dos guardas da aldeia recebessem qualquer coisa, e eles não recebiam, e então denunciavam os próprios guardas. Então eram histórias de polícias e ladrões muito complicadas. O meu pai dizia que, muitas vezes, o dinheiro tinha de ser repartido por todos, porque senão não conseguiam transportar as pessoas.

ENTREVISTA COM JOSÉ DIAS E DINA FERREIRA

José Dias:
É assim, eu fui preso tinha 20 anos em 1964. Fui preso pela PIDE 2 vezes. Uma por criar problemas e a outra por per-tencer a um grupo comunista de jovens livres. Estive preso durante 9 meses, fui condenado a 2 anos de pena suspensa. Saí, e nessa altura estava a estudar no Instituto Industrial. Aliás, não estava a estudar no instituto – eu tinha sido sus-penso. Quando saí da cadeia casei-me e, entretanto, tive de me apresentar numa companhia disciplinar do Exército em Penamacor, onde só havia corrécios e havia três políticos – dois do Sul e um do Norte, que era eu. E como eu cheguei lá e me disseram - aqui o senhor não vai fazer nada, vai estar caladinho porque o senhor vai para a Guiné. Na Guiné vai ter balas pela frente e também pode haver por trás!
E eu agradeci muito.
Entretanto eu tinha-me inscrito e pedi ao Ministério para vir fazer uns exames ao Instituto Industrial onde estava a tirar

o curso de Assistente Técnico. Ele autorizou-me, eu vim, e nunca mais voltei ao quartel.
Foi daí que começou a minha saída para França: éramos um grupo de três rapazes, um deles estava no Exército, eu tam-bém estava no exército – entretanto tinha jurado bandeira ao fim de 15 dias, e saímos daqui.
Conseguimos através, na altura, de pessoas que não conhecíamos, arranjamos um grupo de pessoas para sair de Portu-gal. Eu não sei o que correu mal, nós durante de perto de um mês, ficámos em Famalicão, Vila Real... numas pensões. E depois atravessámos a Espanha. Atravessamos a Espanha e ficamos em casa de uma pessoa que nos recebeu.
O problema é que, entretanto, os passadores não entregaram o dinheiro ao tipo de Espanha e um dos rapazes que estava comigo – éramos rapazes, tínhamos 20 anos, veio ao Porto e conseguiu recuperar o dinheiro. Nós pagámos aos espa-nhóis e a partir daí nós saímos por aí.
Não sei o nome da fronteira. Saímos, foi à noite, levámos um dia inteiro de carro a chegar à fronteira com a França, atra-vessámos depois a pé os Pireneus até chegarmos a uma espécie de quinta onde ficámos 2 ou 3 dias também. Isto então foi no mês de Junho.
Entretanto tinha casado, estava à espera dum filho e pronto, cheguei lá e um dia... Ah! Lá nós não tínhamos camas para dormir, mas quer dizer, havia trigo, a gente dormia em cima do trigo, era fresquinho! que era no Verão! Viemos para Paris, chegámos a Paris numa viagem de carro durante a noite, e eles desembarcaram-nos em Paris e [bate com as mãos] acabou.
Em Paris tentámo-nos desenrascar, já tínhamos uns colegas nossos que tinham ido antes, estavam a viver perto do Jar-dim do Luxemburgo, havia lá um quarto, ficámos lá e fomos tratar daquilo que chamava o CPC, que era a autorização de permanência. A partir daí fui procurar trabalho. Tivemos uma ajuda muito grande porque havia uma organização que se chamava CIMADE que era uma organização que era, como posso dizer (..)

Dina Ferreira:
Ecuménica.

José Dias:
Ecuménica, mas mais protestante evangélica. Mas também havia católicos que eram pessoas que davam uma grande ajuda aos refugiados e penso que - não sei os outros, mas - em particular os Portugueses, os meus amigos praticamente todos passaram por lá. Arranjaram-me trabalho e mais tarde arranjaram-me alojamento para refugiados políticos, onde eu estive 6 meses alojado. Não pagava, tínhamos o pequeno-almoço e o jantar, o almoço era connosco e durante o dia íamos trabalhar. Em termos genéricos, em termos de passagem de fronteira é isto.

-QUERIA SABER, SE PUDER IR MAIS AO DETALHE – EM QUE ZONA É QUE PASSOU AQUI EM PORTUGAL?

José Dias:
Não sei, não me lembro.

Dina Ferreira:
Foi em Vilar Formoso.

José Dias:
Não, não foi nada em Vilar Formoso. Foi mais mais a Norte. Vilar Formoso…

Dina Ferreira:
Chaves?

José Dias:
Sim, provavelmente Chaves. E em Espanha não sei onde é que entrei.

-PRONTO, MAS PODIA CONTAR COMO FOI ESSA PASSAGEM?

Essa passagem como eu digo, estivemos em vários sítios e um dia vieram-nos buscar à noite e levaram-nos até à frontei-ra. Uma fronteira – um descampado.
Pronto, eu não sei se aquilo estava organizado, se não estava organizado, mas passámos para Espanha, e do outro lado havia pessoas para nos receber.
Aí fomos viver para casa de uns espanhóis que nos esconderam nuns estábulos que eles tinham até se arranjar o dinheiro para continuar a viagem.
Quando chegou o dinheiro, de manhãzinha apareceu um carro, atravessou Espanha, deixou-nos numa fronteira que eu não sei o nome nos Pirenéus e nós andámos a pé quase um dia inteiro (8 ou 9h) até chegarmos a um sítio que eu não sei como é que se chamava.
Essas coisas ninguém aponta para memória futura não é? Quer é [bate as mãos] passar o mais depressa possível e chegar a Paris.

-E COMO ERA A CASA EM ESPANHA?

José Dias:
A casa em Espanha era uma casa de campo. Acho que tinha uma loja e por baixo uns estábulos…

Dina Ferreira:
Com palha…

José Dias:
Sei lá se tinha palha, mas devia ter. Nós não dormimos na palha. Nós dormimos, devia haver lá umas mantas. Eu tinha 20 anos. Recordo-me que estivemos lá 3 ou 4 dias à espera que o outro indivíduo viesse do Porto buscar o dinheiro. Ele não corria riscos porque não andavam à procura dele. Os outros corríamos riscos porque éramos desertores. O sítio exato não me lembro.

-E DEPOIS A SENHORA FOI LÁ TER?

Dina Ferreira:
Sim, sim.

José Dias:
Foi muito complicado, foi muito complicado.

Dina Ferreira:
Foi muito complicado porque a PIDE tentou impedir-me de ir ter com ele. Tentou intimidar-me, a ir a casa dos meus pais… E eu só à terceira tentativa é que consegui passar a fronteira.

José Dias:
Quer dizer, não foi à terceira tentativa. Foi a CIMADE que organizou a tua passagem. Foi essa organização que facilitou a passagem.

-FOI UMA COISA LEGAL?

José Dias:
Foi uma coisa legal, tu [para a esposa] já foste legal.

Dina Ferreira:
Sim, eu levei a minha filha que tinha nascido. Ele foi em Julho de 65 e o bebé nasceu em Dezembro. Ela tinha 7 meses quando fomos…

José Dias:
Ela tinha 9 meses quando eu a conheci.

Dina Ferreira:
Mas mesmo na passagem, mesmo na viagem na fronteira, aqui em Vilar Formoso, a PIDE reteve-me. Tentou reter-me. Estivemos imenso tempo na fronteira, eles lá às voltas com o meu passaporte e ficámos todos lá parados com outros emigrantes, mas esses legais claro, que estavam e que inclusivamente se disponibilizaram e me tranquilizaram – Não se preocupe que você vai passar! Eles não vão retê-la aqui porque nós vamos ajudar nem que seja por mecanismos traves-sos!…
Por acaso foi interessante essa reação deles. Mas eles acabaram por nos devolver o passaporte, devem ter estado a infor-

mar-se junto da PIDE daqui do Porto, a saber o que se passava, e acabei por conseguir passar.

-DEPOIS PARA IR TER A PARIS FOI COMO?

Dina Ferreira:
Era de comboio. A estação era Austerlitz.

José Dias:
Depois eu fui buscá-la.

-DEPOIS FICARAM LÁ…

13 anos. Quer dizer, eu fiquei lá 13 anos. Nós entretanto tínhamos pedido a cidadania francesa, deu-se o 25 de Abril, e eu cancelei a nacionalidade francesa, porque eu tinha um passaporte internacional de refugiado político, que é válido para todos os países do mundo à exceção de Portugal – tinha e tenho, que por acaso está com o meu filho, não me serve de nada mas é uma peça histórica.
Isto a propósito de quê? Ah! Deu-se o 25 de Abril, estávamos nós a trabalhar, era responsável de uma obra muito grande em Genève que era o Bureau International du Travail, era responsável pelos equipamentos elétricos e tive que acabar.
Acabei e vim dirigir as obras de um hospital e entretanto a miúda chegou à idade de entrar para o Liceu, fez um ano de Liceu e vieram – porque eu queria voltar.
Vieram para ver se se adaptavam, depois veio a minha mulher, e eu tinha de acabar a obra que tinha começado, e acabei a obra em 78 e voltei a Portugal.
Saí daqui em 65 e regressei a Portugal em 78. Mas aí já de forma normal, de carro.

--ANTES DO 25 DE ABRIL NÃO VEIO A PORTUGAL DAR UM OLHINHO.

José Dias:
Nunca...

Dina Ferreira:
Vim eu.

José Dias:
Ela vinha de férias.

Dina Ferreira:
Que eu não tinha problemas.

José Dias:
Ou os nossos filhos. Vinham eles de avião. O meu sogro ia buscá-los.

Dina Ferreira:
Tu não falaste portanto, de antes disso, antes de ires para França, aquela parte das ameaças. De fazeres o exame…

José Dias:
Então não falei, das balas pela frente e das balas por trás!

Dina Ferreira:
E ele aproveitou um exame que tinha para fazer no Instituto para fazer o salto.

José Dias:
E fiz o exame!

Dina Ferreira:
Depois eles vieram-me perguntar por ele.

CORREU BEM PELO MENOS?

José Dias:
Por acaso até foi engraçado. O indivíduo que me fez o exame era um tipo de direita que tinha… Pronto, eu nem vou contar a minha vida que é muito complicada e não interessa para nada.
Mas então era um gajo de direita que tinha muita admiração por mim, não sei porquê, era o Engenheiro Sérgio, da Trofa, e ele até tem lá uma estátua.

Eu também tive problemas no Instituto, fui expulso… Tive muitas confusões, mas não interessa…
Mas pronto, foi um processo complicado porque não foi um processo normal, que é partir, chegar à fronteira, passar e continuar. Nós perdemos praticamente 1 mês – andei em pensões, não sei se foi em Viseu; sei de uma, não sei se foi em Famalicão ou em Vila Real, não me lembro... Tantos anos… Quer dizer, uma pessoa na altura não queria saber... Queria era passar.

- E COMO É QUE COMUNICAVAM? CONSEGUIAM COMUNICAR POR CARTA?

José Dias:
Depois de estar em Paris comunicava por cartas.

Dina Ferreira:
Mas eram censuradas.

José Dias:
Ai isso, eram censuradas.

Dina Ferreira:
Houveram algumas fotografias que ele mandou que nunca chegaram à minha mão. Ou algumas nem sequer recebi, mas nitidamente aquelas eram abertas pela PIDE.

José Dias:
Eles de qualquer maneira foram a casa. Quando eu saí, nós tínhamos uma casa alugada. E ela quando eu saí voltou para casa dos pais, e eles andavam ali a rodear, a ver se podiam tirar informações.

-A PIDE SABIA ONDE ESTAVAM AS PESSOAS, MAS NÃO PODIAM FAZER NADA?

José Dias:
Que é que eles iam fazer? Eu estava em França. Ainda por cima refugiado político.

Dina Ferreira:
Refugiado político, não podiam fazer nada.

José Dias:
Aliás estava ali, muita, muita, muita, muita gente. Estudantes universitários, os grandes músicos, o José Mário Branco..

Dina Ferreira:
O Mário Soares não estava nessa altura?

José Dias:
Estava, estava.

Dina Ferreira:
Era professor na Sorbonne.

José Dias:
Não sei se era na Vincennes. O Mário Soares a falar francês como ele falava, na Sorbonne? [riso]

Dina Ferreira:
E vivemos lá o Maio de 68.

José Dias:
Andámos lá na confusão [risos]

-COMO FOI SER PORTUGUÊS REFUGIADO, VIVER LÁ EM FRANÇA?

José Dias:
Não havia problema nenhum.

Dina Ferreira:
Não tínhamos problemas nenhuns. Os Franceses connosco nunca houve problema nenhum, nunca houve xenofobia nenhuma.

José Dias:
-Eu fui muito bem respeitado. Quer dizer, eu tinha daqui alguma formação técnica. Cheguei lá arranjei um emprego e um curso de eletricista. Era em máquinas que eu estava a tirar.
Quer dizer eu fui ganhar 2,93 francos à hora na altura. Só que ao fim de 2 anos era encarregado, e depois era diretor de obras. Eu tinha sob as minhas ordens em certas circunstâncias, 30 e tal franceses. Quando algum arrebitava eu dizia – Estás com problemas? Amanhã estamos na gerência da empresa e eu proponho que tu me substituas, entrego-te o lugar. Se tu entendesses que sabes mais do que eu, que tens mais categoria eu vou lá.
As coisas acabavam assim. Claro que havia uns que não gostavam. Se fosse um Alemão, um Inglês, Holandês era uma coisa, mas um Português, um tuga, era outra.

--MAS ESTAVA ATENTO AO QUE ESTAVA A PASSAR EM PORTUGAL?

José Dias:
Claro que estava. Nós estávamos sempre atentos.

HAVIA A RADIO PORTUGAL LIVRE…

Dina Ferreira:
E as notícias, da família, dos amigos.

José Dias:
O Le Monde e os jornais franceses estavam em cima do acontecimento.

Dina Ferreira:
Mesmo da revolução soubemos imediatamente.

- E COMO VIVERAM A REVOLUÇÃO?

Dina Ferreira:
Foi em festa com uns amigos Franceses.

José Dias:
Perto da fronteira da Suíça. Nós estávamos ligados a uns movimentos de esquerda paci stas, e na altura tínhamos um grupo de amigos. Na altura em que isso aconteceu fomos a casa de um amigo engenheiro, que o pai era médico, eu telefonei para Portugal, para o partido comunista. A partir daí era muito fácil telefonar.
Fizemos uma coisa engraçadíssima que era, os Franceses queriam fazer um campo militar em Lacaune que é onde as vão pastar as ovelhas do queijo Roquefort – é o queijo da Serra deles, mas eu gosto mais do Roqueforte. E então como é que se resolveu o problema?

Dina Ferreira:
Não falaste qual era o problema ainda...

José Dias:
Eu disse que o exército Francês queria fazer uma base militar… Tu não estás a ouvir o que eu digo...

Dina Ferreira:
Ai, é verdade.

José Dias:
Então como é que foi possível resolver? As propriedades iam ser expropriadas.
Antes que elas fossem expropriadas, reuniu-se um grupo de advogados e nós compramos dois metros quadrados de terreno. E centenas de franceses compraram 2, 3, 4 metros quadrados de terreno. Quer dizer que para eles fazerem a expropriação, eles tinham de fazer e pagar a 200 mil pessoas, tinham de fazer 200.000 processos. Não se fez a base militar.

-E ESTIVERAM LIGADOS A ALGUMA TAREFA DE ENQUADRAR PORTUGUESES QUE CHEGAVAM?

José Dias:
Sim, sim. Nós recebemos muita gente, ajudámos muita gente. Eu arranjei emprego a muita gente.

Dina Ferreira:
E ficavam em nossa casa, muitos deles. O tempo que eles precisavam, antes de arranjarem uma casa.

José Dias:
Com pessoas que não sabíamos quem eram.
-E COMO É QUE VOS ENCONTRAVAM?
José Dias:
Eram amigos… Levavam daqui (Portugal) um papel.
Dina Ferreira:
Diziam-lhes, vá procurar fulano.
José Dias:
A Maria José mandava muitos.
Dina Ferreira:
A Maria José Ribeiro, mandava para lá muita gente.

COMO É QUE FAZIAM?
-
José Dias:
Olha!

Dina Ferreira:
Vinham ter connosco, não tinham casa e icavam lá em casa durante...

José Dias:
Uma semana… Quinze dias… Entretanto, até eles conseguirem... Apesar de que alguns icarem lá durante bastante tempo. Mas não interessa. Nisso os portugueses são muito solidários, têm espírito...

-CABE SEMPRE MAIS UM À MESA...

Dina Ferreira:
E nesse espírito político... Solidário...

José Dias:
Não, não.. Comer é fácil! Meter em casa uma pessoa que não se conhece... Quer dizer, uma pessoa recomendada pela Maria José Ribei-ro...

Dina Ferreira:
Não só por ela…

José Dias:
Por outros, pessoas de família, muita gente... Pessoas que eram recomendadas pela nossa família – Olha, vai para aí fulano... Se vocês o puderem ajudar…
A partir do momento em que eu comecei a ter alguma aceitação, eu arranjei emprego a muita gente. Na altura a França estava numa dinâmica económica muito grande, não é? Eram os anos 60, a França estava a crescer e eles precisavam de muita mão-de-obra. A França nessa altura estava no poderio, com as centrais atómicas, com muito trabalho. Foi aí nessa altura que os Portugueses emigrados conseguiram ganhar muito dinheiro. Por que agora está uma desgraça.

-MAS AS PESSOAS APARECIAM EM SUA CASA?

Dina Ferreira:
Apareciam lá...

José Dias:
Claro, eles tinham a direção.

Dina Ferreira
Batiam-nos à porta.

-NUNCA TEVE DE IR BUSCAR NINGUÉM À FRONTEIRA?

José Dias:

Não, não…

-MAS HAVIA ALGUÉM COM ESSE PAPEL?

Não. Muitos deles não vinham por razões políticas. Alguns deles vinham por razões políticas, mas muitos deles eram por razões económicas.

--MAS RAZÕES ECONÓMICAS TAMBÉM NÃO VINHAM LEGAIS. MAS AS PESSOAS QUE IAM POR RAZÕES ECONÓMICAS TAMBÉM TINHAM DE IR A SALTO, NÃO ERA PROPRIA-MENTE LEGAL PASSAR A FRONTEIRA PORTUGUESA.

José Dias:
Podiam ir a salto, ou podiam arranjar maneira de arranjar passaporte.

-COMO É QUE SE ARRANJAVA PASSAPORTE?

Eu sei lá. Eu não tive de arranjar. [risos] A maioria deles passaram a salto.

https://youtu.be/loQA9sAkHv8



Entrevista a Manuel Guerra, Cambedo

-Era boa malta, conviviam aqui com a gente e não se metiam com ninguém. Não é nada, não é? Aquilo revoltou-se quando um assalto a uma carreira aqui, em Negrões e achavam que foram eles. Havia um que tinha aqui uma irmã, nesta casa, que pertencia ao sogro dela. Tinha um irmão que era o Demétrio, que foi preso, e ele confessou à irmã que eles não tinham sido. Era o Demétrio, era o Juan, era o Garcia e era um que chamavam o Luís. Eram os quatro.

-MAS ESSE NÃO CONTA DA HISTÓRIA...

-Não conta da história porque ele estava lá em cima e zarpou e ninguém lhe pôs os olhos. Mas eu conhe-cia-o muito bem, porque naquela altura eu morava ali na casa dos meus pais – esta aqui depois mais tard

-construía-a eu. Mas quando isto sucedeu eu era pequeno.
Eram 5 e meia da manhã, ainda quase era de noite. Os primeiros tiros foram naquela casa ali em baixo, tem uma escada que desce por ali abaixo, que era onde estava o tal Juan. Ele dormia lá.
Depois de madrugada – eles de dia, e depois de quando se deu aquele assalto à carreira, à noite, vinham dormir aqui a casa com os amigos, não é? A família que está aqui é a mesma. O tal Garcia, eram irmãos, e eram duma população daqui, e que era Sargento ou qualquer coisa assim. E estava outro que o Garcia chamava o Tenente. Este foi aquele que se matou ali abaixo do lagar – um lagar que existe aí atrás. Então este foi o primeiro a sair, de dia, estavam todos ali à mata.
Antes de se dar aquele assalto à carreira, eles conviviam aqui todos uns com os outros, não é? Depois começaram a persegui-los e eles então, à noite vinham dormir a casa dos amigos, e de dia estavam no monte, na caseta que existe aqui a 1 Km e pouco.
Fizeram para ali uma caseta e levavam-lhes a comida. E então ele, conforme sai à rua, lá ali onde existia uma figueira – agora existe uma casa, e viu a GNR encostada toda às paredes. Conforme ele viu a GNR abriu a porta da escada, viu a GNR e foi lá cima e equipou-se Iá com uma metralhadora assim [faz gesto com as mãos separadas a cerca de 40cm] pequenina - tanto é que a levaram daqui para Chaves e não foram capazes de fazer fogo com ela. Mas até lá como é que ele a trazia? E ele não matou ali dois ou três porque ele não queria, não lhe interessava matar ninguém, o que lhe interessava era escapar-se.
Então saltou para o meio da rua, mandou uma ou duas rajadas de metralhadora para os guardas que estavam ali abaixo, depois saltou para as terras, meteu-se pelo carreiro aí, [apon-ta em frente] ia dar a um ribeiro que vai por aí dar diretamente ali [aponta à direita] acima à fronteira. Quando chegou à fronteira já estava lá a Guardia Civil.

-Conforme o viram vir - vrrrrrrrr! carai! [gestos de espingarda] aquilo é que era! Porque eles tinham-lhe um medo!… E regressou ele, ribeiro abaixo, até à parte que havia ali um interva-lozito para saltar de um lado para o outro.
O resto, desceu o ribeiro até uns salgueiros ali abaixo, que ninguém o via, porque, por sua vez, a Guarda também lhe guardava respeito, não é? Não iam ir ver...
Iam por trás dos pinheiros, daqui a além, a ver se o viam. Até conforme ele queria atravessar para o lado de lá para os Montes (Casa dos Montes). Porque se ele atravessa para o lado de lá de Casas dos Montes, mais ninguém o vê. E nesse intervalo que ele ia saltar, estava ali um cabo que se chamava o cabo Gomes, que sabia tudo e conforme era a terra lá em baixo. Conforme o viu [faz gesto de epingarda] Carai!...

-Ele a pôr as mãos no ar, com a metralhadora [levanta ambos os braços como se estivesse a segurar a arma acima da cabeça], para que não o matasse. Mas como o medo era tanto –TAU! Matou-o.

-Pronto, aquilo amorteceu, a malta regressou toda, a GNR regressou ao povo, a ver o que é que se passava. Começou a chequear casa por casa. Esta e toda a outra, estavam por lá de-baixo do lagar, ninguém sabia dela. Só quando o próprio Demétrio se entregou (...) naquela porta além, aquela portita que está por cima da placa. Ele veio de lá, e vinha com a metra-lhadora no ar [levanta ambos os braços como se estivesse a segurar a arma acima da cabeça] e entregou-se às autoridades.
Só aí é que souberam que o outro estava morto, que senão ninguém sabia dele. E então, quando andaram a chequear entraram ali, ele e um outro sujeito que coitado, já morreu, ele estava ali em cima na varandinha, quando o outro ia a atravessar a rua [faz gesto de espingarda], pegou na metralhadora assim e TAU! matou 2 guardas republicanos.
Depois foi aí quando ordenaram mandar vir o carro da tropa de Chaves, com o morteiro 5 e vieram colocá-lo ali naquele morro. Mas os que o trouxeram não tinham prática suficiente para botar fogo com aquilo, porque aquilo é graduado. É a mesma coisa que uma bússola [faz gesto de telescópio], vai graduando à distância.
O indivíduo não estava bem e mandaram vir um sujeito que estava aqui casado no Couto, que o chamavam Abel, que era da Guarda Fiscal e ele era especializado – a especialidade dele eram morteiros. Eles mandaram uns quantos: um bateu aí por baixo [aponta em frente], aí por trás; outro bateu do lado dali [aponta para as suas costas]; depois outro voltou a bater no monte da terra [volta a apontar em frente]. Estavam a ver que não davam conta do reca-do, então veio ele (o Abel, Guarda Fiscal), regulou aquilo e TAU! [aponta para a esquerda], caiu logo ali no meio da casa! Foi quando a casa se incendiou, e foi quando ele se entregou. Entregou-se e claro, a GNR procurou se tinham lá mais colegas, e ele disse – Não há mais nenhum, o único que resta sou eu! Agarraram-no, trouxeram-no donde ali [aponta à direta], estiveram a interrogá-lo – quem eram os colegas, era fulano e fulano e fulano; e depois deram a volta ao povo todo [sorri] e acabou o assunto.

--E VOCÊ ESTAVA AONDE QUANDO ISTO ACONTECEU?

---Estava aqui em cima [aponta para trás], aqui em cima, ali onde está aquele cafezinho.
Há ali uma casa pintada de amarelo, era a casa dos meus pais. Nessa altura os meus pais tinham uma égua lá em casa, agarrei na égua e [levanta os braços] fugi para o fim do povo, para a última casa que estava lá na ponta... Pô! Depois lá meti para o quarto do vizinho.
Eu vinha para baixo e estavam dois GNRs ali no pátio, lá com os senhores donos da casa, conforme me viram, eles chamaram logo – Tx! Tx! Tx! Práqui! Práqui! Práqui!
Conforme eu sentei-me lá, os gajos, vem uma bala – Pfim! – Caralho! Eles mandaram-se para a terra! [risos] Iiiiiiixa! E olha, lá estive até que depois lá fui para casa dos meus pais, que nem sabiam onde estava.

-E VOCÊS QUANDO ISTO COMEÇOU SABIAM PORQUE É QUE ESTAVA A HAVER TIROS?
[Encolhe os ombros]
-Não sabíamos de nada, nem ninguém duvidava porque era. Só depois a GNR é que comunicou à população o que se estava a passar, depois é que ficámos a saber que era por conta disso. Mas ninguém sabia [risos].
Eram para aí 5 ou 6 que foram para lá, estiveram lá coisa de um ano, e então é que os mandaram para lá. O tal Demétrio é que continuou a cumprir a pena que lhe tinham deixado – 25 anos de prisão que lá esteve.

-DEPOIS DISSO NUNCA MAIS SE FALOU DO ASSUNTO.

-Depois disso nunca mais ninguém falou do assunto. Quer dizer, vieram para aqui vários indivíduos a ver, e a saber, como anda hoje o senhor, não é?
O resto só se soube mais tarde, pela irmã dele – morreu agora há dias, com 101 anos.
Soube-se que ele fora solto, e depois que as autoridades queriam-no remeter a Espanha – as nossas autoridades, e ele disse que não. Disse: Não senhora, para Espanha eu não quero ir! Eu compreendo a minha missão, que os senhores me deitaram, portanto agora sou solto, sou uma pessoa livre. Quem vai escolher para onde é que eu quero ir, sou eu. Se os senhores me remetem para a Espanha, eu chego lá e é como me matem! Então portanto [abre os braços], eu cumpri com a minha pena, não tenho nada que ir para lá.
Portanto, foi dali e foi para Bordéus. Em Bordéus parece que ainda se casou lá, e depois mais tarde parece que chegou a mandar uns 800 contos [aponta em frente] aqui para esta irmã que morreu agora há dias. Ainda lhe mandou essa ajuda. Então aqui há uns anitos é que se constou que tinha falecido [encolhe os ombros].
Mas eles eram uma jóia de rapazes, eram aqui nossos vizinhos. Olha, esse Juan era músico. Tinha aqui uma música [aponta para trás] aqui na terra dele, era 2º Sargento – tocou na música. Ainda cheguei a ouvi-lo a tocar aqui na música, naquela altura. O García, esse era tenente - não sei donde é que era. O Demétrio era dali das Casas dos Montes. Ele e a família toda, todos. Desse Luís, conhecia 2 irmãos, a mulher e o pai. Esse era lá dessa parte de lá de Neves. Mas esse foi aquele que não foi metido no assunto. Foi aquele que se escapou sem ninguém saber dele.
Pois eu conheci-os a todos. Eles todos os domingos andavam por aqui a jogar uma sueca com os vizinhos. Um dos guardas que estava aí, era de Soutelinho, era quem lhe fazia a barba e cortava o cabelo e essa coisa toda.

-OS GUARDAS NÃO QUERIAM SABER SE ELES ESTAVAM...

Os guardas [encolhe os ombros], então… [suspira] Eles não se metiam com ninguém!
Estavam na casa da família, para bem dizer. Este estava com a família. Aqueles já eram amigos há [levanta o braço] tantos tempos. A gente está aqui na raia e eles estão ali. Eles vêm aqui e nós vamos lá! [volta a encolher os ombros] Conviví-amos todos uns com os outros.

-DEPOIS DA COISA DE NEGRÕES É QUE AS COISAS COMEÇARAM A AZEDAR.

Exato! Depois da coisa de Negrões é que começaram a perseguir para onde é que eles estavam, e onde é que eles não estavam. Quando eles foram denunciados, e então a GNR começou a andar em cima deles para os prender. Uns diziam que foram tal. Outros que foram tal, e que foram tal. Depois chegaram a que foram estes [bate com as mãos]!

-E ELES VINHAM À ALDEIA QUANDO ESTAVA A POLÍCIA À PROCURA DELES?

Não. Eles souberam, lá através de colegas deles.

-MAS VINHAM DEPOIS DISSO À ALDEIA?

-Quem?

-O JUAN, O DEMÉTRIO, O GARCIA...

Não! Depois quando começaram a persegui-los, vinham à aldeia mas era só à noite. À noite é que vinham cá dormir.

-E DORMIAM DENTRO DAS CASAS?

-E dormiam dentro das casas dos amigos, a mesma coisa! Vinha a madrugada [aponta para o longe] e voltavam a ir-se para o monte. Que vinham aí para os agarrar. Foi assim o caso que se passou [Sorri].

-MUITO BEM. OBRIGADO, AMIGO!

Aqui era só ouvir-se metralhadoras! Estas paredes [aponta], aqui, todas crivadas! Caramba!

-É COISA QUE VOCÊ NUNCA SE VAI ESQUECER.

Esquecer! [Sorri] Quando eu morrer! [Risos] Sabe Deus!

Carta enviada por Américo Lázaro Leal

Recebi a a vossa carta de 19/ Maio a que passo a responder;

A passagem de uma fronteira pode envolver:

1º- Saber-se do passador; em que condições irá ser a passagem; se para uma ou mais pessoas; em que condições se devem apresentar, em que local, dia e hora

2º- ver se a (ou as) pessoas precisam de apanhar transporte do lado de lá, onde, se vai apanhar comboio, ou avião, e onde.

3º- se precisa de ter consigo documentação (BI, passaporte ou carta de condução, etc.)

4º- ver a questão do passador, se é só para lá, ou também p/cá, o que envolve encontros, (marcar) local e hora

5º- o problema de passagem de fronteira, em certos casos pode envolver haver um correio entre dois países, tipo de camuflagem de documentos, encontros, lá ou cá, locais de encon-tro, horas, forma de avisar quando chega, etc.

6º- para entendimento entre duas pessoas, além do Português, saber o Francês ou Inglês.

7º- Para o tipo de passagem de fronteira, tudo serve: barco, avião ou local de fronteira terrestre
Em qualquer dos casos, será bom ter dinheiro consigo

Que tudo corra bem.
Desejo-vos bom trabalho e muita saúde
Américo Lázaro Leal

P.S.- Não sei se compreendi bem o que precisas de saber:
Mas digo-te que na clandestinidade, toda a fronteira terrestre poderia servir, chegando a ter-se, do Minho ao Alentejo, 4 fronteiras a funcionar.
O principal para a passagem a salto, é ter-se gente boa e que possa apresentar-nos o passa-dor e saber o que a passagem da fronteira exige, quer seja terrestre ou aérea, ou marítima.

Alhos Vedros, 21 de Maio de 2020

-Eu creo que había que distinguir, separar cuestións cotiás, coma o contrabando.
O contrabando é algo que ven de moi atrás e chega incluso ata hoxe. Aínda hai contrabando de cousas distintas, pero sigue habendo… Hai só uns días , na raia, en Vilarello da Raia e no Rabal, a policía española detivo 3 contrabandistas de tabaco. O contrabando é moi com-plexo e pode durar moito tempo.
...
A guerra civil e as consecuencias que chegan ata a década dos 50 do século XX. É un perio-do limitado que se pode traballar nel. Eso é o primeiro.
Despois, se acreditamos na Guerra Civil Española coma un elemento principal, habería que decatarse dos lugares da memoria que foron conxuntos entre Portugal e Galiza, pero non Zamora, porque Zamora está moi preto de Galiza e a fronteira de Braganca, de Moimenta non hai moito interés. Logo mais, os lugares da memoria e os acontecementos teñen que ser compartidos entre portugueses e españois - imos chamarlle españois, bueno, eu diría galegos pero é igual… Porque hai moitas cousas tristes da Guerra Civil que atinxen exclusi-vamente as víctimas, galegas ou zamoranas, e afortunadamente non ós portugueses.
Pero hai cousas que son compartidas, hai outras cousas. Por exemplo, o asasinato dos 3 carrilanos portugueses en Campobecerros, iso é compartido, é unha memoria compartida, é un lugar da memoria que interesa ós dous países. É un exemplo.

Outro, en Sernande, hai un campamento de Guerrilleiros, moi preto da aldea, que chámanlle os Calhostros, onde alá dende 1937-38, ata 1947, pasaron moitos guerrilleiros galegos, moi-tos, moitos e non enlaces de colaboradores portugueses. Os Calhostros non serían un lugar de memoria compartido por uns e polos outros. E, supoño eu, que iso pode interesar para un traballo transfronteirizo, porque as cousas son propias de cada un dos países, pero non están compartidas, entendo eu…
...
Bueno, eu penso que había galegos e españois – na Estremadura non aconteceu o mesmo, que pretendían retornar à zona republicana, ó territorio republicano, normalmente por Porto ou por Lisboa por mar, como aconteceu en 36 con o barco transatlántico Niassa, que van mil picos de persoas, moitas delas galegas, (que van) de Lisboa para Tarragona, para a zona republicana. Son os que van combater en prol da República. Outros queren chegar a Porto e Lisboa, para despois pasar à América. Para a Arxentina, Cuba, sobre todo Arxentina e Uruguai. A terceira opción era ficar en Portugal, a traballar.
Na Galiza, sempre houbo emigración importante para Portugal, Porto e Lisboa - no séc. XIX é moi importante. En Lisboa, os traballadores que levan a auga, os paradeiros, os es-tibadores dos portos, moitos deles eran galegos, e despois había moitos galegos no Porto e Lisboa que tiñan pequenos hoteis, pequenas pensións, casas de comidas e lugares de durmi-da. Estas persoas ás veces foron os que axudaron a aqueles fuxidos que ían para a América ou ficaban en Portugal a traballar, clandestinos.
Clandestinos, pero cubertos pola comunidade galega que xa traballaba, e xa existía en Lisboa hai moito tempo atrás. Hai xente que o que quere é ficar desapercibida nunha grande cidade, como Lisboa, e de ahí traballar, traballar normalmente. Con un pouquiño de tempo o idio-ma vaise aprendendo ben, e un galego en Lisboa pode pasar desapercibido traballando. Eu creo que son as 3, digamos, actitudes.

Despois a partir de 1938, cando a Guerrilla Galego - Leonesa comeza a atuar e comeza a ter as bases de retagarda na Raia, na parte portuguesa, no Castro Laboreiro, no Cambedo, en Sernande, son lugares, que xa a partir de 37-38, xa con moita xente.
Uns son fuxidos, outros (van ser) guerrilleiros, combatentes. Entón é a cuarta actitude dos galegos en Portugal. Os que son guerrilleiros, quedan en Portugal unicamente nas bases da retagarda, nada mais. Alá non actúan, en Portugal actuaran dúas ou tres veces e os resul-tados foron desastrosos. O normal é ficar na base en Portugal, tranquilos, descansando, tendo mais armas e despois atuar, pero en Galiza. Os enfrontamentos serán na Raia galega. Entón, esas son as 4 actitudes que poden ter os galegos, durante a Guerra Civil en relación a Portugal.
...
Bueno, hai moitos exemplos de xente que pasou anos agachado, en pequenos recintos. Hai xente que pasou ata 20 anos e apareceu nos anos 60. Outros quedaron agachados nos 3 anos da Guerra Civil, do 36 ao 39. Despois, rematada a Guerra, saíron. Enfrontar o que se podería pasar. Pero no ano 39 era moi difícil que houbese asasinatos, os paseos, que non ha-bía xuízo, non había nada, mataban, xa está. No 39 xa era difícil que acontecese iso, estaban agachados como toupas, apareceron moito despois, rematada a guerra. Outros tiñan moito medo e aínda pasaron anos, moitos anos. Algúns apareceron xa cando Franco morreu, en 1977, case 40 anos. Isto foi así porque a represión era terrible. Só na Galiza houbo mais de 8000 mortos, asasinados polos franquistas.
...
Na Galiza non houbo guerra, a Galiza só foi retagarda, non hai guerra. O que houbo foron asasinatos, matar. Quere dicir que, na Galiza hai 10 días de confrontos armados. O último lugar de Galiza que cae con Franco é precisamente a zona da Gudiña, onde estivenos nós, alí en Campobecerros, esa zona foi a última, que cae no día 29 de Xullo, ou sexa 11 dias despois do golpe militar. Na Galiza non hai guerra, o que acontece é moitísimos asasinatos sen xuízo. Está documentado que dous terzos, 65 por cento dos 8000 asasinatos que hai, son sen xuíz. A terceira parte, os restantes 35 por cento, son asasinados, ou en fusilamentos, despois do xuízo, ou en malos tratos, enfermidades ou nas cadeas, nas prisións. Entón , é

un réxime de terror…. Só na Galiza, 8000 mortos…. No total da España fálase en 150000 persoas asasinadas...
A cousa é complexa. Moitas das persoas que foron asasinadas, como aconteceu cos portugueses carrilanos en Campobecceros, eses portugueses, un ficou no monte, soterrado, e os outros dous ficaron no cemiterio, máis fora, non dentro. Iso era o normal.
Cando mataban a alguén, deixabano na estrada para que todo o mundo o vise. Despois collíase o cadáver, e levábase ata a parroquia, a igrexa, e acontecían dúas cousas. Se o cura, oacerdote, era bo, deixabao enterrar dentro do atrio. Se o cura fose malo, non deixaba e había que enterralo fora do adro da igrexa.
En Campobecerros, o cura, cura Rivada era malo. Era malo e non deixou enterrar os dous Carrilanos, e houbo que facelo fora.
Outras veces, as familias collían o cadáver e enterraban no cemiterio, pero outras veces non deixaban coller o cadáver e había que soterralo no sitio onde aparecía.
Pasan moitas cousas, pero non era unha estación normal, non era coma hoxe. Pero eu coñezo aquí no meu concello, xente que tivo que ir à noite desenterrar o seu pai e lévalo pola noite, e levar os osos e enterralo no cemiterio, na parroquia onde están tódolos seus familiares.
Había que facer estas cousas, terríbles. Entón, todo isto fai con que moita xente teña que pasar fuxida durante moitos anos. Uns como toupas, outros no monte, e outros fuxidos no monte se converten, como dise, a partir do ano 38, en Guerrilleiros.
Practicamente todos os guerrilleiros que hai na Galiza, que son en torno de 1000 persoas, 1000 guerrilleiros, e despois os enlaces, os que apoian, todos son xente que deveu fuxir. Fuxir, porque se non os mataban. Ou sexa, non foran guerrillei-ros por unha decisión propia, non. Foran obrigados, todos foran obrigados a tomar as armas.
Bueno, como che dixen no teu correo, a fronteira é un lugar en que non hai fronteira, porque hai xente que, pola propia necesidade da guerrilla, ten que pasar a fronteira. E entón é continua, os pasos da fronteira son continuos. Moitas veces se mestura a guerrilla co contrabando.
De feito, hai guerrilleiros que non se dedican ó contrabando, que utilizan as rotas, os guías, que son do contrabando. Chegan a un acordo, os guerrilleiros protexen os con-trabandistas da Garda Fiscal, por exemplo, ou da GNR, e os contrabandistas aportan o seu coñecemento da Raia, das rotas, dos camiños, dos trillos, por onde ten que entrar e saír pola fronteira.
O normal é que, en Portugal, os fuxidos que non eran guerrilleiros, era estar de paso para embarcar, para marchar, ou ficar para traballar, pero clandestinos, non chamaban à atención.
Os guerrilleiros non, en principio. Portugal é un territorio que lles permite escapar das forzas de represión española, da Garda Civil, do exército. Pasan a fronteira e alí o nor-mal é que esten tranquilos. Tranquilos coa poboación, cos enlaces que lles dan de comer, os informan. Iso é o normal.
Pero acontecen moitas cousas. Ó longo do tempo, hai algunhas persoas que teñen xente nas súas casas, agachados, que traizoan, por diñeiro ou por conveniencia, por moitas razóns. Entón os guerrilleiros, por algunhas veces actúan.

-COMO POR EXEMPLO O PINTO DE NEGRÕES, VERDADE?

-Si, o Pinto de Negrões. Hai mais casos. Entón, iso é moi negativo para os guerrilleiros, moi negativo. Porque, ó princi-pio, a Guarda Fiscal… un guerrilleiro ía por aquí, e a garda ía por alá, preferían non saber. Moitas veces eran veciños da propia raia. A GNR non, a GNR era de fora, pero a Guarda Fiscal son xente de lá, e moitas veces, os seus parentes, as súas familias, tiñan xente nas súas casas, agachadas nas súas casas.
Entón a Guarda Fiscal atua pouco - só atua obrigada. Ben, entón, se hai algunha acti-tude violenta dos guerrilleiros en Portugal, obriga a Guarda Fiscal a atuar, obriga. Se se comete un crime eles teñen que perseguir a quen o cometeu, neste caso os guerrillei-ros. Entón é moi negativo, porque poñen en perigo as súas bases de descanso, da reta-garda.
En Portugal, isto coñécese pouco, hai moito tráfico de armas para a Guerrilla. É un tema moi pouco coñecido. Pero sabemos que entre Castro Laboreiro e Vinhais, pasan-do polo Cambedo, toda a Raia seca, hai relacións contiguas dos grupos de guerrilleiros que están acá, entre uns e outros, moitas veces por pasar armas, de un grupo a outro.
Entón, todo iso, efectivamente, os guerrilleiros, normalmente non fan nada en Portugal, só comen e descansan. E procu-ran mais armas, mais armamento. Despois de Cambe-do, todo muda. Despois de Cambedo, onde xa non hai volta atrás, xa todo… hai conti-nuas intervencións da policía, da PIDE, por todo o que son montañas en Chaves, pero tamén por Vinhais até Montalegre. Entón, a partir da batalla do Cambedo, en 1946, o Estado Novo atua xa con toda a contunden-cia contra os Guerrilleiros. Iso produce situ-acións violentas e moi duras.
En Sernande morre un guerrilleiro, alí rodeado… e está soterrado alí na ermida de Ser-nande. Na ermida de Sernande hai un guerrilleiro galego, Alfredo Yañez. E está soter-rado, pretiño, nunha tumba con outra, un que foi un enlace, unha persoa que apoiou á Guerrilla. Chamábase David Pires, o músico. O que pasa é que David Pires ten a súa tumba, coa súa foto, a súa familia, e o guerrilleiro galego está ó carón, valeira. Pero sabemos que está alí. Ese seria outro lugar da memo-ria, no adro de Sernande, está lá.
Despois hai unha cousa interesante, moi pouco estudada, que é, os guerrilleiros, en Portugal, hai dúas maneiras de axu-dalos. Un: – entras na miña casa, pagas!, normal-mente pagaban, por comer ou por durmir, normalmente deixaban algo de diñeiro nas casas, pero o dono da casa, a familia e tal, non tiña relación cos guerrilleiros. Simple-mente o facían, por humanidade, nada máis, pero sen ter nada que ver.
En Portugal hai tamén veciños que colaboran coa guerrilla. Aparte de deixar as súas casas, informan, axudan a pasar as fronteiras, e nun caso extremo tamén hai a partida de algúns guerrilleiros portugueses.
E incluso en algunhas partidas de guerrilleiros hai Portugueses de naturalidade, dentro da partida – eran 7, ou 8 ou 9 guerrilleiros, e 1 ou 2 eran portugueses. Entón, é un paso adiante no compromiso, de algunha veciñanza portuguesa, con esas partidas, que levaran mais de 10 anos, desde o 37 ata o 47 máis ou menos, da represión do Estado Novo, en que desaparece prácticamente.

-
Son 10 anos de convivencia, 10 anos. E tamén hai que ter en conta de que é unha zoa que en 10 anos, está considerada zoa de guerra, en que toda a veciñanza desa raia sofre, sofre as consecuencias de todo. Que iso tampouco en Portugal está recoñecido. A esquerda portuguesa non recoñece esas vítimas do Estado Novo, por ter colaborado coa guerrilla. E son centos de veciños, centos de veciños que pasan pela cadea no Porto ou na de Bragança, en fín...
...
Non sabemos se houbo un grupo organizado portugues que apoiase a guerrilla, por-que... Repito, non está estudado como debería, fálase, nalgún traballo, nunha relación entre os fuxidos galegos e guerrilleiros, con un grupo antisalazarista -a Aliança Demo-crática Portuguesa. Eu, non atopei ningún grupo que se chame como tal. Agora ben, poden haber grupos vinculados ó Partido Comunista Portugués que actúen no norte, e que é probable, que non está probado ou non está documentado, que tiveran algún tipo de vínculo ou coñecemento mutuo que non sabemos a que nivel ou onde. Estes grupos entre o 42 e o 45 están presentes no norte de Portugal – Vila Real, Chaves, e é probáble que houbera algún tipo de relación. Iso está por estudar. Os novos teñen que estudalo.
...
A cousa se podía falar moito. Pero, neste momento, hai unha lei de Memoria Histórica2, de 2007, unha lei que non tivo, non conseguiu os objectivos que se pretendían. Non o fixo básicamente porque non hai capacidade executiva para mudar unha rúa, tirar unha estatua ou eliminar un consello de guerra - este último era imposíble.
Unha rúa pode ser eliminada se o concello está de acordo, pero se o concello é de de-reita e non quere, non se muda. Entón, hai luga-res no estado español, de esquerda ou mais de esquerda, como a Cataluña por exemplo, en que a simboloxía franquista desa-pareceu. Outros lugares: Madrid, Castela, Andalucía, onde mudou moi pouco, e a de-reita automáticamente bloquea calquer tipo de avance. Ó mesmo tempo, a lei de 2007 non recoñece a guerrilla.

Non recoñece porque a guerrilla é a última tentativa de defender a lexitimidade da república, é a última – coas armas na man, e é derrotada. E o réxime de hoxe, é un réxime de pacto cos franquistas - entón todo o que defenda a lexitimidade da república, é mal sinal - e a primeira é a guerrilla. Quere dicir que, nin os combatentes, nin as persoas que foran perseguidas, nin as persoas que morreron nunhas condicións brutais, que non podes imaxinar – por-que se a guerra civil foi dura, nas zonas da guerrilla, foi moito peor á posguerra, moito peor, nas prácticas, nas brutalidades foran recoñecidas. Entón en 2007, a guerrilla non era recoñecida, e tampouco se recoñecía a necesidade de eliminar os consellos de guerra que inxusta-mente condenaran á xente - que eran consellos de guerra sen ningún tipo de garantías xurídicas, ningún tipo, e normalmente, as penas xa estaban ditadas antes do xuíz.
Agora, neste momento, estáse a debater unha nova lei da memoria, unha nova que permita por exemplo, que o estado financie o des-cubrimento das fosas e a entrega dos restos ós familiares – ata agora son as propias asociacións que teñen que pagar esas actividades, e preténdese un paso adiante, en que o estado financie esta actividade. E (que o estado faga) tamén unha lista de vítimas, que aínda non existe – estamos a falar, como dixen antes, de mais de 155000 persoas, unha listaxe moi longa.
Isto son avances, pero esta nova lei de memoria democrática, que aínda non esta apro-bada, non contempla outra vez, a guerrilla. Contempla a posibilidade de eliminar os consellos de guerra, pero non contempla a eliminación da lei de amnistía do ano 77, que é unha lei de punto final3. O movemento memorialístico, que reclama que hai que eliminala para xulgar os represores e os verdugos, que xa morreran todos, practicamen-te todos, pero si para deslexitimar o franquismo. Non que entren na cadea, pero si que todo o mundo saiba o que foi o que aconteceu – iso é o que pretende básicamente todo o move-mento memorialístico. Pero temos moi-tas dúbidas que iso estea recollido na vindeira lei de memoria, aínda non sabemos ben porque
o enunciado do anteproxecto aínda pode mudar, aínda non digo nada.
Entón, unha vez que a dereita gobernou en España, unha vez que a Galiza o bipartito entre socialistas e nacionalistas tamén foi derrotado en 2009, os movementos memoria-lísticos tiveran que traballar sós, sen diñeiro, sen apoio publico, e moitas veces contra os poderes públicos.
Bueno, aínda que non con a forza que tiveran en 2006 e 2007, agora seguen existindo, aguantaran, hai un problema grave, que son xente da miña idade. Non hai xente coma ti, a xente nova non se incorporou, e entón hai un problema claro de reprodución do move-mento.
Pero sigue existindo. Hoxe mesmo se conseguiu que o lugar en que Franco veraneaba na Coruña en Pazo de Meirás, unha torre, un pazo importante, que foi roubado por Franco, 82 anos despois, que retorne ó estado.
A loita da memoria é moi dura – en España non houbo 25 de abril, non houbo unha ruptura, en España persiste o fascismo como algo estrutural, entón temos que confron-tar con el continuamente. E é un fascismo que neste momento ten unha representación política importante dentro do estado español.

Eu entendo que en Portugal tendes unha sinatura pendente – un traballo pendente, que é primeiro, coñecer, e despois, rehabilitar, aqueles portugueses que foran represaliados polo réxime franquista – que son moitas persoas. Só na Galiza, coñecemos preto de 400 portugueses, documentados – só na Galiza. Pero en zonas como Andalucía, Estremadu-ra, Zamora, Salamanca, que son fronteirizas con Portugal; Asturias, onde había moitos portugueses traballando nas minas de carbón; e tamén na Cataluña onde había portu-gueses emigrados, son lugares onde hai centos de portugueses asasinados ou que pasa-ron tempos nas prisións. E iso Portugal aínda non, oficialmente, quere saber, porque non quere ter problemas co seu veciño. A nivel oficial, non gosta desa temática.
Pero eu tamén creo que ata o momento, a esquerda portuguesa non fixo o que debera, recoñecendo e facendo súas esas vítimas – as vítimas portuguesas do franquismo.
Entón, entendo que é o momento, porque hai xente que si é sensíble a estas cuestións: a Ana Luisa Rodrigues da RTP, a Paula Godi-nho, Manuel Loff, hai xente que é sensíble a estas cuestións. É preciso, é urxente que as persoas que saben, que coñecen, que poden ter influenza, que comecen a traballar para que no país esas vítimas sexan visíbles – tan visíbles como Álvaro Cunhal no Forte de Peniche.

Entón aí temos un traballo transfronteirizo interesante, conxunto, de investigadores e de movementos memorialísticos de un país e de outro – depende de nós se queremos avanzar ou non nesta cuestión.
...
Se queres facer unha listaxe de lugares de memoria, un inventario, precisa de traballo in situ, hai que ir à fronteira e meter a man. Se vas a Sernande – pregunta polo señor Uxio Gil. Neste momento hai 4 persoas en Sernande, unha delas é o senhor Uxio Gil, o seu pai era mestre do cole, era de esquer-das, viña do sul de Portugal e estaba en Sernande desterrado. Eu creo que probable-mente fora do Partido Comunista, e deveu ser a persoa que fixo o contacto no 37, cos gue rilleiros que ficaron en Sernande do 37 ó 47. Eu creo que foi o pai do señor Uxio Gil, xa con consciencia política – Sernande era xente moi humilde, analfabeta po-siblemente, aínda que había xente que traballaba no camiño de ferro. Pregunta por el porque xa apenas fica xente que poda falar destas cousas, e o Uxio coñeceu algún guerril-leiro portugués, e coñeceu tamén onde estaban estes: o Alfredo Yañez, que está soterrado alí na ermida, este estaba normalmente na casa de un, creo que se chamaba Zé Maria, no libro esta o nome, que era rico pelo contrabando, e na casa deste Zé Maria era que estaba o Alfredo, que se agachaba no forno, dentro do for-no. Pois o forno aínda existe – e que cho ensine. Eu creo que será a persoa que te pode falar.
E despois nos Piñeiros – Piñeiro Novo e Piñeiro Velho, aí si que hai xente que sabe. E despois coñeces a Paula Godinho, pois fala con ela, que ela coñece. Pois alumnos seus estiveron en Pinheiro Velho e Pinheiro Novo, cerquiña desas bandas, traballando alí, e seguro que coñece algunha xente coa que podas falar. Porque tristemente, eses lugares tiñan uns 140-150 habitantes, e agora ten 5. Bueno.

-Entrevista a António Guerra , Soutelo/Lyon

-ENTÃO O SENHOR ANTÓNIO GUERRA, É DE VALDANTA, PELO QUE EU PERCEBI, EMIGROU PARA FRANÇA EM LYON, SAINDO DE VERIN E ENTRANDO POR IRUN, CERTO?

-Exatamente.

-ENTÃO CONTE-ME A SUA HISTÓRIA. JÁ AGORA PODE-ME DIZER A SUA IDADE PARA EU ME PODER CIRCUNSTANCIAR?

-69

-PRONTO, ENTÃO, O PALCO É SEU!

-Então é assim, na altura eu tinha 20 anos, estava à espera da mobilização para a tropa, para o serviço mili-tar. Tinha-me matriculado na faculdade, mas as coisas estavam um bocadinho mal - em Direito em Lisboa, e tive uma proposta de emprego numa companhia de seguros, que não foi aceite porque na altura os jovens rapazes que estavam para ingressar o serviço militar tinham dificuldade em arranjar emprego, porque as entidades diziam que depois eram obrigadas a conservar-lhes o lugar.
Normalmente as pessoas iam para o Ultramar e o serviço militar na altura era, no mínimo, de 3 anos. Eu estive lá 40 meses. Como eu não consegui encontrar (emprego) e conhecia amigos que tinham ido trabalhar para França, resolvi ir também. Isto foi em 1971 como lhe disse. Então, através de ajuda de pessoas amigas aqui da freguesia – eu moro em Valdanta, mas nasci em Soutelo, eu consegui passar de uma forma muito suave.
Antigamente as pessoas quando emigraram clandestinamente, tinham de fazer percursos de Portugal até França por caminhos rudes, caminhadas durante a noite... Uns dizem carrinhas, outros dizem carros de animais, outras vezes em carroças, outras vezes a pé. Chegavam a demorar um mês até chegar a França. Eu, no meu caso não foi assim. Eu preparei as coisas, combinando com as pessoas – com passadores que na altura existiam, como uma pessoa que nos ia levar depois a Ourense, e depois através de pessoas amigas que me arranjavam o bilhete no comboio. Porque o problema era comprar o bilhete para entrar no com-boio!
Bom. Preparámos isso tudo e numa noite eu saí pelas 2-3 da manhã – um passador foi comigo até Oimbra, já depois de Feces mas antes de Verín. Fizemos esse percurso a pé, de noite, por lameiros, montes, carrei-ros... Ele já sabia porque era passador. No meu caso, ele ia sozinho comigo. Normalmente iam 2, 3, 4, 5 indivíduos, mas no meu caso eu ia sozinho e levou-me até à zona de Oimbra. Em Oimbra, a carrinha que levava as pessoas de Soutelo que já estavam documentadas em França apa-nhou-me e levaram-me com eles. Por acaso a pessoa que ia com eles era um transportador que era muito conhecido aqui em Valdanta, que era um polícia reformado [sorri]. Era um polícia reformado que alugava a carrinha dele a pessoas – ele por acaso sabia, mas não tinha que saber; alugava a carrinha a pessoas. Ele obviamente não tinha autorização para fazer esses alugueres a pessoas, mas fazia.
Então esse senhor levou-nos até Ourense na carrinha. Em Ourense apanhámos o comboio. E como é que eu tirei o bilhete para apanhar o comboio? Para tirar o bilhete era necessário Opassaporte ou a carta de residência no país onde a gente precisava de ir. Eu não tinha, mas a pessoa que ia comigo tinha a carta dele e do pai dele que tinha regressado de França, mas que tinha a carta atualizada. Então, com essa carta tirou o bilhete para mim. Claro que os revisores dos comboios só pediam o bilhete, não pediam as cartas. Não tinham esse forma-lismo. Isso só ocorria no guichet quando se ia tirar o bilhete. E assim fomos até Irun. Portanto, a fronteira de Vila Verde da Raia passei-a a pé, de noite, por lameiros e terrenos e montes. Mas em Irun não se podia dar essa situação, porque eu saí do comboio. Na estação de comboio de Irun, não sei como é agora, mas na altura separava o território de Espanha do território de França apenas uma rede. Uma rede que tinha ao longo da plataforma de onde saem as pessoas, que tinha sensivelmente 2 metros de altura, e então o comboio pa-rava do lado de Espanha, mas ao longo da extensão daquela plataforma onde existia aquela rede separadora.
Devo dizer que foi uma viagem horrorosa porque o comboio ia à pinha, com malas nos corredores, pessoas nos corredores... Isto é uma viagem que dura uma noite inteira e, portanto, aquilo era muito cansativo.
A verdade é que depois o comboio parou na plataforma e eu não sabia quem eram as outras pessoas que iam no comboio. Mas mal o comboio parou, o que eu vi foi aquela gente toda a sair do comboio e atirar-se contra a rede separadora, a tentar subir a rede para entrar no território de França.

Havia lá polícias quer de um lado quer do outro. Os do lado de Espanha não faziam absolu-tamente nada porque eles iam passar para o território de França [risos]... Eram os Franceses que tinham a preocupação de impedir que as pessoas passassem, só que havia meia dúzia de polícias ao longo da plataforma para centenas de pessoas que estavam a tentar passar a rede. Eu não tentei passar a rede porque tinham-me avisado que a melhor forma de passar aquilo não era de subir a rede, era andar no sentido da retaguarda do comboio até ao termo da rede. Quando eu atingisse a extremidade dessa plataforma dessa plataforma e do comboio era só atravessar a linha. E foi o que eu fiz.
Como eu na altura sabia falar um pedacinho de francês. Tinha o sétimo ano do Liceu de antigamente ainda me apareceu na plataforma do lado da estação francesa um polícia que me veio tentar impedir, e eu disse-lhe qualquer coisa no sentido de dar a entender que eu ia no sentido da sala de espera, que tinha os meus familiares à espera.
E como ele teve de ir impedir outras pessoas que estava a atravessar a linha largou-me a mim e eu fui descansadinho para a sala de espera. Já estavam as outras pessoas que iam co-migo à minha espera e pronto, fiz esta viagem sem grandes incidentes de uma forma suave, comparativamente com aquilo que era habitual e usual nas pessoas.
Depois ao chegar a França foi-me tirado o bilhete de comboio para ir de Irun até Lyon no comboio pelo mesmo processo – mostrando a carta do pai da pessoa que me ia acompa-nhando, e não tive problemas nenhuns.
Isto agora repare, foi em 1971, já estamos perto do 25 de Abril. Nessa altura as viagens e as migrações de Portugal para França já se faziam de forma muito mais suave, porque os emigrantes que já estavam lá e já estavam legalizados, já podiam ir e vir à vontade, levavam os outros e serviam de guias a quem quisesse ir. Permitiam que essa emigração se fizesse de forma mais suave.
Quando foi muito duro? Foi nas primeiras que aconteceram nos anos 60. Essas não vivi, só ouvi contar. Mas essas é que foram mesmo muito duras.

-FOI DE VILA VERDE PARA OIMBRA DIRETO, NÃO PERNOITOU EM LADO NENHUM?

-Não, não. Aquilo foram 2 dias que a viagem durou, porque saímos de noite daqui. Depois passamos parte do dia e parte da noite no comboio em Espanha e parte do dia e parte da noite no comboio em França. Mas nunca foi necessário ficar em lado nenhum.

-COMO SENTIA O AMBIENTE EM ESPANHA, QUE TAMBÉM TINHA DITADURA?

-Nós aqui como estamos na zona da raia, já íamos com muita frequência a Espanha buscar caramelos, buscar as galhetas e buscar muita coisa. Havia uma certa complacência dos guardas fiscais que estavam nas fronteiras, quer para deixar pas-sar para cá, quer para deixar passar para lá esse tipo de pequeno contrabando. Nós já estávamos um bocado habituados a isso.
Eu já tinha ido várias vezes a Verín, já tinha ido várias vezes àquela zona à volta de Chaves. Não senti em Espanha abso-lutamente nada.
Sabe que também em Espanha nessa altura era um país de emigração. Havia muita gente a emigrar para França. É que eu estive muito pouco tempo em França. Eu só estive em França até me chamarem para a tropa. Normalmente as pessoas que iam para a França era para fugirem à tropa, e depois iam para lá e nunca mais regressavam. Eu não. Eu fui para lá para passar aquele período de tempo até me chamarem para a tropa, e depois quando me chamaram para a tropa eu vim.
Eu regressei para Portugal quando recebi a convocatória e apresentei-me e fiz o serviço militar. A minha ideia não era ir para França para fugir ao serviço militar e ficar lá para sempre. A minha ideia era só passar aquele período de tempo até me chamarem para a tropa em que eu tinha dificuldade em arranjar emprego em Chaves, e as coisas na Faculdade também não estavam boas. E foi mais por causa disso.

-EM IRUN OS POLICIAS ESPANHÓIS NÃO ESTAVAM A TER TANTA ATENÇÃO COM AS PESSOAS?

-A polícia portuguesa era mais exigente que a polícia espanhola, por uma razão. Sabe, nessa altura era a Guerra Colonial e o que pretendiam era impedir que os jovens rapazes saíssem do país porque precisavam deles na tropa, e precisavam deles na Guerra do Ultramar.
Outro aspeto tinha que ver com o regime do Estado Novo que se vivia.

Como sabe o Salazar achava que em Portugal estava tudo bem, estávamos isolados do mundo mas vivíamos sem necessi-dade de ninguém. Ele queria dar a ideia de que o povo português para viver bem não tinha necessidade de emigrar – fazia também parte da política do Estado Novo essa ideia.

Esta é a minha opinião, mas fundamentalmente o que estava por trás da maior repressão relativamente à saída do país tinha que ver com o problema da Guerra Colonial. Eles preferiam que a população portuguesa continental fosse, não sei se recorda daquela frase que o Salazar disse – Para Angola e em força!, assim surgiu a Guerra Colonial.
Eles pretendiam que o povo português que quisesse emigrar, fosse para as Áfricas, não para a França, nem para outros países. Para os outros países era mais difícil, se bem que tenha havido muita emigração para os Estado Unidos.
Se bem que a emigração para os EUA era diferente, era uma emigração legal. Ou melhor, era uma emigração que parecia legal, mas que na verdade as pessoas iam como turistas, mas depois ficavam lá para sempre. Mas a passagem não era clan-destina. As pessoas iam com o passaporte e com o visto de turista dado. Esse visto de turista é que era muito difícil de obter porque exigia que as pessoas provassem que as pessoas tinham possibilidade de sustento lá. Era necessário arranjar alguém, um familiar, um amigo que mandasse uma carta, que dissesse que se responsabilizava pela pessoa, e só depois disso é que a Embaixada dos EUA é que dava o visto. Mas para França não, fazia-se toda clandestinamente. Ultrapassando todas as fronteiras clandestinamente.

-PORQUE É QUE ESCOLHEU LYON?

-Escolhi Lyon porque as pessoas com quem eu ia viviam em Lyon. Havia vários casais que estavam a viver em Lyon, e essas pessoas eram das minhas relações de amizade, e davam-me garantias de que quando eu chegasse lá ia ter emprego rápido. E de facto, no período de uma semana eu estava a trabalhar.

-HAVIA UMA GRANDE COMUNIDADE PORTUGUESA EM LYON?

-Havia e há. Na zona de Paris e na zona de Marne há muitos emigrantes da zona de Chaves. Os fluxos migratórios alistaram-se nas diferentes zonas de França consoante a origem de Portugal. Os Portugueses foram fixando-se em França consoante a origem, porque uns levavam os outros para as suas zonas. Eu sei que da zona de Chaves e das aldeias à volta de Chaves havia uma comunidade em Lyon, mas também haviam grandes comunidades em Paris. Eu fui para Lyon porque as pessoas com quem eu ia estavam em Lyon, e elas davam-me o apoio para aquele período inicial de chegar lá, arranjar casa, arranjar trabalho.

-NA PREPARAÇÃO. COMO E QUE SE PREPAROU?

-Foi muito rápido porque as pessoas com quem eu fui já sabiam quem eram as pessoas que se podiam contactar que podiam fazer o serviço. A pessoa em causa, por acaso, era uma pessoa de Soutelo. Eu não sabia – isto é para que você veja!; eu morava em Soutelo, aquele senhor era de Soutelo, mas eu não sabia que ele se dedicava a atividade de passador
[risos].Só soube quando isso me tocou a mim, que me disseram – Tu vais com fulano tal, vais com fulano tal às tantas horas, encontrais-vos em tal parte, saídes às tantas horas e fazes tudo quanto o que ele disser, porque ele sabe muito bem por onde te vai levar e onde te vai deixar.
E foi assim. O resto, as carrinhas, quem as alugou e tudo o resto do percurso, foram eles que trataram disso tudo, porque eles sabiam como se tratava disso tudo. Eles estavam documentados. Tinham documentação francesa e portuguesa, tinham aquelas cartas, passa-porte, cartas de trabalho, tinham isso tudo e portanto não tinham problemas nenhuns.

--NUMA ALDEIA EM QUE SE CONHECE TODA A GENTE? É INTERESSANTE NÃO SABER QUE UMA PESSOA ERA PASSADOR!

-Eu não sabia que esse senhor se dedicava a passar pessoas. Passava pessoas não só de Soutelo, mas também de localidades vizinhas. Ele era daquelas pessoas que já tinha aqueles percursos, porque a finalidade era exatamente isso. Era preciso saber determinados percursos para ir, igual que também qual o melhor percurso naquele dia, porque conforme eu percebi eles nunca seguiam o mesmo percurso. Uns dias iam uns, outros dias iam outros. Provavelmente haveria comunicação entre eles no sentido em dizer – Atenção, as polícias podem estar mais neste sítio. Provavelmente havia.
Sabe que nestas coisas, a contra informação funciona nos dois sentidos. Funciona em relação às polícias e também funciona das polícias em relação aos contrabandistas [risos].

--QUANTO É QUE FICOU ESTA PASSAGEM?

-Não lhe sei responder porque na altura quem tratou disso foram os meus pais. Mas tenho uma noção que na altura ter ouvido falar de 3000 escudos, três contos. Ora três contos na altura era um ordenadão, na altura uma professora recebia 1000 a 1000 e poucos escudos. Um ordenado de 2000 contos era um ordenadão.
Tenho ideia na altura de ter ouvido falar em três contos, mas não lhe posso confirmar.

https://youtu.be/CyGjqxhd-ys



Entrevista Rodrigo André Baptista, Outeiro Seco

-O meu nome é Rodrigo André Baptista, natural de Outeiro Seco, concelho de Chaves. A minha vida foi, desde pequenino logo, o contrabando. Fiz o contrabando e fiz a imigração clandestina até aos 24 anos. E depois tive problemas com a PIDE e tive de ir embora para França. Agora, o contrabando, devido ao contrabando.

MAS VAMOS FAZER UMA PASSAGEM, ENTÃO, VAMOS APROVEITAR PARA SABER COMO SE PASSOU AQUELA BATALHA, DAQUELE SENHOR.

Eram três espanhóis que estavam refugiados no Cambedo e um deles chamava-se Juan Salgado. Tinha mais um nome, mas eu não me lembro. O Juan era o chefe dos três. Era ele que comandava aquilo. Verdadeiramente eles não eram revolucionários, bandidos ou ladrões. Eles refugiaram-se ali porque não estiveram de acordo com o Governo Espanhol. E depois refugiaram-se ali, tinham ali familiares do Cambedo, refugiaram-se lá.
E depois o que é que aconteceu? Foram lá as tropas portuguesas, foi lá a GNR, elementos da PIDE, foi lá a polícia e as tropas do batalhão de caçadores de Este, naquela altura eram o batalhão que estava aqui em Chaves. E do outro lado era a Guarda Civil Espanhola. Os homens não tinham por onde fugir. Automaticamente, tiveram de se dar à morte. Então o que é que se passou? Um deles rendeu-se. O Juan, que era o que comandava, mataram-no. E o outro dos três, não o mataram, mas ele matou-se. Por isso é que houve duas mortes. Mas também houve dois elementos da Guarda Republicana que morreram também. A história foi assim. E depois, claro, morreram, um foi preso e terminou aí a história.
Esses eram os refugiados do Franco, da Guerra Civil de Espanha, porque havia 15 mil refugiados do lado de cá, segundo o que dizem – havia 15 mil entre Miranda do Douro e por aqui fora até Caminha, diziam que eram 15 mil refugiados do lado de cá. Não eram só os galegos, eram os espanhóis. É isso que eu sei da Guerra Civil de Espanha.

-E O SENHOR EM QUE ANO É QUE NASCEU, JÁ AGORA?

-1947. Nasceram-me os dentes no contrabando. Com dez aninhos eu já ia ao contrabando com a minha mãe e o meu padrasto. O contrabando que se fazia de lá para cá eram coisas que se vendiam em boutiques. Eram roupas, perfumes, cobertores, cobertas, bonecas, luvas – mas daquelas luvas boas que se faziam, boinas, calças, casacos, blusões. Eram os chinelos de homem, eram os chinelos de mulher, eram as cuecas das mulheres, eram as combinações, eram os soutiens. Era tudo o que se vendia em boutiques, portanto. E essa foi uma parte do contrabando que se fez muito, e durante muitos anos. Na minha maneira de ver, como nós os portugueses nunca tivemos o nível de vida como tiveram os espanhóis, portanto o contrabando automaticamente fez-se toda a vida. Fez-se até tirarem a guarda fiscal. Além desse contrabando houve outros contrabandos. O contrabando das batatas, o contrabando dos presuntos que antes iam para lá e agora vêm para cá.

O contrabando dos presuntos, o contrabando dos chícharos, o que nós chamamos no nosso dicionário português de feijão-frade, mas em Trás-os-Montes tem de ser chícharos. Chícha-ros então foram toneladas e toneladas para lá. Naqueles anos que deu o contrabando para lá, vi debaixo de casas repletos de chícharos, e numa noite iam todos.
Houve contrabando de animais também, passavam de aqui para lá, de lá para cá, daqui para lá, depende para onde é que dava. Mas animais foram muitos para lá, mas foram mais animais para lá que vieram para cá.
Havia o contrabando do cobre, e dos ovos também. O cobre então, foi qualquer coisa de muito importante! Eles levavam o cobre daqui para Espanha, tudo o que eram bocadinhos de cobre arrebanhavam tudo que era para levar para Espanha. Os garotos andavam aqui andavam sempre à procura de canhos de cobre e depois iam vendê-los aí à esquerda e à direita, às pessoas que depois faziam mais de cobre, e eles faziam duas ou três coroas nessa altura e já lhes dava para os rebuçados. O cobre era cobre novo e cobre velho, ia tudo. Tudo que fosse cobre. O cobre velho, eu vou contar aqui uma história do que se passou com o cobre velho.
Havia aqui portugueses de Chaves que também levavam o cobre para lá para e quem com-prava esse cobre era quase tudo o Felisindo, Felisindo Vega.

-
Então, Felisindo Vega um dia, foi a revisar uns pulverizadores velhos. Então o que é que os gajos fizeram? Meteram seixos lá dentro, e amassaram os pulverizadores que era para pesarem mais. O Felisindo apercebeu-se que havia peso dentro dos pulverizadores e disse: Traz-me aí a espingarda para matar estes portugueses todos! O cobre ia falsificado, tem peso a mais meteram os seixos!
O contrabando era qualquer coisa de especial. Eu não sei se, agora, acho que se pode falar um bocadinho mais. Os guardas fiscais, a maioria deles, quase todos, foram cúmplices com os contrabandistas. Eles queriam era ganhar o deles. Então o que é que acontecia? Quando havia aquelas carradas de chícharos para passar, passavam 200 ou 300 sacos de cada vez, os guardas deixavam passar e agarravam os últimos dois sacos. Dois tiros ao ar, faziam ali uma algazarra e no outro dia faziam as contas.
Numa ocasião, os Felicindros contaram-me uma história que eu também não sabia e essa passou-se com o tal Felicindro Vega, o mais velhinho. Ele passou o ribeiro que vem de Feces cima, porque há dois Feces – Feces de cima e Feces de Baixo. O Ribeiro que vem de Feces de cima é o que passa na alfândega, ali na fronteira, e que vem ao sul. Então na zona de Lama de Arcos encontrou-se um camião enterrado no ribeiro. Estava, os guardas fiscais dum lado e (os contrabandistas) do outro. Ainda foram lá duas juntas de bois puxar o ca-mião. Se os bois conseguem tirar o camião, o camião não era preso. Mas não conseguiram e coube aos guardas fiscais prender o camião. Pronto, prenderam o camião, foram obrigados. Senão o camião não era preso.

VAMOS ENTÃO FALAR SOBRE A IMIGRAÇÃO.

-Os imigrantes, aqui em Chaves dávamos-lhe o nome das peles. E os passadores eram os peliqueiros, era o nome que se lhe dava. Nos princípios, eles vinham de autocarro, carro, comboio aqui para Chaves. Os peles, os migrados, que passaram aqui por Chaves, não é? Então, ao chegar a Chaves depois uns tinham uns passadouros, outros, outros, e etc, etc. Houve aqui vários indivíduos que trabalharam na imigração.
Ora, nos primeiros anos da imigração, eles chegaram a andar meses por aí fora, para chegar à França. Depois, por exemplo, quando eu trabalhei na imigração, a partir dos anos 67, eu dava uma hora à pele, aos imigrantes.
O meu caminho era quase sempre o mesmo, era a zona do Açude, ou pelo lado esquerdo, ou pela margem direita, ou pela margem esquerda do rio Tâmega. Então, levava-os a pé uma hora e depois levava-os de carro até à aldeia ou de autocarro para passarem clandestinamen-te e ultimamente já lhes davam até uma salva-conduta para eles irem. Se tivesse o endereço. davam-lhe uma salva-conduta. E então passavam-se assim até Paris. A maior parte dos imigrantes iam para Paris.

COMO ERA NO AÇUDE A PASSAGEM?

-Na zona do Açude e da alfândega, passavam por cima da alfândega, por baixo a pé, e iam de carro, etc., etc. até ali, passavam o Açude, passavam por cima da alfândega. Lembro-me que o meu caminho que fazia muitas vezes era à beira do rio, na margem do Tâmega e aproveitava e fazia o muro que vai do moinho, que está lá o moinho por baixo, e então fazia aquele muro que vai do moinho à presa, e como o moleiro tinha uma barca, ao chegar à barca, o moleiro sobretudo no verão, o moleiro deixava sempre lá a barca presa na comporta da presa.
E depois íamos pelo rio acima, até ultrapassar o rigueiro para cima, depois já se atravessava para a Espanha. E depois lá íamos por Feces e depois lá se seguia um caminho até Ourense de carro. Mas fazíamos para aí 500 metros pelo rio acima, na barca, de madeira. Foram muitos imigrantes, muitos, muitos. Passaram milhares de imigrantes aqui por Chaves. Não passaram só os imigrantes, também passaram os políticos. O Álvaro Cunhal passou por Chaves, pelas Travancas, com a cumplicidade do advogado Domingos da Costa Gomes. Agora está lá um antes de chegar à Praça da República, à esquerda, até está lá uma sapataria.

Ele já faleceu. Então o Costa Gomes, que era o comunista aqui em Chaves, e era ele que tratava da maior parte dos casos da malta que fugia. Então, o Álvaro Cunhal passou com a cumplicidade por ali, pelas Travancas.
E passou também o Mário Soares, pela Vila Frade, pela cumplicidade do Dr. Júlio Montalvão Machado, e passou o Manuel Alegre. Estiveram na casa dele, na quinta do Machado, em Vila Frade. Quando chegou a hora de passarem para o lado de lá, também o rigueiro está lá, era só passar o rugueiro para o lado de lá. Eles passaram por aqui, mas não passaram só esses, passaram muitos, muitos políticos. A cidade de Chaves, a fronteira de Chaves, foi a fronteira dos políticos.

--PORQUE É QUE ACHA QUE DAVAM TANTA IMPORTÂNCIA A ESSA FRONTEIRA?

-Isto é assim, o Octávio Pato e outros que eram os principais do Partido Comunista, a seguir ao Álvaro Cunhal, vieram aqui a Chaves ver se isto era tudo OK para passar os políticos por aqui. Então, quando eles tinham problemas tinham que fazer a fuga, eles vinham até Chaves, aqui estava o Domingos da Costa Gomes e depois dava-lhes seguimento para Madrid. E depois iam daí a Paris. Era assim. Os políticos passaram quase todos por Chaves.

-E O SENHOR AJUDOU ALGUM POLÍTICO?

-Eu em 71-72, eu colaborei com o Domingos da Costa Gomes. E ainda levei alguns políticos a Verín. Então numa ocasião - vou contar esta cena que nunca mais me esqueceu: era mais ou menos meia-noite, encontramo-nos no gabinete do advogado, em Chaves, estavam lá um capitão e uns alferes fardados, e então, foi preciso levá-los a Verín e não podiam ser presos. Até foram dois guardas fiscais a acompanhá-los até à barca, porque foi alguém buscar a barca pelo outro lado da fronteira, buscar o barquedo espanhol, quando chegamos ao rio já lá estava a barca prontinha, à nossa espera. Passamos para o lado de lá, eles despiram a farda, prenderam as fardas com um cinto a uma pedra, e deitaram-nas, as fardas foram para o fundo do rio.
E eles, levei-os a Verín e seguiram viagem. Ao outro dia havia as outras pessoas que eram cúmplices, passavam pela fronteira com o passaporte, com carros e etc., e depois davam-lhe seguimento via Paris. Iam praticamente todos para Paris. Só houve um que foi para a Rússia, foi o Álvaro Cunhal.

A fronteira de Chaves tem muita história. E devido ao contrabando, quandos eles levavam não era com camiões brutamontes como agora, eram uns camiõezecos pequenos. Mas houve uma altura em que numa noite levaram um camião inteiro ao Monterrei.

-PARA O CASTELO?

-Levavam um camião inteiro, chamavam malta de Outeiro Seco, de Vilela, de Vilarelho e o caraças. Eram muitos a levar o camião. Então, o camião era todo desmontado. Até o motor era desmontado. Uns levavam a colaça, outros levavam o bloco do motor, outros levavam os pneus, as rodas, as jantes. O camião passavam numa noite inteira. Eram muitos a passar o camião e, atenção, iam agora à noite para passar o camião, os de Outeiro Seco só chegavam ao outro dia da tarde. Era preciso trepar, tinham que levar até Monterrei, em peças, só com o chassis. Não ser cortado, então eram 7 ou 8 ou 9 ou 10 a levar o chassis.
É verdade! Essa dos camiões, ainda não há muito tempo, ainda há aqui a malta viva, ainda os há aí vivos, que foram levar as peças, que foram levar os camiões. Depois não sei que sumiço lhes davam os espanhóis, o camião ia todo desfeito em peças e lá era montado, não sei como é que eles arranjavam a matrículas, mas levaram camiões daqui ao Monterrei. Na zona de Vilarelho até ao Monterrei. Tinha que trepar naquela noite.
Também houve o contrabando do café. O café passou por toda a fronteira portuguesa. Aqui passou muito café também. Sobretudo na zona de Vilarelho da Raia para a zona de Verín passou muito café. Então, os carabineiros, os guardias civis, não importa, eram mais ou menos os mesmos. Onde é que eles esperavam? Na zona de Vilarelho para passar o café e esperavam-nos na ponte de Rabal.
E o que é que fizeram os de Tamaguelos? A zona Vilarelho vai para a frente até Tamaguelos. A veiga de Vilarelho vai até San Cibrao. Então, os de Tamaguelos fizeram uma barquita que eles escondiam e tiravam-na. Tiravam-na para fora quando faziam o trabalho deles. Então arranjaram uma barquita, acima da ponte, praí um quilômetro ou dois, eles com essa barquita passavam o café de um lado para o outro. Da Espanha para a Espanha. Ali era Espanha para a Espanha. Esperavam por eles do lado da ponte e eles passavam o café todo na barquita e depois levavam-no até à zona de Verín.
E segundo um amigo que contou às vezes essa cena, em Pinheiro Velho, que é concelho de Vinhais, iam aos 40 e 50 homens carregados, com 30 e 40 quilos de café e levavam-nos à A Mezquita, à zona de A Gudiña, e depois o comboio que passava – era de noite, o comboio passava, e então, para eles descarregarem o café naqueles vagões que eram abertos, o comboio fazia que havia uma avaria na linha, ou qualquer coisa, passava devagarinho, não parava, e aquela malta despejava o café todo dentro dos vagões, e o comboio depois lá lhe dava sumiço. Mas logo descarregavam lá para dentro, para a zona de Madrid ou o caraças, que a linha que fazia Ourense-Madrid

era uma linha só, simples. O contrabando foi assim que se passou.
Levaram muitos camiões a Monterrei.

-O PERCURSO ERA SEMPRE CHAVES-VERÍN, VERÍN PARA A ESPANHA, PARA TODA A ZONA DA ESPANHA, A NÃO SER QUE FOSSE IMIGRAÇÃO E PASSASSE PARA O PAÍS BASCO, PARA A FRONTEIRA, E DEPOIS FRANÇA, E DEPOIS…

-Os imigrantes, quando andavam um mês a pé, levavam-nos aos bocados, e em camiões, depois andavam um bocado a pé, por isso é que chegaram a andar meses a pé. Mas isso foi nos primeiros anos!

-E ONDE É QUE FICAVAM A DORMIR?

-Metiam-nos em lojas. E chegaram a passar fome, mas eu já não fiz essa imigração. A minha imigração já só levava uma hora de sacrifício, daqui a Feces e depois levava-os para Ourense e apanhava o comboio para Hendaya e de Hendaya para Paris. Eu já passei a imigração nos anos 67, mas nos anos antecedentes a 67 houve muito português que passou muito sacrifício para chegar lá, e fome tudo, e alguns até chegaram a ser presos. Eram as autoridades francesas e as autoridades espanholas, tínhamos lá 10 a 15 dias de prisão e depois entregavam-nos aos portugueses.

-O SENHOR CHEGOU A SER APANHADO ALGUMA VEZ?

-Com os imigrantes?

-SIM.

-Sim.

-E O QUE É QUE LHE ACONTECEU? PORQUE ERA DIFERENTE DE SER APANHADO COM PESSOAS E SER APANHADO COM MERCADORIA, CERTO?

-Quando era apanhado, quando fui apanhava com os imigrantes, tentava sempre negociar. E os gajos queriam era a moeda. Era a gorjeta. A gorjeta, essa tal gorjeta, quando éramos apanhados o mínimo era... O mínimo, se levarmos, por exemplo, uma dúzia deles, tínhamos de dar uma dúzia de contos. Mil escudos por cada um, no mínimo. Agora devia ter guardas fiscais que chegaram a acompanhar até ao Açude. Ganhavam o deles. E acompanhavam-nos até ao Açude e viravam para trás e nós seguíamos para diante.

-SE FOSSEM EXILADOS POLÍTICOS AÍ É QUE ERA MAIS COMPLICADO.

-Com os políticos tinha que se fazer muita atenção porque eles não podiam ser presos, e era verdade. Era um perigo muito grande. Os políticos também tinham cumplicidade com os guardas-fiscais, etc., etc.. Tinha que ser assim.

-MAS SE FOSSE APANHADO AÍ COMO A PESSOA MAIS IMPORTANTE QUE JÁ SE CALHAR JÁ PODIA PASSAR, SE UMA PESSOA FOSSE PRESA CÁ IA PARAR ONDE? IA PARAR AO PORTO?

-Se fosse um político importante, automaticamente; se fosse militar, ia para a prisão militar. Se fosse civil era a PIDE que tratava disso. Por isso aqueles quando vinham, já vinham fugidos à PIDE. A maior parte dos carros da PIDE já andava em cima deles.

-E COMO É QUE ELES VINHAM CÁ TER? OU SEJA, JÁ TINHA CONTACTO OU O APARELHO DE FRONTEIRA FALAVA CONSIGO JÁ CÁ EM CHAVES?

-Não. Eu colaborei com o Domingos da Costa Gomes, eles quando vinham ter a Chaves era por intermédio do Domingos da Costa Gomes, a maior parte deles. Era dentro do gabinete dele que se falava ali e se combinava, e depois é que se levava ao andamento. Eram assim as políticas. A maior parte deles passaram pelo Costa Gomes.

-E OS IMIGRANTES, COMO É QUE VINHAM? VINHAM DE COMBOIO?

-Os imigrantes vinham, ora bem, havia aquelas pessoas que os ajuntavam lá embaixo, para o centro, para Leiria. E eles, ajuntadores, que arranjavam as carradas e depois vinham de comboio acompanhados por alguém, ou vinham de comboio ou de autocarro, ou vinham de carro. Eram os únicos transportes que vinham até Chaves. Isto é, eles passaram aqui por Chaves, não é? E depois aqui arranjávamos-lhes o caminho. Faziam continuação, pronto, era assim que se fazia. Mas em geral os imigrantes há uma competitividade muito grande com o Guarda Fiscal.
Os guardas fiscais fronteiriços daqui, dos postos que havia aqui na fronteira, quase todos eles comeram, levaram a parte deles. No preço que eles pagavam, havia pensões que se pagavam às vezes em Chaves, restaurantes, comer e beber, estadia às vezes. Era preciso dar algum aos guardas fiscais, sobretudo quando agarravam, tinha que se dar. Era preciso pagar a barca.

Os carabineiros que os agarravam também queriam o deles. Os que iam de comboio, quando os levavam de comboio por Ourense até Irun, e depois Paris. Até os revisores da carreira e o coletor gostavam da gorjeta.
O gajo, o indivíduo que nos dava os bilhetes, nos vendia os bilhetes, na estação de comboio em Ourense também gostava da gorjeta. Tinha que se dividir para todos de qualquer maneira, não era só para uns, tinha que se dividir para todos.
Mas eu ainda vou contar aqui uma que me lembrou agora. Vi um carro dos carabineiros que estava sempre às 6 da manhã na estrada de Verín. Então nós apanhávamos o autocarro, que era o único que dava para apanhar o comboio das quatro menos um quarto naquela altura, em Ourense, era o que seguia daqui às seis menos um quarto da manhã de Feces naquela altura.
Então, numa ocasião, fui surpreendido. Chego à aduana, o autocarro parou, o cabo dos carabineiros entra pela parte do chauffeur, fez o corredor do autocarro, do chauffeur até ao fim, até à traseira. Então o gajo o que é que fez? Virou-se para um lado, pedia – Passaporte, tens? Não tens? Dá cá o bilhete de identidade!, virava-se para os outros bancos do outro lado – Passaporte, tens? Não tens? Dá-me o bilhete de identidade!. E assim fazia o autocarro até ao fundo.
Numa ocasião, o gajo levava para aí 15 a 20 bilhetes e levou para aí 15 a 20 bilhetes de identidade. Eu, a primeira vez que fui surpreendido, o autocarro parava meia hora em Verín naquela altura para tomar lá um café e esperar por alguns autocarros, que faziam uma paragem em Verín e depois levavam a malta para Ourense. Então o que é que acontece, eu disse assim para o revisor da carreira: Ó – como é que ele se chamava, Samuel, ainda sei o nome do gajo! – Ó Samuel, então e agora? O cabo dos carabineiros ficou-me lá com os bilhetes de identidade, pá, o que é que vou fazer?; e diz-me assim o revisor da carreira do autocarro: Tens aí pesetas?, – Tenho!, – Quantas tens?, – Tenho aqui umas 3 mil. – Então chega. Vais lá, o autocarro espera aqui meia-hora, tens tempo de lá ir. Vais lá, dizes lá ao cabo dos carabineiros que queres os bilhetes de identidade.
Eu cheguei lá, era de manhã cedo, e disse ao gajo: – Buenos dias!; e o gajo: – Buenos dias, que pasa?, – O que passa é que eu queria os bilhetes de identidade que tem aí.
Então o gajo botou-me assim as mãos pelas costas: – Vem para cá, vem para cá.
Então, entrei para aquela sala, tinha lá uma enorme mesa, tinha os bilhetes de identidade em cima da mesa, como quem bate um baralho de cartas e então diz lá: – Saca, saca, saca os teus. O gajo dizia em galego – Saca los tuyos!. Então eu lá tirei os bilhetes de identidade que pertenciam ao pessoal que eu levava – era meia dúzia nesse dia, nunca mais me esqueceu, e tirei os bilhetes de identidade e, quando os tinha na mão, o gajo tornou-mos a tirar: – Dá cá. Quantas é que tens? Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Sabes quando é que me deves? Duzentas pesetas por cada um, deves-me mil e duzentas pesetas. E
E eu dei-lhe as mil e duzentas pesetas. E o gajo disse-me: – E pagas e passas por aqui para a próxima. Porque se vais dar a volta, como fazes muitas vezes, eu vou-te esperar a tal sítio e pagas dobrado. Eles conheciam a rotina, então eu escapei-me sempre conforme pude, mas algumas vezes tive de deixar lá as pesetas.
É que o gajo fazia o autocarro desde o condutor, fazia o corredor, até ao fundo. Levava os bilhetes de identidade de todos os imigrantes, e depois cada qual tinha o seu passador e arriscavam-se, iam lá buscar os bilhetes de identidade. Esse é que fazia as coisas mesmo à descarada, dizia logo: – São 200 por cada um!.
Esse gajo, esse cabo dos carabineiros, é que era sempre o mesmo de manhã. Era sempre o mesmo cabo. Esse gajo teve que ficar rico, pá! Tem que ter ganho muito dinheiro, muito dinheiro. Então o gajo ali a levar os bilhetes e tal, e depois a recebê-los levar 200, 300 pesetas – Tau, tau, tau!. Fazer disso meses e meses, e anos e anos, teve que ficar rico! Nem que tivesse repartido com o superior dele, ou o caraças, mas mesmo assim teve que ficar rico, esse gajo.
Já não tenho mais coisas a contar do contrabando, nem dos imigrantes.

-TENHO DUAS PERGUNTAS PARA LHE FAZER, SÓ MESMO PARA ACABAR. A PRIMEIRA É, JÁ FALÁMOS SOBRE ISTO ONTEM, COMO É QUE NAS ALDEIAS SE PREPARAVA PARA GUARDAR A MERCADORIA? SE HAVIA ALGUMA ADAPTAÇÃO NAS CASAS?

Isso era sobre o contrabando que vinha de Feces. Ora bem, o contrabando que vinha de Feces – como eu fiz muito contrabando desse, que era o contrabando que se vendia em boutiques, em Chaves.
Então, eu ia lá de tarde, às seis da tarde, e o contrabando era feito sobre encomenda. Portanto aqui os comerciantes que trabalhavam com os artigos de contrabando faziam uma nota e diziam que queriam tantos pares de sapatos, tantos pares de chinelos de mulher, tantos pares de chinelos de homem, uma peça de pano azul... Uma peça de pano dava muita dinheiro, dava trezentos paus de ganha naquela altura. Livres! Porque o gajo que a trazia era preciso dar-lhe 60 paus, 60 escudos. Mas depois de pagar ao gajo, uma vez no destino, uma peça de pano deixava 300 escudos livres de ganho, muito dinheiro, então às vezes era uma peça de pano inteira azul, uma peça de pano tinha 25-30 metros lineares – uma peça de pano azul, outra castanha, outra preta, etc., etc..
O comerciante sabia aquilo que queria, era tudo feito por encomenda. Então, entrávamos lá para dentro, que era para não sermos denunciados, porque havia malta que denunciava, então entrávamos dentro do comércio, isolados, e então um empregado ia-nos pôr lá a mercadoria toda, e em cima do balcão, e depois éramos nós separávamos: isto, isto e isto vai para este fardo, este vai para aquele, etc..
Era eu que fazia os fardos praticamente, e o rapaz depois, ou a rapariga, preparavam as caixas, uns papelões, e metia-se aqueles papelões, depois embrulhava-se naquele papel enorme, que eles tinham lá rolos de um metro e tal, um metro e meio, altos, fortes, e embrulhava-se aquilo tudo, e apertavam-se, bem apertados, com barbantes, braça de barbante, e depois à noite eu recrutava aqui o meu pessoal. Se eram 10 fardos, levava dez gajos comigo.
Levava dez gajos, ficava lá, oferecia uma lata de polvo daquelas grandes, que faziam redondas, comprava-se um bocado de pão, uma garrafita de vinho para molhar um bocadinho, que era para ficarem mais fortes um bocadinho, e depois quando chegava a hora de partida, às 9, ou 10, ou 11 da noite, dependia de como é que as coisas se preparavam, davam um fardo a cada um e trazia os fardos todos, eu trazia aquele que tivesse de ser.
A maior parte das vezes, metia-os no cemitério daqui por trás da Igreja Romana, e depois ia com o meu carro, como eu já tinha carro,

e ia vigiar a estrada uma vez, e depois voltava a segunda vez, mas já fazia um bocadinho a viagem mais curta, a segunda vez, já não ia ao fundo do caminho que tinha que levar, e depois à terceira vez carregava, acelerava ao máximo, que era para não dar tempo aos guardas fiscais de se posicionarem na estrada. Então, levava os fardos todos e, depois, a pessoa que recebia os fardos no cemitério era avisada antes, abria a porta, metiam-se os fardos dentro e ali estava terminada a minha missão.

-COMO É QUE ESCONDIAM OS FARDOS NO CEMITÉRIO, NINGUÉM DAVA CONTA?

-Ora bem, os fardos no cemitério, eu deixava sempre lá uma pessoa, ou dois, dos que vinham com os fardos, que mandava toda a malta embora e deixava, por exemplo, dois gajos daqueles que fazia mais confiança a guardar os fardos. Até que eu chegasse com o carro para os carregar, depois. E quando eu chegava com o carro, eu virava o carro aqui na escola, na escola de Outeiro Seco, e quando eu passava às vezes até me davam um bocadinho de sono, apitava um bocadinho ligeiramente, e eles quando eu chegava lá abaixo já tinham os carros todos na entrada, à frente, à porta da igreja romana, metíamos os fardos de repente dentro e arrancava.

-A ÚLTIMA, SÓ PARA ACABAR: O SENHOR TINHA DITO QUE TEVE PROBLEMAS COM A PIDE E DEPOIS TEVE QUE FUGIR PARA FRANÇA.

Ora bem, isto foi assim. Eu ao mesmo tempo que fiz isso, fiz o meu serviço militar. Mas eu tenho 44 meses de serviço militar, recruta em Vila Real e a especialidade que fiz em Chaves, o resto andava sempre desenfiado. Pagava alguma coisa à malta que estava na secretaria da minha companhia, e então eles arranjavam-me uma licença por um mês autorizada, e depois outro mês era ao negro. Um mês era com licença registada, e o outro mês era ao negro.

-COMO ASSIM, AO NEGRO?

-Ao negro, quer dizer, não me podiam dar licença sobre licença. Podiam-me dar um mês e depois tinha que estar lá um mês ao ativo, como militar, e depois no outro mês a seguir era intercalado. Era mês sim, mês não. Só que no mês em que não tinha licenças eu andava na mesma por aqui a fazer a minha vida, contrabando e dos imigrantes.
Porque eu untava-lhe as mãos à malta da secretaria, ao sargento e ao cabo que lá estava, então eles no mês em que eu não tinha licença punham-me na escala. Só que eu não estava cá e eles arranjavam sempre um bruto: – Opá, anda cá que tens que ir fazer este trabalho, tens que fazer este plantão! E estava lá um palerma qualquer que metiam no meu lugar. E eu andava sendo desafiado. E depois que cheguei aos 30 e tal meses de tropa, tive problemas com a PIDE porque houve um guarda fiscal aqui de Santa Cruz, que o gajo nunca lhe fiz mal nenhum, mas o gajo, opá, não me gramava. Então o que fez o gajo? Agarrou-me. Um dia fez-me alto, ele pertencia à brigada das motas, fez-me alto, revistou-me o carro e no porta-luvas do carro tinha um paninho de flanela sempre, então por baixo desse paninho de flanela tinha lá uma carta, um envelope com uma carta, e esse envelope que tinha lá foi um homem que me escreveu de França a dizer para eu passar, então, a mulher e as filhas.

-QUE IAM OS HOMENS PRIMEIRO E DEPOIS É QUE IAM AS MULHERES, CERTO?

-Em geral, era. Ora o homem, tinha passado ele, escreveu, ficou com a minha direção, não é, escreveu-me a dizer que venha passar a mulher e os filhos. Esse gajo, esse guarda fiscal, foi lá meter o nariz ao paninho, por baixo do paninho, já procurava... Lá está, pronto, o gajo não me gramava, não sei porquê, nunca lhe fiz mal.
Então o gajo viu lá a carta, leu, começou a ler, chamou a PIDE e, através da PIDE, a PIDE veio ali à secção da Guarda Fiscal, chamou a PIDE, fui para a PIDE, e depois estava lá preso, mas como era militar – eu disse logo que era militar, então a PIDE teve que comunicar ao Batalhão de Caçadores 10. Comunicou ao batalhão, à companhia, e foram-me lá buscar.
Mas levantaram-me um processo na PIDE. O processo é levantado pela Secção de Justiça do quartel e era levantada pela PIDE. Foram-me lá buscar – foi lá o primeiro sargento local e dois militares, ou o caraças. Mais ou menos isso.
Chegou lá o primeiro sargento, começou-me a insultar. Eu estava lá preso na PIDE, na alfândega, na fronteira, começou-me a insultar: – Eu já sabia que só podia ser este filho da puta! este caralho!, e mais isto e aquilo e tal. Então começou a insultar-me, mas era uma insulta falsa. Então o gajo andou, andou à minha volta e tal, até que arranjou maneira com que os gajos da PIDE não vissem: – Então, o que tu merecias era um bufardo, pá, nos queixos! e tal e quando me fez assim no papo meteu a licença militar que trazia prontinha do bolso para eu ficar OK.
Antes de ir, arranjaram-me uma licença militar e o gajo a insultar-me, fazia que me ia insultar, disse que me dava uma hóstia no papo, e enfiou-me a licença no bolso. A partir daí tive um processo na PIDE, para aí com 33 ou 34 meses, eu tinha que fazer 36 – era o máximo naquela altura. Éramos obrigados, não indo ao Ultramar eram 36 meses.
Ainda tive um pequeno acidente também. Eu era militar e o outro gajo era militar, ali do Lameirão, como quem vai para Faiões, juntaram-se ali dois processos. E depois, com os processos pendentes, o César Cardoso da Silva, que era o coronel aqui em Chaves, um dia ele teve uma conversa comigo, por duas vezes ou três vezes, mandou-me lá chamar e tudo e disse: – Eu tenho uma situação e encontro-me numa situação difícil, eu tenho a minha mulher e dois filhos e eu encontro-me enrascado, e tal. Até um certo dia, ele deu ordem para eu fazer espólio.

-O QUE ERA ISSO?

Espólio era entregar a farda. Ele disse: – Ponham-me esse gajo na rua. Então, fui chamado à companhia, o sargento disse-me que eu

que não podia sair com autos pendentes, mas que como me conhecia bem e sabia o historial que eu tinha disse: – Toma lá à nota, faz espólio e desenrasca-te.
A partir daí eu consegui a caderneta militar e a licença militar, e fui-me embora para França. Tinha passaporte, fui embora para França. E depois eles queriam comprar os documentos militares outra vez. Ainda andaram a fazer pedidos, aí. Escreveram para França a dizer, e tal, que eles não queriam nada a mim, mas queriam só a licença militar e a caderneta. – Está bem, eu vou mandar isso, mas eu nunca mais mandei. Não ia na onda.
Então eu agarrei, guardei a minha licença na Itália, e a minha caderneta militar, e ainda hoje conservo – aquilo é um monumento agora! Até hoje, pronto.
Mas, como estas e com outras, eu tive muita paciência porque eu se quisesse, portanto levava os imigrantes lá, todos os dias como diz o outro, para mim ir para lá é como quem bebia um copo de vinho, não era? Mas eu tive paciência, esperei a ver o que aquilo dava, porque queria ver se ia dar rumo aos processos. Pronto, depois de acontecer dessa maneira, deram-me a licença militar e, pronto, eu agarrei, fui embora para França, olha...
Depois fiz lá a minha reforma. Já vai fazer agora, em 2022, 50 anos. Fiz lá 20 anos nos camiões, pequenos e grandes, fiz 20 anos de táxi em Paris, e agora não faço.

-CONTA HISTÓRIAS. E CONTA MUITO BEM.

-Encontro-me completamente na reforma e no descanso, pronto.

O problema do contrabando, Portugal inteiro, fronteiras terrestres e marítimas, os guardas-fiscais podiam estar todos de mãos dadas uns aos outros, que o contrabando passava sempre.
Porque os guardas-fiscais foram sempre, uns mais, outros menos, ainda que houvesse alguns que nunca quisessem comer, a maior parte deles gostavam do dinheirinho, a maior parte deles foram corruptos.
Sabe quantos guardas-fiscais havia para guardar, no tempo do Salazar e do Marcello Caetano, quantos guardas-fiscais havia para guardar as fronteiras marítimas e terrestres, já havia a documentação? 8500 guardas-fiscais. E havia uma média de 100 civis. Agora, o que esses civis faziam, não sei. Tentei compreender, mas não consegui compreender. Havia 8500 guardas-fiscais. E não era só, não foi só nas fronteiras terrestres. Nas fronteiras marítimas, do lado do mar, também houve muito contrabando.
Eu conhecia um guarda-fiscal que me disse diretamente a mim – em dois anos, ele chegou a estar em Caminha, em Caminha, o rio ali é fundo, o rio Minho, e ali houve sempre muito contrabando. Ele disse-me diretamente que em dois anos ganhou o suficiente para uma casa.
Não o fez porque tinha medo de ser interrogado, está a ver? O Salazar escusava de pagar esses 8500 homens, porque afinal o contrabando passou tudo. O que tinha de passar de aqui para lá e de lá para cá, e de aqui para lám e de lá para cá passou na mesma, pronto. E o governo português, o contribuinte, é que tinha de pagar esses homens todos, está a ver?

-E DEPOIS ACABOU, VEIO O 25 DE ABRIL.

-Veio o 25 de Abril e terminou tudo, pronto. Fecharam as fronteiras, acabou o contrabando que havia – muitos ainda hoje suspiram pelo contrabando. Mas pronto, não há mais contrabando, as fronteiras estão livres, as pessoas vão lá, compram e trazem. O único contrabando que anda aí agora é a droga.

-O CONTRABANDO FOI A NOSSA RIQUEZA AQUI DA REGIÃO, NÃO FOI?

-Vou dizer francamente: o contrabando foi uma boa coisa porque naquela altura havia muita pobreza, e nestes povos fronteiriços todos, do Algarve até Caminha, que eram as fronteiras terrestres, os povos fronteiriços à noite, sobretudo – que se fazia muito de noite o contrabando, à noite os povos, desgraçados, que não tinham nada que comer, iam ao contrabando, e ganhavam uma jeirita e dava para fazer meia-dúzia de caldos.
Os povos fronteiriços aqui iam ao contrabando, aqui no Norte, e quase todos tinham um barraco para se meter, nem que fosse de bodrelhos. Em contrapartida, o desgraçado do alentejano já não podia fazer isso. Porque o alentejano trabalhava naquelas quintas, eles tinham quatro, ou cinco, ou seis, ou sete pessoas ou mais a trabalhar naquelas quintas, e os desgraçados eram alojados, davam-lhes casa para eles e para as famílias, dentro das quintas, e eles ainda eram obrigados a comprar a massa, o arroz, o azeite... E em contrapartida, o alentejano, o pobre desgraçado, se quisesse ir embora não tinha casa onde se meter. Tinha que levar a família, chatear-se com o patrão se quisesse ir embora, onde é que ele se metia? Naquela altura era difícil. Não tinha casa onde se meter.

-NEM PODIA FAZER GREVE, NEM PODIA FAZER NADA.

-Por isso é que ainda hoje é no Alentejo onde é que há mais comunistas. Porquê? Porque o alentejano para mim ainda não se esqueceu da miséria que passou. Os ricos, os quinteiros, os que tinham as quintas…

-OS LATIFUNDIÁRIOS.

-E é pura verdade. É pura verdade. Aqui os pobres fronteiriços iam ao contrabando e ganhavam uma girita e dava para meia-dúzia de caldos, como diz o outro. Com o alentejano não, era ali oprimido.

-MAS AQUI TAMBÉM ERAM OPRIMIDOS, OU NÃO?

-Também, mas é o que estou a dizer, iam ao contrabando e o contrabando era livre e dava para um bocado de pão.

-NÃO DAVA PARA MUITO MAIS. AINDA BEM QUE VEIO O 25 DE ABRIL.

-Ainda bem que foi o 25 de Abril, mas o 25 de Abril atenção, vou-lhe dizer uma coisa, o 25 de Abril ainda… Que idade tem?

-24.

-24. Então já discutiu muito com os seus colegas. Ainda hoje há indivíduos que suspiram pelo Salazarismo. Ainda hoje se encontram aí gajos que suspiram pelo Salazarismo e eu digo-lhe uma coisa, eu, as leis do Salazar, nem de morto as quero ver!
O Salazar fez muita escravidão ao povo. O Salazar, pá, quando tinha as colónias, quando tínhamos as colónias, eram meia dúzia de quinteiros que estavam a trabalhar as colónias, mandavam para lá os militares defender as colónias, e quem gozava dessas colónias eram os quinteiros, que faziam o café e etc. Era malta que vivia bem, vivia como felizardos. Eles próprios andavam lá. Combater para quê?